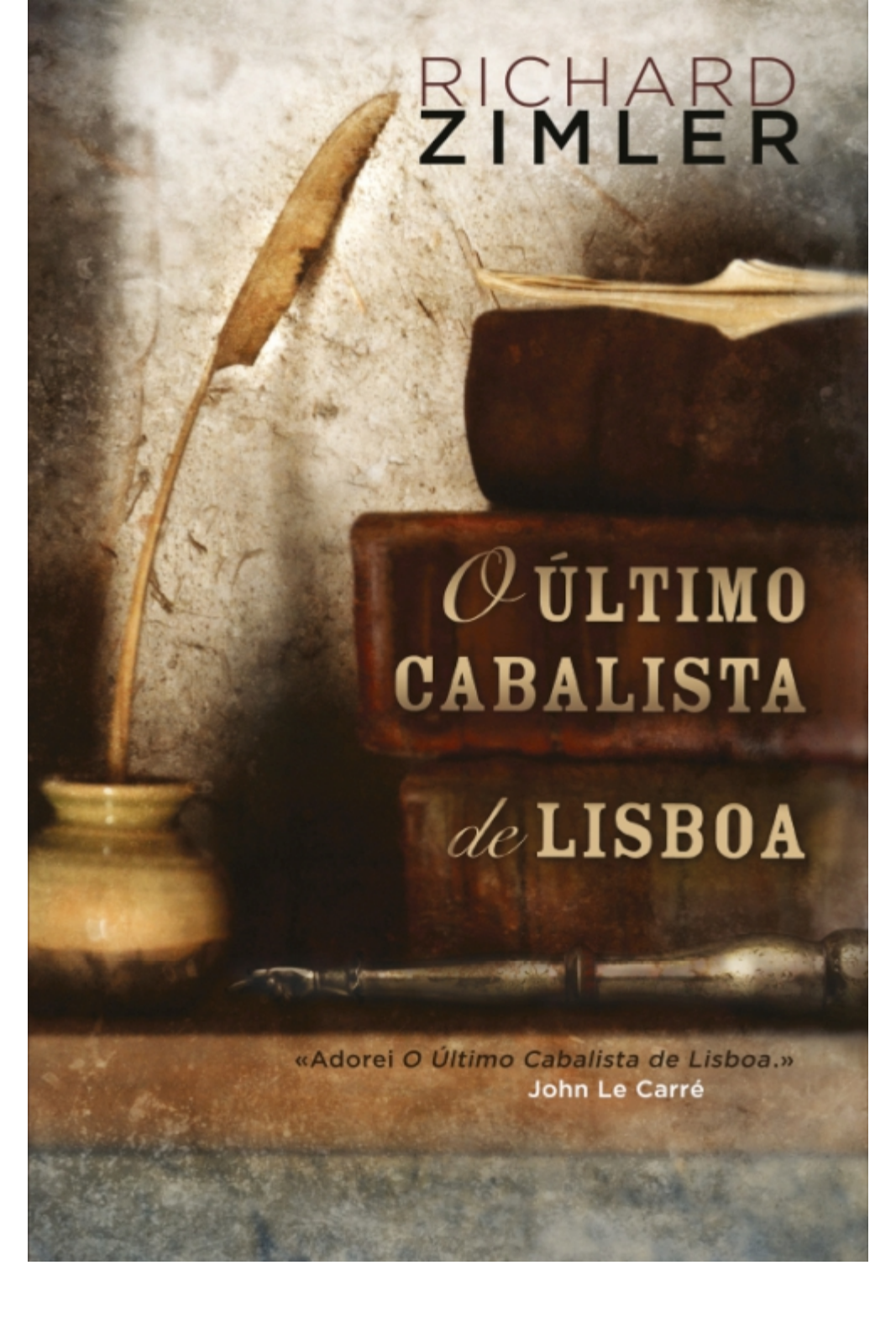


The background of the book cover is a detailed still life painting. On the left, a quill pen is held in a small, light-colored ceramic inkwell. To the right, a stack of three old, leather-bound books is visible. The top book is open, showing its aged, yellowed pages. In the foreground, a silver fountain pen with a dark, textured barrel lies horizontally. The entire scene is set against a mottled, textured background that resembles aged parchment or stone, with soft lighting creating highlights and shadows.

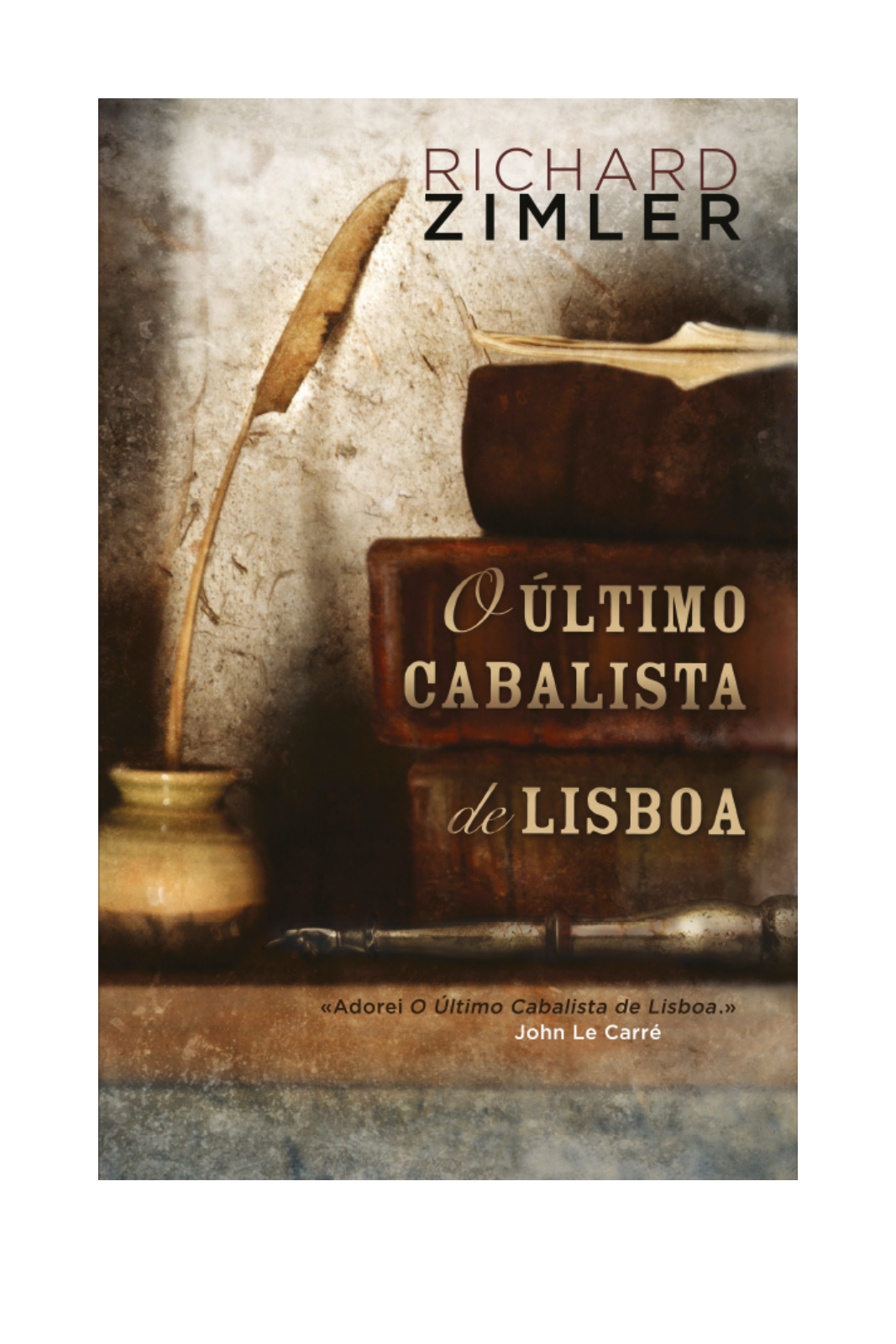
RICHARD
ZIMLER

O ÚLTIMO
CABALISTA
de LISBOA

«Adorei *O Último Cabalista de Lisboa.*»
John Le Carré

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



RICHARD
ZIMLER

O ÚLTIMO
CABALISTA
de LISBOA

«Adorei O Último Cabalista de Lisboa.»
John Le Carré



Richard Zimler nasceu em 1956 em Roslyn Heights, um subúrbio de Nova Iorque. Fez um bacharelato em Religião Comparada na Duke University e um mestrado em Jornalismo na Stanford University. Trabalhou como jornalista durante oito anos, principalmente na região de São Francisco. Em 1990 foi viver para o Porto, onde lecionou Jornalismo, primeiro na Escola Superior de Jornalismo e depois na Universidade do Porto. Tem atualmente dupla nacionalidade, americana e portuguesa. Desde 1996, publicou dez romances, uma coletânea de contos e dois livros para crianças.

«Richard Zimler tem um fulgor de génio que todos os romancistas ambicionam mas poucos alcançam.»

The Independent

«Zimler usa a literatura para lembrar as terríveis abominações que levam o ser humano a destruir e a humilhar outros seres humanos [...] e para apontar um caminho de redenção, de expiação e de ação jubilatória.»

Público

«Richard Zimler é um romancista de uma erudição extraordinária.»

The Literary Review

«Richard Zimler é um escritor emblemático e de indispensável leitura.»

Helena Vasconcelos

«O dom que Zimler possui de pôr a descoberto o horror das injustiças humanas e ainda assim encontrar verdades universais e poesia na existência do dia a dia [...] faz dos seus livros uma leitura indispensável.»

The Jerusalem Post



RICHARD ZIMLER

O ÚLTIMO CABALISTA DE LISBOA

Tradução de José Lima

O último cabalista de Lisboa

Richard Zimler

Publicado em Portugal por

Porto Editora, Lda.

ISBN: 978-972-0-68322-9

Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

The Last Kabbalist of Lisbon

© 2013, Richard Zimler e Porto Editora, Lda.

Design da capa: © Manuel Pessoa

Imagem da capa: © Jill Battaglia/Arcangel Images

Plano de Lisboa do século XVI © Biblioteca Nacional

1.ª edição em papel: outubro de 2013

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

 **Porto
Editora**
Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal
www.portoeditora.pt
ISBN 978-972-0-68322-9



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Para o Alexandre Quintanilha

Agradecimentos a:
Alexandre Quintanilha, Ruth G. Zimler, Nat Sobel,
Nancy Fioritto Piazza, José Lima.

A DESCOBERTA DO MANUSCRITO DE BEREQUIAS ZARCO

Abraham Vital, advogado particular em Istambul, ganha a sua vida apresentando petições ao Governo turco para conseguir subsídios para as pessoas que, devido a acidente ou doença, deixaram de poder trabalhar. Em 1981, travou com sucesso uma batalha legal em nome de um velho carpinteiro de cinquenta e nove anos chamado Ayaz Lugo, que tinha ficado com o braço e a mão direita paralisados num acidente de carro.

Lugo morreu em junho de 1988. A mulher falecera seis anos antes e não tinham filhos. No seu testamento, Lugo, agradecido, deixara a sua casa a Abraham Vital.

Vim a ficar na casa de Lugo durante a minha estadia de sete meses em Istambul, quando aí estive em 1990 a estudar a poesia sefardita, especialmente as baladas. Foi-me gentilmente cedida por Abraham Vital sem aceitar qualquer paga. Tínhamo-nos conhecido através de um amigo comum, o meu orientador de tese, doutor Isaac Silva Rosa, da Universidade de Berkeley, antes, e agora da Universidade do Porto, em Portugal.

Tanto Vital como Lugo são sefarditas, descendentes da vaga de judeus fugidos às perseguições em Espanha e Portugal no correr dos séculos xv, xvi, xvii e xviii. Os seus antepassados tinham recebido refúgio em Istambul, então conhecida entre os judeus e os cristãos como Constantinopla, logo a partir de 1492. Nesse ano, o sultão turco Bejazet II acolhera no seu reino milhares de judeus sefarditas que cumpriam uma ordem de expulsão decretada pelo rei Dom Fernando e pela rainha Dona Isabel de Espanha.

Num abafado dia dos princípios de maio, Vital conduziu-me à antiga casa de Ayaz Lugo nos arredores de Balar, o bairro judeu

medieval de Istambul. Dois andares de pedra e estuque lascado emergiam como uma torre de vigia abandonada entre uma padaria e uma loja de discos.

Mudei-me para lá no dia 9 de maio de 1990. No interior, tudo me parecia cinzento e castanho, como uma velha fotografia sépia, até ter começado a remover a poeira.

Era possível tocar no teto dos dois andares da casa sem ter de me pôr em bicos de pés. Janelas ovais do tamanho de uma bandeja filtravam cones de luz para o interior do meu quarto. A mobília, de madeira pesada e gasta pelo tempo, agora uma antiguidade, tinha sido comprada manifestamente quando Lugo era ainda criança.

No armário do quarto encontrei milhares de cubos de açúcar impecavelmente acamados em malas de couro. Ao que tudo indica era um bem escasso durante a Segunda Guerra Mundial. Estaria o açúcar assim arrumado para o caso de Lugo ter de escapar à pressa? «Talvez os judeus devam ter sempre preparada pelo menos uma mala», pensei.

Num guarda-roupa carcomido pelo caruncho, encontrei, debaixo de roupa interior de algodão, algumas barras de chocolate turco rançoso, o que me deu alguma satisfação: Lugo e eu partilhávamos inegavelmente uma fraqueza pelos doces.

A minha cama consistia numa armação de ferro com um colchão comprimido fabricado em Konya. A etiqueta estava escrita em árabe, o que revelava ter mais de setenta anos; nos anos vinte o alfabeto latino substituiu o árabe em toda a Turquia. Não havia duche, apenas uma tina e um fiozinho de água fria acastanhada que cheirava a cloro e ferrugem. Lugo e a mulher deviam frequentar os balneários públicos.

Tinha inúmeros ratos a fazer-me companhia. Mas, miraculosamente, não havia formigas nem percevejos.

Nesse mês de julho, Abraham Vital decidiu começar a pôr a casa de acordo com os padrões ocidentais do século xx. A remodelação começou pela cave, de modo que eu não fosse incomodado. A 18 de julho, os operários deram com um esconderijo secreto, uma abertura quadrada com quatro pés e uma profundidade de dois, que tinha sido tapada com tábuas de madeira e uma cobertura de cimento. Dentro do esconderijo estava um *tik*, o pequeno cofre cilíndrico que os judeus sefarditas usavam para guardar a *Tora*, os primeiros cinco livros do Antigo

Testamento. Decorado com uma elaborada filigrana de prata e pavões de esmalte, verificou-se conter não a *Tora*, mas vários manuscritos encadernados a couro, nove ao todo.

Os manuscritos estavam na escrita hebraica angular típica da Ibéria, a linguagem fundamentalmente judaico-portuguesa, um português antigo escrito em caracteres hebraicos. Parte dos primeiros textos, porém, estava em hebraico medieval. Tinham sido escritos com um cálamo, a pena de junco usada na Ibéria. O papel estava em excelentes condições.

A não ser três deles, todos os manuscritos exibiam capas de velino polido com o título desenhado com iluminuras de letras com cabeças de aves. Predominavam as poupas, as corujas, os tordos, os pintassilgos europeus e os pavões. Via-se também uma espécie de beija-flor, o que é notável, por se tratar de uma família de aves do Novo Mundo. Um intrincado rendilhado de figuras geométricas e de arabescos serve de fundo aos títulos. A folha de ouro é usada com prodigalidade. As cores dominantes são o carmim brilhante e o azul do lápis-lazúli.

Reparei que todos os manuscritos exibiam uma assinatura em forma de íbis egípcia de um homem de nome Berequias Zarco. Das datas inscritas junto da assinatura e das referências incluídas no texto, sabemos terem sido escritos no decurso de vinte e três anos, de 5267 a 5290 do calendário judeu, ou seja, de 1507 a 1530 da era cristã.

Na noite de 18 de julho de 1990 comecei a ler a sua obra.

O que encontrei consistia em seis tratados sobre vários aspetos da Cabala, a filosofia mística que a partir da Provença se propagou pela diáspora judaica no início da Idade Média e que tinha sobrevivido ao longo dos séculos seguintes tanto oralmente como por escrito. Os textos cabalísticos mais conhecidos são o *Bahir* e o *Zohar*.

Três dos manuscritos de Berequias, os que não têm título, têm uma natureza mais secular, porém. Unidos por uma tira de couro, o primeiro data de 1507 e os dois últimos de 1530. Logo à primeira vista pareceu-me evidente que tratavam do massacre de Lisboa de abril de 1506. Cerca de dois mil cristãos-novos, os judeus forçados ao cristianismo em 1497, perderam a vida nesses motins, muitos deles queimados no Rossio, a praça que ainda hoje é o centro da capital portuguesa.

Infelizmente, numerosas secções e mesmo simples páginas dos

manuscritos de Berequias tinham sido reunidas fora da ordem por alguém manifestamente incapaz de ler o judeu-português. Era de enlouquecer. Levei dois meses para voltar a pôr tudo em ordem. Mas, uma vez isso feito, o livro de Berequias Zarco lia-se perfeitamente.

Os três manuscritos históricos no seu conjunto formam uma obra única, narrando a odisseia da família de Berequias durante os trágicos acontecimentos de abril de 1506. Contam, em particular, a perseguição que Berequias moveu ao assassino do seu amado tio Abraão, um famoso cabalista provavelmente responsável por algumas das obras da Escola de Lisboa, até hoje consideradas anónimas, incluindo, por razões que a narrativa torna claras, *Batendo às Portas* e o *Livro do Fruto Divino*.

São vários os breves relatos da matança que chegaram até nós, incluindo um de Salomão Ben Verga referido por Berequias, e não pode haver dúvidas quanto à veracidade da crónica de Berequias. Todos os principais acontecimentos aí relatados foram confirmados por escritos contemporâneos. Muitas das pessoas mencionadas, como Didi Molcho, Dom João de Mascarenhas e Isaac Ben Farraj são nossos conhecidos através das suas obras, assim como através de documentos da Igreja e da Coroa portuguesa.

Alguns leitores menos familiarizados com a literatura sefardita e novo-cristã do século XVI poderão estranhar a minha reprodução da história de Berequias sob a forma de um mistério e o uso da linguagem coloquial. Berequias Zarco é, porém, como tantos dos seus contemporâneos, um autor moderno tanto na visão como no estilo. O segundo manuscrito, em especial, manifesta uma técnica direta que se assemelha à da novela picaresca espanhola, que começava a aparecer aproximadamente na mesma época dos manuscritos de Berequias. Curiosamente, muitos dos autores picarescos espanhóis eram também judeus convertidos. Berequias Zarco estava inegavelmente familiarizado com esses contemporâneos castelhanos.

Ao contrário das novelas picarescas, porém, o tom de Berequias quase nunca é irónico e nunca burlesco. Além disso, o seu personagem principal, ele próprio, não é nem um vilão nem um herói. É simplesmente aquilo que Berequias deve ter sido: um jovem inteligente e confuso, que fazia iluminuras, que vendia fruta e era cabalista; um jovem destroçado pela morte de seu tio.

A linguagem franca de Berequias recorre a palavras, afirmações claramente blasfemas e mesmo calão, que tentei manter na íntegra.

Parece-me evidente que, se a intenção de Berequias tivesse sido a de escrever mais um documento místico ou mesmo um texto histórico mais circunspecto, tê-lo-ia feito. Tinha talento e conhecimentos para tanto. A verdade é que não o fez. Escreveu um mistério em três partes, a última das quais poderia ser considerada um epílogo pelos críticos contemporâneos. Tendo em atenção o leitor moderno, dividi essas três partes em vinte capítulos. Os capítulos I a VIII correspondem ao primeiro dos manuscritos de Berequias; do IX ao XX, ao segundo manuscrito; e o XXI ao terceiro.

Apesar de *O Último Cabalista de Lisboa* ser mais do que uma tradução, mantive-me rigorosamente fiel ao conteúdo do escrito de Berequias, a não ser em dois casos: quando ele inclui extensas recitações de orações e de cânticos; e quando faz digressões sobre pontos espirituais associados aos arcanos essenciais relacionados com a Cabala. Apesar de se revestirem de interesse académico, seriam provavelmente difíceis e aborrecidos para o leitor, e por isso excluí-os da minha transcrição. Do mesmo modo, várias secções foram reordenadas segundo a ordem cronológica, quando antes estavam ligadas segundo a tese espiritual que Berequias procurava demonstrar. Creio que também este facto não altera de modo substancial a obra de Berequias, e a estrutura que adotei fará certamente mais sentido para o leitor moderno.

De um modo geral, procurei estabelecer um equilíbrio entre linguagem contemporânea e o uso ocasional de uma ou outra palavra ou frase mais antiga. No seu conjunto, a obra permanece, assim o espero, fiel ao espírito do autor.

Berequias não é sempre coerente na grafia do português, talvez devido à dificuldade de transcrever a língua da sua terra em caracteres hebraicos. Por isso mesmo, as transcrições do português são feitas de acordo com as convenções atuais.

Sempre que se transcrevem palavras hebraicas, recorre-se aos caracteres latinos, de modo a poderem ser pronunciadas pelos leitores americanos e europeus.

Os manuscritos de Berequias levantam algumas questões importantes sobre a história dos livros hebraicos na Ibéria. Será a *Tora* ilustrada que ele descobre na *geniza* de seu tio a chamada

«Bíblia de Kennicott», que hoje pertence à Biblioteca Bodleian da Universidade de Oxford? A referência às letras em forma de animal e a Isaac Bracarense (indubitavelmente Isaac de Braga, por quem o manuscrito foi ilustrado) parece indicar nessa direção. Nada se sabe da história da Bíblia desde a data do seu acabamento em 1476 até à sua aquisição em 1771 por Oxford, a conselho do bibliotecário, Dr. Kennicott. Talvez tenha de facto sido salva por Abraão e Berequias Zarco.

Quanto à versão hebraica e árabe da «Fonte da Vida» detida por Frei Carlos: teria sido realmente passada para Salónica? Que lhe terá, então, acontecido? Nunca foi encontrado nenhum original árabe, apenas traduções latinas.

O Último Cabalista de Lisboa é, em si, um pouco um enigma. Porque terá sido escondido na cave de Ayaz Lugo? Porque será que não é referido pelos manuscritos judaicos seus contemporâneos? Nunca terá sido publicado? Dado o seu objetivo de alertar os cristãos-novos e os judeus para o permanente perigo que corriam na Europa, Berequias devia ter tentado seguramente dar-lhe a maior divulgação possível.

Várias explicações me foram propostas pela doutora Ruth Pimentel, da Universidade de Paris, que mais tarde foram seguidas pela maior parte dos demais especialistas no campo da literatura sefardita medieval que consultei.

Antes de mais nada, a depreciativa caracterização que Berequias faz dos cristãos-novos e o seu declarado apelo aos judeus e aos cristãos-novos para que abandonem a Europa haveria certamente de enfurecer os reis europeus e as autoridades religiosas, em particular os inquisidores de Portugal e de Espanha. Se ele levasse a sua obra para a Europa cristã, as cópias que fossem descobertas haveriam de ser eliminadas e queimadas.

É também provável que a sua ardente defesa da migração judaica viesse a irritar os dirigentes das enfraquecidas comunidades judaicas da região, tanto os agrupamentos secretos sefarditas em Portugal e em Espanha como as comunidades mais abertas dos asquenazins nos países do Norte da Europa. Estes judeus ou cristãos-novos, que tinham um interesse espiritual, emocional ou monetário para permanecer na Europa, poderiam igualmente suprimir os seus escritos.

Para mais, o modo como Berequias trata questões como o sexo e o cisma entre cabalistas e autoridades rabínicas poderia ser

considerado demasiado direto para que certos leitores o pudessem apreciar. Os seus escritos seriam certamente considerados tabu por muitos dirigentes judaicos conservadores que procuravam resistir à era do judeu secular que se aproximava.

Apesar de me suscitar dúvidas, não posso deixar de referir uma outra teoria: é possível que o próprio Berequias tivesse suprimido os seus escritos; não só por não ter querido expor a perseguições os judeus secretos mencionados no texto, como também porque a excomunhão por alegada heresia não era nada de desconhecido. Apesar da veemente necessidade de avisar os judeus da Europa do destino que seu tio pressagiava, pode ter receado ver-se cortado da sua comunidade como o foi outro judeu de origem portuguesa um século mais tarde, Baruch Espinosa. Talvez tenha feito circular em segredo cópias do seu livro, pedindo aos leitores que não revelassem o conteúdo nem mencionassem sequer a sua existência. Será talvez essa razão por que não tem título.

Outra razão, bem mais desencorajante: quem sabe se não o mataram ao tentar reentrar em Portugal e salvar a sua prima Reza? As cópias das suas obras que tivesse escrito e levado para a Ibéria teriam assim certamente perecido com ele. Apenas as que tinham ficado escondidas em Constantinopla teriam sobrevivido.

Quanto ao esconderijo, o mais provável é que os manuscritos tivessem sido ocultados para os proteger durante o período nazi; a cobertura de cimento data desse tempo. Lembremo-nos de que os cristãos-novos portugueses emigraram em massa ao longo dos séculos VI, XVII e XVIII, sobretudo para a Turquia, Grécia, Norte de África, Holanda e Itália, regiões que mais tarde se veriam ameaçadas ou ocupadas pelo *Reich* alemão. Por exemplo, nos finais do século XVI, como resultado da emigração dos cristãos-novos, só Constantinopla contava com uma comunidade judaica de 30 000 pessoas e 54 sinagogas, a maior da Europa.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a maior parte dos judeus ibéricos que viviam na Grécia, Bulgária e Jugoslávia, 200 000 ou mais, foi presa e morreu nas câmaras de gás. Se considerarmos o apelo de Berequias para que os judeus e cristãos-novos deixassem os países cristãos, é interessante notar que a comunidade judaica na Turquia muçulmana contava com a proteção do Governo e escapou inteiramente à destruição. Apesar disso, o proprietário, ou proprietários, dos manuscritos de Berequias, talvez os pais de Lugo, teria justamente receado o alastramento das perseguições à

Turquia, tal como Berequias temera o alastramento da Inquisição de Castela a Portugal quatro séculos antes. A Inquisição foi definitivamente estabelecida em Portugal em 1536, cerca de 50 anos depois de ter sido criada em Espanha e apenas seis anos depois de Berequias ter completado o último dos seus manuscritos.

Teria Ayaz Lugo sabido da existência dos manuscritos? No seu testamento não lhes faz referência. Possivelmente tinham sido escondidos pelos seus pais, sem que ele o tivesse sabido.

Cabe-me agradecer, antes de mais, a Abraham Vital, que me ofereceu generosamente a sua casa e, posteriormente, me permitiu utilizar os textos de Berequias Zarco. Gostaria igualmente de manifestar o meu apreço à sua mulher, Miriam Rosencrantz-Vital, que muitas vezes me valeu durante os meus tardios serões com um copo de vinho do Porto e os seus cuscuz caseiros.

Os meus agradecimentos, também, a Isaac Silva Rosa, por me ter encorajado a roubar algum tempo à minha tese para trabalhar neste manuscrito; a Ruth Pimentel pela sua ajuda nas referências históricas; e a Joseph Amaro Marcus, um profundo conhecedor da Cabala portuguesa e espanhola, por ter decifrado o indecifrável.

Este livro é publicado em memória de Berequias Zarco, família e amigos.

Glossário

de alguns termos hebraicos utilizados

(*figuram em itálico no texto*)

Antes são persa que conspirou para massacrar os judeus («Livro de Ester»).

Andas: forçados a converterem-se ao cristianismo.

Asíndes: demônios judeus.

Bécimo primeiro mês do calendário lunar hebraico, geralmente parte de julho e parte de agosto.

Bíbalos: **Shpilic**, nos textos cabalísticos, aos místicos que possuem o conhecimento secreto dos nomes sagrados de Deus e que podem fazer um uso mágico de tal conhecimento.

Balviro da Luz», um importante texto cabalístico descoberto na Provença no século XII.

Espeiro para consumo humano segundo as regras alimentares judaicas.

Paal: judeu feito com ovos.

Alimentos interditos aos judeus durante a Passagem (Páscoa), especialmente o pão levedado.

EnDof oculto que não pode ser apreendido, descrito ou abordado. A existência e a natureza de Deus apenas se pode deduzir das suas emanações ou atributos refletidos no nosso mundo.

Ethãos nomes de Deus.

Técnica: utilizada pelos místicos judeus para discernir os significados secretos contidos na *Tora* e noutros textos sagrados. Neste sistema, a cada letra hebraica corresponde um determinado valor numérico. Os estudiosos e os místicos judeus analisam os textos para descobrir conexões matemáticas entre diferentes nomes, palavras ou frases.

Gemide: depósito para guardar textos sagrados.

Gilgal: conceito cabalístico de transmigração das almas ou de reencarnação.

Golatura, normalmente de forma humana, criada por processos mágicos através do uso de nomes sagrados, particularmente o Tetragramaton.

Hegga: que inclui a história do Êxodo e o cerimonial da refeição ritual da comemoração da Passagem (Páscoa).

Helimónia prescrita pela Bíblia, que se realiza quando um homem recusa casar-se com a viúva sem filhos de um irmão.

Festa: judaica que se realiza no inverno, que celebra a vitória dos Macabeus, uma tribo judaica, contra os sírios em 165 a. C.

Mistura: de pedaços de fruta, nozes e especiarias, que se come na Passagem (Páscoa) e que representa a argamassa utilizada pelos judeus nas construções ordenadas pelos faraós durante o cativeiro no Egito.

Sucan:rote que conduz as orações e é o cantor principal nas liturgias realizadas na Sinagoga.

Segundo mês do calendário lunar judaico, que em geral coincide com parte de outubro e parte de novembro.

Itum:au espírito ou alma penada de uma pessoa morta que entra no corpo de um

vivo passando a comandar o seu comportamento.

Kaddish pelos mortos recitada pelos enlutados.

Ketubah de casamento que estabelece os direitos e deveres do futuro marido.

Kislev mês do calendário lunar hebraico, correspondente a parte de novembro e parte de dezembro.

Pessach pertencente à casta religiosa de sacerdotes descendentes de Levi, filho de Jacob.

Laz demónio judeu traquinas ou um «poltergeist».

Demónio fêmea que, segundo as lendas judaicas, estrangula as crianças e seduz os homens. Muitas vezes considerada a rainha do Mal.

Mudmos demónio judaico.

Mordasqueu que frustrou o plano de *Aman* para massacrar os judeus persas («Livro de Ester»).

Mazáximo cozido pelos israelitas durante o Êxodo do Egito, que leva farinha e água como únicos ingredientes, e que se come durante as festas da Passagem (Páscoa).

Mandelabro de nove braços que se acende para celebrar a festa de *Hanukka*.

Mitzvot celeste que regista as boas ações.

Megzena: caixa que contém uma folha de pergaminho no qual foi escrita a oração judaica que começa com «Ouve, ó Israel.» Esta caixa encontra-se no umbral das casas judaicas e era frequentemente considerada uma proteção contra os ataques dos demónios.

Mikvah ritual de imersão, praticado pelas mulheres a seguir à menstruação.

Também praticado pelos homens em rituais de purificação.

Mitzvot mandamento divino. Há 613 mandamentos na *Tora*. Pode também significar uma boa ação.

Moshé apta para realizar circuncisões rituais. As crianças judias do sexo masculino são geralmente circuncidadas no oitavo dia a seguir ao nascimento.

Neshamah divina de Deus que existe no homem; a alma.

Resistência divina.

Sétimo mês do calendário lunar hebraico, em geral correspondente a parte de março e parte de abril.

Pessach judaicas que comemoram a fuga do povo hebraico da escravidão no Egito, tradicionalmente celebrada durante oito dias na primavera. Páscoa judaica (Pessá).

Pessach judaica que celebra a derrota do plano de *Aman* para massacrar os judeus persas.

Rohupairção divina.

Somuel de Satã para o judaísmo.

Sederção ritual tradicional que tem lugar na primeira e por vezes na segunda noite da Páscoa. A última ceia de Cristo era uma *seder* judaica.

Sefir em hebraico.

Sefir aspetos das manifestações de Deus, por vezes representados como luzes divinas e frequentemente associados à Árvore Cósmica, aos nomes de Deus e às várias partes do corpo humano.

Shiffo divino ou um momento de presença divina.

Shivto mês do calendário lunar hebraico, que em geral coincide com parte de janeiro e parte de fevereiro.

Shofar: que se sopra para produzir um som semelhante ao da trombeta durante certos rituais judaicos.

Shalhan judeu especialmente apto nas técnicas de abate de animais.

Sitra Atrabalístico que designa o domínio das emanções maléficas e dos poderes demoníacos (o Outro Lado).

Xalle: ritual de forma retangular.

Talmigadcompilação da Lei oral judaica que inclui comentários rabínicos.

Tefalistrreita de pergaminho, que tinha escrita uma passagem da Escritura e que os judeus traziam enrolada no braço ou sobre a testa.

Pishneiro mês do calendário lunar hebraico, correspondente a parte de setembro e parte de outubro.

Openteuco, ou seja, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Numa aceção mais lata, pode referir-se a todo o Antigo Testamento ou mesmo a todos os ensinamentos judaicos.

Mifento impróprio para consumo humano e que deve ser rejeitado, segundo as regras alimentares judaicas.

Fesbisjudaica relacionada com a Árvore da Vida e os frutos comestíveis associados à terra de Israel.

Fraizjas que pendem dos quatro cantos do xaile ritual judaico (*Tallit*).

KomaKispagrada das festas judaicas, na qual os judeus jejuam para expiar os seus pecados.

Zudica divina.

Zohirro do Esplendor.» O livro fundamental do misticismo cabalístico, escrito em Guadalajara, Espanha, entre 1280 e 1286, pelo místico judeu Moisés de Léon.

Em dezembro de 1496, quatro anos depois de expulsarem do seu reino todos os judeus, os soberanos de Espanha, D. Fernando e Dona Isabel, convenceram o rei de Portugal, D. Manuel, a fazer o mesmo. Em troca, os monarcas espanhóis concediam-lhe em casamento a mão de sua filha. Pouco antes de a ordem de expulsão ser aplicada, D. Manuel, que não queria perder tão preciosos súbditos, decidiu converter os judeus portugueses. Em março de 1497, mandou encerrar todos os portos de embarque e ordenou que se reunissem todos os judeus e os conduzissem à força à pia batismal. Embora os relatos que chegam até aos nossos dias refiram judeus que preferiram dar-se à morte e matar os filhos a converterem-se, a maior parte deles acabou por se ver forçada a aceitar Jesus como o Messias. Apelidados de cristãos-novos, foram-lhes dados vinte anos para abandonarem os usos judaicos tradicionais, promessa essa que se veio a revelar falsa ao longo das duas décadas de intolerância e perseguições que se seguiram. Mesmo assim, muitos dos novos cristãos persistiram nas suas crenças. Em segredo e ao preço de riscos enormes, continuaram a recitar as suas orações hebraicas e a praticar os seus rituais, sobretudo os do Sabbat e das festas judaicas. Um desses judeus clandestinos era Berequias Zarco, narrador d' *O Último Cabalista de Lisboa*.

As circunstâncias que rodearam a descoberta do manuscrito de Zarco em Istambul, em 1990, constam de uma Nota do Autor, incluída no início do texto. Dessa mesma nota constam igualmente algumas observações quanto ao estilo adotado na transcrição do texto original. No entanto, os leitores deverão desde já ter presente que, ao preparar o trabalho para publicação, esforcei-me por preservar o tom extremamente natural e direto do autor.

Prólogo

Uma mágoa contida recobria o aparo da pena com que escrevia quando iniciei a narração da nossa história. Estávamos no ano hebraico de 5267, 1507 da era cristã.

Egoisticamente, abandonei o manuscrito por Deus não me ter recompensado com a tranquilidade da alma.

Hoje, passados que são vinte e três anos desta magra tentativa de registar a minha busca de vingança, voltei a afagar as páginas abertas do pergaminho. O que me terá levado a romper a jura de silêncio?

Ontem, por volta do meio-dia, bateram à porta aqui na nossa casa de Constantinopla. Mais ninguém da família se encontrava em casa e fui ver quem era. À entrada perfilava-se um jovem de pequena estatura, cabelo escuro comprido, olhos cansados, envolvido numa bela capa ibérica às riscas verdes e escarlates. Num tom hesitante, entrecortado, perguntou em português:

– Acaso tenho a honra de falar com Mestre Berequias Zarco?

– Assim é, meu rapaz – respondi. – E tu poderás dizer-me com quem falo?

Curvando-se numa vénia, respondeu:

– Lourenço Paiva. Cheguei agora mesmo de Lisboa e vinha com a esperança de vos encontrar.

Murmurando aquele nome para mim próprio, recordei-me ser ele o filho mais novo de uma velha amiga cristã, a lavadeira a quem tínhamos deixado a nossa casa em Lisboa momentos antes de fugirmos daquela cidade tenebrosa, há mais de duas décadas. Interrompi com um aceno a desnecessária apresentação que ainda desfiava e fi-lo entrar na nossa cozinha. Sentámo-nos nos bancos junto à janela que dava para uma roda de arbustos de alfavaca e de murta no jardim. Quando perguntei pela mãe dele, entristeceu-me saber que tinha sido há pouco chamada por Deus. Numa voz melancólica mas orgulhosa, ficou uns momentos a gabar-lhe as qualidades. Depois, partilhámos deliciados uma garrafita de vinho da Anatólia, enquanto me contava a sua viagem por mar desde

Portugal e as suas primeiras e pasmadas impressões da capital turca. Mas a minha despreocupação havia de me deixar desprevenido para o que se seguiu: quando lhe perguntei a que devia o prazer da sua visita, sacou da capa duas chaves de ferro pendentes de uma corrente de prata. Instantaneamente, percorreu-me um estremecimento de temor. Antes que eu pudesse falar, exibindo o radioso sorriso de um jovem oferecendo um presente a alguém mais velho, depositou as chaves nas minhas mãos e disse:

– Se quiser voltar, Mestre Berequias, tem à sua espera a sua casa de Lisboa.

Agarrei-lhe o braço para me segurar; o meu coração batia ao ritmo desta única palavra: *lar*. Sentia os dentes das chaves a morder-me o punho em que as tinha envolvido; abri a mão e inclinei-me para aspirar o cheiro a moeda antiga do metal. Memórias de ruas labirínticas e de olivais varriam-me de cima a baixo. Eriçavam-se-me os pelos do pescoço e dos braços. Uma porta interior abria-se dentro de mim, dando acesso a uma visão: estava em pé do lado de fora da cancela de ferro que dava para o quintal nas traseiras da nossa velha casa de Alfama. Emoldurado pelo arco da cancela e erguendo-se no meio do quintal estava o meu tio Abraão, o meu mestre espiritual. Envolvido na sua túnica de viagem de lã inglesa de uma cor vermelho-viva, colhia limões do nosso limoeiro, cantarolando baixinho com um ar feliz. A sua pele morena, cor de canela, brilhava como ouro, como se a iluminasse a luz que precede o pôr do Sol, e a mecha rebelde do seu cabelo de prata e os tufos das sobranceiras cintilavam como por um poder mágico. Pressentindo a minha presença, suspendeu a melodia, voltou-se com um sorriso de boas-vindas e caminhou em minha direção com o passo balanceado que normalmente só adotava na sinagoga. Os seus olhos verdes calorosos, bem abertos, pareciam envolver-me. Com um trejeito divertido nos lábios, sem deixar de caminhar, começou a desapertar a faixa que rodeava a túnica, deixando a roupa cair sobre as lajes de ardósia que pavimentavam o quintal. Estava completamente nu, só com um xaile ritual a cobrir-lhe os ombros. Enquanto se aproximava de mim, o seu corpo começou a irradiar feixes de luz. O seu vulto tornou-se tão brilhante que os meus olhos se cobriram de lágrimas. Assim que a primeira gota salgada deslizou até ao canto dos meus lábios, parou e chamou-me pelo nome do meu irmão

mais velho: «Mardoqueu! Sempre acabaste por ouvir as minhas preces!» Uma aura de chamas alvas envolvia a sua face. Com um gesto solene, como se me estendesse um versículo da antiga sabedoria, atirou-me um limão. Apanhei-o. Mas, quando o meu olhar pousou sobre o fruto, o que vi foi uma cadeia de palavras portuguesas meio delidas: «As nossas andorinhas ainda estão nas mãos do faraó.» Ao passar uma segunda vez os olhos por esta mensagem escrita no código dos cristãos-novos, ela elevou-se nos ares e depois quebrou-se com um ruído tilintante.

Surpreendi-me a olhar novamente as chaves que tinha na mão. Lágrimas cálidas enevoavam-me a vista. A porta para a visão tinha-se fechado.

Lourenço segurava-me pelos ombros, empalidecido e assustado. Inconscientemente, os meus lábios murmuravam palavras tranquilizadoras.

Para se poder compreender a revelação que me atingira, terei de explicar as palavras hebraicas *mesiras nefesh*. O seu significado é certamente a disposição para o sacrifício. O seu poder oculto reside na tradição dos cabalistas de estarem dispostos a arriscar-se nem que seja a uma visita aos infernos se com isso puderem ajudar não só a aliviar o sofrimento do mundo como também a proporcionar uma reparação na Esfera Celeste.

Com as chaves a palpar na minha mão, comecei a compreender pela primeira vez o sacrifício de meu tio Abraão e como a ideia de *mesiras nefesh* tinha feito bater o seu coração naquele ritmo tão apaixonado, se bem que frágil. E, por razões que no correr desta narrativa se tornarão claras, vi também que a minha visão era uma ordem sua para voltar para Portugal e cumprir a missão que ele me tinha destinado desde sempre – um destino que eu não tinha seguido e nem sequer, antes, entendido.

Começava ao mesmo tempo a compreender que, ao voltar para Lisboa, me era dada a possibilidade de reparar o desvio do meu destino, de me entregar ao meu voto de *mesiras nefesh*, pois o regresso haveria seguramente de pôr em risco a minha vida. Com a Espanha nas garras da Inquisição e Portugal cada vez mais próximo das suas fogueiras, o meu retorno poderia bem significar o fim da minha vida com a minha mulher Letiça, e os meus filhos, Zuli e Ari.

Assim, foi com eles no espírito que voltei a pegar na pena. Queria que todas as pessoas da minha família ficassem a saber as

minhas razões para os deixar e o que se tinha passado vinte e quatro anos atrás e imposto tais razões ao meu coração. A história do crime que para sempre tinha coberto de trevas as nossas vidas e da perseguição do misterioso assassino era demasiado longa e intrincada para a ouvidem dos meus lábios. Nem eu queria correr o risco de deixar por dizer o que quer que fosse.

Escrevo ainda para afastar de nossa casa o ar gelado do segredo, para que Zuli e Ari possam finalmente compreender as minhas respostas vagas quando, sendo eles crianças e adolescentes, me questionavam sobre os acontecimentos que tinham precedido a minha fuga de Lisboa. Não era fácil para eles aceitar que o pai fosse alguém com um passado que muitos na nossa comunidade de emigrantes judeus envolviam em sórdidas especulações. Com lágrimas nos olhos e os punhos raivosamente cerrados, ouviram chamar-me homicida e herético. Quantas vezes, também, tinha a minha mulher sofrido com os rumores de que eu tinha sido seduzido em Lisboa por Lilit disfarçada de fidalga castelhana e que ainda hoje esse demónio reinava no meu coração?

Homicida, tinha-o sido. Confesso ter matado um homem e ter encurtado os dias de outro. Os meus filhos poderão ler em que circunstâncias o fiz e formar o seu próprio juízo. São já bastante crescidos para saberem tudo. Herético, acho que não. Mas que o seja, terão sido então os acontecimentos que brevemente relatarei que cravaram as setas da heresia na minha carne. Quanto ao meu coração, deixo àqueles que amo o dizer quem nele é a rainha. Possa a verdade, através destas páginas, vir sem receios ao de cima, como o apelo da trombeta de um *shofar* saudando Rosh Hashona. E possa eu, também, libertar-me finalmente dos meus derradeiros enganos e dos restos da máscara que usei para esconder o meu judaísmo quando novo. É verdade, espero ainda aprender muito sobre mim próprio à medida que a pena siga as minhas recordações; não será certo que sempre que damos livre curso à memória para sondar o passado somos recompensados com tal conhecimento da nossa alma?

É certo que a culpa pela minha ignorância e pelos meus erros – e outros pecados mais terríveis –, que me acompanhou até ao exílio em Constantinopla, ainda hoje me persegue. Haverá quem diga ser até essa a minha mais profunda motivação. Mas, ao mesmo tempo que vou gravando estes caracteres neste

pergaminho polido, compreendo que o que me inspira é antes a possibilidade de falar através da distância de décadas para outros mais, ainda por nomear – os meus netos ainda não nascidos e os de minha irmã Cinfa. A estes nossos descendentes gostaria de dizer: lede esta história e vereis porque saíram de Portugal os vossos antepassados; o enorme sacrifício que por vós fez o meu mestre; o que aconteceu aos judeus de Lisboa quando este século não ia além dos seis anos cristãos. Para que vivaís, as vossas memórias deveriam apegar-se como órfãos a tais acontecimentos.

E mais importante ainda: se seguirdes a melodia e o ritmo dessas palavras até à sua cadência final, compreendereis porque não deveis pôr os pés na Europa cristã.

Não vos deixeis iludir: sob a superfície desta história corre o gume de uma parábola de advertência. Estou persuadido de que terá sido a vossa segurança que levou meu tio Abraão a aparecer-me e a mandar-me a Portugal. Renunciasse eu a escrever, deixasse eu que a memória se apagasse em tépido silêncio, e poderiam pesar-me nas mãos também as vossas mortes.

Quanto à teia de mistérios que desenrolarei perante vós, haverá inimigos meus que dirão que não passa de arabescos intrincados nascidos do desejo de ocultar as manchas de sangue das minhas próprias mãos. A evidência, porém, haverá de apontar noutra direção. Meu tio Abraão concedeu-me esta oportunidade de viver plenamente a minha própria vida e não hei de desapontá-lo de novo. Se, pois, vos parecer complicado – ou mesmo contraditório – o que surge de entre a malha da mais modesta das minhas frases, sabereis que isso se deve ao meu desejo de vos apresentar os acontecimentos tal como eles verdadeiramente ocorreram, para que me vejais tal como sou. Pois o judeu nunca é a criatura simples em que os cristãos sempre pretenderam fazer-nos acreditar. E um herético judeu nunca é tão falho de espírito como pretendem os nossos rabinos. Somos antes tão profundos e abertos que nos pode caber na alma todo um rio de paradoxos e de enigmas.

Há ainda uma última confissão que deverei fazer: não tenho a menor ideia de porque é que na visão meu tio Abraão me chamou pelo nome de meu irmão mais velho, Mardoqueu, e esta minha ignorância inquieta-me. É como se a aparição do meu mestre escondesse um mais profundo significado, uma camada interior a dar sentido às mortes de há vinte e quatro anos e que eu não

consigo ainda apreender. Por que razão, por exemplo, só agora o meu tio me terá aparecido? Preciso seguramente de mais tempo para considerar o assunto. A não ser que ele pensasse que a luz do entendimento iria penetrando as minhas trevas à medida que fosse escrevendo a nossa história. Será que só atingirei a compreensão das subtis conexões entre passado e presente quando o meu manuscrito chegar ao fim? Uma tal possibilidade faz-me sorrir, acalma um pouco as minhas dúvidas; é como se meu tio me exigisse um dia e uma noite de trabalho terreno antes de me abrir o derradeiro reduto do seu significado celeste! Continuo, pois, adiante...

A primeira vez que me ocorreu traçar as nossas atribuições numa página manuscrita, escondia-me, juntamente com a minha família, numa cave. O mistério, em toda a sua complexidade, acabava apenas de se me revelar. Foi aí que iniciei a minha história, vinte e três anos antes. E será aí que também agora começaremos.

Há três acontecimentos de que deverei falar antes de chegar à morte que mudou as nossas vidas: a procissão dos penitentes; a injúria a um amigo querido; e a prisão de uma pessoa da família. Tivesse eu entendido o alcance de tais presságios, tivesse-os eu lido como versos de um poema único escrito pelo Anjo da Morte, e teria talvez salvo muitas vidas. Mas a ignorância traiu-me. Talvez que, lendo as minhas palavras ao fio destas páginas, sejais vós mais bem-sucedidos. Assim vos seja concedida a visão clara.

Sentai-vos pois no sossego de uma sala alindada por uma cercadura de plantas ou flores fragrantas. Voltai-vos para oriente, para a amada Jerusalém. Desatai com cânticos os nós do espírito. E deixai a luz ténue de uma candeia lançar a penumbra sobre as páginas que ides passando.

Bruheem kol demuyay eloha! Abençoados sejam todos os que são feitos à imagem e semelhança do Senhor!

*Berequias Zarco, Constantinopla
Sexto de Av, 5290 (1530 da era cristã)*

LIVRO PRIMEIRO

Capítulo I

No ano de 1494 da era cristã, tinha eu oito anos, li a história dos íbis sagrados que tinham ajudado Moisés a atravessar um pântano etíope infestado de cobras. Com as tintas e corantes de meu tio Abraão desenhei um animal vermelho e negro com um bico em forma de foice. O meu tio pegou no desenho para o observar.

– Olhos de prata? – perguntou.

– Para refletirem Moisés, de que outra cor poderiam ser?

Meu tio beijou a minha fronte.

– De hoje em diante serás meu aprendiz. Eu te ajudarei a transformar espinhos em rosas e juro proteger-te dos perigos que espreitam o caminho. As páginas, que são outras tantas portas, hão de abrir-se ao nosso toque.

Como poderia então saber que um dia haveria de o negar tão completamente?

Imagine-se que alguém se encontra fora do tempo. Que o passado e o futuro evoluem à sua volta e o impedem de se situar precisamente. Que o seu corpo, o seu recetáculo, ficou tolhido, liberto da História. Porque é assim que me sinto. Consigo ver claramente quando e onde o mal se desencadeou: quatro dias antes, no vigésimo segundo dia de *Nisan*, na Judiaria Pequena no bairro de Alfama, em Lisboa.

Estava uma manhã resplandecente, como uma pérola opalina do colar daquele mês primaveril. Era o ano de 5266 para os cristãos-novos. O sexto dia de abril de 1506 para os malditos cristãos de alma e coração.

Da escuridão do amanhecer desta quarta-feira, escondido nesta cave, recordo a alvorada de sexta-feira, os primeiros raios de sol como que anunciando as notas iniciais de uma fuga insana.

Escondida atrás de tais notas, disfarçada na memória, encontra-se a face que procuro.

O dia do nosso primeiro *seder* da Páscoa ergueu-se fusco e seco, como todas as manhãs ultimamente. Há mais de onze semanas que não recebíamos a bênção da chuva. E também hoje não choveria.

A peste, essa, assediava-nos com calafrios os corpos e as almas já desde a segunda semana de *Heshvan* – há mais de onze semanas.

Os médicos feitos à pressa de El-Rei D. Manuel acharam que o gado era o ideal para absorver as essências que pairavam no ar, e a que atribuíam a epidemia; e assim duas centenas de vacas entontecidas pelo calor foram deixadas à solta a vaguear pelas ruas.

O próprio rei já há muito que desertara desta desolação, juntamente com a maior parte dos fidalgos. De Abrantes, três semanas antes, tinha promulgado um decreto ordenando a construção de dois novos cemitérios fora das muralhas da cidade para receber os que todas as semanas eram chamados pelo Senhor.

As almas dos mortos não se sentiam seguramente mais animadas com tal gesto. E não se podia levar a mal se os vivos não vissem neste decreto senão mais um sinal do vão pragmatismo e da cobardia do rei. Teria sido aí que as coisas começaram a mudar? Certamente. O dia a dia começou a revestir-se de uma ponta de cruel e desesperante loucura. Nos últimos três dias, vi um burro caído que o dono cegou com a sua adaga, com os olhos a esguichar sangue, e vi uma menina que não tinha mais do que cinco anos atirada aos guinchos do telhado de uma casa de quatro andares.

Os pobres, para atenuarem os tormentos da fome, tinham dado em comer uma papa de linhaça com água.

Tinha acabado de fazer vinte anos e era um pouco mais devoto do que seria desejável, como prova a minha crença de que a nossa cidade tinha sido generosamente dotada com o grande significado da *Tora*. Para mim, em tudo havia uma terrível, eterna beleza e horror. Mesmo os pés imundos dos mortos recentes que emergiam das serapilheiras onde eram transportados nos carros pestilentos dos empestados possuíam uma graça triste e reverente. Através deles os nossos pensamentos voltavam-se para a mortalidade do Homem e para a nossa aliança com Deus.

Meu tio Abraão era o único que tranquilamente ignorava os

pregadores escanzelados que corriam as ruas guinchando que Deus tinha abandonado Portugal e que não faltavam mais do que cinco semanas para o fim do mundo (que poderia porém ser adiado, concediam, se as nossas dádivas em moedas fossem generosas). O cenho franzido pela irritação, disse-me: «Não achas que o Senhor me haveria de dar um sinal se estivesse para fechar o último portão da Esfera Terrena?»

Frei Carlos, um padre amigo da família, não podia ainda contar-se entre esses desgraçados que tinham sucumbido completamente à demência que se apoderara da cidade. Mas parecia ser apenas uma questão de dias. «A seca e a peste... são filhos gémeos do Demónio!», confidenciou-me ele num sussurro conspiratório, estávamos nós na arcada da Igreja de São Pedro.

Nessa manhã tinha-lhe trazido o meu irmão mais pequeno, Judas, para a lição de doutrina cristã. Estávamos os três a apreciar uma procissão de velas de flagelados que fustigavam as próprias costas com açoites de couro com bolas de cera nas pontas cheias de pedaços de lata e cacos de vidro colorido. Seguiam-se os frades dos conventos de Lisboa desfraldando estandartes azuis e amarelos bordados com imagens do Nazareno crucificado. Atrás, com um ar imponente, os membros dos grémios, as roupagens de seda enfunadas, sustentavam andores com imagens de santos.

De ambos os lados da rua apinhava-se uma multidão formando duas fitas irregulares recortadas contra as poeirentas fachadas brancas do casario que se estende até à Sé. Gritos a pedir água e misericórdia soavam como um coro antifonário. Podiam aí ver-se as muitas e desvairadas gentes da nossa cidade: cavaleiros e camponeses, barregãs e freiras, pedintes e escravos pretos, e mesmo marinheiros do Norte de olhos azuis.

Subitamente, bandos de cães vadios desataram a correr, sempre a ladrar, atrás de mim, Frei Carlos e Judas, dirigindo-se para ocidente, acompanhando o espetáculo. O padre semicerrava os olhos e murmurava orações agitadoamente. Eu aspirava profundamente o gélido perfume de ameaça que pairava no ar. «E esta noite», pensei, «estaremos a lançar à imprevisível corrente deste mar de loucura o barco proibido da Passagem.» Assim era: as nossas comemorações deveriam ter começado exatamente há uma semana. Mas a maior parte dos judeus clandestinos, incluindo a nossa família, tinha adiado a Páscoa na esperança de

navegar a salvo por entre as águas corruptas da maledicência dos cristãos-velhos à nossa volta.

Perto de nós, um lenhador imundo, com o cabelo desgrenhado, de repente desatou a gritar com quantas forças tinha: «Para termos a chuva dos céus, temos de ter mais sangue! Lisboa tem de se tornar uma Veneza de sangue!»

Judas encostava-se às minhas pernas e eu apertei-lhe o ombro. Frei Carlos esfregava as mãos na testa abaulada, como para se proteger. Era um homem corpulento, atarracado, com uma pele suave e pálida, um nariz carnudo, uma rede de veias vermelhas nas duas faces, da muita bebida. Poucos o levavam a sério, mas eu considerava-o um bom amigo. Os seus olhos desolados poisaram em mim. «Não há nada de que os homens mais gostem do que profanar o sagrado, meu filho.»

De súbito invadiu-me um sentimento de tristeza pelo nosso fado. O cheiro da pimenta das Índias entontecia-me, e borrifos de sangue salpicaram as minhas calças e a cara de Judas. Um dos flagelados, soltando guinchos, tinha arrancado restos da pele dos ombros e espargia especiarias sobre si próprio para merecer o aguilhão do amor de Deus. Pareceu-me reconhecer nos olhos aterrorizados de meu irmão o olhar de uma criança judia prestes a lançar-se na travessia do mar Vermelho. Fui percorrido por uma premonição fulgurante, inusual pela sua convicção: «Esperámos demasiado, os judeus de Lisboa, para reviver o Êxodo, e o faraó apercebeu-se dos nossos planos.»

Quando voltei a mim, Frei Carlos, disfarçando o olhar sob uma franja da capa, alertou-me em voz baixa:

– Ouve os lamentos daquele moço flagelado... é como se fossem os gemidos dos filhos do Diabo!

Judas fitava-me com uma curiosidade assombrada e expectante. Quando as lágrimas assomaram aos seus olhos, peguei nele, limpei-o, desfiz-lhe os compactos anéis do cabelo negro como carvão. O meu irmãozito passou-me os braços em torno do pescoço e eu respondi a Frei Carlos:

– Muito obrigado. Consigo e com estes loucos, acho que por hoje já recebemos instrução religiosa que chegue.

Passei o capuz do manto de Judas por cima da sua cabeça e consolei-o enquanto ele soluçava e fungava. Depois de o último penitente se ter arrastado além da nossa antiga sinagoga, Frei Carlos acompanhou-nos através do largo. Na esquina ficava a

nossa casa, uma construção baixa de estuque branco, com um rodapé azul-escuro a toda a volta. A afinidade entre as cores fez-me erguer o olhar para a gaze turquesa do céu da manhã e depois para a espinha do telhado, um horizonte de telhas fulvas mosqueadas, interrompido a meio pela chaminé, um cone branco escurecido pela fuligem com aberturas de ventilação. No pino destacava-se a silhueta de um trovador de chapa apontando o Oriente, para Jerusalém. Um fino véu de fumo da nossa lareira pairava em torno dele e desenrolava-se na brisa meridional em direção ao rio.

– Ainda bem que não temos lição hoje – disse Frei Carlos, quando abri a cancela de recortes de ferro que dava para a nossa casa e para a do meu querido amigo Farid e seu pai. – Tenho de tratar com teu tio de umas coisas tristes que tenho andado a adiar.

Entrámos no recinto resguardado do nosso pátio. Rodeado de alvas fachadas e muros, pavimentado com lousas cinzentas, ostentava no meio um limoeiro circundado de moitas de loendros. Farid estava encostado ao alpendre, vestido com um camisão comprido, descalço, passando as mãos pelos negros anéis do cabelo, que lhe pendia para os ombros. A mim, sempre me parecera ter sido dotado com todos os atributos de um guerreiro-poeta dos desertos da Arábia – delgado, musculoso, de agudos olhos verdes de falcão, uma pele suave morena e uma inteligência ágil e imprevisível. A penugem que sempre lhe cobria o rosto fazia-o parecer ensonado mas atraente, e tanto homens como mulheres eram frequentemente cativados pela sua beleza escura. Fez-me um aceno de saudação com um gesto das mãos vigorosas, habituadas a tecer tapetes. Apesar de ser surdo-mudo de nascença, nunca tinha sentido a mínima dificuldade em comunicar deste modo comigo; já de pequenos tínhamos inventado uma linguagem feita de gestos, talvez por termos nascido apenas com dois dias de intervalo e termos crescido juntos.

Ao mesmo tempo que respondia à saudação do meu amigo, conduzi Frei Carlos para a porta da cozinha, um arco em ogiva exuberantemente decorado com um rebordo de mosaicos com estrelas verdes e cor de ferrugem. Numa voz hesitante, o frade murmurou: «Esperemos que o assunto fique arrumado.»

Poderá uma casa ter um corpo, uma alma? A nossa parecia

derribada e fatigada por séculos de chuva e de sol, mas protegendo tenazmente os que nela habitavam.

No nosso trabalho de iluministas, tanto eu como meu tio Abraão tínhamos frequentemente utilizado a nossa casa como modelo para desenhar as casas bíblicas. Para as paredes usávamos um alvaiade leitoso e, para dar uma ideia dos tetos baixos e abatidos de avelaneira que rangiam de modo inquietante durante as chuvadas de *Av* e *Tishri*, usávamos o rico castanho feito de vinagre, limalha de prata e enxofre.

As rachas nos alicerces tinham causado uma inclinação do soalho para o lado do quarto de minha mãe, tão reduzido que pouco mais era do que um corredor estreito, mas com a vantagem de possuir uma entrada para a Rua da Sinagoga, para as suas freguesas da costura. Virado a nascente, ficava o quarto de meus tios, acolhedor e cheio de luz. Entre os dois quartos havia a cozinha, onde a nossa vida decorria à volta da enorme mesa de carvalho, e o quarto que eu partilhava com Judas e a minha irmãzita Cinfa. A nossa loja de fruta, que a julgar pela alvenaria tinha sido acrescentada dois séculos atrás, irrompia daqui e projetava-se sobre a Rua da Sinagoga.

Ao entrarmos, Frei Carlos fez uma careta ao sentir o cheiro acre das paredes pintadas de fresco. Enquanto ele e o meu irmão se dirigiam à cave à procura de meu tio, fui dar uma olhadela à loja da janela interior do meu quarto. Em baixo, no meio de cestos de figos e tâmaras, uvas e passas, laranjas amargas, avelãs e nozes e toda a espécie de frutos existentes em Portugal, estavam Cinfa e a minha mãe, Mira, a tirar azeitonas de barris de madeira com uma concha para as disporem em malgas de barro. Inclinei-me para fora da janela e gritei: «Abençoado seja Aquele que ilumina as manhãs da nossa Lisboa!»

Cinfa respondeu-me com um breve sorriso. Era uma rapariga desengonçada, estouvada, com uma voz quase aos guinchos que mais parecia sair-lhe por entre os dedos metidos na boca, mas que ultimamente se tornava graciosa. Tinha a bem dizer doze anos e era como se, à medida que os seus lábios se tornavam discretamente mais carnudos, com eles despertasse a beleza de uma mulher adulta. A menina que tinha passado horas a correr atrás dos coelhos e a apanhar rãs tinha cedido o lugar a outra mais interessada em devanear em frente da sua tímida gémea de olhos de avelã que o espelho lhe apresentava.

Ao ver-me beijar Cinfa, minha mãe lançou-me um olhar seco, desagradado. Era uma mulher pequena, roliça, de olhar baixo e ombros curvados, com as formas dissimuladas como sempre numa larga túnica esverdeada e um avental preto. O cabelo castanho-escuro, salpicado de ténues mechas acinzentadas na fronte, estava coberto por uma touca de renda escura e apanhado num rolo atrás da cabeça, preso com uma fita de veludo de Jerusalém que seu irmão mais velho, meu tio Abraão, lhe tinha dado anos antes. O seu aspeto severo parecia retirar-lhe a cor às faces, que nos últimos tempos se tinham transformado numa expressão de vão desafio a qualquer possibilidade de felicidade; para sempre haveria de chorar o marido há muito tempo enterrado e o meu irmão mais velho Mardoqueu. Para todos aqueles que tinham conhecido a jovem mãe que ela tinha sido, sempre na brincadeira, o seu ar consumido de agora era como uma prova de que a vida poupa as suas frechas mais aguçadas para as mulheres, que trazem – e choram... – os filhos que se vão.

– Alguma de vós viu o tio? – perguntei.

Cinfa encolheu os ombros. A minha mãe passou a língua pelos lábios fendidos como se enfadada com a minha interrupção e abanou a cabeça.

Frei Carlos e Judas vieram ter comigo à cozinha.

– Não há sinais dele – disse o frade.

Sentámo-nos à mesa à espera. Subitamente, vimos aparecer à porta do pátio minha tia Ester. Trazia um vestido preto de gola subida que parecia iluminar a sua face trigueira. Os seus expressivos olhos amendoados abriram-se horrorizados:

– Que manchas são essas? – perguntou, apontando para as minhas calças. – Judas esteve a chorar?! – Cerrou os queixos numa expressão de crítica, fitando-me, enquanto ajeitava debaixo do lenço carmesim as madeixas dos seus cabelos tingidos de hena. Delgada e alta, de uma beleza feita de linhas e sombras cavadas, podia dominar uma sala com um único relance lançado do alto do seu elegante nariz.

– Um nadinha de sangue – comecei a explicar. – Os flagelados iam...

Sacudiu as mãos, chupando as faces de um modo que a fazia parecer uma dançarina mourisca.

– Não digas nada! Nem quero ouvir! Ó Senhor! Não se podiam ao menos lavar? Faz lá como quiseses mas que a tua mãe não veja

Judas nestes preparos. Nunca mais se calava!

– Vai, vai-te lavar – concordou Frei Carlos, acenando-me para que me retirasse. – Já lhe tinha dito que era a primeira coisa que devia ter feito quando chegou a casa – acrescentou, dirigindo-se à tia Ester.

Lancei-lhe um olhar furibundo. Ele torceu os lábios num sorriso de soslaio e levantou as sobranceiras, como se fôssemos rivais na disputa da afeição de minha tia. Voltando-se para ela, disse:

– Agora, quanto ao meu problemazito...

Levei Judas comigo para o quarto, tirei-lhe as roupas e despi as minhas. Limpei-o com a solução de água e vinagre que a minha mãe tanto prezava, sentindo o seu corpo brando entre as minhas mãos. Era um miúdo de cinco anos, sólido, já musculoso e dono de uns sedutores olhos cinzento-azulados, que parecia destinado a tornar-se um Sansão de pele leitosa.

Pouco dado a abluções, disparou para a cozinha mal acabei de o vestir. Quando aí voltei, ao mesmo tempo que acariciava o pão, arrepanhava a fímbria do vestido de tia Ester, enquanto ela preparava o seu adorado café com leite de amêndoa e mel à moda da sua Pérsia natal.

Lá fora, o surdo estrondear e o ranger dos carros do entulho foram repentinamente abafados pela gritaria de uma mulher. Abrindo as portadas para ouvir, avistei uma carruagem vermelha que me era familiar desembalada rua abaixo. Como sempre, os cavalos estavam arreados com um tecido prateado de franjas azuis. Mas o cocheiro, habitualmente um cristão com a cara picada das bexigas, tinha sido substituído por um Golias loiro com um chapéu de aba larga de cor de ametista.

– Adivinhem quem aí vem – disse eu.

Tia Ester afastou-me ligeiramente com o cotovelo e espreitou para fora.

– Oh, Senhor! Dona Meneses. Mais trabalho para a Mira – resmoneou. – Vê se não ficas aqui especado a olhar para ela – disse-me, apertando-me a mão.

Como resposta, fitei-a trocando os olhos. A carruagem suspendeu a carreira e ouviu-se a porta guinchar nos gonzos. Ouviu-se o ruído surdo dos passos de Dona Meneses na Rua da Sinagoga em direção à salinha de minha mãe. Mal entrou em casa desatou a descrever num falso tom lírico a qualidade do tecido que tinha trazido. A sua voz transformou-se num murmúrio

abafado quando minha mãe fechou a porta do quarto.

Tia Ester inclinou-se para nós, como quem vai confidenciar um segredo, e disse:

– Só por milagre é que Mira pode tornar aquele horrível veludo cor de pulga em alguma coisa de apresentável! – E, avançando para a lareira, trouxe para a mesa o nosso pão de *challa*, utilizando uma pega de linho.

– Sempre dá para pagarmos o que devemos – disse eu.

– Isso é. E com a seca...

– É o demónio! – exclamou subitamente Frei Carlos numa voz de advertência.

– Isso não, Dona Meneses pode não ser afável, mas também não se pode dizer que pertença ao Outro Lado – repliquei.

O padre contraiu os olhos e fitou-me. A língua dardejou entre os seus lábios espessos e moles:

– Não falo dela, tolo! É o demónio que está por trás da peste e da seca!

– Você saiu-me um bom lunático! – disse-lhe tia Ester em hebreu com aquele olhar de desdém capaz de gelar a água do banho. – E veja se fala baixo, que não queremos espantá-la!

Os sinos de São Pedro começaram a tocar as terças. Frei Carlos murmurou qualquer coisa para si próprio, como cedendo ao apelo da fé, pronunciou uma rápida ação de graças e serviu-se de um pedaço de pão quente com os seus dedos roliços. Num tom de desaprovação, prosseguiu falando na língua sagrada, de modo que Judas não pudesse compreender:

– Quer dizer, cara Ester, que o demónio não existe?

– O que quero dizer é que se volta a assustar o meu sobrinheiro com os seus disparates... – e neste ponto tia Ester retirou da lareira o atizador e apontou a ponta incandescente ao nariz carnudo do padre – ... hei de fazer com que encontre o seu salvador cristão mais cedo do que contava! Vá assustar outro!

– A tua tia sempre teve jeito para ameaças – sussurrou-me Frei Carlos com um sorriso maldoso. – Lembras-te do dia em que te levaram à força para te batizarem na Sé? Lançou-lhes pragas em sete línguas diferentes... Hebreu, persa, árabe, português...

– Lembramos, lembramos – interrompi, erguendo a mão num gesto de desaprovação, tentando poupar-nos à evocação. Tarde de mais. Os olhos de tia Ester tinham-se tornado distantes e opacos, mergulhados numa paisagem interior. A sua mão deslizara sob o

lenço carmesim e traçava o contorno da cicatriz cruciforme que lhe tinha sido imposta naquela amaldiçoada manhã do nosso batismo forçado. Nessa ocasião, mais do que em qualquer outra, tinha resistido aos beleguins mandados pelo rei para arrastarem os judeus até à Sé. Um dos guardas, querendo dá-la como exemplo, atirou-a ao chão e prendeu-lhe as mãos e os pés ao empedrado da Rua de São Pedro. Um frade dominicano empunhando um ferro incandescente tinha-lhe então gravado uma cruz na fronte, enquanto gritava, para que todos pudessem ouvir: «Eu te abençoo com o signo de Deus, Nosso Senhor!»

A mim, por meu turno, as crianças cristãs cobriram-me de sangue de porco e de serrim durante o caminho da cerimónia do batismo até minha casa. Mas não podiam adivinhar a dádiva que me fizeram: esta humilhação abrasadora mereceu-me o olhar misericordioso do Senhor e tive então a primeira das minhas visões.

Este acontecimento maravilhoso ocorreu quando Farid me avistou no pátio. Rubro de vergonha, fugi dele. Assim que atingi a porta da cozinha, porém, o pressentimento de que um par de olhos me observava obrigou-me a parar. Quando me volvei, avistei uma luz branca no céu, ao longe, por cima do castelo mourisco. À medida que se aproximava, brotavam-lhe asas e vi então que aquela luminescência era um ovo etéreo. Uma garça resplandecente cor de rubi e negra e branca tomou forma e, ao voar sobre a Judiaria Pequena, o vento causado pelo bater das suas asas soprava impetuoso em torno a mim. Quando me olhei, o sangue e o serrim tinham desaparecido.

Meu tio disse-me que Deus me mostrara a minha pureza intocada e me revelara que o labéu cristão não passava de uma ilusão. Eu respondi:

– Não era Deus, era só uma ave.

– Não, Berequias – respondeu. – Deus aparece a cada um de nós sob a forma com que nós melhor O podemos apreender. Para ti, nesse momento, era uma garça. Para outro, pode surgir-lhe como uma flor ou mesmo uma brisa.

E tinha razão. Nos momentos de maior desalento, o Senhor sempre me apareceu na forma de uma ave, talvez por me ser mais fácil ver a beleza da criação nessas criaturas dotadas da capacidade de voar.

Recordando a sabedoria de outras palavras de meu tio, disse

então a tia Ester:

– O demônio não passa de uma metáfora. É um modo de falar da religião. As palavras não podem ter sempre um significado corrente.

– Valha-me Deus, é ainda muito cedo para filosofias cabalísticas! – respondeu.

O tom áspero de tia Ester levou Judas a subir para o banco para junto de mim. Tinha os lábios cerrados naquela fenda de silêncio forçado que os brados e as palmadas de minha mãe lhe tinham ensinado. Ultimamente, tinha aprendido tudo o que pudesse evitar-lhe vir a ser o último, o mais pesado fardo para ela – atravessava na ponta dos pés, sem correr, a sua infância.

O alçapão da cave, num dos cantos da cozinha, abriu-se subitamente. Meu tio Abraão, o meu mestre espiritual, surgiu ao topo das escadas, a fronte banhada em suor e o cabelo despenteado apontando para cem diferentes direções, como se tivesse atravessado alguma tempestade espiritual. Parecia um pequeno tentilhão, de movimentos rápidos, com o seu rosto pontiagudo dividido ao meio por um nariz comprido e anguloso que lhe dava um ar que divertia os estranhos, mas que aqueles que o conheciam associavam à sua inteligência penetrante. A sua suave pele morena, cor de canela, parecia fazer sobressair o tufo rebelde de cabelos prateados e as suas sobranceiras espessas. Uma barba grisalha adoçava-lhe as faces, que ao se aprofundarem um pouco acrescentavam ao seu rosto a sombra da sagesa da idade. Os seus olhos, particularmente depois das orações, luziam com aquela secreta luz verde, o subtil mistério que o marcava imediatamente como sendo um mestre cabalista.

– Quem temos por cá? – interrogou-se, semicerrando os olhos. – Ah, é o nosso amigo frade!

– Mas de onde virá ele? – interrogou-se Frei Carlos, que nunca se habituara a ver meu tio aparecer saído do nada. – Ainda há momentos andámos a ver na cave. Às vezes chego a pensar que é um *lez*.

– O que é um *lez*? – perguntou Judas.

– Um espírito que volta à terra para pregar partidas, um espírito brincalhão – respondi.

Meu tio fez um sorriso divertido e abanou a mão direita para mostrar que tinha cinco dedos – as lendas judaicas diziam que os *lezim* só tinham quatro dedos.

– Os meus movimentos acompanham os mistérios da vida – disse ele com um gesto displicente. Erguendo as sobrancelhas, fez um aceno inquisitivo em direção às vozes abafadas que nos chegavam das traseiras.

– Dona Meneses – expliquei. – Trouxe tecido para outro vestido. Desta vez púrpura.

Bebeu o café e, depois de uma breve bênção, devorou um ovo cozido. *Shaharit*, as orações da manhã, já haviam passado, mas voltou a dar-me os bons-dias com um beijo nos lábios. Pondo Judas no colo, perseguia-o com beijos repenicados e rosnadelas de brincadeira. Habitualmente discreto, ao chegar o tempo da Páscoa meu tio parecia aturdido de afeição.

– Vim cá só para dizer que decidi não vender a safira – disse Frei Carlos com um suspiro que parecia um pedido de desculpa.

Os lábios de meu tio franziram-se na expressão que o fazia parecer ameaçador.

– Acho que devia reconsiderar – disse ele.

– Agora compra pedras preciosas? – perguntei. Fitei minha tia esperando vê-la protestar. Mas ela estava ocupada, com os olhos postos no «Livro de Salmos» que recentemente tinha copiado para um fidalgo cristão-velho, relendo-o atentamente. – Se tivéssemos dinheiro para isso, podíamos fechar a loja e deixar este deserto por umas semanas – acrescentei, voltando-me para meu tio.

– Uma safira talhada no tempo do Rabi Salomão Ben Gabirol – respondeu, dirigindo-me um olhar desafiador e exprimindo-se em hebreu, mas dizendo em português a palavra safira.

Salomão Ben Gabirol era um grande poeta judeu do século XI, de Málaga.

– Acho que não estou a ver que caminho seguem os seus pensamentos – disse eu.

– *Ptah etatsmahah hefey shetiftah delet*. Bate em ti como se batesse a uma porta – retorquiu meu tio.

Era um modo condescendente de me dizer para ficar calado e procurar dentro de mim uma resposta.

– Ainda é cedo para os seus conselhos místicos – repliquei.

Como resposta, limitou-se a deitar água na minha tigela.

– Bebe que já não te zangas. Os fluidos limpam a bÍlis branca do teu sistema.

– Mais líquido e ainda me afogo – respondi.

– Hás de afogar-te, mas é só quando desapareceres no oceano

de Deus – disse, levando aos lábios um dedo a pedir silêncio. Depois, voltando-se para Frei Carlos, acrescentou num tom mais grave: – A safira pode perder-se, não sei se sabe.

– A responsabilidade é minha.

O meu mestre levantou Judas do colo e sentou-o numa almofada persa.

– Senta-te agora aí – disse. E continuou, para Frei Carlos: – Perder-se para sempre, queria eu dizer. A sua posição põe-no em risco.

Ouvindo-o, compreendi que não era de pedras preciosas que se estava a falar. «Safira» era um nome de código para *Sefer*, livro, em hebraico. Estava sem dúvida a tentar comprar uma obra de Rabi Salomão Gabirol para a fazer sair clandestinamente de Portugal. Mas porque haveriam de falar em código dentro de nossa casa, onde estávamos a salvo dos olhos e ouvidos dos cristãos-velhos?

Frei Carlos acenou com um gesto de desculpa e levantou-se para se despedir.

– Só um aviso: vou continuar a tentar convencê-lo – disse o meu mestre com uma firme determinação na voz.

O padre persignou-se com a mão tremente. No intuito de aplacar meu tio, num tosco esforço para fazer uma graça, replicou:

– Os seus bruxedos cabalísticos não me assustam...

O meu mestre pôs-se em pé num salto, fitando Frei Carlos. Todos os movimentos na sala pareciam suspensos da sua cólera.

– Nunca pratiquei magia! – disse, recorrendo ao termo hebraico *kabbalah ma'asit*, a cabala prática, para designar estas práticas proibidas. – E o meu amigo bem o deve saber.

Referia-se a uma ocasião em que Frei Carlos lhe tinha pedido um amuleto para matar um caluniador que andava a espalhar boatos sobre a fidelidade do padre à fé de Moisés. Meu tio tinha recusado, como é evidente, mas tinha recorrido pessoalmente ao Rabi Abraão Zacuto, o astrónomo do rei, para ver se não seria possível calar o celerado.

Meu tio avançou para a lareira e ficou a observar as unhas contra o lume. O anel de topázio com o sinete em forma de íbis, símbolo do divino escriba, faiscou com um brilho interior.

– Quando Adão e Eva nasceram no Éden tinham o corpo, dos pés à cabeça, protegido por uma carapaça, como uma armadura –

disse ele. – Agora, as unhas são tudo o que nos resta dessa proteção original. Uma ponta insignificante, não acha? De pouco vale contra as armas da Igreja – acrescentou, voltando-se para Frei Carlos.

O padre encolheu os ombros, sacudindo a insinuação, e baixou os olhos.

– De nada lhe servirão se eles vêm a saber da safira.

– Preciso dela – disse Frei Carlos, com uma nota de tristeza na voz. – Estou certo de que me compreende. É a última... – As palavras foram-se diluindo. Levantando-se, acrescentou secamente: – Tenho de me ir preparar para a missa.

– Ah, bastardo! – gritou-lhe meu tio. – A ficar com uma safira que há de fazer falta a nossos filhos!

Quando voltou a muralha das suas costas a Frei Carlos, o padre baixou a cabeça como que a pedir o perdão dos restantes e saiu.

– Também podia ser mais compreensivo – disse a meu tio. Ele repeliu a censura e então acrescentei: – Porque estavam a falar em código? Não era possível que Dona Meneses nos ouvisse lá atrás. Além do mais, ela deve saber muito bem que continuamos a praticar o judaísmo. Se isso a incomodasse, há muito que nos tinha denunciado às autoridades.

– O frade não confia em ninguém. «Até os mortos usam máscara», diz ele. E, pelo meu lado, quanto mais aprendo, mais acho que ele tem razão. – Coçou a cabeça e franziu o sobrolho. – Vou apresentar os meus cumprimentos a Dona Meneses.

Lançou-me um olhar imperativo e saiu.

– As pessoas esquecem muito depressa – suspirou tia Ester.

– Que quer dizer com isso?

Aspergiu o pescoço com água de rosas, atando-lhe depois em torno um lenço de linho.

– A peste. Desaparece por uns anos e as pessoas já imaginam que é qualquer nova maldição do Demónio. – Passou a mão trememente pela fronte e pareceu meditar nas suas palavras. – Talvez seja uma bênção o podermos esquecer. Imagina se...

– Eu não esqueço! Nem uma palavra, nem um gesto, nem uma única ferida!

O rosto de tia Ester contraiu-se; sabia que me referia a meu pai e a meu irmão mais velho, Mardoqueu. No inverno de 5263, pouco mais do que três anos antes, a faca da peste tinha-lhes arrancado a pele, deixando-os expostos aos ventos húmidos de

Kislev. Meu pai, agonizando cheio de feridas e pústulas abertas, tiritava de morte no sexto dia de *Hanukkah*. Passado um mês, o esqueleto vivo que tinha sido Mardoqueu morria-me nos braços.

Ficámos em silêncio, minha tia e eu. Instantes depois, Dona Meneses deixava a nossa casa com o habitual cesto de fruta que sempre levava destas visitas.

– Vou ver se Cinfa precisa de ajuda na loja – disse tia Ester, e saiu da sala no seu passo rígido, ligeiramente inclinada para diante. Fiquei a observar Judas que brincava na entrada com o pião até que meu tio se voltou para mim e me disse:

– Preciso da tua ajuda na cave.

Passando o alçapão, descemos os cinco degraus de pedra grosseira, um por cada livro da *Tora*, até um pequeno patamar com uma *menora* de mosaicos verdes e amarelos no meio. Depois de outra passagem, descemos ainda doze pequenos degraus de alvenaria, um por cada livro dos profetas. Desde o encerramento forçado da nossa sinagoga no ano cristão de 1497, tínhamos aqui o nosso templo. Ao descermos, tirei de uma prateleira um kipá azul e pu-lo na cabeça. Meu tio puxou dos ombros o seu xaile ritual e cobriu a cabeça com ele, formando um capuz. Juntos entoámos um cântico: «Pela Tua infinita misericórdia, entrarei em Tua casa.»

Era uma cave baixa, com um pavimento de cinco passos de largo e o dobro de comprido, revestido com as mesmas toscas lajes de xisto da entrada. Poderia testemunhar pelo menos mil anos de cânticos, e no ar gélido e bafiento, hermeticamente contido naquelas paredes onde mal se vislumbravam os azulejos com formas entrelaçadas em azul e amarelo, parecia pairar o perfume de memórias antigas. No topo da parede a norte, à altura do pavimento da entrada, uns postigos em ilhó deixavam entrar uma luz suave e pálida. Ao fundo das escadas, que ladeavam a parede a oriente, ficava o círculo do nosso tapete de orações. Em torno dispunham-se sete tufo de plantas verdejantes em vasos de barro, um por cada dia da Criação. Três eram de murta, três de alfazema e o restante, simbolizando o *Shabat*, era uma mistura dessas duas plantas. A metade da sala além do tapete, virada a poente, era o reino dos nossos trabalhos terrenos, onde tia Ester copiava manuscritos e eu e meu tio os decorávamos com iluminuras. As nossas três escrivaninhas de castanho finamente polido ficavam face à parede a norte, a reduzida distância umas

das outras, de modo que podíamos ver o trabalho uns dos outros. Cada um de nós dispunha de uma cadeira de espaldar alto. No lado oposto, face à parede a sul, viam-se dois lavatórios de granito cavados no solo. No meio ficava o tosco armário de carvalho onde guardávamos o material – tinha uns pés em forma de patas de leão e oito fiadas de dez gavetas, baixas e compridas, como as caixas de tipos das oficinas de impressor. A última fiada, em baixo, tinha só duas gavetas, onde guardávamos as folhas de ouro e o lápis-lazúli.

O que de mais estranho havia na sala era, sem dúvida, o espelho redondo como uma bandeja, colocado na parede por cima da escrivaninha do meio, onde se sentava meu tio. O espelho, com uma moldura de castanho, possuía uma superfície de prata, côncava, o que tornava achatadas e distorcidas as imagens que refletia. Costumávamos mirá-lo vezes sem conta ao iniciarmos as nossas meditações como um meio de libertarmos o espírito da vista habitual, especialmente da imagem familiar do corpo. Este espelho tinha-se tornado de certo modo famoso nas imediações por se dizer que no dia 6 de junho de 1391 da era cristã tinha ressumado sangue pela morte de dezenas de milhares de judeus nas perseguições que então assolavam a Ibéria. A verdade é que o bisavô Abraão sustentava que o espelho vertia uma ínfima lágrima de sangue, invisível ao olhar, sempre que um único judeu morria. Acreditava que o sangue se tinha tornado visível na época das perseguições contra os judeus por então terem matado tantos dos nossos. Foi assim que desde então passaram a chamar-lhe «o espelho que sangra».

Todos esperávamos que nunca mais tivesse ocasião de nos revelar os seus poderes.

– Precisava que mijasses – disse meu tio, encaminhando-me para os lavatórios no chão.

– Agora? – perguntei.

– Aqui – disse, pegando numa infusa que estava à beira da bacia. – É primavera. Preciso do mijo de alguém virgem.

Todos os anos, exatamente antes da Páscoa, meu mestre fabricava novos corantes e tintas para as nossas iluminuras. O ácido da urina, ao atacar certos elementos, criava cores diferentes, em especial um rosa finíssimo, quando se misturava com pau-brasil, alúmen e alvaiade, e um carmim brilhante se combinado com cinzas de videira e cal viva.

– Há muito que deixei de ser virgem – disse eu, enquanto a imagem de Helena se tornava presente tal como a vira nas colinas que dominam o grande convento em construção a ocidente de Lisboa. Tinha esperado tão longamente pela sua decisão! Até quase pensar que o amor e a vida seriam para mim diferentes do que eram para os demais. E de um momento para o outro, quando tudo parecia perdido e o barco que a deveria levar para Corfu estava já ancorado em Lisboa, os braços dela abriram-se para mim como os portões da graça de Deus.

– Alguma barregã na Estalagem da Flor da Rapariga? – perguntou meu tio, despertando-me do meu devaneio. Vezes sem conta tinha-me recomendado uma casa de má nota fora das muralhas da cidade.

Assim que respondi «Helena», levantou as sobrancelhas numa expressão maliciosa:

– Seja como for, és o que posso arranjar de mais parecido com alguém virgem, sem ter de revelar que continuamos a fazer iluminuras de livros hebraicos. Judas é ainda pequeno, eu demasiado velho, e a urina das mulheres é forte de mais, especialmente a de tua tia. Usei-a há muitos anos quando nos casámos: ficou tudo preto como a alma de *Asmodeu*.

Trocámos um sorriso de troça.

– Agora percebo porque estive a encher-me de líquidos – disse eu.

Enquanto as minhas águas jorravam quentes e espumosas nos jarros, meu tio dirigiu-se para as escrivatinhas no passo bamboleante que costumava adotar nas sinagogas e começou a espanejá-las.

Depois de ter urinado em seis dos jarros de barro e de os ter tapado cuidadosamente, coloquei-os nos lavatórios. Meu tio lavou as mãos e sacudiu-as para o tufo de murta e alfazema do *Shabat*.

– Diego está atrasado. Não percebo – disse, com um ar espantado.

Diego, o impressor, era um amigo da família que meu tio andava a introduzir no círculo de iniciados, o seu grupo de místicos que se reuniam secretamente para discutir a Cabala. Apesar de ser um homem robusto, de barbas grisalhas e uns olhos castanhos dominadores como de um patriarca, as fogueiras da Inquisição de Sevilha tinham-lhe reduzido o coração a cinzas quatro anos antes, levando-lhe a mulher e a filha; e ele próprio só

a muito custo conseguira escapar. Tanto eu como meu tio procurávamos por todos os meios animá-lo e nesse mesmo dia tínhamo-lo convencido a ir dar um passeio até à mata de Sintra, de maneira a podermos ainda desenhar os grandes grous brancos antes de eles migrarem para o Norte.

– Talvez se tenha demorado em casa da família da senhora Belmira – disse eu. Era uma vizinha e amiga de Diego que dois meses antes tinha sido espancada até à morte em Xabregas, na parte oriental da cidade. Ultimamente, Diego costumava passar bastante tempo com os seus familiares. Meu tio encolheu os ombros e pôs as mãos em concha no meu nariz.

– É para te refrescar – disse, enquanto eu aspirava o odor da murta nos seus dedos. – Se daqui a pouco não tiver chegado, vamos a casa dele ver o que se passa. Ah, e quando sairmos tenho de passar na Rua Nova dos Mercadores. Prometi a Ester ir entregar o «Livro de Salmos» que ela terminou.

– Dou-lhe só o tempo de eu e Diego bebermos um copo de vinho na Taverna do Sótão!

Eram umas águas-furtadas prestes a desabar, mas onde serviam vinho *casher* às escondidas. Os lábios de meu tio desenharam uma vaga mas divertida repreensão.

– Olha, agora também me quer dar ordens! – observou.

Como única resposta compus a expressão de enfado com que irritava meu pai quando ele se punha a falar-me das aulas de *Talmud*.

– Está bem, só meia hora – concordou meu tio. Inclinou-se de modo a poder passar as mãos em bênção sobre mim. Seguidamente, enquanto eu tirava corantes e tintas do armário, retirou o ferrolho da *geniza*, o local onde tradicionalmente se guardavam os livros antigos nas sinagogas. A nossa era um poço, aí de três pés de largura por quatro de comprimento, aberto no pavimento na orla do tapete de orações. O conteúdo estava sempre a mudar: os livros levados para fora de Portugal depressa eram substituídos por outros descobertos por meu mestre e que ele logo comprava ou pedia.

Meu tio entrou na *geniza* para trazer o nosso trabalho. Quando voltou a subir, já eu estava a arranjar os meus pincéis e as cores. Colocando cuidadosamente o meu manuscrito no tampo ligeiramente inclinado da minha escrivaninha, passou-me a mão à roda da nuca enquanto me contava uma parábola que era também

uma sugestão sobre o modo de colorir a minha mais recente iluminura, um dos contos das famosas «Fábulas da Raposa». Quando tentei começar a interpretar as suas palavras, os seus lábios desataram a tremer e senti na pele a sua mão gelada.

– Que foi, meu tio? – perguntei.

Esfregou os olhos com ambas as mãos, como uma criança, respirou profundamente como que a tomar fôlego:

– Estás tão crescido – disse suavemente. – Já meu igual em tantas coisas. Se bem que noutras... – Abanou a cabeça, sorrindo melancolicamente. – Há tantas coisas que queria dizer-te... Beri, Deus poderá em breve pedir-nos que sigamos rumos diferentes. – Enfiou a mão na algibeira e sacou um rolo de pergaminho. – Peço-te que aceites este pequeno presente – disse, estendendo-mo.

O rolo desenrolou-se numa fita de pergaminho onde estavam gravados em hebraico ambos os nossos nomes em finas letras douradas.

– Foi Ester quem mo fez – continuou. Segurou-me pela nuca e, numa voz ansiosa, acrescentou: – Se alguma vez precisares de mim, onde quer que estejas, por mais longe que seja e por mais desesperadas que sejam as circunstâncias, envia-me esta fita que eu vou ter onde estiveres. – Pôs a outra mão na minha cabeça, fixando-me nos olhos com insistência. – E se, por qualquer razão, não me encontrares ao teu alcance na terra, segura-o nas mãos e reza que eu hei de fazer tudo para te aparecer.

Sentia-me tão tocado com tal mercê, com a generosidade de meu mestre, que a minha garganta parecia queimar como que em ânsias desesperadas. As lágrimas embaciavam-me a sala. Tive de engolir por diversas vezes antes de poder sussurrar:

– Mas nunca havemos de nos separar. Hei de sempre...

– Mais tarde ou mais cedo, os mais novos têm de se separar dos mais velhos – disse meu tio. – Hás de seguir o teu caminho e hás de depois voltar. Mas não há de haver nenhum demónio capaz de me travar se estiveres em perigo! – Retirou a mão da minha cabeça e acariciou-me no rosto. – Agora vá, temos de trabalhar.

– Mas não há nada que eu possa...?

Estendeu a mão e apontou para o meu manuscrito:

– Ai do mestre de Cabala que responda a todas as perguntas do seu aprendiz! Toca a trabalhar!

Momentos depois, quando avivava as patas de um cãozito na minha iluminura com pequenos toques de tinta negra, um berro

como vidro a partir-se cortou o ar.

– Corre! – gritou meu mestre.

Subi a escadas de um pulo. A cozinha estava vazia. De fora, vozes alteradas ressoavam contra os muros. Saltei do meu quarto para a loja, precipitei-me para a Rua da Sinagoga. Enquanto guardava o meu kipá, avistei tia Ester ajoelhada junto ao nosso amigo Diego, que gemia. De um corte no seu queixo barbudo o sangue corria para as mãos de minha tia.

Capítulo II

O impressor Diego foi o primeiro a contribuir para o rio de sangue que durante os dias que se seguiram haveria de nos conduzir à paisagem de um deserto apenas rodeado de mágoa. Mas por enquanto essa geografia de morte era ainda um segredo para nós.

Pela sua fronte corriam torrentes de suor e as faces estavam sujas das marcas da eterna poeira da cidade. O sangue do corte no queixo fluía pelo pescoço. Por entre ataques de tosse, procurava recuperar o fôlego.

– Andava a passear por aqui... só um passeio – disse ele em português. – Parei perto do rio, no Chafariz d’El-Rei a lavar as mãos.

Tia Ester desapertou-lhe a gola do gibão enodado e limpou-lhe o peito com um farrapo que rasgou da sua blusa. Reparei no traço escuro de uma cicatriz antiga que tinha no peito, por baixo da clavícula, que parecia ter sido escavada por algum bicho.

Em torno a nós, começaram a juntar-se vizinhos, a bisbilhotar entre si.

– Dois rapazes... – continuou Diego. – Começaram aos berros, que eu estava a envenenar o poço com essência de peste. Desataram a correr atrás de mim. Caí. Atiraram-me pedras. «Apanhem o rabino de rabicho! Apanhem o rabino...» Quem me salvou foi um homem moreno com um gorro azul. Era alto, forte...

No seu desespero, as últimas palavras procuravam o socorro do hebraico.

– Fala português – murmurei-lhe, enquanto o deitávamos no empedrado da rua.

O turbante de Diego tombou e reparei então pela primeira vez, por entre os tufos de cabelo que lhe cobriam as orelhas e que começavam a rarear e a ficar grisalhos, nos sinais que cobriam a

sua cabeça. Tinha-lhe caído um papel dobrado. Pensando que podia ser alguma mensagem, ou alguma fórmula de orações que o poderia incriminar como judeu praticante, apanhei-o e enfiei-o na grande bolsa que sempre trazia pendurada ao pescoço e que me servia como uma espécie de bernal. Judas encostava-se a mim, gelado de medo, e tive de o sacudir para que fosse chamar o doutor Montesinhos. Meu tio reuniu-se a nós e, depois de uma breve oração, disse:

– Vou lá dentro ver se posso arranjar algum remédio.

Ainda tentei manter fechado o lanho, com os dedos apertados em torno da ligadura improvisada de minha tia, mas o tecido depressa ficou tinto de sangue. Tia Ester foi a correr buscar água limpa, enquanto eu rasgava tiras da minha camisa para substituir as ligaduras. Meu tio chegou com Farid. Traziam extratos de consolda, bagas de loureiro, gerânio, goma e argila, goma-arábica e água sulfurosa. Mas apesar de todas estas substâncias adstringentes, o sangue não coagulava.

– É esta maldita barba! – resmungou meu tio. – Não consigo chegar à ferida. O doutor Montesinhos vai ter de te cortar a barba – disse ele para o ferido.

Diego, que pertencia à casta sacerdotal de Levi, ao ouvir isto, deu-nos um empurrão:

– Não o permitirei! – gritou em hebraico. – Tenho de ter barba. É proibido...

– Há levitas sem barba – observei, mas Diego limitou-se a gemer. Dirigindo-me a meu tio, sussurrei: – Um ataque em pleno dia. É mau sinal. Mais umas semanas de seca e...

– Como podes ter a certeza de que não foi planeado? – disse meu tio num tom irado.

Ia a perguntar o que queria dizer, mas uma sombra projetando-se sobre nós suspendeu as minhas palavras. Dois homens a cavalo conduzindo uma carruagem branca e dourada fitavam-nos do alto. Os capacetes prateados e as grevas cintilavam com os raios do sol. Pendões escarlates e verdes decorados com as armas do rei drapejavam na brisa seca.

– Que desordem vem a ser esta? – perguntou asperamente um deles.

Foi só nesse momento que reparei que meu mestre envergava ainda as suas vestes rituais, com um xaile azul e branco por cima dos ombros, o braço esquerdo envolvido nas fitas dos seus *tefelins*

e uma caixinha de orações em couro colocada na frente por cima do seu olho espiritual. Tal infração podia valer-lhe o exílio como escravo na África portuguesa. Através de gestos nas costas, fez sinal a Farid para o levar dali.

– Feriram este homem – disse eu.

– És cristão-novo?! – perguntou o cavaleiro.

O meu coração deu um salto, quase me forçando a negar. Pelo canto do olho, avistei Farid arrastando consigo meu tio através da multidão.

– Perguntei-te se eras cristão-novo! – repetiu o cavaleiro num tom ameaçador.

Atrás dele, a porta da carruagem abriu-se. Um silêncio cobriu a multidão. Vimos sair um homem magro, delicado, com uma túnica violeta e calças soladas de duas cores, preta e branca. A gola franzida de seda dourada parecia oferecer a sua face descarnada e maléfica como se fosse uma bandeja. Os seus olhos negros vigiavam a multidão como à procura de um inocente para o punir.

– Levamo-lo connosco. Deve haver um hospital perto dos Estaus – disse num castelhano imperioso, agitando a mão onde se viam dois anéis de cabuchão de esmeralda do tamanho de amêndoas.

O Palácio dos Estaus, uma construção torreada de pedra cintilante, servia de pousada aos nobres em visita oficial a Lisboa.

– Senhoria, o novo Hospital de Todos-os-Santos fica já ali no Rossio – disse eu. – A menos de cem jardas do vosso destino.

Diego tinha uma compleição de urso, com mais de seis pés de altura, e foi preciso um guarda e um dos cocheiros de ar mourisco para o conseguirem levantar. No interior da carruagem, face ao fidalgo castelhano, sentava-se uma dama jovem com uma trança arranjada em bico e um vestido de seda cor-de-rosa. Era loira, de tez clara e face redonda. Inclinou-se para Diego com uma expressão de genuína inquietação e o seu olhar inteligente fitou-me à procura de uma explicação.

– Assaltado por marinheiros estrangeiros – menti.

Impressionou-me o seu súbito olhar de surpresa, a impotência do seu desespero, e a familiaridade do seu rosto banuiu a noção de tempo, tal uma intuição penetrante – uma *shefa*, um influxo da graça de Deus. Semelhava um versículo da *Tora* que subitamente se tivesse despojado das suas roupagens e se nos revelasse num rasgo de nu entendimento.

Ao lado da jovem estava um mastim, vestido com uma indumentária de trovador azul e amarela. No fundo vermelho da carruagem repousava um cofre de prata. Mas só me apercebi destes últimos pormenores quando o castelhano ordenou ao cocheiro para seguir. Afastei-me a observar a cena, como muitas vezes faço para a imprimir vividamente no que meu tio chama a minha memória de *Tora*. Quando a porta se fechou, o fidalgo inclinou-se para mim através da janela e murmurou numa voz com cheiro a vinho:

– Não tenhas medo. O teu amigo não morre durante as festas. – E para os cocheiros gritou: – Toca a andar! Temos aqui um ferido!

No meu coração a curiosidade e a apreensão disputavam-se enquanto os cocheiros chicoteavam os cavalos. Quem seriam aqueles castelhanos? Saberiam que éramos judeus secretos?! Estaria o fidalgo a trocar de mim ou antes a revelar-me a sua afinidade? Por instantes, ainda vi uns dedos tão delicados como os de uma criança agarrados à janela da carruagem até ela desaparecer ao fundo da rua. Correram então uma cortina que silenciou as minhas questões.

Encontrei meu tio no pátio, a jogar xadrez com Farid. Tinha no regaço o xaile cuidadosamente dobrado, com os *tefelins* por cima.

– Antes que as minhas forças sejam dizimadas por este pagão, vamos ao hospital ver se Diego está a ser bem tratado – disse-me, mal me avistou. Farid, lendo-lhe os lábios, riu-se. Como queríamos vestir roupas para sair, dirigimo-nos a casa e, ao entrar na cozinha, perguntei-lhe porque dissera que o ataque a Diego podia ter sido planeado.

– O que é que vive durante séculos, mas que pode morrer ainda antes de nascer? – perguntou, à laia de resposta.

– Nada de enigmas, queria era que me respondesse – disse eu, rolando os olhos.

Ele franziu o sobrolho e dirigiu-se para o seu quarto.

Uma semana mais tarde descobri a resposta ao paradoxo de meu tio. Tivesse eu compreendido mais cedo, teria podido transformar em ouro o nosso destino de chumbo?

Escolhemos um caminho que bordejava o rio, pois a inconstância do vento atormentava-nos agora com o cheiro de uma das esterqueiras da cidade fora das muralhas. Os cemitérios estavam a abarrotar e ultimamente os escravos africanos que

morriam eram atirados para cima dos montes de esterco. Tudo o que os abutres e os lobos não conseguiam apanhar a tempo entrava em putrefação, o que, misturado aos excrementos, produzia um fedor de pesadelo que nos causticava a pele e os ossos como algum ácido desconhecido.

Ao passarmos na Porta do Chafariz dos Cavalos, aconteceu-me ao espírito o arrepio metálico que os portões da Judiaria Pequena provocavam quando encerravam os judeus durante a noite. Um brado vindo de cima fez-nos voltar. Do cimo dos degraus da Sinagoga, o nosso antigo rabino, Fernando Losa, fazia-nos sinal para esperarmos. Depois da sua conversão, tinha-se tornado um mercador de alfaia do culto cristão, sendo mesmo o fornecedor do bispo de Lisboa, maldito seja.

– Só nos faltava mais este – resmunguei. – Que terrível pecado estaremos a expiar?

Meu tio deu uma gargalhada. De repente ouviu-se uma mulher gritar «Aí vai água!» e encostámo-nos à parede enquanto uma chuva de porcaria se precipitava de uma janela do terceiro andar.

Losa reuniu-se a nós, a resfolegar, exibindo sobre os ombros estreitos uma bela capa escarlate bordada com uma gargantilha de pérolas. Magro, de nariz pontiagudo, com uns olhos cavados traçoeiros, uma calva brilhante e uma fenda torcida como boca, mais me parecia um títere sinistro que tivesse sido concebido para perseguir ratos nos subterrâneos. Quando era pequeno julgava que ele tinha garras em vez de dedos e nos meus sonhos silvava, nunca falava.

– Estas danadas vacas nojentas andam por todo o lado! – disse com um falso sotaque aristocrático.

Pelo menos são *casher* – observou o meu mestre.

O Rabino Losa fungou e disse:

– Este azar do impressor Diego é o que acontece quando se fala da Fonte convosco.

Esta alusão em código à Cabala mostrava que não ignorava que meu tio pretendia associar Diego ao seu círculo de iniciados.

Meu mestre curvou-se numa reverência e murmurou em hebraico:

– *Hakhsam mufla ve-rav rabanan*, sois um grande sábio e o rabi dos rabis. – Lançou-me um olhar para se assegurar de que eu tinha entendido o jogo de palavras: ao acentuar as letras *h*, *a*, *m* e *r* estava a insultar Losa, chamando-lhe burro em hebraico.

Meu tio voltou-se, para se ir embora, mas o rabi chamou-o:

– Esperai um pouco! – Lambeu os lábios como se saboreasse um molho suculento. – Vim para vos fazer uma advertência. Eurico Damas manda dizer que vos livres de pronunciar o nome dele, ainda que seja a dormir, ou vos esfrangalha e faz chouriços com os vossos restos. Será melhor não meter o nariz em assuntos privados, tiozinho!

Senti faltar-me o coração. Damas era um cristão-novo mercador de armas que recebera encomendas do rei graças às denúncias que fazia contra os seus semelhantes de antigamente. Duas semanas antes, meu tio tinha irrompido numa reunião secreta do tribunal judaico e exigido o julgamento dele por ter afogado um recém-nascido, filho de uma florista que tinha violado e com quem se recusara a casar. A investigação cessara havia uma semana, devido ao misterioso desaparecimento da própria florista. O nome de meu tio deveria ter sido mantido em segredo pelo tribunal rabínico, mas ao que parece alguém – provavelmente o próprio Losa – o revelara a Damas.

– É tudo o que tendes para me dizer? – perguntou o meu mestre.

– Espero que seja o bastante. Se não fosse a minha intervenção, teria vindo ele próprio.

– Muito obrigado, ó grande sábio, ó rabi dos rabis – respondeu meu tio com uma vénia zombeteira.

Losa encolheu o queixo como uma galinha, ficando a observar-nos com ar rancoroso mas conformado, como alguém que perdeu uma batalha mas que não deixa de prosseguir a guerra.

Apressando o passo em direção ao centro da cidade, para o hospital, o meu espírito devaneava em projetos para proteger meu tio de uma enfiada de demónios cabalísticos e de gigantes bíblicos. Provavelmente nunca hei de superar tais fantasias. E no entanto, ao atravessarmos o clamor do grande mercado de peixe e do porto de Lisboa, elas pareciam-me subitamente adequadas. Ao fim e ao cabo, meu tio tinha jurado proteger-me enquanto fosse moço, assumindo a minha orientação mística. Não implicaria isso uma promessa recíproca, de que antes eu não tinha tomado consciência?

O guarda do Hospital de Todos-os-Santos, a quem explicámos a nossa missão, informou-nos com orgulho que o fidalgo que trouxera Diego não era outro senão o conde de Almira. O nome

não me dizia nada, mas a minha atração pela sua companhia de viagem levou-me a registá-lo a ouro na minha memória de *Tora*. Uma monja ameninada conduziu-nos ao aposento onde se encontrava Diego, um sítio escuro e baixo, a tresandar a vinagre, âmbar e morte. Por cima de cada um dos doze catres pendia a imagem sangrenta do crucificado. Através das cortinas entreabertas de tecido amarelecido viam-se homens amarrados às camas por tiras de couro, espreitando com os olhos em alvo e sedentos de vida, envolvidos em ligaduras, fedendo a estrume. Das portadas parcialmente abertas avistava-se a Igreja dos Dominicanos do outro lado da praça.

Diego estava no último leito. Ao reconhecer os seus grandes olhos escuros e o turbante cor de açafrão, sorri de alegria e inquietação. Estava completamente diferente. O seu rosto barbeado parecia de mármore branco, com marcas de cortes aqui e ali. As papadas que antes se escondiam emprestavam à sua face um ar grave, cauteloso. Subitamente aparecia-nos como aquele género de pessoas amáveis sempre prestes a dar presentes, a amimar as crianças, mas que pagavam um preço por não cuidarem de si próprias – o género de pessoa que talvez ele tenha sido antes do exílio e do isolamento.

O corte no queixo tinha sido cauterizado e cosido. Quando nos avistou, começou a ofegar e sentou-se. Involuntariamente, voltou o rosto para a parede, como quem se prepara para morrer.

Meu tio deteve-se, enquanto os seus olhos penetrantes procuravam encontrar os de Diego. Empurrei-o ligeiramente e ele avançou para o amigo, dirigindo-lhe um sorriso encorajador. De onde nos encontrávamos, podíamos ver que estava a suar de febre. Rezei para que não fosse peste.

– Pareces melhor, o sangue deixou de correr – disse o meu mestre.

– Não deviam ter vindo ver-me nesta figura – disse Diego, voltando-se de novo para a parede e fechando os olhos.

– Podes começar a deixar crescer a barba outra vez, logo que o queixo tenha sarado – observei.

– Estou-lhes agradecido por terem vindo, mas agora peço-lhes que se vão – murmurou.

Meu tio fez-me um aceno para obedecer. Quando cheguei ao vestíbulo, ele estava sentado aos pés da cama de Diego. A conversa sussurrada entre os dois provocava em meu tio gestos

furiosos, agitados. Diego escondia os olhos entre as mãos e descaía tristemente a cabeça. Fui recitando orações enquanto esperava por meu tio, que ao chegar suspirava de desânimo.

– Uma situação nada boa. Diego tem de sofrer um bocado.

– Pelo que vejo, ainda bem que nem todos estamos sujeitos às restrições dos levitas – repliquei.

– Todos nós estamos sujeitos a influências externas. Ou nos acomodamos ou temos de viver no deserto como eremitas. E mesmo aí... – A voz de meu mestre decaiu, ao mesmo tempo que coçava a cabeça. – Vamos embora desta masmorra – disse. – Estou a ficar com comichões no corpo todo.

– Talvez uns manuscritos o animassem – disse eu. – Podíamos pedir emprestados aqueles tratados em latim que ele tanto ambicionava e...

– Nada de livros! – disse meu tio, levantando as mãos como a deter uma carruagem desenfreada.

No exterior, o ar quente do Rossio estremecia com um cantochão monótono: a procissão diária dos penitentes dirigia-se para os Paços da Ribeira. A luz do sol revelava no olhar abatido de meu tio que a sua alma tinha sido perturbada pelo desespero de Diego.

– A verdade não veio nua ao mundo, mas vestida com imagens e nomes. E a mentira? Que roupagens vestirá a mentira? – exclamou meu tio.

– As mesmas da verdade – disse eu. – Cabe-nos a nós distingui-las.

– Pois é – concordou numa voz seca. – E serão todos os crimes vistos por Deus?

– Quer dizer, se os moços que atacaram Diego serão punidos? – perguntei.

– Se assim quiseses.

Comecei a considerar a resposta que devia dar, quando meu tio me apertou a mão.

– Desculpa, prefiro não falar mais nisto. Vamos dar o passeio que tínhamos pensado.

– Mas não trouxe nada para desenhar – repliquei.

– Desenha as aves na tua memória de *Tora*, meu filho.

Passámos uma tarde agradável observando os nossos adorados grous. Era de nos cortar o fôlego ver aquelas criaturas tão grandes

e desajeitadas, tão brancas, romper do azul como se fossem penas. A brisa acariciava-nos com a delicadeza de pétalas e quando meu tio me disse que eram horas de voltar surpreendi-me ao me sentir tão alheio ao correr do tempo.

Quando chegámos a casa, Cinfa e tia Ester estavam na cozinha a preparar a *seder* da Páscoa e tinham espalhado por cima da nossa melhor toalha de mesa uma infinidade de grãos de arroz para a purificar. A casa rescendia com cheiros húmidos e densos; um borrego magnífico assava lentamente no espeto da lareira, largando uma gordura cheirosa que pingava com um cicio sobre as brasas. Pelo seu aroma delicioso adivinhei que tinha sido regado com a banha da gordura capitosa que a cauda das ovelhas contém, um segredo culinário que tia Ester tinha trazido da Pérsia.

– Que cheirinho divino! – disse eu.

– Oração de antes da refeição – zombou meu tio. E esgueirou-se para a cave.

Peguei no almofariz, pilão, maçãs, nozes, tâmaras e mel e fui para a loja; ia preparando o *haroset* entre dois fregueses.

Vendo que eu me ocupava da loja, minha mãe foi para a cozinha ajudar Cinfa e tia Ester. Não havia grande movimento até que me ocorreu a ideia de pendurar junto à porta as bananas que recentemente nos tinham chegado de África. Talvez fosse coincidência, mas de um momento para o outro a nossa loja encheu-se de um mundo de gente. Passei toda a tarde ocupado com as encomendas de última hora dos judeus que preparavam secretamente a *seder* da Páscoa. Quando as nuvens começaram a acender-se com a luz rósea e dourada que anunciava o pôr do Sol, estava exausto. Tranquei as portas, puxei as cortinas e deixei-me ficar sentado em oração silenciosa até que meu tio me chamou para a cozinha. Estava com um aspeto magnífico com as suas vestes brancas, o cabelo puxado para diante no seu penteado do *Shabat*.

– A Reza passou na loja, por acaso? – perguntou numa voz esperançada.

Minha prima Reza, a única filha ainda viva de meus tios, tinha-se casado recentemente e ia passar as festas com a família do marido.

– Não – respondi. – Era para passar? Pareceu-me que tinha dito que não tinha a certeza se podia vir cá hoje.

– Foi só por pensar que talvez... – Pegou-me na mão e foi com tristeza que continuou. – Já achei uma cara para o *Aman* da minha *Haggada*. Talvez o nosso trabalho comece a avançar mais agora.

Meu mestre andava a ilustrar uma *Haggada* para uma família de judeus ocultos de Barcelona e enfrentava grandes dificuldades para encontrar entre as pessoas que conhecia alguma que pudesse servir de modelo para a iluminura de *Aman*. Mas porque estaria triste? Seria a ausência de Reza? Antes que lho pudesse perguntar, começou a abençoar-me. Abracei-o e, pela primeira vez, que me lembre, ele deixou-se abandonar à minha afeição. Teria merecido da parte dele uma maior confiança nestes últimos dias? Subitamente possuído da sua força resoluto, como se tivesse bebido da minha energia e cuidados, beijou os meus lábios e agarrou-me pelos ombros.

– Estamos na Pessá! A festa da Páscoa da Passagem! – exclamou num murmúrio. Trocámos um sorriso exuberante.

Cinfa e Judas puseram a mesa. A travessa de cerâmica cor de açafão que o nosso vizinho Samir tinha feito para nós estava enfeitada com cilantro, alface, ovos assados e um osso de borrego grelhado, que tinham um valor simbólico nesta refeição. Com a aprovação de tia Ester, acrescentei uma colherada do meu *haroset*, representando a argamassa com que os israelitas, quando escravos, tinham construído túmulos, palácios e pirâmides no Egito. A nossa *matza* estava debaixo de um guardanapo de linho. O cálice de prata, que tradicionalmente se punha na mesa para Elias, presidia a uma ponta, junto do lugar de meu tio.

Como descrever esta primeira noite da Páscoa? As palavras e rostos tranquilos? A alegria estonteante? A tristeza pelos que nos tinham deixado? Ocupámos os nossos lugares unidos pela aura comum dos preparativos. Meu tio, como sempre, era o nosso guia no ritual. Mesmo sendo a Páscoa uma festa que tem o centro na recordação, uma rememoração da história de como Deus retirou os judeus da escravidão, possui também uma essência secreta. No interior do corpo da *Tora*, encolhida como uma fénix no ovo, esconde-se a história da jornada espiritual que todos nós podemos fazer, da escravidão para a bem-aventurança. A *Haggada* da Páscoa é um sino de ouro que ao repicar nos diz: «Lembra-te de que a Terra Prometida está dentro de ti!»

Foi portanto meu tio, no seu papel de nosso guia, quem abriu a

porta inicial, a mais sagrada, das festas, entoando uma bênção do primeiro dos quatro copos de vinho que, de acordo com a tradição, bebemos. «Na presença dos seres que nos são queridos e de todos os amigos, tendo perante nós os símbolos do júbilo, reunimo-nos para a nossa celebração sagrada», cantou meu tio em hebraico, erguendo a sua voz suave como um eco enternecido do apelo da trombeta com que costumava iniciar o ritual nos tempos em que não tínhamos os denunciadores cristãos. Depois de repetir os versos em português para que Judas, que ainda andava atrasado nas lições de hebraico, pudesse compreender, tio Abraão prosseguiu em vernáculo: «Com a família de Israel, os nossos anciãos e os nossos filhos, unindo o passado com o futuro, respondemos à chamada divina à prece. Revivendo a nossa história contada a todos os povos, cujo final brilhante está ainda por realizar, reunimo-nos para observar a Páscoa, como está escrito...»

As nossas vozes entrelaçaram-se para formar o tecido unido da resposta: «Deves guardar a Festa da *matza*, pois nesse mesmo dia Eu trouxe os teus pais do Egito. Deves observar este dia de geração em geração como uma prática para todos os tempos.»

Minha mãe acendeu na lareira uma candeia e pouco depois havia uma chama a dançar nos candelabros colocados a cada ponta da mesa. O passado e o presente ligavam-se. Éramos os israelitas à espera de Moisés no Sinai, assim como a mesa, vestida de branco, se tornara o nosso altar e a cozinha, o nosso templo no deserto.

Meu tio, ao mesmo tempo que ia distribuindo fatias fumegantes de borrego por cima das nossas *matzas*, ia comentando que cada letra do alfabeto hebraico é governada por um anjo e que são os anjos, reunidos pelas nossas palavras escritas e faladas, que realizam os prodígios que tanto maravilham o comum dos mortais.

As nossas orações e histórias possuíam indubitavelmente uma graça alada, essa noite. E no entanto como são frágeis os anjos. Bastou um momento para que a sua magia se dissipasse. Cinfa tinha ido abrir a porta do pátio a Elias, o profeta, cujo espírito, dizia-se, entrava em todas as casas durante a Páscoa. Com a lufada de ar fresco que irrompeu, chegaram até nós gritos roucos soando ao longe. Meu mestre deu um salto: os gritos eram em hebraico. De novo, ecoou um brado distante. Seguiu-se o silêncio.

– Que seria? – perguntou minha mãe.

Meu tio estava pálido.

– Nada – disse de modo ausente, como se possuído por uma visão. E durante o resto da refeição não pronunciou um único som, a não ser para encerrar a cerimónia. – Para o ano em Jerusalém. – Eram as palavras do eterno regresso com que sempre concluíamos, mas caíram vazias entre nós.

No dia seguinte, ao cantar do galo, um recado misteriosamente atirado para o nosso pátio respondia à pergunta de minha mãe. Em código novo-cristão rezava: «Dezasseis andorinhas não regressaram ao ninho na noite passada e foram apanhadas pelo faraó. O teu passarinho, Reza, contava-se entre elas.»

Como viemos a saber, minha prima Reza e todos os outros convivas da sua *seder* secreta tinham sido presos na noite anterior e levados para a cadeia da cidade. Alguém os terá denunciado. E meu tio? Será que o presenciou através de alguma janela mística ou terá simplesmente pressentido que alguma coisa de terrível se passava?

Vendo-me ler o recado essa manhã, minha mãe anunciou:

– Os tios foram à procura dos nobres cristãos-novos que servem na corte. Estão esperançados de que algum deles possa dar uma ajuda.

Estávamos no *Shabat*, o dia antes da segunda noite sagrada da Páscoa, e, como naquele tempo era profundamente devoto, resolvi contribuir para a rápida libertação de Reza entoando cânticos ao longo de toda a manhã e toda a tarde. Mas de nada valeu; pouco antes do crepúsculo, meus tios regressaram a casa cobertos de poeira e de desânimo.

– Um dos cortesãos judeus vai tentar intervir – disse meu tio sem convicção, coçando a cabeça furiosamente. – Os demais... vertem lágrimas e murmuram palavras falsas.

Na noite seguinte, Reza ainda continuava presa, e meu tio, completamente desfeito, veio ter comigo à cave e pela primeira vez mencionou a possibilidade de sair de Portugal.

– Se te pedisse para deixares para sempre este país, aceitavas? – perguntou.

– Aceitava, se tivesse de ser – respondi.

– Está bem. Mas a tua mãe... será que podia ir?

– Tem medo. Um inimigo que já conhecemos é mais fácil de

suportar do que um outro desconhecido.

– Certo. E se a tua mãe não partir, duvido de que Ester o faça. Ou Reza, agora que casou e que quer criar uma família. Oxalá conseguíssemos que ela voltasse para casa.

– É isso que o traz tão transtornado? Quer ir embora daqui? Mas se tivesse pedido que...

Meu tio fez um gesto a evitar as minhas perguntas e começou a entoar a oração da rainha Ester, versos que assumiam para nós um especial significado, pois também ela se vira forçada a esconder o seu judaísmo. «Ajudai aquele que não tem outra ajuda senão o Senhor. Pois tomarei a minha vida nas minhas mãos...»

As mãos de meu tio tinham-se cerrado num punho convulso e os lábios tremiam-lhe. Erguendo-me num pulo, poisei as mãos nos seus ombros. Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas. «Pobre tio», pensei. «Portugal está a arrastá-lo até aos limites da sua resistência física.»

– Os judeus da corte hão de conseguir a libertação de Reza – disse eu. – Nessa altura, se quiser, havemos de pensar em ir embora daqui. Haveremos de arranjar maneira de os convencermos a todos. Mas agora tem de descansar. Vá, vamos para cima. Pode apoiar-se em mim até sairmos do deserto.

– Vamos ficar aqui – disse ele. – Faz-me esse favor. Anda comigo até ao tapete de orações. Aquele ambiente ajuda-me – disse ele, ao mesmo tempo que acenava a aceitar o meu apoio.

Ficámos sentados em silêncio, enquanto limpava os olhos com a manga das suas vestes. Pondo a mão na minha cabeça, murmurou numa voz quebrantada:

– Onde tens a fita de pergaminho que te dei, com os nossos nomes?

– Trago-a ao peito, para maior segurança.

– Está bem. – Sorriu meigamente. – Faz-me bem saber que a trazes contigo.

– Oiça, meu tio, o que quer que seja que... – disse, agarrando-lhe o braço.

Impôs-me silêncio, pondo-me a mão na fronte.

– És um herdeiro condigno – disse. – Apesar de poder ter ralhado contigo, nunca lamentei o ter-te tomado como aprendiz. Nunca. Quando tiveres vivido mais e posto mais em atos as tuas orações, hás de tornar-te um grande artista de iluminuras. Teu pai uma vez disse-me: «No coração do meu Beri mora um leão da

Cabala.» E assim é. É certo que é uma bênção trazer em ti um tal leão. Mas um animal feroz, ainda que nascido da Cabala, pode por vezes tornar-se incómodo. Ouve pois atentamente. Até agora, não havia motivo para preocupações, pois tens levado uma vida de estudo. Mas, quando saíres para o mundo, quando as tuas ações na Esfera Terrena tomarem o lugar a que têm direito ao lado da oração, podes ter de enfrentar algumas dificuldades. Nunca hás de ser capaz de usar máscaras como nós. Cada vez que tentares enfiar uma, hás de ouvir o rugido do leão dentro de ti. É por isso que sentias aquele desespero tão grande na altura da conversão. Foi por isso, talvez, que Deus te premiou com uma visão. A vida não te será fácil. Talvez venhas a ter de viver apartado dos demais. Ou que suportar os seus juízos comezinhos. Mas não desistas e abraça-te ao leão dentro de ti. Compreendes o que te digo? – E, tendo eu acenado que sim, continuou: – Então basta de palavreado. Ai do guia espiritual que contribui para encher de orgulho o seu aprendiz! Estamos a ser atraídos por todos os lados e se queremos sobreviver temos de trabalhar muito. Isso é mais importante do que o talento natural ou a inclinação. O teu leão precisa de trabalhar!

Sentámo-nos à escrivania e, enquanto desenhava *Aman* e Mardoqueu, começou a analisar-me com um olhar enternecido. Senti que percorria carinhosamente a minha figura como para se lembrar de que, apesar do cativo de Reza, havia ainda algo de bom e de belo no mundo.

No dia seguinte, domingo, momentos depois de os sinos da Sé terem soado as nonas, ouviu-se bater na porta que dava para os aposentos de minha mãe. Ela bradou por mim. Saí a correr da cave, empunhando absurdamente um pincel de arminho. Deparei no quarto com um escravo negro, belo como a noite. Usava um casaco de seda azul fina e calças soladas amarelas. Segurava uma mensagem selada com uma cera vermelha espessa.

– Da parte de Dom João – disse num português hesitante, referindo-se a um dos judeus da corte a quem tínhamos recorrido a pedir ajuda.

Tia Ester apareceu a correr, tendo imediatamente compreendido. Fez-me sinal para aceitar a mensagem e, cobrindo a boca com as mãos enclavinadas, começou a murmurar em persa. Peguei no recado e abri-o. «Seduzimos o faraó com ouro.

As andorinhas estarão em casa antes do cair da noite», rezava o texto.

Enquanto eu insistia com o escravo para levar algumas passas que tinham sobrado das minhas entregas de fruta dessa manhã, tia Ester saiu a anunciar as novas a meu tio. Quando entrei na cozinha encontrei-os abraçados.

– Muito gostava de lá estar quando ela saísse da cadeia – dizia meu mestre.

– Vou aquecer um bocado de borrego para ela – disse tia Ester, acariciando-o no rosto. De repente, fitando-o, apontou-lhe um dedo ameaçador. – Mas assim que chegares a casa, vais dormir!

Meu tio cerrou os olhos e assentiu como um rapazinho. Voltando-se para mim, disse-me:

– Beri, queria que me fizesses dois recados. – Tirou um manuscrito da algibeira e estendeu-mo. – Primeiro, entregar este «Livro de Salmos». Sabes onde vive o fidalgo que o encomendou? – Acenei afirmativamente e ele prosseguiu: – Meti no meio um recado. – Fixou-me com um olhar grave. – Só o entregas ao dono da casa. Só a ele! E vê que ele o leia diante de ti. – Prosseguindo num tom mais ligeiro, acrescentou: – Depois passa pelo Sansão Tijolo e traz algum vinho *casher*. – Passou-me um rolo atado com uma fita vermelha. – Esta carta é para ele.

Sáímos juntos de casa, meu tio e eu, mas ele virou para norte, em direção à cadeia, ao passo que eu rumava para ocidente. Demos um beijo. Nada mais. Tivesse eu adivinhado que depois dos acontecimentos que se iriam seguir não mais poderia sentir estar a viver num mundo sob o olhar de Deus, e nenhum homem ou demónio me haveria de impedir de agarrar meu tio e lhe implorar que usasse todos os seus poderes para mudar o futuro. Teria ele podido, com alguma mistura de pós e poções, criar um destino diferente para nós? Como receio bater à minha porta interior e ouvir a resposta!

Para começar fui entregar o «Livro de Salmos», mas não o fiz porque o dono da casa não estava. Depois, ao sair de Lisboa para comprar o vinho, Deus abençoou-me com a ideia de comprar, para a nossa celebração, alheiras, que eram um enchido que tinha sido inventado na época da conversão forçada para salvar os nossos pescoços e as regras da dieta judaica. Embora semelhantes no gosto e na forma aos enchidos de carne de porco, eram feitas com pão, especiarias e carne fumada de perdiz, codorniz ou

galinha.

Deixei a cidade pela Porta de Sant’Ana e, passadas duas horas, a julgar pela altura do sol, estava a bater à porta da quinta de Sansão Tijolo. Como ninguém respondia, dei a volta até à porta da adega. Estava aberta. Entrei e peguei num barrilito de vinho. Não tendo nem tinta nem pena para escrever, limitei-me a deixar o dinheiro em cima da mesa perto da porta. À guisa de sinais, deixei um pouco de *matza* que trazia na algibeira – Sansão iria entender que era eu quem tinha passado e levado o vinho.

Eram umas boas cinco milhas até Lisboa e no caminho de regresso com o meu fardo não demorei muito a ficar todo sujo de suor e poeira. Por duas vezes, antes de chegar à cidade, deitei-me a repousar debaixo das oliveiras tremulantes, aproveitando a sombra que o entardecer alongava. Ao chegar a um pinhal, cerca de meia milha da Porta de Sant’Ana, tirei os sapatos para sentir os picos da caruma seca nos pés. No meu bernal, quando procurava um bocado de *matza* para trincar, voltou-me às mãos o recado que tinha caído do turbante de Diego. Desenrolava-se em forma de Estrela de David e tinha escrito: «Isaac, Madre, vigésimo nono de Nisan.» Estávamos então no vigésimo quarto.

Nesse momento, a mensagem não me chamou a atenção.

Pelos meus cálculos, seria a quarta hora depois do meio-dia quando avistei de novo os muros de Lisboa. Teria passado uma hora das nonas, pois enquanto caminhava tinha ouvido os sinos das igrejas das aldeias vizinhas chamar os fiéis para as orações. Ao entrar na cidade, chegou-me um cheiro penetrante, enfumado. Um vago murmúrio como de uma multidão numa arena distante. Estranho: as casas de portadas cerradas, as lojas fechadas, como se fosse já noite. Em meu redor as ruas estavam todas desertas, cobertas pelas sombras do entardecer. Fui avançando, sentindo os pés na calçada. Ao passar as muralhas de granito do castelo mourisco, dois moços jornaleiros correram para mim brandindo foices. Ia correr, mas apercebi-me de que seria inútil. Um deles encostou a lâmina curva ao meu pescoço. Na mão segurava pelos cabelos a cabeça decapitada de uma mulher, gotejante de sangue. Não a reconheci.

– És marrano? – perguntou, para saber se eu era um judeu convertido. O seu olho direito de um branco leitoso, esbugalhado, refletia o meu medo com um brilho maldoso. – Porque desta vez vamos dar cabo de todos os marranos!

O meu coração batia desesperadamente numa prece pela vida. Abanei a cabeça e estendi-lhe a minha sacola.

– Olha!

Passou-a ao seu comparsa barbudo que, espreitando para dentro e farejando-a, rosnou «Chouriços!» e devolveu-ma.

Enquanto eu agradecia a Deus, o cegueta baixou a foice e perguntou:

– Isso é vinho?

Acenei que sim e ele tirou-mo das mãos. A minha respiração tornou-se ansiosa e hesitante.

– Aquele fumo... onde é?

– Uma pira sagrada no Rossio. Os dominicanos querem fazer chegar até Deus um sinal com as chamas da carne dos judeus.

O temor pelo destino do meu povo a apertar-me as entranhas impediu-me de fazer mais perguntas. Os dois homens beberam até fartar e depois fecharam o batoque. Eu não podia desviar os olhos da cabeça da mulher. Os olhos não pareciam sem vida. Que via neles, então? O alheamento deste mundo? Ao pegar no barril que me estendiam, percorreu-me o peito um calafrio como se provocado por um espírito fugitivo. O barbudo levantou a cabeça decapitada, lambendo-lhe as faces como se saboreasse o suor de uma amante. Puxando a corda que lhe segurava as calças, expôs as suas imundas partes sem circuncisão. Com os dedos cheios de porcaria mantinha aberta a boca enegrecida da mulher, segurando-a à altura da cintura. E começou a fazer algo de inenarrável. O outro observava-o, ao mesmo tempo que comprimia contra si a mão espalmada. Eu não ousava fechar os olhos, mas virei a cara. Quando cessaram os seus grunhidos, voltou a apertar as calças e exclamou:

– Vê lá por onde andas. Há quem confunda as pessoas com judeus!

Quando se foram, agachei-me debaixo de um toldo. O meu estonteamento foi diminuindo. Uns goles de vinho dissiparam um pouco o gosto repulsivo, ácido, que sentia na boca. Andariam à caça de todos os antigos judeus?

Desatei a correr pelas escadarias e becos de Alfama abaixo até à Rua de São Pedro. A cancela do pátio estava arrancada, no meio da rua, toda dobrada e torcida. O nosso burro tinha fugido. A porta da cozinha escancarada. Precipitei-me para dentro de casa, que parecia um cenário de uma debandada. O silêncio

avolumava-se à volta do meu olhar. Da lareira adormecida mais não restava do que o borralho; na mesa repousavam duas taças. Junto a uma delas, via-se uma *matza* partida ao meio. O alçapão da cave continuava tapado pelo habitual tapete esfarrapado.

– Tio! Mãe! – gritei. Estupefacto, confuso, subi ao meu quarto para encontrar uma cena de camas pisadas e armários pilhados. Espreitando para a loja, deparei com as barricadas derrubadas. As azeitonas derramadas formavam um tapete verde e preto que saía pela porta fora até à Rua da Sinagoga.

O quarto de minha mãe estava vazio, intocado. Passando a mão pelo talismã de pergaminho em forma de águia que ela guardava junto à almofada, pensei: «Na cave. Devem estar todos escondidos na cave.»

Puxei o tapete de cima do alçapão devagarinho, para não romper o cordão que permitia voltar a pô-lo no sítio lá de dentro. Depois, enfiando-me pela abertura, desci as escadas até ao patamar. A porta da cave estava trancada.

– Sou eu – gritei junto da linha escura entre a porta e o umbral. – Tio, abram! – Silêncio. Bati à porta. – Sou eu – bradei. – Mãe, ou quem aí estiver... sou eu! – Quando olhei para cima, para a cozinha silenciosa, as minhas pernas começaram a tremer sob o peso da ansiedade. Desatei a bater desesperadamente à porta, a gritar. Não houve resposta.

Estava certo de que nada podia ter acontecido a meu tio, homem de prodígios, o mestre da Cabala capaz de tocar fugas com a *Tora* e o *Talmud* e o *Zohar*. Ninguém poderia matar um tal conhecedor do místico com armas fabricadas pelo homem. Mas quanto a Judas e Cinfa... E se eles estivessem lá dentro, tão aterrorizados que não fossem capazes de gritar? Ou estaria a cave vazia? Teriam fugido? Talvez o meu mestre tivesse um modo secreto de trancar a porta do lado de fora. Para proteger os livros. Era isso, de certeza!

Seria uma premonição? Ou mero raciocínio? Senti-me abalado por um tremor ao me ocorrer a possibilidade de que algo de horrível pudesse ter acontecido a meu tio. Fincado na *menora* de mosaico, atirei-me à porta num repente, tentando arrombá-la com quantas forças tinha, até que a tranqueta metálica saltou da madeira.

Entrei.

Um cheiro intenso, acre, de alfazema e excrementos, invadiu-

me as narinas. O meu olhar fixava estarecido dois corpos nus cobertos de sangue. Meu tio e uma moça. Jaziam a curta distância um do outro, ela de lado, ele de costas. As suas mãos quase se tocavam. Como se os seus dedos entrelaçados se tivessem separado ao mergulharem no sono.

Capítulo III

Assim que os avistei, o ar faltou-me de repente e todo o meu corpo recuou. Precipitei-me pelas escadas abaixo para aquela caverna tépida rodeada de ruídos abafados e de luz vacilante, respirando ao ritmo da oscilação das paredes. Ali estava meu tio, nu. Um véu de sangue envolvia-lhe o peito. A moça a seu lado, também sem nada que a cobrisse, estava igualmente ensopada em sangue.

O fedor nauseabundo que me envolvia parecia humedecer-me os olhos. Gemendo, ajoelhado junto a meu mestre, peguei-lhe no pulso, esperando ainda uma palpitação, mas em resposta nada mais havia do que um frígido silêncio.

Os arruaceiros cristãos tinham-no roubado à vida!

O meu olhar passava de um corpo ao outro, como se observasse alguma escrita desconhecida. Teriam eles dormido carnalmente? Quem seria ela?

Traços acastanhados riscavam o pescoço e o torso de ambos. Agachei-me junto à cabeça de meu tio. No pescoço notavam-se duas pontas de pele arrancada de um talho ainda húmido de sangue.

«Que alguém me acuda», pensei. «Meu Deus, por favor, ajudai-me.»

Um terror gélido percorreu-me as tripas, fixando-se contra o peito, quando tomei consciência de que estava só, de que nunca mais teria comigo o meu mestre. Senti subir dentro de mim uma onda de náusea e vomitei em cima das lousas do pavimento até sentir um líquido acre pingar do nariz.

Como aconchego, cruzei os braços sobre os ombros. «Não tocar em nada», pensei. «Pelo menos até que tudo se imprima na minha memória de *Tora* como se fosse uma cena bíblica. Não posso esmorecer!»

Havia manchas vermelhas no tapete de orações, embebido na

seiva vital que eles tinham vertido.

Mas a porta estava firmemente trancada. Como teria saído o assassino?

Ou estaria ainda cá dentro?

Pus-me em pé de um salto, peguei no meu punhal. Segurando-o diante de mim como uma candeia no escuro, voltei às escadas e seguidamente girei em redor. Sentia as pernas trementes com o silêncio da ansiedade.

Mas os azulejos das paredes e os ilhós das janelas, os bancos e as escrivaninhas devolviam o meu olhar sem o mais pequeno estremecimento de emoção. A sala estava vazia, como se fosse oca, como a caixa do peito de um animal a quem o coração tivesse subitamente deixado de bater.

A imagem de meu tio dando-me a fita de pergaminho gravada com os nossos nomes veio-me ao espírito envolvida pelo silêncio que se segue aos cânticos de inverno. «Vê-se que ele devia saber que o Anjo da Morte se aproximava», pensei. «Por isso me avisou de que estava próxima a nossa separação.»

De costas contra a parede da cave que dá para sul, encostei-me firmemente, sentindo a imensidão da minha perda, sem despregar os olhos dos dois corpos.

Hoje, passados que são vinte e quatro anos, todos os pormenores continuam a ser tão nítidos para mim como as primeiras linhas do Génesis.

Meu mestre jazia estendido de costas, a cabeça ligeiramente voltada para a esquerda numa atitude solene e repousada. A moça estava deitada sobre o lado esquerdo, separada dele à distância de um braço.

Meu tio ficava com os pés no centro do tapete circular, a cabeça tocando quase a orla. Os olhos abertos, mais escuros e vítreos do que em vida, fixavam o vácuo; tinha sangue espalhado nas faces e nos tufos de cabelo prateado acima da orelha esquerda. O braço esquerdo caído para o lado, a palma da mão voltada para cima, os dedos curvados. O braço direito, todavia, parecia esticado em direção à moça, os dedos a duas escassas polegadas da mão estendida dela.

Mas se, momentos antes da morte, tivesse procurado tocá-la para de algum modo a confortar, não deveria então ter a cabeça e o corpo voltados para o lado direito para assim alcançar mais longe?

Concluí que já devia estar morto quando ficou nesta posição e imaginei um frade dominicano encapuzado segurando-o por trás, despindo-o, talhando-lhe a garganta e ele caindo-lhe aos pés, o sangue salpicando-lhe o peito. Seguidamente, por qualquer oculta razão, deixando descer o corpo devagar, até com respeito, para o depositar no chão. O braço direito teria acidentalmente ficado estendido para a moça. Ou teria sido posto nessa posição para criar a aparência de ele estar a tentar suavizar-lhe a agonia. E porquê? Seriam os homens que lhe roubaram a vida artistas da morte?

As ancas de meu tio estavam sujas de excrementos que, misturados com sangue, ainda que não pisados, manchavam também as franjas do tapete de orações junto do vaso do *Shabat*, de murta e alfazema.

O cheiro fétido que pairava na sala era um atroz casamento entre as flores e a putrefação.

A moça não teria mais do que vinte anos. Era magra e pálida, de fraca figura. Os cabelos castanhos compridos estavam empastados com crostas de sangue. Teria uns cinco pés de altura, seios pequenos e firmes, brancos de mármore e igualmente raiados de sangue.

Era tão raro poder contemplar o corpo de uma mulher desembaraçado de roupagens que o efeito que me causavam as suas formas graciosas e sombras profundas mais contribuía para me distanciar do presente. Meio entorpecido e ainda incrédulo, fixava-a como que esquecido de todo o meu passado.

As coxas e os artelhos estavam sujos de excrementos. Tal como meu tio, também ela apresentava as mesmas duas pontas de pele arrancadas de um corte comprido na garganta, mas parecia ter sido tratada com menos cuidado e, assim que a lâmina lhe libertara a alma do seu envoltório, devem tê-la atirado para o chão como *tref*. Caíra de modo pesado e repentino, batendo com o nariz numa das plantas de alfazema; junto à sua cabeça via-se um dos vasos partido e havia terra e cacos de barro espalhados até às escadas. Tinha o nariz partido, grotescamente torcido para o lado e com crostas de sangue. Deitada sobre o lado esquerdo, tinha a cabeça enfiada na axila, como se fosse a tapar os olhos. Estendia o braço esquerdo em direção a meu tio; o direito parecia deslocado, desajeitadamente atrás das costas. As pernas estavam ligeiramente encolhidas, como quem procura refugiar-se no sono

protetor da infância.

Dei por mim a fixar uma fiada de pisaduras em torno do seu pescoço, algumas delas umas duas polegadas acima do golpe onde o sangue já formara crostas. Assemelhavam-se a nódoas provocadas por um fio de pérolas e, a princípio, sem qualquer motivo, cheguei mesmo a pensar que tinham sido causadas por algum colar de atavio.

Reparei então em meu tio, que exibia as mesmas nódoas escuras. As pisaduras rodeavam-lhe o pescoço pouco acima da maçã de Adão.

Tê-los-ão estrangulado com uma corda com nós?

Aninhei-me junto da moça, pegando-lhe na mão esquerda. Estava gelada, mas não rígida ainda. Trazia no indicador uma aliança de casamento de fios de ouro entrançados. Retirei-lha e enfiei-a na minha bolsa.

– Oxalá o marido esteja ainda vivo para a poder guardar – murmurei.

Foi o som da minha própria voz que subitamente rompeu as trevas da minha incredulidade inicial: o meu sobressalto tornou-se audível ao compreender que lhes tinham cortado as gargantas exatamente abaixo do anel da traqueia, tal um *shohet* ao matar um animal segundo o ritual dos talhantes judeus.

Teria algum cristão-novo traíçoeiro guiado os seguidores do Nazareno até ao meu tio e logo cortado a sua garganta? Imaginei um frade dominicano a amotinar a multidão para penetrar na cave, o meu mestre dominado e atirado para as mãos de um mercenário judeu como um cordeiro para um sacrifício.

Dentro de mim ecoava o nome de Eurico Damas, o comerciante de armas. Ainda há pouco, o Rabi Losa nos tinha transmitido as suas ameaças de morte contra meu tio: «Livrai-vos de murmurar o seu nome, a dormir que seja...»

Terá Damas recebido dos dominicanos uma bolsa de soberanos de ouro para revelar os esconderijos dos membros mais considerados da nossa comunidade? Terá ele inscrito o nome de Abraão Zarco no topo da sua lista?

Mas poderia Damas ter matado como um *shohet*?

O meu olhar foi atraído pelas escadas. A luz escorrendo do alto fazia brilhar os azulejos que enfeitavam a parede a ocidente, revelando-me o desenho de uma estrela de doze pontas que parecia esconder um segredo. Estrelas. Luz. Desenhos. Segredos.

Anos de aprendizagem da *Tora* e do *Talmud* tinham-me adestrado a perceber quando o meu espírito se desviava do caminho do raciocínio, fosse ele grego ou judeu, e o meu espírito procurava agora um desenho nos azulejos que o pudesse reconduzir. Fixando as volutas brilhantes de azul, branco e dourado, comecei a murmurar a palavra «azulejo» até o seu significado se desvanecer, até nada mais existir senão os meus olhos fixos na superfície luzidia. Graças à libertação que tal vazio proporciona, foi como uma revelação que me fez cair de joelhos quando compreendi que meu tio não podia ter sido roubado à vida por arruaceiros cristãos: o alçapão estava fechado, o velho tapete persa estava no sítio. Embriagados como estariam pelo sangue judeu que ainda lhes aqueceria as mãos, teriam debandado daqui destruindo tudo que estivesse à vista. A nossa cave haveria de parecer um matadouro!

Olhei em redor certificando-me de que a sala não tinha sido pisada por pés cristãos. As escrivaninhas e o armário do material pareciam intactos. De todos os móveis, apenas o espelho acima da escrivaninha de meu tio exibia uma mancha de sangue. Do topo da moldura descia um fio de sangue acastanhado através da superfície côncava.

Teria o assassino segurado com a mão manchada de sangue a moldura do espelho para mirar a sua imagem distorcida? Ou seria verdade a lenda do Espelho que Sangra?

De todo o modo, nenhum cristão aí penetrara; tinham sido ludibriados na sua busca pela entrada secreta do alçapão.

«E tão-pouco aqui entraram talhantes judeus», concluí interiormente. Nenhum deles conhecia a existência da nossa entrada secreta. Nem Eurico Damas poderia ter conhecimento dela. Ou então o alçapão teria ficado aberto. Seria possível que meu tio fosse descuidado a tal ponto?

Coloquei a palma da mão sobre o seu peito, como à procura de uma resposta. Um ténue resíduo de calor paralisou a minha respiração. Examinando-o para ver se teria outros ferimentos, apenas descobri uma ferida escurecida no ombro esquerdo, com um ligeiro inchaço em torno. Sentia nos dedos a sua pele inteiriçada, como couro, mas retendo ainda um terrível traço da ligeireza da vida.

Não me era difícil calcular que não decorrera muito tempo desde a sua morte, talvez pouco antes que fossem passadas quatro

horas do meio-dia. E que teria havido uma curta contenda.

Agarrei a sua mão direita, a da bênção e da iluminação, para observar os poros e as linhas, como para decifrar a escrita de um pergaminho antigo. Subitamente, pela primeira vez na vida, pude sentir a presença de Deus a abandonar o meu corpo. Rezei para que o véu de sangue que cobria meu tio não passasse de um sonho. contei até cinco, o número de livros da *Tora*, e voltei a olhar... O ar jorrou-me da garganta como se um punho se tivesse fechado. Não conseguia olhar para meu tio. E comecei a soluçar: soluços pungentes, profundos, intermináveis.

Quanto tempo chorei? O tempo deixa de contar com a tensão de tais emoções.

Assim que a bênção do silêncio de novo caiu sobre mim, sentei-me e fiquei ali a balançar-me de trás para diante. Lembrei-me de um gaiato surdo e cego que uma vez vira na rua a balançar-se desta arte. Compreendia agora porque o fazia: o desamparo e a solidão podem tornar-se tão grandes, tão fora de quaisquer limites, que o nosso corpo pode ser levado a buscar consolo na graça do seu próprio movimento.

Tornando a mim, surpreendi-me segurando na mão um caco do vaso quebrado. Sentei-me ao lado do peito de meu mestre. Rasguei a minha camisa e comecei a limpar o sangue da sua máscara contorcida. Os meus lábios invocavam o seu nome como num encantamento. Reparei no seu xaile ensanguentado enrolado junto a uma das plantas de murta e cobri os ombros com ele. Como uma recordação. De quê, não o poderia dizer. Sentado, de peito nu, a tiritar, ia limpando com a minha camisa os seus dedos da mão direita. Retirei-lhe o anel de sinete; a coroa de Deus tinha apreendido o brilho esmeralda do interior dos olhos de meu mestre e eu queria comigo aquela luz para sempre.

Depois de ter murmurado um *kadish* por ele e outro pela moça, peguei-lhe na mão esquerda para a começar a limpar. Reparei numa linha presa na unha do polegar. Erguendo-a à altura dos olhos, vi que era de seda negra. Um nome pairou hesitante à borda dos meus ouvidos, desenhado pelo sussurro dos meus lábios: Simão Eanes, o importador de tecidos.

Era um amigo nosso, que meu tio resgatara à Inquisição uns anos atrás em Sevilha, e que era membro do grupo de iniciados. As suas mãos surgiam perante mim, apertadas numas luvas de seda negra que minha mãe tinha feito com os restos de um tecido

de Dona Meneses para proteger dos calos as suas mãos delicadas. Tinha só a perna esquerda – a direita tinha-lhe sido amputada na juventude – e caminhava pesadamente apoiado em muletas de pau.

Viria aquela linha das suas luvas?

Como membro do grupo, conhecia obviamente a existência da cave e a localização do alçapão. Mas será que um homem só com uma perna teria a força e o equilíbrio necessários para matar como um *shohet*?

Enfiei o fio na bolsa e examinei as unhas de meu mestre à procura de vestígios de pele ou de cabelos. Nada. Ao examinar a face, reparei que nos seus lábios os capilares se tinham rompido e formavam uma teia irregular. Limpei-lhe as pálpebras fechadas, escuras, manifestamente feridas.

O sentir o xale ensanguentado de meu mestre sobre os ombros fez com que o meu olhar percorresse as nossas escrivatinhas, o lugar das nossas ocupações terrenas. As chinelas e a túnica branca estavam no chão. Dirigindo-me para aí, reparei que uma das chinelas estava virada. A outra estava a uma distância de uns bons quatro pés. Tudo indicava que tinham sido atiradas de longe, descuidadamente.

Todas as suas roupas estavam profundamente tintas de sangue: tinham-no matado com elas vestidas e só depois desnudado.

Pus-me às voltas pela cave à procura de outras peças de roupa, detendo-me apenas por momentos diante do meu reflexo atrofiado no Espelho de Sangue. Como parecia feio e desprezível – uma criatura de traços engelhados e olhos viperinos, com o cabelo emaranhado como uma Górgona.

Não encontrei em toda a cave nada que pertencesse à moça. Nem uma blusa, nem um lenço, nem uma simples fita.

Uma possibilidade cruamente iluminada pela vergonha obrigou-me a fechar os olhos. Ultimamente meu tio andava profundamente perturbado por razões que nunca explicou muito bem. E se aquela moça estivesse na origem dos seus cuidados? Se fosse uma amante que tivesse vindo informá-lo de que seria aquele o último dos seus encontros secretos? Ou estivesse grávida e lhe apresentasse um ultimato: deixa a tua mulher ou conto-lhe quem é o pai da criança!

Poderia meu tio tê-la despido lá em cima, conduzindo-a depois para a cave, pôr o ferrolho na porta, matá-la e matar-se ele

próprio em seguida? Mas aquele talho na garganta... Poderia alguém infligir-se um corte daqueles? Seria meu tio capaz de tirar a vida a uma criatura que trouxesse no peito uma centelha de Deus?

E onde estava a faca?! Tê-la-ia feito desaparecer com algumas palavras mágicas?

Contendo a respiração, passei as mãos à procura debaixo dos corpos. Mas não havia nada, a não ser a sensação desagradável do peso gélido dos mortos à espera de serem enterrados.

Não consegui encontrar a faca em parte nenhuma. O que descobri é que nas gavetas do fundo do armário do material as tampas das nossas caixas de ébano tinham sido forçadas. A nossa magra fortuna em folhas de ouro e lápis-lazúli tinha desaparecido – o assassino, ou qualquer ladrão, tinha simplesmente ignorado as coisas de menor valia e tinha ido diretamente aos nossos materiais mais preciosos.

O que contava, porém, não era tanto o que o assassino tinha levado, mas sim o ele saber precisamente onde podia encontrar os nossos tesouros. O número de pessoas que conheciam o segredo do nosso armário de materiais podia contar-se pelos dedos da mão: a nossa família, Farid e Samir, e os membros do círculo de iniciados.

O assassino tinha de ser um deles.

Os nomes dos quatro membros do grupo de meu tio soavam aos meus ouvidos como se lidos por um arauto de um decreto real:

Simão Eanes, o importador de tecidos que também fazia iluminuras em manuscritos.

Frei Carlos, a pessoa a quem tínhamos confiado a educação cristã de Judas. Não tinha ele discutido com meu tio acerca de um manuscrito de Salomão Ben Gabirol que o padre se recusava a ceder?

Diego Gonçalves, o impressor e devoto levita que dias antes, na manhã de sexta-feira, tinha sido apedrejado por uns rapazes.

Sansão Tijolo, o vigoroso taberneiro, onde eu tinha ido de manhã para comprar vinho *casher*. Com o nome de Sansão a ressoar no interior, lembrei-me com amargura da nota que meu tio lhe tinha enviado e amaldiçoei-me em voz alta por não a ter lido.

Ao fixar os desenhos dos azulejos da parede do lado oriental, apercebi-me pela primeira vez dos poderes de disfarce com que

era dotado o homem que queria levar à justiça, e compreendi que nos tinha enganado a todos com a máscara da amizade. Para o apanhar teria de saber tudo o que se tinha passado naquela cave.

Cuidadosamente, com os movimentos cautelosos de um louva-a-deus, comecei a gatinhar pela cave, registrando a cena no espírito, polegada a polegada, como se passasse os dedos por um texto inédito da *Tora*.

Deparei então com uma conta com restos de sangue, escondida atrás da perna de uma das escrivatinhas. Era escura, decorada com finos anéis em serpentina. Quando a apanhei, pensei num rosário ou num terço passado em torno do pescoço de meu tio. Seria de Frei Carlos?

Enfiei a conta na minha bolsa.

Um dos dois ornatos de couro que enfeitavam a parede a ocidente tinha a franja de baixo suja com espessas marcas de sangue. O assassino terá certamente dobrado o couro em torno da lâmina, puxando seguidamente a faca com força para limpar o gume.

Havia marcas de sandálias sujas de sangue de um lado para o outro entre a parede ocidental, o tapete de orações e as escadas, mas que não subiam. O assassino tinha-se sentido acossado, procurado uma saída e então simplesmente desaparecido. Quantas pessoas tinham deixado pegadas? As de meu tio e da moça eram facilmente visíveis no tapete de orações. Ao que me parecia, o assassino usava sandálias e tinha os pés uma polegada mais compridos e mais largos do que os de meu tio. Bem poderiam pertencer a Diego ou a Sansão: ambos tinham pés de Golias.

Ou teria havido mais do que um assassino? As marcas na superfície rugosa do tapete não eram muito nítidas, e nas lajes negras do pavimento seria impossível distinguir as pegadas de duas ou mesmo três pessoas se fossem semelhantes na forma e no tamanho.

O importador de tecidos Simão... voltei a pensar nele. Mesmo alguém só com uma perna poderia matar como um *shohet* se usasse a surpresa como uma arma contra um cabalista entoando cânticos. Mas nesse caso haveria apenas pegadas do pé esquerdo e ali havia claramente pelo menos duas marcas de sandálias do pé direito que não pertenciam a meu tio. Portanto, se Simão estava envolvido, teria havido também um cúmplice.

Mas estava a ir longe de mais. A linha poderia ter sido ali deixada para comprometer Simão e a conta poderia muito facilmente ter sido deixada por uma mão astuta que quisesse lançar a luz pálida da dúvida sobre Frei Carlos. Mesmo as pegadas podiam ter sido fingidas.

Inclinado sobre meu tio, peguei-lhe na mão para atentar na unha do polegar. Obedecendo aos mandamentos, estava esmeradamente polida, a não ser a ínfima fenda com sangue seco onde a linha tinha ficado presa. Não era portanto de pensar que ali tivesse sido colocada por um dos iniciados que quisesse comprometer Simão? Sem pensar no que fazia, levantei a mão e levei-a aos lábios, para receber pela última vez a bênção de meu tio. Puxando-o para mim, comecei a beijar-lhe o rosto e os lábios.

Estava coberto de sangue, tingido de sangue, como uma iluminura que ganhasse vida. Quando fechei os olhos, senti-me varrido para o chão pelo vento frio de um pressentimento. O suor perlava-me a fronte. Todos os pelos do corpo se tinham eriçado. Do meu peito escapou-se um grito, abrindo alguma porta interior por onde a visão entrou:

Estava rodeado por uma paisagem árida de montes pedregosos. O poente lançava sombras irregulares sobre ravinas e encostas, dando à cena a pura claridade da *Tora*. Ao longe, a oriente do horizonte, erguia-se uma luz branca que se aproximava. Continuando a subir no céu, refulgia, como num código secreto, e pareceu-me que devia trazer-me uma mensagem. Eu permanecia em pé, numa atitude de oração, enquanto em torno de mim se começou a ouvir um sussurro. Semelhava à respiração de uma criatura invisível, ou do próprio ar. De repente dessa luz branca brotaram asas e foi-se desenhando a forma de um íbis grande e luminoso. Era como se o pigmento da sua plumagem branca tivesse sido destilado pela própria lua. Esticando os pés negros em frente de si, desceu num voo picado até junto de mim, correndo um pouco para recuperar o equilíbrio, fechou as asas e depois enfiou o bico recurvado no peito para tufar as penas. Tinha o tamanho de um homem. Erguendo-se soberano diante de mim, era como se os seus olhos prateados fossem de mercúrio líquido e possuíssem a energia espiritual de Moisés. Abrindo e fechando o bico, dirigiu-se-me com a voz de meu tio: «Volta-te!» Obedeci e descobri então que estava na margem de um lençol de água, aí com uma milha de extensão, e que a estranha respiração que

ouvia em torno a mim era simplesmente o ruído das ondas a quebrarem e a enrolarem-se. Na margem oposta, dezenas de milhares de homens, formando filas como formigas, subiam a correr as encostas das colinas que se viam ao longe. «Agora vira-te outra vez para mim!», disse o íbis. Obedeci de novo. «Como já suspeitavas, este ano chegaste tarde para o Êxodo, e deixaram-te ficar. Agora, se quiseses atravessar, vais ter de voar; já não podes esperar que Moisés volte.» Quando repliquei «Mas eu não tenho asas!», o íbis disse: «Um cabalista não precisa de asas para voar, basta-lhe a vontade.» A maneira como pronunciou a palavra «vontade» era propositadamente ambígua e podia também entender-se «bondade». Disse então: «Volta-te para sul.» Ao mesmo tempo que o fazia, a paisagem ficou suspensa no tempo. O cheiro de velino pairava a toda a volta e vi então que o mar, as colinas e o próprio íbis não passavam de figuras pintadas na iluminura de uma *Haggada*. Eu estava num painel que representava o Êxodo, numa praia egípcia. Tinham-me deixado ficar para trás com o faraó.

Fui chamado ao presente pelos gritos que se ouviam na rua. «Agora compreendo», pensei. «A premonição que tive há dois dias, ao ver os penitentes, era precursora desta visão.» Desde sexta-feira que Deus tem procurado acesso a mim para me revelar o que agora vi. Quão desatento andei, quando tão necessário me seria!» O problema agora era o de saber se eu teria a vontade e a bondade para guiar a minha família em segurança até à Terra Prometida.

Subitamente, movido por um instinto físico de medo, a minha mão parecia ansiar a concisa evidência do punhal, sacando-o da minha bolsa. Judas e Cinfa... Mãe, tia Ester... As minhas mãos cerravam-se num punho em torno destes nomes. A urgência de os encontrar cresceu dentro de mim com tal intensidade que cada hausto de ar parecia pular-me dentro dos pulmões.

Precipitando-me para as escadas, tirei da bolsa o «Livro de Salmos» que meu tio me pedira para entregar; aquele peso irritava-me muito para além do seu significado. Ocorreu-me então um pensamento que me fez encostar à parede: o recado que meu tio tinha escrito para o fidalgo e metido dentro do livro! Não estaria aí a resposta a grande parte das minhas dúvidas?

Encontrei-o entre a capa e a primeira página do manuscrito. Em pé, nas escadas da cave, possuído por um sentimento de temor,

rasguei o selo de lacre:

«Estimado e venerado Dom Miguel,

Aí tendes diante de vós o vosso “Livro de Salmos” e o meu sobrinho Berequias. Pergunto-vos: serão assim tão diferentes? Ambos são belos. Ambos transportam mundos dignos de ser celebrados.

Se tendes dúvidas, reparai nos olhos de meu sobrinho. Seríeis capaz de condenar à morte um olhar tão bom e inteligente?

Disse-vos uma vez que há criaturas criadas à imagem de Deus que não têm pés, apenas páginas. Depois calei-me, para não ter de vos fazer perguntas que vos poderiam assustar. Mas o desespero empurra-me a pena ao longo desta página e desta vez não posso calar tais questões.

Podereis estar certo de que um livro não respira? Podereis estar certo de que não se reproduz? Se não neste baixo mundo de disfarces, talvez pelo menos na Esfera Celeste?

Podereis sequer estar certo de que os anjos não são livros dotados de forma por Deus?

Não será a própria *Tora* o corpo de Deus?

Deixai-me dizer-vos um nome: *Metraton*.

Repeti interiormente este nome. Dizei-o cento e sessenta e nove vezes, se o ousais.

Será que o anjo *Metraton* registará ainda as vossas boas obras ou deixará que o seu olhar passe o vosso nome?

Sois um naufrago acuado numa ilha. E eu um barco que vos atira uma corda. Não sendo a corda que esperáveis nem eu o salvador que queríeis, ficareis a lamentar o vosso fado e a deplorar o vosso desapontamento até que eu levante ferro e vos abandone? Ou compreendereis que nenhum de nós recebe nesta vida exatamente aquilo que quereria? Não vos contentareis com o que Deus vos der? Ao fim e ao cabo, uma corda lançada por um judeu de um barco capaz de atravessar o mar Vermelho na Páscoa não é nada para desprezar!

Podereis mesmo concluir que viajar vos agrada.

Reparai na aliança que sempre vos acompanha, se ainda tendes dúvidas. Que Deus vos abençoe, qualquer que seja a vossa decisão.

Abraão Zarco

Post scriptum: Estava a ver se agora me iríeis dizer que os doutores cristãos poderiam restituir a minha mulher, a minha querida Ester, a sua virgindade!»

Foi como se dentro de mim uma porta se abrisse, assim que acabei a carta. Miguel Ribeiro, o reputado fidalgo cristão, deveria também ser um judeu secreto! Que outra coisa poderia querer dizer meu tio com «a aliança que sempre vos acompanha», a não ser o sinal da circuncisão?

Tudo indicava que meu tio teria feito a Dom Miguel um pedido difícil de satisfazer e que ele recusara. A não ser assim, meu mestre não teria feito referência a *Metatron*, o anjo talmúdico que regista as boas obras de Israel. Quanto à sugestão de repetir o nome do anjo cento e sessenta e nove vezes, era bem característica de meu tio. Era o número de vezes que o verbo *zakhar*, lembrar, nas suas variadas formas, aparece no Antigo Testamento. Sempre que meu tio pretendia que alguém pouco experimentado em filosofia compreendesse uma passagem difícil da *Tora*, dava-lhe uma frase sagrada desse versículo para que a repetisse esse número de vezes. Lentamente, através de canais cabalísticos, o entendimento começaria a surgir no seu espírito.

Que o pedido de meu tio a Dom Miguel tinha alguma coisa a ver com livros, parecia-me certo. Seria a solicitar-lhe uma contribuição para a compra de algum manuscrito recentemente descoberto? Teria ele descoberto algum livro tão especial, tão valioso, que a cobiça começara a surgir no seio do grupo de iniciados? Seria essa a relação entre o recado e os mestres da Cabala?

Ao retomar a subida das escadas, sentia pela primeira vez que estava a caminhar por uma vereda que me conduzia à verdade. Havia um iniciado envolvido! Talvez com alguém exterior ao grupo. Mataram meu tio pelo manuscrito valiosíssimo que ele encontrara, algo tão valioso, com tais poderes mágicos, que era capaz de transformar em ferro o coração de ouro de um dos amigos de meu tio. Ao chegar ao topo das escadas, relanceei os olhos pelo corpo de meu mestre e da moça. Ambos jazendo sobre o tapete. Inclinação um para o outro como... O pensamento de que pudesse realmente haver trato entre eles assaltou o meu espírito e a dúvida acrescentou uma enorme profundidade ao abismo de morte que me separava de meu tio. Tê-lo-ia conhecido

verdadeiramente ou será que apenas o vislumbrei através de uma máscara?

De repente, ouviu-se um grito de mulher vindo da Rua da Sinagoga. Num sussurro disse adeus aos corpos ao fundo das escadas, como se me despedisse de crianças adormecidas. Na cozinha, chegavam-me as vozes dispersas de uma multidão na rua perto do quarto de minha mãe. Espreitando para fora, avistei um miúdo franzino, descalço, o cabelo castanho como um esfregão, colhendo limões do nosso limoeiro. Saindo da porta, lancei-lhe num sibilo: «Já fora daqui!» Atabalhoado, voltou-se e saiu disparado pela cancela. Fui espreitar por cima da parede para ver se o via, mas recolhi-me imediatamente; à minha direita, descendo a Rua da Sinagoga em direção ao rio, apinhava-se uma centena ou mais de aldeões em filas irregulares, empunhando foices e enxadas, alviões e espadas. O bater do meu coração balançava-me de um lado para o outro. Sentei-me por uns instantes até me passar a vertigem e depois precipitei-me para o telheiro à procura de pregos e de um martelo.

Lancei-me ao trabalho com a energia do desespero e preguei o alçapão ao caixilho onde encaixava e voltei a pôr o tapete esburacado por cima, sempre com o pensamento de que «não podia permitir que ninguém profanasse os corpos». Subi ao meu quarto para mudar de roupa; apesar de o baú ter sido pilhado, ainda encontrei uma camisa esfiapada de linho e umas calças que ficaram no fundo. As roupas impregnadas da seiva vital de meu tio foram parar ao fundo malcheiroso do poço do quintal.

Antes de sair para a rua, passei pela casa de Farid. Como ele era surdo, era escusado pôr-me aos berros para que aparecesse; por isso, em voz baixa, chamei Samir, o pai dele. Mas deparei apenas com o silêncio dos azulejos e da pedra. Espreitei na cozinha e nos quartos. A casa tinha sido saqueada, o tear feito em pedaços, e não havia sinais de nenhum deles. Deviam ter fugido, mas para me certificar bati com o pé no chão três vezes, depois uma, depois mais quatro vezes, formando assim o pi, o número mágico egípcio, que eu e Farid usávamos como sinal nos momentos de perigo. Se ali estivesse, haveria de sentir as batidas na sola dos pés.

Mas não houve resposta.

Voltando ao pátio, fui seguido pela nossa gata, *Roseta*, com as duas cerejas que minha mãe lhe tinha pendurado ao pescoço a

balançar descompassadamente. Arqueando o dorso numa espreguiçadela voluptuosa, começou a ronronar esfregando a sua pelagem cinzeia nas minhas pernas. Enxotei-a com o pé e dirigi-me à cancela. Ao sair para a Rua de São Pedro, reparei que o céu a ocidente, sobre o centro da cidade, estava coberto de fumo. Apertei na mão o punhal, pensando na minha família. Mas, em vez de prosseguir, fiquei a olhar para a casa de dois andares do outro lado do largo vazio por trás do arco de São Pedro. Os aposentos de Frei Carlos ficavam no andar de cima, mas as portadas estavam firmemente fechadas. Sendo ele um membro do grupo de iniciados, estaria também implicado na morte de meu tio? Ou seria possível que a minha família se estivesse escondendo em casa dele?

Precipitei-me para a escadaria da casa, saltando três degraus de cada vez, para encontrar a porta fechada. Chamei por ele.

– Abra – dizia eu. – Comigo estará mais seguro. Diga-me só se Judas está aí consigo. Com os diabos, responda-me!

Nada. No meu coração insinuou-se o pecado de desejar que alguém estivesse morto para que não pudesse ser responsável de ter matado.

De novo no exterior, no largo sinistramente vazio, ouvindo os gritos vindos da beira-rio, os meus pés começaram a conduzir-me para as proximidades da nuvem de fumo que subia do centro de Lisboa. Como a casca de um ser vivo, fui-me deixando arrastar, a minha sombra alongando-se atrás de mim como se os meus passos deixassem um rasto.

Junto à Sé, passou por mim um grupo de mulheres como se fugissem de alguma invasão, mas nenhuma delas fez nada para me deter ou me avisar. Seriam andorinhas a fugir do faraó? Não reparei nos rostos e, apesar de tudo o que os bispos possam dizer, o ruído que faz um judeu a fugir à morte não é diferente do de um cristão.

No exterior da igreja da Madalena estava um grupo de rapazes empunhando enxadas e alviões. Acabei por dar por mim na Rua Nova de El-Rei, junto à Igreja da Misericórdia. A loja de Simão, o importador de tecidos, ficava a uns escassos cinquenta passos dali. Quando para lá me dirigia a toda a pressa, quatro homens trajando como mercadores, que conversavam à porta do outro lado da rua, olharam para mim, mas não esboçaram nenhum movimento em minha direção. Mais adiante, um grupo de

vagabundos dava pontapés num cesto de um lado para outro, como se fosse uma pela de couro.

Como explicar o efeito de ver todas as portadas da rua cerradas, as varandas vazias, as ruas sem carruagens? «Deve ser este o aspeto de uma cidade exposta a uma invasão a partir de dentro», pensei. «Uma cidade sem futuro.» Parecia que me tornara um espectro. Cogitava se o meu punho faria algum ruído ao bater à porta da loja de Simão. Fez, claro. Por cima da minha cabeça, ouvi as portadas abrirem-se. Um homem de barbas com um chapéu azul de abas largas espreitou para baixo. Era Mestre João, o senhorio de Simão, cristão-velho.

– Para lá com essa batidela! – gritou ele.

– Não sei se se lembra de mim... o sobrinho de Mestre Abraão Zarco. Vim ver se Simão Eanes cá estava. Preciso de lhe falar. Ele está?

– Chegaste umas horas atrasado. Os dominicanos vieram buscá-lo. Abriram-lhe a barriga e depois arrastaram-no para... – Acenou com a mão em direção à coluna de fumo acima do Rossio. – Agora segue o teu caminho. Se tivesses algum juízo ias mas era esconder-te!

– Então ele está morto.

– Tu não tens olhos, tolo? Não vês o fumo? É ele! Sai-me da frente, seu cão marrano, antes que os dominicanos te venham buscar também! – E bateu as portadas.

Enquanto me afastava, os nomes dos restantes iniciados soavam dentro de mim num sussurro, como se me citassem para algum deserto bíblico: o taberneiro Sansão, o impressor Diego e Frei Carlos. Antes de mais nada, iria procurar Sansão. Rana, a sua mulher, era uma velha amiga da nossa vizinhança e não seria capaz de me esconder a verdade. Se o marido tivesse voltado a casa ensopado no sangue de meu tio, os olhos dela haveriam de trair o segredo.

O Rossio abria-se como uma ferida infetada inçada de enxames de pessoas vociferantes. Apinhavam-se em volta de carruagens enfeitadas, giravam pelas grandes arcadas do Hospital de Todos-os-Santos, debruçavam-se em risadas das varandas e dos beirais das janelas. As gaivotas descreviam grandes círculos no céu, soltando gritos agudos. Um maltrapilho dançava, fazendo com que o pus das suas pústulas cheias de crostas lhe escorresse para

os pés. «Mordido por uma tarântula», gritou-me uma velha de pele curtida. «Não pode parar, nem sequer para aquilo!» E riu-se até se engasgar com um furioso acesso de tosse.

Acima das cabeças da multidão, viam-se subir colunas de fumo espesso em frente da Igreja dos Dominicanos. Foi o calor da emoção que me fez avançar. Voltar atrás nessa altura seria como fugir de Deus em pessoa. Ou do Demónio no momento em que ataca. E só os santos possuem esse poder.

De repente avistei Mestre Salomão, o ourives, na orla da multidão. Tinha as mãos amarradas atrás das costas por um gigante corpulento, com a musculatura lustrosa de um ferreiro. O cabelo e o pescoço do ourives estavam sujos de fezes. As pernas tremiam-lhe quando me fez um esgar de reconhecimento. O seu olhar dardejante implorava-me que fugisse dali. Imaginei a sua voz: «Foge, Berequias, antes que seja tarde!» Depois empurraram-no para diante e foi engolido pela multidão.

Enfie-me entre as pessoas para o seguir e fui arrastado para o centro por uma corrente inesperada. Sentia-me invadido pelo temor de ir encontrar a minha família no meio da turba. E, apesar disso, sentia-me despojado de forças por um calor próximo do desejo no amor. Continuando a avançar, incessantemente como quem cai dos braços de um sonho, atingi finalmente uma clareira. Uma pira. Chamas crepitantes. Gavinhas de fogo laranja e verdes desenrolando-se em direção ao telhado da igreja. No campanário, um frade dominicano com uma grande papada empunhava uma espada com uma cabeça decepada na ponta e exortava a população com uma voz irosa:

– Morte aos heréticos! Matai esses judeus do demónio! Que a justiça do Senhor caia sobre eles! Fazei-os pagar pelos crimes contra as crianças cristãs! Fazei-os...

O fogo causava um calor infernal, alimentado pela massa dos corpos dos judeus que lhe tinham sido lançados. Completamente entorpecido, não conseguia desviar os olhos, até que reconheci Necim Farol, o intérprete e prestamista, que parecia espreitar para mim através de uma janela de labaredas. Tinha a cabeça carbonizada e uns olhos brancos de peixe. Perante esta visão insuportável, baixei o olhar, mas junto aos meus pés deparei com a cabeça de Moisés Almal, o cordoeiro, repousando como um busto de João Baptista no meio de uma bandeja líquida vermelho-viva. A toda a volta da pira havia poças de sangue de onde

emergiam corpos mutilados.

Não sei quanto tempo se teria passado, pois tal cena desafia toda a memória, até ver a cabeça de Almal ser levantada e levada por um vulto barbudo que passou fugindo. Quando desatei a seguir a sua louca correria através da multidão, avistei um homem sem camisa, suando como um mineiro, que começou à machadada ao corpo de uma velha estendido no chão. Primeiro decepou-lhe a mão esquerda, depois a direita. Reparei no anel: a água-marinha da senhora Rosamonte, uma nossa vizinha idosa que me oferecia sempre limões. O homem do machado estava tão entregue à alegria de matar que nem reparou na joia. Ria-se e gritava: «As cinzas dos judeus devem dar um bom adubo para as nossas terras!» Ouviram-se aplausos quando ele atirou as mãos para o meio da multidão. Corri a apanhá-las. Um marinheiro do Norte, pálido e cheio de borbulhas, tinha posto na cabeça a mão do anel e dançava, cantando uma cantiga de bêbados numa linguagem que parecia jorrar-lhe das tripas. Quando o fitei, parou de gingar. Atirei-lhe aos pés as moedas que trazia e aponte para o seu troféu. Fez um sinal de assentimento, cuspiu algumas palavras guturais e, como se visasse as gaivotas, atirou ao ar a mão, que caiu salpicando de sangue a calçada. Apanhei-a e enfiei-a na minha bolsa. Fui atraído pelos brados que da escadaria da Igreja dos Dominicanos me chegavam numa voz de juízo final: «Morte aos heréticos! Matai-os todos hoje!»

Era um frade atarracado, com olhos de coruja, envolvido nos seus trajos amaldiçoados. Agitava face à multidão uma imagem sangrenta do Nazareno, que empunhava como se fosse algum escudo heráldico. Salomão, o ourives, jazia na calçada ao fundo da escadaria, de costas, esvaindo-se em sangue como um cão ferido. Fios de sangue riscavam a sua túnica branca. Quando me ia a aproximar, ouvi-o gritar o meu nome, uma vez, claramente. Dois homens ensopados em suor e sangue praguejavam e, armados de pranchas de madeira formando a cruz nazarena e cravejadas de pregos, batiam em Salomão. Salomão, capaz de moldar folhas de ouro em murmúrios de Deus. Salomão, que beijou os meus lábios e soluçou de emoção ao ver as iluminuras do «Livro de Ester» que eu tinha feito para ele. Salomão, que...

Que fera tarefa, a desta matança. A cada golpe, jorros de vida irrompiam do ourives como de fontes avistadas do céu. A carne dilacerada das suas mãos perfuradas estendia-se a implorar que

parassem. Brados. Gritos em hebraico chamando por El-Rei Dom Manuel. Depois por Abraão, Moisés. Deus. «Mandai-os parar! Meu Deus! Fazei com que parem!» Até que foi sufocado pelo sangue que lhe brotava da boca.

– Vamos rapar o judeu antes de ele morrer! – gritou um dos homens. Tirando da pira um ramo em fogo, chegou-o às barbas de Salomão. Os olhos do martirizado ourives escancararam-se de dor, olhando furiosamente em torno à procura de socorro. Como um dardo que me fendesse o espírito, ocorreu-me um pensamento herético: «É uma falha de Deus o não podermos retirar tal sofrimento a outro ser humano e torná-lo nosso.»

Um colosso disforme com uma cruz pintada a vermelho na testa, empunhando um machado ferrugento, saltou de repente para a frente bradando por misericórdia e chuva. Descrevendo com o machado um grande círculo acima da sua cabeça, atirou-o, despedaçando o pescoço de Salomão com a lâmina grosseira. Pedacos de vida foram projetados até ao sítio onde me encontrava, e o seu corpo atormentado tombou como se fosse um boneco, com o pescoço esvaindo-se em sangue como vinho novo jorrando de um tonel.

Quando dei por mim, havia vários cristãos com os olhos cravados em mim. Era uma loucura, mas no meio do meu terror tinha começado involuntariamente a murmurar orações em hebraico! De repente senti-me agarrado por uma mão e puxado para trás. Sacudiram-me violentamente. Um rosto conhecido. David Moisés? Fugimos ao longo de uma muralha de braços estendidos com a leve rapidez dos pesadelos. Corremos através de uma floresta de movimento. Passámos esquinas. Subimos escadarias. Descemos becos sombrios. Entrámos numa casa. Franqueámos uma porta fechada, até à segurança da escuridão. Senti uma mão a tapar-me a boca. Senti uma respiração ofegante junto ao meu rosto. Uma voz conhecida sussurrou o meu nome: «Caluda, Beri!»

Era David Moisés, o nosso antigo *hazam*.

– Mestre David, também viu Salomão, o ourives? – perguntei.

– Vi muitos dos nossos – replicou.

– Mas Salomão... Viu...

Chegavam-nos gritos da rua: «Lá em baixo no rio! Vamos! Tragam a carroça!» Mestre David tapou-me a boca com a mão. Agachámo-nos. A nossa respiração foi-se acalmando ao mesmo

ritmo.

– Viu a minha família? Minha mãe, Judas...

– Não. Mas podiam estar noutro sítio.

– Tenho de voltar... talvez tenham conseguido chegar a casa. Tenho de os encontrar e...

– Ouve – disse ele, agarrando-me pelo colarinho. – A única maneira de os encontrares é continuares vivo. Tens de sair daqui.

– Como é que isto tudo começou? Quem é que teve a culpa disto?

– Foi na Igreja dos Dominicanos. Um crucifixo com um buraco escavado e tapado com um espelho. Os frades puseram por trás uma candeia acesa e começaram a dizer a todos que a luz era um sinal do Nazareno, um milagre. Há cerca de uma hora, um cristão-novo, o alfaiate Jacob Chaveirol, estava a...

– O filho dele, Menni, andava na escola comigo. É muito bom na *Tora* e faz maravilhas. Tem uma loja ali...

– É mas é um idiota! Começou a dizer que era muito melhor que Cristo nos desse chuva em vez de lume!

– E depois?

– E depois mataram-no à pancada. Abriram-lhe a barriga e arrancaram-lhe o... Dois padres apelaram aos fiéis para que matassem os judeus. Mataram Isaac, o irmão dele. Fizeram-no em pedaços. A cabeça que está no campanário é a dele. Os marinheiros do Norte deram dinheiro para se fazer uma pira de lenha. E daí a pouco... daí a pouco... – David não conseguia articular as palavras.

– E o rei, porque não vem ele defender-nos? Tinham-nos dado vinte anos para...

– Dom Manuel? – Mestre David suspirou. – Talvez não seja estúpido, mas é um fraco. Sabe que, se mandar tropas em nosso auxílio, a multidão há de pedir a sua cabeça. O povo odeia-o quase tanto como aos judeus. Vai esperar que os motins se acalmem e depois voltar a tomar conta da cidade. – Ficámos abraçados em silêncio. Não conseguia falar-lhe de meu tio; era como se as minhas revelações fossem uma confirmação de que nunca mais voltaria para junto de mim. E não podia confiar em nenhum cristão-novo até saber mais sobre a morte de meu tio. Perguntei-lhe:

– Sabe alguma coisa da sorte de Frei Carlos ou de Diego, o impressor? – Acenou negativamente, e acrescentei: – E do

taberneiro Sansão?

– Nada – replicou.

Os meus olhos começaram a habituar-se às trevas. Estávamos numa escada em espiral. Por cima de nós, espalhava-se uma luz ténue filtrada por uma frágil portada coberta por uma grade. De repente, reparei num rosto que nos observava através do poço formado pela escada. Estiquei-me e agarrei uma perna. Com a mão abafei um grito. Era uma rapariga. Debatia-se, mas com a força do meu medo acumulado consegui segurá-la.

– Quieta, que não te faças mal – disse eu.

Ainda me resistiu mais uns momentos, mas depois o medo passou-lhe. O sopro dela aquecia-me a mão.

– Maldita! – praguejou num murmúrio o *hazam*.

– Não podemos ficar aqui – disse eu. – Estamos muito perto do Rossio. Vá andando, que eu vou ter consigo fora da Porta de Sant’Ana. Depois do mosteiro, no topo da colina em frente, há um grande carvalho isolado. Encontramo-nos lá. Eu aguento-a calada até se afastar. – Começava a distinguir mais claramente o meu amigo. Com os puxões, o xaile ritual via-se através da capa rasgada. – E, por amor de Deus, tire-me esse seu *tallit*.

– Mas... e tu? – inquietou-se ele.

– Já me salvou uma vez. Agora deixe o resto por minha conta. Já percebi o que se está a passar e vou-me escapar daqui. Mas livre-se desse xaile.

– Não posso – disse ele, voltando a tapá-lo com o mantelote.

– E ainda acha que o alfaiate Jacob era louco! Pronto, encontramo-nos fora de Sant’Ana. Então vá.

Mestre David deteve-se como se fosse dizer alguma coisa; depois apertou-me o braço e desapareceu porta fora.

O poder e o medo produzem um matiz de emoções diferente de todos os demais; com a rapariga agarrada, sentia o meu corpo como se fosse prata, um refletor, sem quaisquer restrições.

– Largo-te já – disse eu.

Sentia-lhe o bafo quente. Quando abri as mãos, ela endireitou-se e voltou a meter os meus dedos na boca. Sentia a sua língua palpar na palma da minha mão como uma prece apaixonada, traçando linhas de desejo nos meus dedos. Os dedos dela insinuaram-se até às minhas partes íntimas, cingindo-as com a ligeira pressão da curiosidade. As nossas respirações ofegantes entrelaçadas ditavam o ritmo às nossas línguas que dançavam

unidas. Que desgraçados lunáticos éramos os dois, em tais gozos no vão de uma escada com um motim lá fora.

– Lá em cima! – sussurrou, pegando-me na mão.

Terá o corpo uma vida própria independente do espírito? Como pude deixar-me levar por ela depois de ter visto meu tio? Ou será que a paixão tem um poder de sarar que nos recusamos a admitir? Segui-a até um quarto mergulhado na penumbra de uma cortina corrida. A fechadura da porta deu um estalido como uma mola nos sonhos. Afastei-me dela ao vislumbrar as raias de luz da janela. Dali podia ver que nos encontrávamos numa rua lateral, a uns cinquenta passos do Rossio, já na Mouraria. A gritaria chegava até nós como que filtrada por um tecido espesso. De repente, senti um baque no coração; perante mim estava a cabeça flamejante de Mestre Salomão. Mas os olhos eram os de meu tio – vazios, frios, fixando o vácuo. Tanta morte! Tanto sangue! As mãos da rapariga afagavam-me as costas. Voltei-me à procura da sua boca, mas ela baixou-se e começou a acariciar o meu desejo com um calor húmido, contorcendo-se num ansiar impetuoso, encerrando-me numa sombra devorante sem forma e toda sôfrega, gemendo desesperadamente quando a puxei para mim e fiz redemoinhar o seu cabelo sobre o meu peito e lhe lambi as pétalas das orelhas. Como se montasse os contornos da própria escuridão, agarrei-a pelos ombros e afaguei o desejo aceso dos seus seios, penetrando mais firmemente e mais longe na quente e húmida escuridão, até a sentir suspirar como num choro, e eu explodi, como quem cai numa caverna sem fundo.

Assim que acabou de tirar tudo de mim com o desvairo da ponta da sua língua palpitante, pôs-se a acariciar-me o rosto. «Vou-me lavar», ouvi-a sussurrar como uma brisa. A porta abriu-se, enquanto eu permanecia deitado. Ouvi os passos precipitados pelas escadas abaixo. «Um marrano!», gritou. «Está um judeu no meu quarto!»

Apertei o cordão das calças e abri a cortina. Avistei-a em baixo, na rua, junto de uma carruagem, rodeada de homens de capa, apontando para cima em minha direção. Peguei na minha bolsa e saltei para o patamar, atravessei o telhado e deslizei para uma varanda do lado oposto. Sentia-me impelido pela gritaria atrás de mim. Corri pelas telhas fora, desci, por algerozes. As vozes que me chegavam da casa em baixo silvavam aos meus ouvidos como rajadas de vento. Até que deparei com um último beiral, tão

repentino como o fechar de um livro. Perante mim abria-se o vazio de uma queda de quarenta pés até à calçada, separado do telhado seguinte por uma altura de dois homens. «Agarrem o judeu!» Voltei-me como para defrontar toda a cristandade. Um jovem fidalgo de cabelo comprido cambaleava desajeitadamente pelo telhado. Era alto, magro, com uma face descarnada, um queixo proeminente, a arrogância dos bem-nascidos. As suas pernas amarelas apresentavam manchas de sangue, como signos de uma escrita demoníaca. Nas mãos compridas e elegantes trazia um chicote.

«Aqui temos um jovem caçador desejoso de provar a sua valentia aos amigos e à família», pensei. «E a mim cabe-me sacrificar-me a bem da sua arrogância.» Enquanto o esperava, os meus pés procuravam um apoio seguro. Parou a uns vinte pés e fitou-me com um olhar confuso. Estranhamente, sentia-me em vantagem.

– Isto vai ser um regalo! – comentou numa voz de falso à-vontade. Firmou os pés, arqueou o chicote para trás e depois lançou-o para diante com um berro. Acertou perto dos meus pés, fazendo estalar duas telhas. O fragor dos cacos na rua fez abrir um olhar de satisfação no seu rosto afetado. Um ímpeto como um espectro percorreu-me desde os pés até ao peito e à cabeça: como se a graça de Deus se elevasse. E eu agarrei com força o seu poder.

– Dizem que se batermos com força num judeu podemos ouvir o ouro a tilintar-lhe no peito – disse ele, com um sorriso malicioso. – Sempre quero ver isso!

Era uma lenda, que infelizmente tinha um fundo de verdade. Os judeus expulsos de Espanha em 1492 foram proibidos de levar consigo quaisquer valores. Muitos de entre as dezenas de milhares que atravessaram a fronteira portuguesa correram o risco de engolir moedas.

Ao subir para o pico do telhado, fiz saltar uma telha. Apanhei-a e segurei-a como um escudo diante do peito. Passou-me pelo espírito a imagem de Moisés e as tábuas da lei. O sol escaldante da era da *Tora* parecia impelir-me para o céu. O meu perseguidor ria-se. Deu umas passadas desastradas para vir ao meu encontro no cimo. Olhámos um para o outro através do silêncio de dez pés. O seu rosto contorcia-se de desdém. Entoei um cântico com os nomes do Inominável.

– Isso é algum bruxedo dos marranos? – interrogou.

Como defesa, senti-me tentado a invocar uma fórmula cabalística pela sua morte. Forçando-me ao silêncio, suspendi todos os meus pensamentos até mais não haver do que uma ligeira presença com o peso da minha alma.

– Tolo de judeu! – disse ele. – Havemos de vos matar a todos. Esfolar-vos e sacar-vos do corpo o vosso ouro!

Senti-me empurrado por uma súbita força visceral. Avancei. Ele levantou o chicote com lentidão, como se atolado num tempo líquido. Estaria surpreendido por ver um judeu atacar sem aviso? Não procurou esquivar-se, enquanto eu, empunhando a telha como um escudo, mergulhei em direção a ele como um touro, deixando-o sem respiração.

Foi atirado para o fundo do telhado, escorregou no beiral e precipitou-se no vazio soltando um grande brado. Quando atingiu o chão, chegou-me um som abafado como o de um punho enluvado batendo a uma porta. Quando espreitei para baixo, vi-o estendido na calçada numa posição bizarra, desconjuntado como um bonifrate que tivessem atirado fora.

Para escapar, tinha ainda de saltar de um telhado para outro. Mas parecia que o espaço se alargava diante de mim quando eu saltava. Embatendo na parede, senti-me cair sem apoio, até aterrar numa varanda às ripinhas que ficava por baixo. Tinha o braço bastante pisado e sentia a cara a arder com o sangue. A casa devia ter pertencido a antigos muçulmanos ortodoxos, a julgar pelo corredor que ficava por baixo de mim e de onde, antes de a sua religião ser também proibida, as mulheres deviam observar sem serem vistas o mundo lá em baixo.

Com os pés, fui batendo nas ripas azuis até elas cederem e deixei-me então cair para dentro de casa. Sentia-me estranhamente calmo, ali onde não me podiam ver. Estava num quarto com alguns catres e tapetes de couro. Quando me dirigia para uma parede caiada, ouvi vozes. Em torno de uma lareira onde as brasas ainda ardiam, estava reunida uma família. Um homem alto, cor de canela, de vestes verdes e um kipá branco, tinha os olhos fitos em mim. Possuía uns ombros largos e possantes. Os olhos castanho-claros pareciam ameaçadores como os de uma águia. Entre as sobranceiras emergia um tufo de pelos escuros, emprestando-lhe um ar misterioso. Um único pensamento me dominava: «Estou cansado de mais para lutar. Se

este homem decidir tirar-me a vida, ofereço-lha como uma oração.»

– Procuras refúgio? – perguntou num português hesitante.

– Andam atrás de mim – respondi no meu árabe de sotaque hebraico. – Ambos os nossos olhares se dirigiram para o sangue que pingava no tapete de couro. Aparei-o com a mão. – Desculpe estar a sujar o...

Chamou a mulher. Ela acorreu imediatamente, com uma menina agarrada aos vestidos. Tinha os cabelos e unhas avermelhados, tingidos de hena. Depois de aplicar unguento verde na ferida, envolveu-me o braço numa ligadura de linho. Os seus olhos negros, sombreados com um traço espesso, fitavam-me com temor, até me ouvir gabar a graça de sua filha com uma copla árabe que Farid tinha escrito.

O ombro direito tinha ficado deslocado com a queda e, agora que me sentia mais calmo, apercebi-me de que mal o conseguia mexer. Falecia com as dores e começou a ficar embotado.

– Chamo-me Attar – disse o homem. – Sou oleiro. Vim de Távira.

– E eu Berequias Zarco. Vendo fruta e sempre vivi em Lisboa.

Disse-me para me sentar numa almofada e deu-me água. Quando falei em Samir, o pai de Farid, vi acender-se-lhe no rosto um sorriso. Eram conhecidos e tinham andado juntos a estudar o Alcorão em Granada, quando ainda era a capital do reino islâmico.

– Vou buscar mais água – disse ele, assim que acabei o copo. Ao passar por trás de mim, agarrou-me subitamente. Deu-me um forte puxão. O meu ombro deu um estalido. Fui percorrido por uma vaga de dor, que depois recuou. – Vais ver que te sentes melhor agora – disse ele. – Mas nada de andar aos saltos pelos telhados durante algum tempo.

A mulher dele limpou-me a cara com água quente, enquanto eu experimentava o braço.

– Se quiseres podes ficar aqui até passar a confusão – disse Attar.

– Tenho de ver se encontro um amigo e depois tenho de voltar para casa.

As minhas calças apresentavam um grande rasgão nas costuras. Attar mandou-me mudá-las e vestir um albornoz de cor parda com uma orla na gola enfeitada com delicados arabescos de cor

verde-amarelada.

– Como lhe hei de pagar tudo isto? – perguntei.

– Os bens dos nómadas não são para lhes ficar nas mãos – respondeu com um gesto, a afastar o meu cuidado. – Melhor assim. Tudo o que não tem asas arranja maneira de nos ditar os pensamentos. – E com estas palavras colocou-me um kipá de malha na cabeça. – Que Alá vá contigo – disse-me ele à porta, em despedida.

Repeti a saudação e inclinei-me em agradecimento.

– Devolvo as roupas logo que possa.

Ele puxou-me para a cabeça o capuz do albornoz e inclinou-se também. A rua estava vazia quando saí. Caminhando apressadamente, procurava em vão abafar o ruído dos meus passos na calçada. O cheiro acre da carne queimada dos judeus pairava agora por toda a parte. Estava certo de que acima da minha cabeça se elevava uma pluma de fumo, mas não olhei. Cheguei ofegante à Porta da Mouraria, sob o olhar de desprezo de duas sentinelas a cavalo. Mas, com as roupas que envergava, aqueles representantes da Coroa nunca ousariam tocar-me; as violências contra antigos muçulmanos seriam vingadas com igual tratamento aos cristãos que se encontravam nas mãos dos turcos no Norte de África. Quanto à população, a única coisa com que contava era o meu punhal. Rezava para não ter de o usar.

Assim que saí da cidade, baixei o capuz e desatei a correr pelos campos diante do Convento de Sant’Ana, enfiando pelas moitas de giesta e de ervas ressequidas em direção ao enorme carvalho que coroava a colina que dali se avistava. Mas Mestre David não estava lá. Um pequeno grupo de cristãos-velhos apreensivos concentrava-se junto à ponte romana mais abaixo. Indignados, contavam como a população se tinha atirado a quem quer que parecesse ainda que remotamente relacionado com os judeus. «Alguns cobardes», diziam, «chegaram a servir-se do motim para vinganças pessoais ou para se verem livres de dívidas».

– A culpa é dos cristãos-novos. Eles é que causaram a seca! – grasnava uma velha encarquilhada para quem a quisesse ouvir. Um grupo de aldeões armados de martelos e de barras de ferro que tinham pilhado na oficina de um ferreiro avançou para a Porta de Sant’Ana à caça de marranos, acirrando-se mutuamente com as chalaças de caçadores que tivessem farejado sangue. Encostei o peito ao chão e fiquei à espera. O Sol já se tinha posto

e o crepúsculo espalhava no céu tons de madrepérola. Os corvos esvoaçavam na ramaria do carvalho solitário por cima de mim. Imaginava a morte como um charco fluindo do meu estômago para as mãos e para os pés. «Que pecado estaríamos a expiar», cogitava, «para que Deus nos privasse assim do melhor de Israel? Porque teria Ele recorrido aos cristãos de Lisboa para nos punir?»

Em breve, as vozes dos nazarenos tinham-se dissipado. O medo só voltou a tomar conta de mim quando me lembrei da mão da senhora Rosamonte que tinha na bolsa. A nota que tinha caído do turbante de Diego, agora manchada de sangue, encontrava-se junto aos seus dedos. Ao ler aquelas palavras, «Isaac, Madre, vinte e nove de Nisan», perguntei a mim mesmo se aquilo não teria a ver com a morte de meu tio. Será que o crime tinha sido originariamente premeditado por Diego para cinco dias mais tarde, sexta-feira vinte e nove? Seria Isaac o nome do criminoso comprado com meia dúzia de moedas roubadas de um cofre do culto, da Mãe-Igreja, da Madre? Apercebia-me, claro, de que estava a tecer uma história complicada servindo-me de alguns meros fios de provas e que uma tal hipótese não passava de remota possibilidade. Mas sentia-me tão só, tão longe da minha família e de Lisboa e do amor de Deus, que sentia a necessidade de acreditar numa fábula, por mais inverosímil que fosse, que desse alguma ordem aos acontecimentos daquele dia terrível.

Tal é o poder da solidão. E compreendi então que uma liberdade assim, a que é deixada aos órfãos abandonados e aprendizes sem mestre, pode ser o mais temível de todos os estados.

Capítulo IV

Passava já da meia-noite desse domingo, a terceira noite sagrada da Páscoa, e Mestre David não tinha aparecido, quem sabe se estaria morto ou escondido. À Porta de Sant'Ana apinhava-se uma turba de cristãos ainda mais compacta. À Porta dos Monges, mais a oriente, estavam menos. Depois de ter passado uns quantos aldeões sonolentos que comiam com sorvos ruidosos um caldo em gamelas de pau, atravessei a ponte visigótica fortificada de regresso a Lisboa, com a mão cerrada em torno do punhal que trazia dentro da bolsa. O crescente da lua deslizava sobre a corrente lá em baixo como um bote celestial.

Sentia-me aguilhoado por ferroadas de ruídos como agulhas de marfim. Apercebi-me, apavorado, de que estava apanhado de febre. E, no entanto, teria eu alguma vez estado mais vivo? Cada um dos nervos do meu corpo procurava içar-se para o presente à procura do toque da sensação. Será que a cidade já era segura? A resposta parecia não contar; uma saudade pungente no peito, tão poderosa quanto um cântico da *Tora* entoado por meu tio, empurrava-me para casa.

Para além da porta, uma vaga música de trompas em contraponto parecia dançar como uma sombra ao longo das muralhas mouriscas que rodeavam a parte mais antiga da cidade. À medida que subia, via erguer-se perante mim o Palácio da Alcáçova, com as suas torres em forma de bolbo brilhando com uma luz alaranjada, que se diluía nas trevas como uma névoa. Centenas de pés mais abaixo, como um protesto contra os meus movimentos, dormia o coração de Lisboa e o maior bairro judeu, conhecido entre nós por Pequena Jerusalém, vinte mil casas que o luar revelava aninhadas pelas faldas das colinas e pelos vales e recolhendo-se numa curva do Tejo. Rezava pela minha família, e o brando palor do luar sob as minhas pálpebras destacou-se e fundiu-se como movido por anjos.

Desci pelo íngreme labirinto sinuoso das velhas escadarias e vielas. Ao passar pela Igreja de São Martinho, fiquei paralisado pelo cheiro de fumo. Abrandei o passo, avancei encostado às paredes caiadas. Diante de mim abria-se o Largo dos Loios. Face às inseguras arcadas do convento, crepitava uma fogueira que lançava sobre a turba caprichosas borboletas de luz e sombra. No meio, via-se um grupo de cristãos-novos da Judiaria Pequena com os braços e pés amarrados com cordas da marinharia. Em pé, em filas irregulares, com as roupas esfarrapadas, as cabeças pendentes de exaustão. Sem uma palavra. O olhar vazio, perdido de toda a esperança, revelava que tinham sido arrastados pela cidade durante horas e horas. Homens brutais, armados de espadas e alabardas, impediam-nos de se mexer. Rastejei de volta e escondi-me atrás da parede fendida da taberna da esquina.

– Por favor, não me façam nada!

– Matem-me se quiserem, mas poupem os meus filhinhos!

Estas súplicas atingiam-me como punhadas, enquanto o meu olhar procurava o rosto dos meus familiares à crua luminosidade das tochas. Abençoado seja o Senhor, não via nenhum deles. Mas reconheci todos os presos manietados, gravando os seus rostos na minha memória de *Tora*.

Um monge de nariz aquilino balançava um turíbulo fumegante de prata e amaldiçoava os judeus em latim. Quantos teriam já sido arrastados da nossa vizinhança e feitos em cinza? O pequeno Didi Molcho, que todos pensávamos que viria a ser um grande poeta? Teria o seu futuro sido arrancado das mãos de sua mãe e...? Ou Murça Benjamim, que por trás de São Vicente me tinha mostrado pela primeira vez o escuro segredo das raparigas? Seria o seu corpo de assombro que no meio daquela coroa de chamas estaria agora a ser...? «Por piedade», supliquei, «que esta noite mais ninguém seja queimado». Mas por entre o respirar da minha prece uma pergunta assomava: Como é possível Ele ter permitido a profanação de alguém feito à Sua imagem?

Samuel Bispo, o ferreiro, atado à monumental cruz de pedra no meio do largo, estava a ser chicoteado. Recuei para as trevas, sem olhar para trás. Ruas vazias ecoavam as batidas soturnas do meu coração. Sentia-me um cobarde de proporções bíblicas por o ter abandonado a ele e ao resto dos nossos prisioneiros. O meu peito e o ombro magoado doíam-me com guinadas sucessivas e eu sentia-me envergonhado do meu terror. Agachei-me até recuperar

o fôlego e rezei pelo meu alívio. Senti um cheiro adocicado a picar-me as narinas. Levei a mão ao nariz e vi que sangrava. Vinha aí gente na minha peugada? Pus-me em pé num pulo e, encostado a uma porta de ripas, fiquei à escuta. Chegava-me o rumor de água a pingar. Um morcego cortou o ar e mergulhou numa janela aberta do outro lado da rua; senti-me atingido por um terror tão violento como o rufar de um tambor mourisco. Prossegui a caminhada. Vagabundos andrajosos dormiam no meio de ovelhas no Largo do Limoeiro. Um deles, que estava acordado, fixou-me com os seus olhos curiosos de idiota. Ao atalhar pela frente da nossa antiga estalagem e hospedaria, desci as escadas depois da malfadada casa onde Isaac Ben Zachim se tinha dado à morte e aos seus filhos, depois da conversão. Cortei para o beco por trás da Igreja de São Miguel e, como quem vem de cair de escantilhão, vi-me de repente a calcorrear a Rua de São Pedro. A meus pés espalhavam-se milhares de cebolas e alhos, de uma carroça que tinha sido derrubada. Uma ilha palpitante de ratazanas escuras formava-se em torno do corpo despido e esventrado de um homem decapitado. Corri para casa. Desde a última vez que ali tinha estado, meio dia antes, o nosso mundo tinha sido profanado. Havia fezes atiradas contra as paredes, lojas pilhadas, portas e portadas derribadas. À entrada da nossa antiga escola pendia o corpo do doutor Montesinhos. Tinham-lhe pintado no peito, com os dedos, uma cruz de sangue. Da boca surdia um soberano de ouro: deve ter sido algum judeu mais corajoso que a pôs lá para pagar a travessia do rio Jordão. Uma das sandálias caía-lhe solta, com um galho de loendro pendente da presilha do calcanhar. Peguei nela. Dirigi-me para casa, esgueirando-me pela cancela. No pátio, duas galinhas que se tinham escapado da capoeira dos vizinhos cacarejavam correndo de um lado para o outro. O limoeiro tinha sido derrubado à machadada. No meu espírito, entoei o preceito sagrado do Deuteronomio que condena o derrube das árvores de fruto mesmo durante um assédio: «Podeis comer dos seus frutos, mas está-vos vedado cortá-las.» Em voz alta, chamei: «Cinfa! Judas! Ester!» Estive quase a chamar por meu tio, mas a imagem dele estirado, rígido e branco, selou o silêncio dos meus lábios. Quando agarrei a maçaneta da porta, o vulto cinzento e misterioso de *Roseta* deu um pulo para o muro baixo junto de mim. As cerejas tinham desaparecido da coleira.

– Espera – sussurrei. Mas ela saltou para dentro mal viu a porta entreaberta.

– Mãe! Tia Ester! – chamei em voz baixa.

As trevas da noite contiveram a respiração.

A lareira estava apagada. Tateei a tijoleira do chão. Estava molhada. Sangue? Levei os dedos à boca. Era só água. Cortei a mão na ponta de uma faca que tinha tombado, praguejei, e seguidamente bendisse Aquele que dá poder ao ferro. Empunhei-a enquanto caminhava às apalpadelas para o quarto que partilhava com Judas e Cinfa. Acariciando o pobre colchão vazio onde costumavam dormir, fiz uma prece pela segurança deles. Pé ante pé dirigi-me para o quarto de minha mãe, chamei-a em voz baixa, palpei com a ponta dos dedos a nudez vazia da sua cama. Enrolei o cobertor em volta dos ombros para ver se deixava de sentir arrepios.

Onde estariam todos eles?

O meu baú tinha sido pilhado outra vez, mas ainda tinham deixado a maior parte da roupa usada e já puída que tinha herdado. Libertando-me do cobertor de cima dos ombros e despindo o albornoz de Attar, que me dificultava os movimentos, vesti um par de calças de linho de meu pai e uma das camisas do meu irmão mais velho. No baú de meu tio encontrei a sua antiga capa de lã. Estaria eu agora só, o herdeiro de toda esta roupa, o narrador desta história?

Atravessando o pátio, dirigi-me à casa de Farid e chamei em voz baixa por seu pai. Ao ouvir pesadas passadas no lado de fora, escondi-me. Espreitei pela janela e avistei dois homens armados de espadas, que giravam o olhar em redor a vigiar o pátio. De repente, as solas dos meus pés reconheceram três batidas no chão de tijoleira. Mais uma. Depois quatro. Era Farid a formar o número pi nas traseiras da casa. Rastejei da sala da frente para a cozinha. Senti uma mão suada a agarrar-me o braço. Saudámo-nos com um beijo e depois agarrei Farid, enquanto os seus soluços silenciosos pareciam dissolver-se através da minha pele no meu coração. Não podia permitir-me abrir-me a emoções e afastei-o.

– Não encontrei ninguém – informei-o na nossa linguagem de sinais, com os dedos na palma da sua mão. Pensei em pô-lo ao corrente da morte de meu tio, mas fui retido pela reserva de que poderia não ser verdade. Seria o meu mestre um cabalista tão poderoso ao ponto de poder criar uma tal ilusão?

Farid começou a fazer sinais em movimentos agitados, frenéticos, mas eu não estava habituado a ler as suas palavras na palma das mãos.

– Mais devagar – pedi-lhe.

– Quando os cristãos vieram, tentei fugir da Judiaria Pequena – começou Farid. – Mas eram muitos. Parecia uma nuvem de gafanhotos. Voltei para cá para me esconder. Houve um momento em que vi Judas. Só o vi a ele. Frei Carlos ia a correr pela rua abaixo com ele. Depois desapareceram na igreja. Ainda tentei chamá-los, mas a minha voz...

Então Frei Carlos estava vivo! Se calhar estava mesmo escondido quando lhe fui bater à porta! Mas que se passaria com Judas?

Sentia a palma da mão de Farid achatada e comprimida contra a minha. O pulso dele batia descompassado. O espaço e o tempo dissiparam-se até mais não haver do que duas presenças reunidas numa terna fronteira.

– Fiz o sinal pi, para ti, esta tarde, uma hora ou duas depois do bater das nonas, mas ninguém respondeu – inquiri no nosso código.

– Andava à procura de Samir.

– Soubeste alguma coisa?

– Estava numa das mesquitas secretas da Mouraria quando eles vieram – fez ele, abanando a cabeça. – Não consegui chegar lá. Não sei nada.

– Dois homens com espadas violaram a santidade do nosso pátio – assinalei. – Vamos escapar-nos e vamos a São Pedro ver se vemos Judas e Frei Carlos.

Farid levantou-se e conduziu-me através de quadrados de luz e sombra para a porta das traseiras. Assim que pusemos um pé fora, um homem de cabelo comprido armado de uma lança surpreendeu-nos. A arma voou na minha direção. Atirei-me para o chão. O meu braço direito ardia – o sangue começou a correr da lançada que me atingiu no cotovelo. Farid deu-me um puxão para me levantar e desatámos a correr como loucos em direção ao rio. Na Escada dos Judeus percebi que o nosso perseguidor continuava atrás de nós aos berros, a pedir ajuda, e acabaria por atrair uma chusma se não o fizéssemos calar. Detive-me, agarrei Farid e comuniquéi-lhe o meu plano por sinais. Assentiu com um aceno, continuou a correr pelas escadas abaixo e cortou para o

beco depois da botica do senhor Benadife. Com o sangue a pingar da mão, esperei o meu perseguidor no topo das escadas. Atirei fora as sandálias para não escorregar na calçada. Chegou ofegante ao sítio onde eu estava. Reparei que era mais novo do que eu, com uma cara redonda, de quinteiro e uma grenha de cabelo preto revoltado. Apesar de toda a sua ferocidade, tinha uns olhos amedrontados. No cinto, ao dependurão, viam-se orelhas humanas; numa delas, um brinco de filigrana tilintava sempre que batia na sua anca. Noutro tempo e noutro lugar, tê-lo-ia descrito como um dos aterrorizados filhos de Saul. Que sentido vinha a ter tudo isto? Era como se Lisboa tivesse escancarado as suas portas a uma crescente epidemia de insânia. O fôlego ia-me chegando, como se de uma terra estranha para além do medo.

– Volta para o teu milho e para o teu centeio – disse-lhe eu.

– Roubastes os melhores campos a meu pai! – respondeu, agachando-se como quem se prepara para saltar. – Não te mexas! – ordenou. A lança balançava desajeitadamente; via-se que não estava habituado a usar tal arma.

– Trabalho a fazer iluminuras e a vender fruta. Nunca roubei nada!

É estranho como o sentido de humor nos pode visitar mesmo nas ocasiões mais sérias... Nesse momento pensei: «Bem, a verdade, verdadinha... uma vez um pão de ló com um amigo...»

– Marranos! Acudam! – gritou com quantas forças tinha. Numa voz cheia de ódio, acrescentou: – A terra é nossa há séculos! O vosso povo... Viveis apartados de nós, trazeis-nos a peste, bebeis o sangue das nossas crianças!

– Devias queixar-te é de quem te tirou as terras! – disse eu.

– Vós andais às ordens deles! Governais-lhes as propriedades, cobrais-lhes os impostos!

Por trás dele, Farid deslizou por um telhado como um gato e avançou com pezinhos de lã.

– Larga a lança e vai-te embora, que não te acontece nada – disse eu.

Num movimento brusco, ele investiu. Desviei-me, mas senti uma ferida abrir-se no meu ombro são, como se o tivessem esfolado. Ao ver correr o sangue, pensei: «Nunca mais hei de deixar que um cristão me faça mal.» Farid apanhou-o por trás. Com os seus braços possantes rodeou o pescoço do moço e encostou-lhe ao rosto a lâmina curva da sua adaga mourisca. Eu

recolhi a lança e disse:

– Se, em vez de nos atacares a nós, atacasses os nobres, as coisas andavam melhor!

Do fundo da rua chegavam até nós brados medonhos: «Seguros, meu valente! Vamos já aí!» Fiz sinal a Farid para o soltar; tínhamos de o trocar pelas nossas próprias vidas. Ao sentir-se livre, o moço cuspiu-me na cara.

– Quando te apanharmos, hei de arrancar-te os tomates e pendurá-los ao cinto! – ameaçou.

Dei-lhe um golpe com a lança na anca, que o tombou. O sangue envolveu-lhe a perna, como que a abafar os seus gritos dilacerantes. Farid agarrou-me e fez-me dar meia-volta. Precipitámo-nos pela Escada dos Judeus abaixo em direção ao rio. Atirei às águas de prata aquela maldita arma onde o meu sangue se confundia com o de um cristão-velho. Enquanto corria, pensava na violência que parecia irromper em mim com tamanha facilidade. Não teria também eu muito simplesmente andado todos estes anos a usar uma máscara de devoção e de docilidade? Não haveria um Berequias que eu apenas vislumbrara em momentos de raiva e de desespero?

A madrugada surdia em tons de rosa e de ouro velho. Estávamos escondidos num banco de areia de uma lagoa de caniços entre Lisboa e Santa Iria. Acordei de um sono sem sonhos nos braços de Farid, espantado, surpreendido com o regresso do sol. Enquanto ele me limpava a testa e me obrigava a sentar, senti-me impressionado pela sua beleza singela, especialmente pelo escuro buço juvenil que lhe despontava no rosto, contrastando como um adorno com a sua pele azeitonada. As espessas madeixas de cabelo negro como carvão emolduravam-lhe as faces como uma juba, cobrindo-lhe a fronte e caindo em cascata sobre os seus ombros largos. Que tinha um ar de mágico – acusavam as pessoas que temiam o seu silêncio e o juízo daqueles olhos verdes luminosos e que, na sua ignorância, criam que o surdo era maligno. Mas as únicas magias com que Farid cismava tinham a ver unicamente com os seus versos. Era um poeta nato e as mais das vezes o seu olhar estava simplesmente concentrado no interior, avaliando apenas a curva de uma frase ou o contorno de um ritmo. Neste momento, os seus lábios adelgaçaram-se numa fenda pensativa. Apertava com os dedos o comprido lóbulo da

orelha direita, como era costume sempre que estava preocupado. Parecia que ansiava por falar, mas claro que tal era impossível. Impelido pela beleza de Farid, fui levado a observar a minha própria imagem nas águas calmas que nos rodeavam. Comparada com a dele, a minha figura era desgraciosa, como se me fosse impossível reconhecer-me neste gêmeo que via refletido mirando-me com o seu olhar acoitado, o cabelo emporcalhado e emaranhado caindo-lhe sobre os ombros. O jovem estudioso de perfil inquiridor, em todo semelhante a tio Abraão, parecia ter sido engolido pelo jovem rústico, descarnado, de face agreste, um Pã vingativo. Ter-me-ia tornado uma criatura meio-humana, como os dominicanos nos concebiam?

Farid bateu-me no ombro, oferecendo-me do pão que tinha na sacola. Recusei, pois estávamos ainda no terceiro dia da Páscoa e celebrando o Êxodo, apenas me sendo permitido o pão ázimo.

– A tua febre baixou durante a noite – disse por gestos. – Sentes-te melhor?

O meu ombro deslocado estava rígido, com a mesma dor surda, nodosa, que para sempre haveria de associar àquela Páscoa de morte. A ferida no braço estava mole, com crostas de sangue. Tinha o pé direito a latejar, com os dedos cheios de gólpes.

– Fomos abandonados por Moisés – comentei por gestos. – Temos de chegar à outra margem do mar Vermelho à nossa custa. Estamos completamente sós.

Enquanto Farid comia, os juncos em torno a nós balouçavam em harmonia com a ligeira maré. O som da água lambendo a areia era como o de gamos a beber. Tudo estava tranquilo, como sempre deveria ser. Comecei a chorar, como se estivesse perante as portas da compaixão de Deus e com os meus gestos interroguei o meu amigo:

– Qual será o mundo real? Este ou...

– Paraíso e Inferno são o mar e o céu – acenou em resposta. – E tu és o horizonte.

Nesse momento as suas palavras não me diziam nada. Era antes a elegante dança das suas mãos possantes que de tão bela se tornava quase insuportável. E, quando ele me acariciou o rosto, os soluços que retinha na garganta romperam. A lembrança da fogueira irrompeu como lava impetuosa sobre ambos. Mas mesmo então não fui capaz de lhe falar em meu tio. Farid pegou na mão da senhora Rosamonte. Como estava assustado! Tremia. E, porém,

deixou aqueles dedos de mármore ensanguentado pousados sobre as suas pálpebras enquanto rezava. Só então reparei nas feridas e nódoas negras que tinha no pescoço.

– Vamos enterrá-la num limoal – diziam os seus gestos. – Assim pode continuar a presentear-nos com limões.

– Que foi isso? – inquiri, apontando as feridas.

– Nada – respondeu.

– Diz.

– Foi a noite passada no beco. Um homem que tentou deter-me. Matei-o.

Era a primeira vez que um de nós usava o verbo «matar» na primeira pessoa. Ambos compreendemos que a nossa linguagem de gestos tinha de mudar para poder acompanhar este novo século cristão-velho. Como se nos parecesse despropositado, nenhum de nós disse mais nada enquanto caminhávamos ao longo do Tejo, de regresso a Lisboa. Sentindo-me distante das minhas próprias emoções, lembrei-me do jovem fidalgo que tinha empurrado do telhado. Onde haveria de encontrar perdão por ter tirado a vida a um ser que recebera uma centelha do amor de Deus?

No exterior da Porta de Santa Cruz deparámos com alguns barcos do sal atracados. Mulheres de pés nodosos e cheios de bolhas, balançando com potes de cristais alvos à cabeça, sorriram para nós. As crianças brincavam, os cães abanavam a cauda. Um mercador numa indumentária escarlata e verde levou a mão ao barrete, saudando-nos, sem qualquer razão que se pudesse vislumbrar. Farid comprou arroz-doce e sardinhas assadas a uma das mulheres que vendiam comida junto à margem. Foi ele quem devorou tudo, pois eu não o podia fazer.

Entrar na Judiaria Pequena era como sair de um teatro. De repente, a imagem não surgia da negação ou da separação, mas sim como era, rodeada de fezes e fedendo a violência, cauterizada com o ladrido de cães a desfazerem-se em baba, em torno de ilhas oscilantes de ratos e ratazanas.

Os sobreviventes, de olhar vago, limpavam o sangue das suas soleiras, ostentando máscaras sem lágrimas, arrastando os pés nus e desencantados. Íamos dando conta dos corpos inertes: Saul Ha-Kohen dobrado sobre as ripas da janela do quarto, com um braço, rígido como carne em salmoura, agitado pelo vento de um lado para o outro, batendo um código estranho numa portada. Raziela

Mor, esventrada, com uma cebola na boca, que sua filha Nafa procurava extrair, estava coberta de moscas que punham ovos no ventre dela. O doutor Montesinhos pendia rígido e intumescido do ornato espiralado que encimava a porta da nossa escola. Sentado numa pá, via-se um recém-nascido desconhecido a quem tinham arrancado a cabeça.

Face ao impensável, que assim tomara forma, nenhum de nós ousava falar.

Alguém pode imaginar o que significa ver uma criança decapitada sentada numa pá? É como se todas as línguas do mundo ficassem esquecidas, como se todos os livros escritos se tivessem reduzido a pó. E como se alguém pudesse ficar feliz com tal coisa; por pessoas como nós não terem direito a falar ou escrever ou deixar qualquer traço na História.

As portas da nossa loja jaziam agora sobre a calçada, voltadas uma para a outra em ângulos oblíquos, como a entrada para um mundo torvo subterrâneo. Do outro lado da rua, da casa da senhora Faiam, chegavam-nos queixumes abafados em hebraico. Os olhos azuis do seu cão *Belo* fixavam-me suplicantes por cima do muro. Segurava na boca um velho osso lascado, amarelecido pelo tempo; ao que parece, tinha voltado a encontrar os despojos da pata esquerda dianteira que recentemente lhe tinha sido amputada e que a senhora Faiam tinha enterrado atrás da Igreja de São Pedro. As narinas fremiam como se estivesse no rasto de alguém a quem mostrar a sua presa.

Minha mãe e Cinfa vieram ao meu encontro no pátio. Tinham andado a apanhar os pedaços de ardósia partidos. Cinfa gritou o meu nome e deu uma corrida, aferrando-se ao meu braço como se tivesse medo de escorregar. Minha mãe deixou-se cair de joelhos e começou a gemer. Do pescoço pendiam-lhe dois talismãs de pergaminho. Quando a levantei, agarrou-se a mim com tal desespero que os nós dos dedos ficaram brancos, e soluçava num modo que parecia estar a vomitar. Quando recuperou o fôlego, disse:

– Não sabemos do Judas. Não sei o que...

Estreitava-me tão fortemente que tinha a impressão de que o seu coração batia dentro do meu peito. Cinfa abraçava-se a Farid.

– Não te fizeram mal? – perguntou minha mãe. – Não houve nada que não...

– Não. Estou bem. E tia Ester? E Reza?

– Ester está magoada, mas viva. Reza não sabemos.

Voltou-se para Farid. Apesar de não lhe agradar muito a minha amizade com ele e de se sentir atemorizada com o seu silêncio, fitava-o com ansiedade. Levantou a mão e tentou imitar o nosso gesto de saudação.

– O Farid está bem? – perguntou-lhe.

Farid sorriu amavelmente e inclinou a cabeça em agradecimento.

– Está bem, também – disse eu. – Onde é que estavam todos ontem à noite? Vim cá, mas a casa estava vazia.

– Estávamos cá! Estava escondida na loja com a Cinfa. A primeira vez que os cristãos cá vieram tínhamos ido fazer a sesta com a Didi e a mãe. Viemos a correr para casa e demos com...

– E não me ouviram? – interrompi.

– Estávamos no meio dos barris de feijão e tapadas com cestos de figos meio podres – disse minha mãe, abrindo as mãos com manchas cor de púrpura. – Não nos mexemos dali até não podermos mais. Não se ouvia grande coisa.

Assim sujas, com a pele violeta dos figos e a cheirar a açúcar fermentado, tanto ela como Cinfa me pareciam de repente possuídas de uma beleza etérea; resplandeciam como quem regressa à vida. Agora ria-me, com um absurdo alívio. Beijei-a na testa.

– Linda menina – disse eu, como se fosse o meu pai.

– Os cristãos-velhos pregaram Ester ao chão diante da Igreja de Santo Estêvão – disse ela num tom conspirativo. – E depois...

Acenei a mostrar que entendia e ela baixou os olhos.

– Mãe, viu algum dos iniciados? Frei Carlos, Diego, Sansão...

– Ninguém.

Depois de ter verificado por toda a casa, Farid informou-me de que Samir não tinha voltado. Entrámos para minha casa. Tia Ester estava sentada na cozinha com a mão entalada entre as pernas, os pés descalços numa poça de água. Beijei-a na testa. Estava fria. Em silêncio. Cobri-a com um cobertor da cama de Cinfa e de Judas. A medo, sussurrei a minha mãe:

– Então... então ainda não viu o tio?

– Não. Pensei que devia estar na cave. Mas o alçapão está fechado com pregos. Deve tê-lo selado. E as cortinas dos postigos estão corridas. Não se vê nada para dentro. Batemos e gritámos por ele dúzias de vezes, mas não há resposta. E tenho medo de

forçar a entrada. Ele lá terá as suas razões para a querer fechada, para proteger os livros ou outra coisa mais... mais oculta. Espero que esteja bem. Se calhar foi ver se nos encontrava e não pôde voltar para casa.

– Quando foi a última vez que o viu? – perguntei.

– No domingo, depois do almoço. Pouco tempo antes... antes de eles chegarem. Tinha ido para a cave para os cânticos. E a Cinfa e eu saímos para...

– Mãe, fui eu quem pregou o alçapão – disse eu secamente.

– Tu? E porquê?

– Quando vim a casa. Fui lá abaixo e... espere! – Dirigi-me ao telheiro do pátio, trouxe um martelo e atirei-me ao alçapão até ver saltar a última tábuia, que se rachou com um som que parecia implicar um fim terrível, como se nunca mais nos fosse possível sentirmo-nos seguros na nossa casa.

– Não desça ainda – disse à minha mãe, enquanto descia as escadas. – Deixe-me dar uma vista de olhos.

Era insensato, mas queria ser o primeiro a ver meu tio porque naquele tempo eram poucas as coisas que eu considerava fora dos poderes de um mestre da Cabala. Não poderia dar-se o caso de antes de lhe terem cortado a garganta ele ter engolido um pedaço de papel com alguma fórmula ritual particular, com um dos nomes secretos de Deus, que o poderia trazer de novo à vida?

– Porquê? O que é que... – Minha mãe agarrou-me o braço. – Passa-se alguma coisa? Ele está aí em baixo?!

– Pronto, venha daí então – disse eu, sentindo no estremecimento da minha própria voz a simples verdade do seu desaparecimento para sempre da Esfera Terrena. – Mas mais vale que saiba que o tio nos deixou.

Minha mãe levou a mão à boca para abafar um grito. Estendi as mãos para ela, mas afastou-me como se eu estivesse conspurcado. Começou a descer as escadas, com uma das mãos em venda sobre os olhos e a outra agarrada aos talismãs que lhe pendiam do pescoço. Mas não chorava. Um único gemido quando avistou meu tio. A respiração arquejante, como quem perdeu o fôlego. Mais nada.

Quando se ajoelhou para levar os dedos de meu tio ao rosto, começou a puxar os cabelos. O rosto abriu-se em soluços. Saí; era um momento que não deveria contar com testemunhas.

Capítulo V

O tempo é como um selo a atestar a existência. E, tal como o selo, é artificial. Como meu tio costumava dizer, o passado, o presente e o futuro são realmente versos do mesmo poema. O nosso fim é traçar a disposição da sua rima de regresso a Deus.

E no entanto estávamos já na tarde de segunda-feira, passado um dia da morte de meu tio.

Começava a cair a quarta noite de Páscoa. Minha mãe tinha acabado de sair da cave e dissera-me que nunca antes vira a rapariga.

– Tem a certeza? – perguntei.

– Nunca – sussurrou envergonhada. Percebi que devia estar a pensar: «Foi o pecado carnal que chamou a morte dele.»

Estava em pé, junto dos corpos, tendo a meu lado minha tia. Esta não gritava nem chorava, tinha-se limitado a pegar num caco de vaso partido e com o gume arranhava os dedos.

– Tia Ester, pare com isso! – disse eu.

O seu olhar inexpressivo, distante e infantil, mostrava não se resignar à fatalidade da morte de meu tio, que aos poucos ia penetrando os nossos corações. Um lamento cresceu então do seu ventre, estalando subitamente em soluços. Os seus olhos passavam dele para a moça. Inclinou-se para diante como se ele a puxasse para si e desatou a golpear o indicador, o dedo da aliança de casamento. Corri para ela e tirei-lhe o caco dos dedos. Um sangue ardente jorrou, cobrindo-me as mãos.

Farid precipitou-se das escadas e passou o braço em torno da cintura de tia Ester. Ao sair amparada a ele, voltou-se e olhou para mim por cima do ombro como quem se despede antes de uma longa viagem. Com Farid seguindo-a de perto vi-a subir as escadas com uma graça etérea.

Apesar de a sua rota nos ser oculta, o caminho entre a tristeza e a clarividência deve ser cuidadosamente arranjado pelo Senhor;

de repente compreendi que o criminoso, que conhecia intimamente o conteúdo do nosso armário do material, conhecia também provavelmente a nossa *geniza*! Pegando na chave que estava dentro de uma bexiga de enguia pendurada por trás do Espelho que Sangra, levantei a orla do tapete de orações junto à parede que dava para norte e retirei uma ripa, deixando à mostra uma fechadura. Dei meia volta para a direita. Ouviu-se um estalido. Ergui um alçapão de madeira, de três pés por quatro, disfarçado com ardósia. A *geniza* abriu-se com um gemido de protesto. Tinha acertado! Viam-se nódos de sangue sobre dois dos manuscritos que estavam por cima: «As Fábulas da Raposa», que eu andava a ilustrar, e o «Livro de Ester», que minha tia copiava. Por baixo, quase tudo limpo, a não ser aqui e acolá as dedadas vermelhas do assassino. Havia *Toras* familiares, *Haggadas* e livros de orações; um mapa do Mediterrâneo de Judas Abenzara; comentários religiosos de um amigo de meu tio, Abraão Sabah; obras poéticas de Farid ud-din Attar; e dois manuais espirituais de Abraão Abulafia, o nosso pai espiritual, que meu mestre ainda não tivera a coragem de confiar aos seus secretos emissários. Por baixo destes, aparentemente intocada, repousava uma *Tora* com iluminuras de monstros míticos, legada a meu tio pelo seu falecido amigo Isaac Bracarense; um Alcorão da Pérsia; três maços de correspondência pessoal de meu mestre; o nosso saco de lã com moedas, ainda com algumas de cobre e de prata; e finalmente o contrato de casamento de meus tios, escrito por ela e ilustrado por ele. Voltei a encerrar tudo dentro da *geniza*.

Parecia-me evidente que o intruso tinha interrompido a sua busca antes de atingir os manuscritos do fundo, que estavam ainda sem manchas de sangue. Se tivesse chegado lá, teria certamente roubado o dinheiro. A única obra que faltava abria as pétalas de um novo mistério: era a *Haggada* que meu tio tinha andado a completar pouco antes da sua morte. Apesar da ousadia dos seus motivos decorativos e das letras com cabeças de aves, o seu valor em nada se comparava com o dos manuscritos de Abulafia, alguns dos quais contavam séculos e tinham sido escritos pela mão do próprio mestre. Concluía-se que a *Haggada* de meu tio devia possuir um secreto valor para o salteador.

Com esta certeza veio-me uma outra, que me fez voltar e virar-me para as escrivatinhas: o ladrão tinha achado a chave da *geniza*

dentro da bexiga escondida atrás do espelho. Isto era uma confirmação de que havia um membro do grupo de iniciados envolvido. Mas porque teria voltado a fechar a *geniza*? Seria meramente por querer manter tudo em ordem?

O impulso de buscar um poder capaz de reforçar o meu levou-me a procurar na bolsa o anel de íbis de meu tio e enfiá-lo no indicador direito.

Farid, regressado à cave, estava postado entre os dois cadáveres, observando as duas marcas com crostas de sangue que vincavam o pescoço de meu tio. Subitamente, começou a oscilar como quem perde o apoio. Quando me fitou, algo que ele viu... Os olhos rolaram-lhe nas órbitas, revelando uma cor alvacentas doentia. O corpo como que se fundia. Dei um salto e estendi os braços para lhe amparar a queda e segurei-o até voltar a si.

Cinfa tinha assomado ao patamar. Os olhos dela, como ponteiros da *Tora*, fixavam-se em meu tio; com as mãos agarrava o cabelo na nuca e um líquido corria-lhe pelas pernas das calças. Receando que não estivesse preparada para enfrentar a morte vista de tão perto, gritei-lhe:

– Vai lá para cima e fica a vigiar a porta! Não deixes ninguém descer!

Enquanto ela seguia as minhas instruções, Farid despertou. Comecei a enxugar-lhe a testa com a minha manga e ele soergueu-se até ficar sentado.

– Já estou fino – diziam os seus gestos. – Foi só porque era tudo de mais para poder aguentar. E reparei numa coisa...

– Que foi?

– Ali, na coxa direita do teu tio... – Farid apertava as mãos uma contra a outra e respirou fundo.

– O quê?! – perguntei.

– Semente branca – respondeu Farid, usando o termo da Cabala para designar o sémen.

– Mas que é que estás a dizer?

– Anda cá – ordenou ele. Acocorámo-nos os dois. Na parte de dentro da coxa de meu tio, confundindo-se com manchas de sangue, viam-se umas crostas, como lascas de mica.

– Isso pode muito bem ser outra coisa! – repliquei com gestos vivos. – Mel, ou leite de amêndoa que tivesse caído. Meu tio era um descuidado com essas...

– É semente branca! – repetiu Farid, com um gesto impaciente.

– Cheirei e... – Antes que o pudesse deter, retirou uma película e colocou-a na língua. Provou-a como quem ensaia uma nova especiaria. De repente, começou a cuspinhar, deitando-a fora nas mãos e limpando-as às calças seguidamente. – Tinham acabado de ter comércio carnal – afirmou com gestos terminantes.

Não foi tanto o choque de ver que meu tio podia juntar-se com outra mulher que não minha tia Ester que me deixou a arquejar, mas antes o ele ter levado aquela mulher para a cave onde rezávamos, para a nossa sinagoga... Era impossível! Tudo se tornava diferente! E no entanto...

– Tens de me ajudar – pedi a Farid, compreendendo que chegara o momento em que tinha de recorrer aos seus talentos particulares. Retirei à rapariga o tapete de orações e revelei-lhe o que sabia e o que suspeitava, mostrando-lhe o recado que meu tio tinha escrito para Dom Miguel Ribeiro, o fidalgo para quem minha tia Ester copiara o «Livro de Salmos». Quando acabou de o ler, tomei as suas mãos e pu-las no meu peito para que sentisse o bater do meu coração.

– Farid, estive a pensar que talvez Deus nos tenha juntado por causa desta Páscoa. Talvez Ele queira que encontremos juntos o assassino de meu tio. Vou ter de ir à procura de Judas. Mas, agora, o que eu queria é que desses uma volta a esta cave, sondasses todas as coisas, todas as sombras, e me dissesse se vês alguma coisa que eu não tenha visto. Tudo! Quero que me digas o que pensas sobre o que se passou.

Farid fez o que lhe dissera. E, assim que se sentiu preparado para me comunicar o que tinha descoberto, fez-me deslocar para perto de meu tio. Agachámo-nos junto à sua cabeça. «Quando será possível enterrá-lo?», pensei subitamente, lembrando-me de que tínhamos de o levar para chão sagrado o mais depressa possível.

– O corte na garganta é ligeiramente inclinado – mostrou-me Farid. – A meu ver o criminoso torceu a cabeça de teu tio para a esquerda, agarrando-o por trás, e com uma faca bem afiada na mão direita... – e Farid passou o braço pelo peito indicando o movimento que deve ter posto termo à vida de meu tio.

Ergueu-se, passou por cima da moça, baixou-se junto às mãos dela, inclinou-se e cheirou-as avidamente, resfolegando como um cão. Erguendo os olhos para mim, comunicou-me:

– O trabalho dela tinha a ver com azeite e rosmaninho. Há

ainda mais qualquer coisa que já quase não se dá por ela, talvez essência de limão. – Esfregou o polegar no indicador. – Tem aqui uns restos de cinza. Iria jurar que era padeira. A cinza deve ser do forno.

Assenti com um aceno. Seria bem mais louco do que o que sou se desprezasse o faro ou os olhos de Farid.

– E repara na fonte direita dela – indicou com um gesto. – Tem ali um entalhezito circular. E do lado esquerdo também.

– E que achas que seja isso?

– Não faço ideia. Mas a simetria é bastante esquisita. Agora anda cá!

Conduziu-me ao enfeite de couro onde tinham passado a faca. Levantando a ponta acima da sua cabeça, mostrou-me cinco dedadas de sangue que terminavam abruptamente no rebordo limpo de um azulejo, como se tivessem roçado ali os dedos. Poderia o intruso ser dotado do poder de desaparecer recorrendo a símbolos cabalísticos pintados com dedos de sangue? Teria um dos iniciados invocado algum demónio ou algum espírito para matar meu tio? Poderia tal criatura do Outro Lado, através da *mezuzá*, ter franqueado a nossa porta?

– Que é que isto te diz? – perguntou Farid, com um gesto veemente. E, vendo-me abanar a cabeça, deixou cair a cortina de couro e ordenou-me: – Agora passa-me a conta do rosário e o fio.

Tirei-os da bolsa e dei-lhos. Cheirou-os e passou-lhes a língua.

– A conta é de alfarrobeira, bem polida. Cara e feita cá, parece-me. Mas não pertence a Frei Carlos. Pelo menos não é do rosário que costuma trazer, que esse conheço-o bem. O fio, como sabes, é de seda. De muito boa qualidade. Precisava de ver as luvas de Simão para perceber se são iguais. E mesmo nesse caso... Deve haver mais milhas de seda preta em Lisboa do que ruas calcetadas. – E, ao dizer isto, deixou pender as mãos ao longo do corpo.

– Nada mais? – perguntei.

– Só que tinhas razão quando dizias que o teu tio deve ter sido morto com as roupas ainda vestidas. Tem marcas de excrementos e de semente branca por dentro da túnica.

Era como se o corpo de meu tio tivesse libertado todos os seus humores. É possível que, face a uma morte violenta, o corpo procure purificar-se para que a alma possa partir depressa para junto de Deus.

– É tudo o que descobriste? – perguntei. E, quando assentiu, insisti: – Mas como será que se escapou? Tenho a certeza de que a entrada estava bem trancada do lado de dentro. Só se passasse através das paredes da cave. Não tinha modo de...

– Só me ocorre uma magra ideia para ver se consigo desfazer a minha ignorância – diziam os seus gestos.

– O quê?

Farid apontou para os postigos. Eram três, de forma oval, não mais compridos do que dez polegadas nem mais largos do que uma mão travessa, e estavam tapados com pequenas portadas que se podiam trancar e vendas de pele bem polida que apenas deixavam entrar um fio de luz.

– Nem uma criança ou um anão conseguiam passar por ali – repliquei. – A não ser que o assassino fosse uma marta ou uma víbora...

– Eu tinha dito que era uma magra ideia. – Farid encolheu os ombros, levou o polegar e o indicador aos lábios, descrevendo seguidamente com eles um arco gracioso. Queria assim dizer que tínhamos de esperar que Alá nos desse uma resposta.

– Não posso ficar à espera d’Ele – repliquei.

Encaminhei-me para as escadas e sentei-me a cismar no mistério. «É estranho sentir só este vago vazio e a fraqueza do corpo», pensei. Era como se o meu amor tivesse morrido com o meu tio. Como se, desligado do meu passado e presente, flutuasse livre de tudo, a não ser da insistente necessidade de descobrir o culpado.

Subitamente, o coração parecia querer saltar-me do peito: ouvia-se alguém arranhar a portada de um dos postigos de que tínhamos estado a falar. Corri pelas escadas acima e precipitei-me através da cozinha para o pátio. Mas era *Roseta* que sacudia com a pata um novelo de lã vermelha que meu tio tinha feito há pouco tempo para ela brincar. Estava toda molhada; parecia que a tinham atirado a um poço.

– Estúpido animal! – sibilei eu furioso.

Respirei fundo, pedi-lhe perdão e saí para a rua. A uns cem passos para oriente, ao fundo da Rua de São Pedro, o corpo do doutor Montesinhos pendia ainda do umbral da nossa antiga escola. Diante dele estava um homem baixo, com uma comprida capa violeta, a mão direita erguida como que numa bênção. Só lhe via o perfil, mas parecia-me distinguir os cabelos grisalhos

rebeldes e a cor de canela de meu tio. «É o tio!», pensei de repente, como se todas as minhas anteriores conclusões sobre a sua morte não passassem de pura tolice. «É claro! É um mágico capaz de nos enganar a todos!» Era uma loucura, bem sei, mas fui percorrido por um grande alívio e encaminhei-me para ele. Acho que até me comecei a rir. Mas, ao ouvir aproximarem-se os meus passos, o homenzinho escuro virou-se para mim, ficou hirto e depois desapareceu na esquina em direção às traseiras da Igreja de São Miguel. Quando atingi o local, já ele se tinha desvanecido. Profundamente confuso, voltei até junto do corpo do doutor Montesinhos. O soberano de ouro que lhe tinham posto na boca para pagar a travessia sagrada do rio Jordão já lá não estava. Com um sobressalto, como se tivesse acabado de me despenhar de algum muro, pensei: «O homem da capa violeta não era o meu tio e não estava nada a abençoar o morto; estava mas era a roubar a moeda. Não passava de algum deles ladrão.»

Ao regressar a casa, sentia-me invadido pela impressão de que a história tinha enveredado por algum ínvio atalho ignorado até por Deus. Todos nós, em Lisboa, tanto judeus como cristãos, dependíamos agora apenas de nós próprios para sobreviver. E foi nesse momento que me ocorreu um pensamento terrificante que nunca imaginei que pudesse atravessar o meu espírito: «Nunca houve Deus nenhum a vigiar-nos! Mesmo na sua essência cabalística, a *Tora* não passava de ficção. Não existe aliança nenhuma. Dediquei toda a minha vida a uma mentira.»

Tendo descido à cave, sentei-me novamente no último degrau das escadas, com a cara enterrada nas mãos. Farid sentou-se a meu lado e pôs-me a mão na cabeça.

– Neste momento todos duvidamos de Deus – consolou-me ele.
– Não penses nos problemas maiores que todos enfrentamos. Temos nas mãos um homicídio. Vamos lá a ver outra vez. Qual seria o valor tão especial que a *Haggada* do teu tio tinha para o assassino?

Lembrei a Farid que meu tio tinha o hábito de desenhar os personagens bíblicos inspirando-se em pessoas conhecidas de Lisboa, vizinhos e amigos, incluindo os seus adorados confrades do círculo de iniciados. E, como é evidente, procurava sempre encontrar-lhes personagens que partilhassem dos mesmos interesses e predileções.

– Algum desses iniciados tinha servido para ilustrar um homem

vil? – inquiriu Farid.

– Não – respondi. – Não me parece que suspeitasse de algum deles. Ou então só há muito pouco tempo é que tinha descoberto a traição. O mais certo era não voltar atrás para refazer as iluminuras. Era um trabalho demasiado laborioso para resultados...

Parei a meio da frase: tudo se ajustava! Sexta-feira passada, pouco antes da nossa *seder* da Páscoa, meu tio tinha-me dito que tinha encontrado o rosto de *Aman* para o seu último manuscrito. Na sua voz entreteciam-se a tristeza e o alívio. Dirigindo-me a Farid por meio da nossa linguagem de gestos, expliquei-lhe que meu tio devia ter descoberto uma espécie de conjura contra ele nesse próprio dia.

– Estou convencido de que terá usado o rosto do seu principal inimigo para retratar o vil *Aman*... o rosto do homem que o haveria de matar. É a única explicação. Foi por isso que roubaram a *Haggada*. O assassino sabia que tinha sido retratado. Ou suspeitava... Ou até o terá descoberto acidentalmente ao folhear apressadamente os manuscritos da *geniza*. Entrou em pânico e levou-a. Por isso é que não deixou manchas de sangue nos manuscritos do fundo nem levou as moedas.

Farid repuxava o lóbulo da orelha e o seu olhar fitava-me gravemente do alto do seu nariz largo.

– Temos de estudar os iniciados um a um – propôs. – Frei Carlos, qual poderia ter sido o seu móbil? Poderia *Aman* ser ele?

– Meu tio tinha tido uma discussão com ele sobre uma safira de Salomão Ben Gabirol que Frei Carlos se recusava a ceder.

– E Sansão Tijolo? Teu tio tinha falado nele ultimamente?

– Momentos antes de eu ir à casa dele comprar vinho, meu tio tinha-me dito que precisava de falar com ele e deu-me um recado para lhe entregar.

– O que é que lhe queria dizer?

– Não sei – respondi com um gesto. – Mas há outra coisa... É que eles a bem dizer não se viam nas reuniões de iniciados. Seria só por causa da distância a que ficam as duas casas? Às vezes ficava a pensar nisso.

– Haveria ali uma ponta de aversão?

– Mais uma espécie de porfia. Eram dois cabalistas inteligentes e prestigiosos. Mesmo entre anjos pode haver rivalidade.

– E temos ainda Diego – retomou Farid.

– Não sei se já teria sido informado do segredo da *geniza* – repliquei, pois sabia que Diego não tinha ainda concluído a sua iniciação no grupo.

– Podias perguntar isso a um dos iniciados.

Peguei na folha que tinha caído do turbante de Diego e passei-a a Farid, explicando-lhe como me tinha chegado às mãos.

– Que me dizes a isto? – perguntei.

– *Madre* quer dizer mãe, claro, sobretudo quando se fala de Nossa Senhora. Iria dizer que deve ser algum talismã meio judeu, meio cristão... Alguma oração à Virgem a pedir que alguma coisa corra bem a um Isaac no vigésimo nono dia. – Devolveu-me a mensagem. – Os marranos andam a fazer coisas muito estranhas nestes últimos tempos. Sois como esfinges com coração de judeu e cabeça de cristão.

– Mais uma coisa, Farid: nessa altura Diego estava ferido. Achas que depois de ter sido apedrejado e perseguido ainda teria forças para talhar a garganta a duas pessoas?

– Se visse que tinha de ser. Diego é um sobrevivente que fugiu de Castela com os inquisidores a saborear a sua captura iminente. Os ferimentos seriam a sua melhor desculpa, caso alguém comesse a suspeitar dele.

– Mas ele vive longe daqui. Achas que se ia arriscar à travessia de um mar de cristãos para chegar à nossa casa? Não me parece.

– E se estivesse ajustado com Eurico Damas?

– Ou com o Rabino Losa – observei. – Esse sempre teve um ódio tremendo pelo meu tio. E negociava em artigos religiosos, rosários também, de certeza.

– E para acabar temos Dom Miguel Ribeiro – concluiu Farid com um profundo suspiro.

– Parece-me que meu tio tinha ido ver Dom Miguel para lhe pedir ajuda para comprar um manuscrito valiosíssimo, um livro que ao que parece provocou uma disputa no círculo de iniciados. Desta vez, a paixão de meu tio de salvar a mínima página hebraica da destruição talvez o tenha conduzido à morte.

– E o marido da rapariga? – interrogaram os gestos de Farid. – Que é que achas? – Agarrou-me nas mãos para sustar o meu protesto. – Bem sei que é quase impossível que entre ela e teu tio houvesse comércio carnal – explicou. – Mas nem todos foram abençoados com a tua fé. Talvez o marido se convencesse de que ela o andava a mimosear com um belo par de cornos. Por

qualquer motivo, ela podia ter recorrido à ajuda de teu tio, podia querer esclarecer alguma dúvida religiosa. O marido podia tê-la seguido a pensar que ela se ia encontrar com quem andava amigada e, ao vê-la entrar no alçapão, entrou também e saltou sobre o teu tio. Depois levou as roupas da mulher para que ninguém seguisse a pista até ele.

– Um marido cego pelo ciúme, iroso, sem fé nem confiança...

– Lisboa está cheia dessa praga até às torres. Quantos homens não conhecemos nós que são incapazes de entender os caminhos do amor?

– Mas não podia deixar de perceber que o próprio rosto da mulher o haveria de denunciar. Levar as roupas era um gesto absurdo.

– A não ser que tivessem um valor desconhecido – replicou Farid –, uma joia ou algum sinal de crédito. Beri, há outra possibilidade! – interrompeu-se Farid, passando a língua nervosamente pelos lábios.

– Quem?

– Parecemos apicultores principiantes à volta de um enxame enfurecido... Temos andado a evitar falar de tua tia Ester. – Com um gesto afastou os meus protestos. – Não sei de ninguém mais dado a fúrias do que ela; é ou não verdade? – perguntou.

Assenti.

– O silêncio dela é bastante estranho. Talvez que quando descobriu o teu tio com a rapariga na cave...

– Não sejas ridículo – interrompi. – Achas que ela os estrangulou num acesso de ciúme com um rosário que por acaso encontrou por ali no pátio?! E que depois lhes cortou a garganta, roubou o nosso lápis-lazúli e o ouro e fugiu daqui a correr para ainda poder ser violada lá fora? Farid, isso não passa de um castelo de cartas em cima de uma mesa bamba! O silêncio dela não é nada estranho. Posso entendê-lo perfeitamente. Nasceu da sua descrença para todo o sempre e não da culpa.

– Um castelo de cartas numa mesa bamba... no meio de uma tempestade de areia – retorquiu Farid, imprimindo às mãos a graça de um gesto de desculpa. – Mas tinha de largar no ar o pensamento, para que ele pudesse voar livremente para longe de nós. Agora diz-me uma coisa, Beri... O que poderia levar um dos iniciados a colaborar com Eurico Damas ou com outra pessoa exterior ao grupo?

Ameaças? A palavra insinuou-se tão violentamente no meu espírito que dei um pulo.

– Que foi? – inquiriu Farid. – Ouviste alguma coisa? Vem aí alguém?!

– Não é o que ouvi.

E fiz-lhe um sinal para esperar um momento, para poder pôr ordem nas minhas ideias. Poderia dar-se que Eurico Damas tivesse ameaçado um dos membros do círculo de iniciados e conseguido que ele o ajudasse a matar meu tio e roubar o nosso armário de material e a *geniza*? Talvez imaginasse que tínhamos barricas de ouro e cofres cheios de rubis... E se tivesse trazido com ele a rapariga para a matar ali e nos levar a pensar que tinha havido comércio carnal entre ela e meu tio e nos convencer de que fora o marido a fazer o mal? Ocorreu-me então um outro pensamento horrível: que podia ter sido o assassino a derramar o seu próprio sêmen sobre o meu tio! Seria qualquer coisa de abominável! Mas, ainda que nos dois dias anteriores não nos fosse dado aprender mais nada, tínhamos compreendido que tal infâmia não distava senão um cabelo do tempo presente.

– Ameaças – concluí, dirigindo-me a Farid. – Neste maldito reino de máscaras em que vivemos, todos têm um ou dois segredos que lhes podem custar caro!

– Isso agora também nos pode pôr um dilema – explicou, levantando-se e tomando-me pelo ombro. – Se todos têm um segredo a esconder, também qualquer um podia ter sido ameaçado. Que podemos fazer se vemos que todos trazem o véu da suspeita?

Nesse momento senti um terror inimaginável derramar-se nas minhas entranhas. O suor perlava-me a fronte. Sentia náuseas e soltava gemidos. Tão perturbado estava que me pus a falar com Farid em vez de usar a nossa linguagem gestual.

– Frei Carlos estava com Judas! E se o catraio tivesse assistido ao crime? Frei Carlos não teve a coragem de lhe acabar com a vida e levou-o com ele!

Farid leu esta suspeita nos meus lábios, cerrou os olhos como que para afastar tal possibilidade.

– Não tinha pensado nisso – assinalou timidamente. As mãos giraram conjuntas numa dança de súplica. Tomei-o pelo ombro e perguntei:

– Reparaste se Frei Carlos tinha marcas de sangue?

– Só os vi ao longe. Acho que não, mas não posso ter a certeza.

Um grave silêncio selou os nossos lábios. Restavam-nos Eurico Damas, o Rabino Losa e Dom Miguel Ribeiro. Um deles, ou mais, tinha conjugado esforços com um dos membros do círculo de iniciados.

– Temos de falar com todos eles – decidiu Farid.

Ao mesmo tempo que assentia, no meu espírito começou a desenhar-se uma explicação para as pistas que tínhamos reunido: Meu tio estava só em casa, tinha recebido a visita de uma moça que conhecera anos antes, uma aprendiz de padeira, talvez filha de um velho amigo. Chegara bastante perturbada. O marido tinha-lhe batido. Que devia fazer? Meu tio mandou-a sentar-se à mesa da cozinha, deitou-lhe um copo de vinho temperado com água e ofereceu-lhe uma *matza*. Ficaram a falar dos problemas dela até que os gritos vindos da rua os interromperam. Compreendendo imediatamente o que se estava a passar, meu tio disse-lhe para não fazer barulho; dirigiu-se em bicos de pés ao pátio e seguidamente à loja à procura do resto da família. Mas eu ainda vinha a caminho da minha ida a comprar vinho e tia Ester tinha ido ao mercado em frente a Santo Estêvão. Judas estava com Frei Carlos; minha mãe e Cinfa tinham ido fazer a sesta em casa de uma vizinha. Quando os cristãos desataram a arrombar as portas da loja, levou a rapariga para a cave, puxou de dentro o velho tapete persa para cima da porta do alçapão, correu as cortinas dos postigos da parede norte para que não se pudesse ver para dentro e trancou as pequenas portadas. Momentos mais tarde, durante uma breve acalmia do motim, alguém bateu à entrada do alçapão. Ouviu-se uma voz familiar a pedir socorro. Precipitando-se para cima, meu tio abriu a entrada da nossa sinagoga a um irmão do círculo de iniciados. Alguém com quem meu tio se disputara a propósito de um manuscrito precioso, ou que teria mesmo conspirado para o comprar nas costas de meu tio. Qualquer que fosse a natureza do seu pecado, tinha-lhe valido tornar-se o rosto de *Aman*. Porém, com o tumulto que lavrava lá fora, todo o ressentimento fora esquecido nesse momento. Eurico Damas irrompera abruptamente de trás do iniciado. Sem qualquer aviso, lançara-se para a frente, empurrando meu tio pelas escadas abaixo. Daí a ferida profunda que apresentava no ombro. Assim que meu mestre, apoiando-se num joelho, se ergueu, foi agarrado por trás. Passaram-lhe um rosário à volta do pescoço. «Se não

ofereceres resistência, juro sobre a *Tora* que poupo a rapariga!», gritou Damas. Meu tio cedeu, compreendendo nesse instante ser esse o sacrifício que lhe tinha sido destinado. A vida foi-lhe então retirada. O iniciado, um antigo *shohet*, apoderou-se do corpo de meu tio e talhou-lhe a garganta para estar certo de que não reviveria. Depositou-o cuidadosamente no chão. O sangue jorrava livremente sobre o tapete de orações. À volta da unha do polegar puseram um fio negro de modo a implicar Simão.

A rapariga tinha recuado para a parede do lado oriental e estava agachada, dominada pelo terror, suplicando que a deixassem viver. Damas rompeu a promessa que fizera a meu tio, agarrou-a, mas, ao tentar estrangulá-la, o seu rosário rompeu-se. Abriu-lhe a garganta e atirou-a para o chão. A cabeça ficou esmagada num dos vasos de plantas. O nariz partiu-se, ficando fora do sítio, numa posição grotesca. Em poucos momentos, acabou por morrer exangue. As contas do rosário espalharam-se pelo pavimento de lajes da cave. Damas ordenou ao iniciado que as apanhasse, mas uma delas ficou esquecida debaixo de uma escrivaninha. O iniciado foi então buscar à bexiga de enguia a chave da *geniza* e abriu a tampa disfarçada. Descobriu a *Haggada* de meu tio que estava por cima, folheou-a avidamente, acabando por deparar com a sua própria cara personificando *Aman*. Aterrado, escondeu o manuscrito debaixo da capa e disse a Damas que tinham de sair dali rapidamente. Sabia onde podia encontrar as folhas de ouro e o lápis-lazúli e limitou-se a retirá-los da caixa de ébano onde se encontravam.

Juntos, despiram os corpos para dar a impressão de que meu tio e a rapariga se tinham conhecido carnalmente. Pensavam assim infligir um derradeiro achincalho à minha família. E ainda certamente pôr as culpas no marido da rapariga. Talvez o iniciado tenha protestado. Mas foi-lhe recordado o segredo aparentemente tão terrível que pairava sobre ele como uma ameaça. Todo este massacre tinha provocado em Damas uma grande excitação, pois há homens para quem a lascívia está intimamente associada à violência. Ou ter-lhe-á parecido que faltava àquela cena um último toque perversamente poético e quis aviltar o corpo de meu tio ainda mais perfidamente. Expondo as suas partes vergonhosas derramou o seu próprio sémen sobre meu tio.

A rapariga era também vagamente conhecida do iniciado. O pai dela era não só um bom amigo de meu tio, mas também dele. Por

haver nas roupas dela algo que poderia denunciar esta ligação, arrancou-lhe o vestido e a blusa e mesmo a roupa de baixo.

Teria Judas assistido a tudo isto do topo das escadas? Teria o assassino passado os braços à volta dele, levando-o dali consigo?

O iniciado traçara então um dos nomes secretos de Deus na sua própria testa e na de Eurico Damas. Talvez também na de Judas. Um nome com grande poder, retirado de algum manual da prática da Cabala, que lhes permitia passar através das paredes.

E então desvaneceram-se.

Capítulo VI

Ao repetir a Farid a minha versão, ouvi uma voz de homem vinda do pátio. Trepei as escadas a correr. Era um vizinho, o rabino Salomão Ben Verga. A sua face barbuda aparecia-me emoldurada pelo umbral da cozinha e estava a falar a Cinfa da misericórdia divina num tom de consolação. Trazia três lajes de lousa numa mão e um cesto de cebolas na outra.

– Escapaste, rapaz! – disse ele com um sorriso. Como quem receasse franquear a entrada de nossa casa, não avançou para mim.

– Mas muitos de nós não conseguiram. Judas desapareceu. E meu tio...

– Eu sei, Cinfa estava a contar-me. – Pousou o cesto e fez-me sinal para me aproximar. Tomando-me pelo ombro como alguém mais velho, continuou: – Nunca esqueças que a vida te foi poupada para que te possas lembrar. Pelo meu lado, estes vis motins hão de ser o culminar do livro que ando a escrever sobre a história dos judeus.

– Um livro de História? – perguntei, pois nunca ouvira falar de tais livros escritos por um judeu desde os tempos de José.

– Isso mesmo – respondeu o rabino. – Um relato de todas as sendas de urtigas que temos atravessado na nossa caminhada para o Monte das Oliveiras.

«Estamos realmente a entrar numa nova era», pensei. «Serão mais os textos de História a descrevê-la do que as obras de Deus. Os rabinos e os cabalistas virão a tornar-se obsoletos.»

– Gostava de te sugerir que usasses nas tuas iluminuras tudo o que viste nestes dois últimos dias – acrescentou o rabino. – Traduz em imagens o que viveste. É assim que nós, judeus, usamos a arte. – Estendeu-me as lousas. – São do vosso pátio, acho eu. Encontrei-as na rua.

Agradei. Ele desejou-me que ficasse em paz e, ao voltar-se

para sair, acrescentou:

– É verdade, se precisares de cebolas... – E exibiu o cesto. – Derrubaram uma carroça. Não são grande coisa, mas ficam-nos por uma verdadeira pechincha.

Era difícil imaginar que alguém conservasse o sentido de humor em momentos destes. E no entanto trocámos um sorriso.

Será que a demência, tal como a visão interior, nos vem por lampejos?

Foi então que os ouvi. A primeira das vagas ululantes de cristãos que se aproximavam. Empurrei para o lado a nossa visita e corri para a cancela. A julgar pelo rumor e pelos gritos que se agigantavam, concluí que vinham de ocidente, da Sé. E apressadamente.

– O que é, rapaz? – perguntou o rabino Salomão.

– É melhor ir para casa, rabi – disse-lhe eu. – Parece-me que ainda não acabou tudo.

Puxou o capuz da capa para a cabeça e, ao passar por mim, parafraseou um versículo do «Livro dos Provérbios»:

– Deus castiga a quem ama, como o pai o filho preferido. Somos o Seu povo eleito. Haveremos ainda de ver o Templo reconstruído.

Reuni a família e disse-lhes que não tinham mais do que uns instantes para recolher alguns pertences. Precipitando-me para fora, apanhei uns montões de estrume numa gamela de pau, espalhando-o seguidamente por cima do tapete esfiapado que cobria o alçapão. Esperava assim desencorajar os ladrões ou intrusos. Fui ao meu quarto buscar uma vela e uma pederneira, vários cobertores e um púcaro de água. Tirei do bolso secreto por baixo do peito a fita de pergaminho onde estavam gravados o meu nome e o de meu tio e enrolei-a no pulso, virando para dentro o lado dourado escrito para que não o pudessem ler. Depois, conduzi toda a gente para a cave, praguejando durante todo o caminho por ter passado tanto tempo à conversa com Farid, em vez de ter ido à procura de Judas. E agora...

Em voz baixa, ergui a Deus uma prece pedindo perdão ao perceber que não poderíamos ainda nesse dia enterrar meu tio. Com os olhos cerrados, o corpo balançando ao ritmo do bater do meu coração, supliquei que esta nossa falta aos preceitos não fosse de modo algum impedimento para a viagem da sua alma.

Passámos o resto de segunda-feira à espera: minha mãe, tia

Ester, Farid, Cinfa e eu. Ficámos sentados, cada um no seu próprio mundo, num silêncio quase total.

O azul-vivo do tapete de orações que cobria o corpo da rapariga, o cáldo e denso perfume do cabelo de Cinfa quando meteu a cabeça debaixo da minha camisa com o seu hálito quente na minha pele, a zoada enervante das cigarras no pátio – a mínima traiçoeira sensação levantava a mesma questão: por que razão podia eu ainda ver, ouvir, cheirar, quando tantos tinham morrido?

– Quase preferia ter morrido com eles – confidenciei a minha mãe.

– A culpa agarra-se a nós como Deus – respondeu ela. – Nem podia ser de outro modo.

Sempre que me ocorria que minha mãe era uma pessoa sem interesse, acabava por me surpreender com tiradas destas.

– Vivemos para recordar – disse Cinfa, repetindo as palavras do rabino Salomão.

Será a imitação dos adultos a maneira de as crianças se agarrarem à esperança?

De repente, chegaram-nos gritos da rua, acusando os marranos de terem usado a feitiçaria para chamar a seca. Foi a primeira das três ocasiões em que nesse dia ouvimos os seguidores do Nazareno. Abateram-se sobre nós às centenas em vagas sucessivas, conduzidos pelos frades dominicanos, bradando em gritos estridentes, num falsete de eunucos, que viéssemos para fora para nos purificarem pelas chamas, e berrando insultos contra os judeus demoníacos. «Bichos meio-humanos», chamavam-nos eles. Certa vez, pela tardinha, ouvimos a música de gaitas de foles que fazia vibrar os barrotes de castanho do teto da cave, como se nos chamasse para alguma festa. A última dessas vezes, umas três horas depois do cair da quarta noite da nossa Páscoa, pelos meus cálculos, chegaram até ao escuro onde nos escondíamos gritos penetrantes, como se andassem a fustigar um porco pelas ruas. Rezei para que não passasse disso mesmo. Por duas vezes penetraram em nossa casa, despedaçando o que restava da mobília.

Cinfa aconchegava-se entre mim e Farid. Tia Ester permanecia estoicamente sentada, os olhos já sem pintura, os cabelos grisalhos descuidadamente pendendo sobre os ombros. «Uma atriz a quem morreram todos os demais atores, seus companheiros, a

quem derribaram o teatro pelo fogo», pensei. Minha mãe aferrava-se aos seus talismãs e rezava em silêncio. Cada vez que me fitava, podia aperceber-me de que meditava nas minhas parecenças com Judas.

Tivessem os cristãos descoberto o alçapão e tudo estaria perdido. As tábuas tinham sido apressadamente pregadas no sítio e o ferrolho da verdadeira porta da cave tinha-se partido quando o arrombei à procura de meu tio. Bastava alguém dar um passo em falso no meio do tapete de cima para literalmente cair em cima de nós.

Depois do cair da noite, aspergi meu tio e a rapariga com mirra, para atenuar os crescentes odores que anunciavam a partida da alma. Seguidamente, cobri-os de novo com os tapetes de orações.

O corte no braço causado pela lança tinha acabado por fechar, graças a um extrato de consolda. Untei-o com uma camada de suco de calêndula para sarar completamente e liguei-o com um lenço de linho. Reunindo toda a minha coragem, uma vez ciciei a tia Ester: «Já alguma vez tinha visto a moça?» Minha tia estava sentada num mocho que tínhamos trazido da cozinha, com a pesada mantilha castanha de lã da Flandres de minha mãe a proteger-lhe os ombros. A mão direita, envolvida numa toalha de linho ensopada de sangue, estava entalada entre as pernas protegendo a sua intimidade profanada. Não pronunciou o mínimo som e compreendi que a sua alma voara até ao mais profundo de si própria. Era cruel pôr-lhe tal pergunta? Pouco me importava: tinha de apurar se ela sabia, o que nada tinha a ver com qualquer curiosidade doentia, como ela provavelmente imaginava.

Conservava ainda na bolsa a aliança da rapariga para a entregar ao marido, esperando que ainda estivesse vivo para a venerar. O anel de sinete de meu tio, beije-o e guardei-o na caixinha de ébano onde antes tínhamos as folhas de ouro, por imaginar que poderia ser penoso para minha tia Ester vê-lo no meu dedo. Quando minha mãe me questionou sobre o paradeiro desta lembrança, achei que era a ocasião propícia para falar com ela.

– Quem é que sabia da nossa *geniza*? – perguntei-lhe.

Encolheu a cabeça, como fazem as galinhas, e fitou-me como se eu tivesse endoidecido.

Depois do bater da meia-noite na Sé, ouvimos Brites, a nossa

lavadeira, que era cristã, a chamar-nos desesperadamente do pátio, com a voz estrídula de uma gaivota perdida. Ia a gritar por ela em resposta, quando minha mãe pôs as mãos em cruz diante de mim.

Compreendi então a insegurança do inferno de ter um irmão pequeno nas garras de verdugos que não respeitavam nem a beleza do corpo humano nem a santidade da alma. E fiquei a cismar quem seria que figurava na Tábua Eterna da tradição muçulmana como assassino de meu tio e fiz votos para que pudesse descobrir quem era a rapariga. Mais do que nunca, convenci-me de que era ela a chave.

Na terça-feira, de manhã cedinho, achei que já bastava de trevas e de hesitações. Sentia as pernas e os braços tolhidos pela necessidade de ar livre e de movimento. Contemplando a cerração arroxeadada que precede a madrugada, decidi começar a procurar Judas, Reza e os membros do círculo de iniciados. Calculei que não devia haver muitos cristãos a pé a horas tão matutinas.

– Não vás! – ciciou minha mãe. Fincou-me as unhas na carne. – É perigoso! E tens de recitar as tuas orações da manhã. O tio havia de se zangar se não cumprisses os teus deveres para com Deus.

– As orações da manhã vão ter de esperar! – disse eu, libertando-me das suas mãos. Enfieei na bolsa tudo o que precisava, exceto o meu punhal, que deixei a Farid.

Aceitou a minha oferta sem um gesto. Tinha os olhos raiados de sangue e corriam-lhe fios de suor pelo rosto. Quando lhe beijei a fronte, senti que queimava e tinha o sabor de uma doença má. Ao voltar-se para evitar o meu olhar interrogativo, reparei que as feridas do pescoço tinham piorado e pareciam agora negras e amarelas.

– Como te sentes? – perguntei-lhe com as mãos.

– É como se um bicho coberto de espinhos me arranhasse as entranhas a tentar sair – diziam os seus gestos débeis.

Seria peste? Se ele se fosse, quem me poderia depois falar na minha linguagem interior? Quem me ajudaria a descobrir o assassino de meu tio? Imobilizado pela desesperança, fiquei a observá-lo, lembrando-me de que fora a nossa velha amiga Murça Benjamim quem primeiro dissera que éramos irmãos gémeos entregues a pais diferentes. Aquela querida Murça que em breve

se iria casar! Teria ela sobrevivido?

Ao iniciar a minha busca, fui ao telheiro buscar um martelo e murmurei para Deus: «Dá-nos Judas de volta e toma-me a mim em vez dele.»

Segui cantando interiormente versos do *Zohar*, como um escudo para me proteger dos cristãos. Diante de mim estendia-se a Rua de São Pedro, completamente vazia. Uma névoa escura e algodoada recobria a cidade. As raras portadas que tinham resistido à fúria da turba estavam trancadas como se nunca mais se devessem abrir. Por cima de mim vojavam gaivotas luminescentes como se prestes a irromper em chamas. Nas imediações da Porta de São Pedro, uma mulher corpulenta com um cesto de vime à cabeça começou a correr num passo esforçado e sacudido. Muito acima dela, por trás das torres gémeas da Sé, viam-se volutas de fumo elevando-se nos ares: a fogueira do Rossio devia ainda crepitar.

A porta de Frei Carlos estava ainda fechada. No interior da Igreja de São Pedro ouvia-se o crepitar dos pavios das lamparinas acesas. Na nave jaziam corpos atirados ao acaso como marinheiros afogados que tivessem dado à praia. Reconheci a senhora Telo, a costureira, deitada de costas debaixo do fresco da Anunciação que enfeita o transepto. Tinha o rosto branco de cera e os olhos fechados. Sem sangue. Nenhum. Sobre o ombro, pendia-lhe o apito de lata com que costumava chamar os filhos. Voltei-me ao ouvir rosnar. Era um rafeiro de focinho rosado com as patas na barriga de um homem que tinha o peito empapado num líquido escuro. Com as orelhas esticadas, levantava os beijos latejantes e encrostados, deixando à mostra os colmilhos afiados; fazia ouvir um ronco que lhe nascia das tripas, como se temesse que lhe disputasse o cadáver.

Encaminhei-me para a Igreja de São Miguel. Havia vários corpos hirtos e silenciosos diante do altar do Nazareno. Peguei numa lamparina de uma capela lateral e comecei à procura. Judas não se encontrava entre eles. Em Santo Estêvão deparei com o corpo de uma adolescente no jardim do adro, no meio de um canteiro circular de belíssimos malmequeres. Um abutre corcovado picava-a metodicamente com um ar indiferente. Observando-o, reparei que estes rapaces atacam primeiro os tecidos moles, os lábios, a língua, os olhos. A rapariga ficara irreconhecível. O sacristão da igreja, um cristão-velho, emergiu

do seu esconderijo numa capela lateral antes de eu sair. Respondendo à minha pergunta, disse-me:

– Não, Frei Carlos não. Outros. A maior parte foi para o rio. Falavam de barcos que andavam a passar judeus para a outra banda.

Descobri que a única coisa que ainda me podia perturbar era a bondade. Quando ele me abraçou, a minha carapaça desfez-se. Afastei-o e apoiei-me numa parede. Depois desatei a correr.

O alvorecer estendia uma luz diáfana pelo horizonte. As andorinhas descreviam grandes arcos em torno de mim, chilreando como numa fala atabalhoada. Cortando para o Tejo, dirigi-me às peixeiras que montavam as tendas para vender a pesca da noite anterior e fiz-lhes uma descrição de Judas, mas elas não tinham visto nada. «Mataram alguns judeus?», perguntou uma delas e bocejou, como se a mera ideia a enfadasse. Quando lhe derrubei a banca desatou a berrar como um papagaio. Mas ninguém ousou fazer-me frente: as pessoas sabem reconhecer a loucura e afastam-se.

Caminhei então para o centro da cidade até atingir o arco de dentro do Terreiro do Trigo, sem me arriscar a ir mais além. Do lado do cais, dois mareantes portugueses e um grupo de marinheiros loiros do Norte praguejavam ruidosamente uns com os outros. No meio deles estavam estendidos os corpos de quatro homens mortos. Um monte de cães abatidos jazia espalhado em torno do cruzeiro que ornamentava o largo, e o sangue ensopava o feno que se escapava dos fardos recentemente desfeitos. Mais adiante, num dos ancoradouros usados para a reparação dos barcos, um ajuntamento jubiloso observava a violação de uma escrava africana. Com o rosto encostado às pranchas lodosas, a rapariga gemia sob a crua loucura de um homem atarracado que a arremetia pelas costas. De dentro da cidade flutuante das embarcações, marinheiros e mercadores observavam a cena rindo-se. Voltei então para a relativa segurança da Judiaria Pequena. As minhas passadas pareciam pontuar a pergunta: «Será que os cristãos-velhos nos odeiam tão feramente por lhes termos dado Jesus, o salvador que nunca tinham deveras desejado?»

A casa rasa que Reza partilhava com os parentes ficava no meio do perímetro do lado norte do Largo do Limoeiro. O Sol acabara de espreitar a oriente quando lá cheguei. A porta estava cerrada,

mas sem o ferrolho. A grande mesa de avelaneira ajoelhava-se no meio da cozinha: tinha perdido duas pernas. Um vizinho que me tinha ouvido andar à procura fitava-me do umbral da porta da frente. Era um homem delgado de olhos sonolentos e com as faces avermelhadas de quem acabou de se escanhoar. Quando lhe perguntei se tinha visto Reza, cuspiu na minha direção. Mas será que estes cristãos estão sempre à espera de que limpemos o seu desprezo com uma mão mansa e continuemos a arrastar-nos para algum incerto futuro? Dei-lhe um tal empurrão que se estatelou no chão com um guincho.

Uma menina nua de uns quatro anos estava impassivelmente sentada numa almofada na horta de Reza. Na frente, tinham-lhe pintado com os dedos uma cruz a carvão. Debicava uvas-passas. Tinha o cabelo cortado rente aos ombros, uns olhos escuros cingidos por longas pestanas delicadas. Faltava-lhe a unha do polegar direito.

– Fugi – disse ela.

– Como te chamas? – perguntei.

Fitou-me com um olhar distante e abanou a cabeça.

– E onde estão os teus pais?

Meteu na boca algumas passas. Rasguei em dois um lençol e tapei-a.

– Vou levar-te para minha casa – disse eu. – Lá ninguém te faz mal.

Pedi-me para a levar aos ombros. Era tão estranho ouvir o riso de uma criança! Pu-la de novo no chão e fez a pé o resto do caminho.

Ao chegar a casa reparei pela primeira vez que a cozinha parecia um campo de batalha. Umhas poucas preciosas gotas de vinagre tinham ficado no fundo de uma bilha partida junto à lareira apagada. Deitei-as na mão e esfreguei a frente da menina até fazer desaparecer completamente a cruz. Descemos à cave.

– Quem é? – perguntou minha mãe, fixando a criança como se fosse uma afronta à sua mágoa.

– Encontrei-a em casa da Reza. Mas a Reza não estava. Só esta menina.

Minha mãe praguejou em voz baixa, depois pegou na criança e apertou-a contra si.

– E Judas? – perguntou.

– Perdi-lhe o rasto – respondi, abanando a cabeça.

Desviou o olhar para a parede. Reconheci o mesmo movimento martirizado que vira fazer meu irmão mais velho, Mardoqueu, momentos antes de morrer. Quando finalmente deixou de respirar, colhi a sua última lágrima na ponta do dedo e levei-a aos lábios. Como um vento do deserto, percorreu-me um alívio doloroso ao sentir o seu gosto salgado. Foi então que tive uma nova visão, a primeira depois da nossa conversão forçada. Irrompeu dos meus pés para a cabeça e soltou-se pela boca como um grito. Eu estava no pátio. Mardoqueu estava sentado no telhado, perto do trovador de lata que servia de catavento. Eu queria ir para o pé dele, dominado pelas saudades. O meu olhar era atraído pela mesma luz distante que sempre aparece nas minhas visões. À medida que se aproximava, ia-se transformando numa águia enorme, de cauda em leque e cores flamejantes. A cabeça era de um branco espectral e os olhos cintilavam, passando do violeta para o vermelho, como cristais prismáticos. A garganta era de um amarelo-esverdeado, a asa direita prateada, a esquerda dourada. O peito de um púrpura de múrce. Descendo vertiginosamente para o nosso telhado, a grande ave esticou as garras e arrebatou Mardoqueu sem qualquer esforço. Gritei-lhe: «Então, e eu?» Mardoqueu respondeu: «Daqui a anos vamos precisar da tua ajuda. Deus ainda tem uma tarefa para te dar.» Bem firme entre as garras poderosas da águia, prosseguiu para oriente, em direção a Jerusalém e ao Monte das Oliveiras. Seria então desde sempre a minha verdadeira tarefa libertar do faraó a minha família e levá-la em segurança para fora de Portugal? Caberá a todos os homens cumprir um grande objetivo durante a sua vida?

Dirigindo-me a minha mãe, perguntei-lhe:

– Alguma vez ouviu o tio dizer alguma coisa esquisita sobre os membros do círculo de iniciados nestas últimas semanas? Alguma suspeita... alguma fúria?

Não respondeu e começou a torcer e a puxar o cabelo da fronte.

A menina que eu tinha encontrado na horta de Reza tinha pulado para o chão e tinha os olhos cravados em mim. Cinfa, em pé, observava-a, fixando-a com os olhos semicerrados, agarrando o cabelo da nuca. Antes que o desespero se apoderasse de mim, precipitei-me para a rua, para ir à procura dos iniciados.

Diego vivia só, nuns aposentos junto à Igreja de São Tomé, a

menos de cem passos da muralha oriental da cidade, numa parte de Alfama habitada sobretudo por cristãos. Enquanto subia a rua nessa direção, começou a ouvir-se o estrépito das portadas que se abriam. Alguns moradores de gorros puxados para a frente observavam-me, bocejando e piscando os olhos. Artesãos sombrios saíam arrastadamente para o trabalho. O meu estômago começou a roncar, implorando uma queijada ou um pouco de *matza*. Mas tinha-me esquecido do dinheiro. Talvez pudesse pedir uma côdea de pão levedado, mas estávamos no dia antes da quinta noite de Páscoa. *Chametz*, é claro, continuava a estar-me vedado. Uma linda rapariga com restos de feno nos cabelos emaranhados destacava-se no umbral de uma porta fechada, envolta num cobertor. Não devia ser mais velha do que Cinfa. Chamando-me com um sussurro, abriu por momentos a sua cobertura, exibindo-se nua, os seios minúsculos e as ancas magras arrapazadas. «Por dois ovos, levo-te ao meu esconderijo», sussurrou ela. «Porque não...» É o que acontece quando se abandonam as crianças ao Deus da Desafeição nesta nossa mui nobre e leal cidade.

Um pouco adiante, ao subir a íngreme aba da colina fronteira ao largo junto da Igreja de São Bartolomeu, pensei em dar uma olhada pelo centro de Lisboa a ver se a tormenta cristã já tinha amainado. Era preciso ser ingénuo só para ter uma ideia destas! No meio do vale que dali se avistava ficava o Rossio, a uma distância de cerca de uma milha. Havia pelo menos um milhar de cristãos que já ali estavam reunidos, e duas fogueiras enormes cresciam para os céus. Do ponto elevado onde me encontrava no topo da colina, os cristãos-velhos despiam-se por momentos dos seus disfarces humanos e surgiam-me como formigas à volta da comida num enxame raivoso.

Receando que em breve comessem a surgir pequenos grupos de saqueadores para se espalharem pela cidade, apressei-me a chegar à casa de Diego. A porta da rua estava fechada e, como ele morava no segundo andar, comecei a chamar por ele. Do outro lado da rua, um velho sapateiro esquelético, com dois malhos seguros nas mãos semelhantes a garras, mirava-me com um olhar suspeito. Quando por meu turno o fixei, desviou o olhar abruptamente.

Comecei a apanhar seixos do chão e a atirá-los às portadas de Diego. Uma velha descorada com olhos raiados de sangue e um

queixo pontiagudo semeado de pelos escuros deitou a cabeça fora da janela do terceiro andar. Um lenço negro cingia-lhe a cabeça, evidenciando o seu nariz achatado quase inteiramente ratado por alguma doença.

– Qu'é que quer?! – vociferou com um sotaque de Navarra.

– Diego Gonçalves. Viu-o?

Abanou a cabeça com movimentos exagerados e deu um estalo com os lábios. Numa voz que parecia colar as palavras umas às outras, respondeu:

– Eu cá ná tenho tempo pra m'andar a meter na vida dos outros. Sabe Deus só pra m'ocupar do meu marido todo o santo dia. Porque Deus tudo vê e se nós não...

Parecia-me bêbada ou demente.

– Ele está cá ou não? – interrompi.

– *Ojos!* – disse ela grave e lentamente, como se por trás dessa simples palavra houvesse anos de experiência.

– Como?

– Olhos! Estes portugueses têm olhos do tamanho de uma noz. E olham para nós como quem nos quer ver a cor da alma. Sabe-se lá se o problema ná é esse mesmo...

– Oiça, sabe se Diego esteve cá hoje? – perguntei.

– Deus está sempre a ver-nos. O Diabo está sempre a ver-nos. E com esses portugueses de olhos de noz por toda a parte, ná podemos escapar. Quando eu era...

«Vai pentear macacos, bruxa!», murmurei para mim. Apanhando mais algumas pedrinhas, pus-me a atirá-las com mais força às portadas de Diego.

– Ná está cá! – gritou ela em desafio.

– Então onde está? Não tenho tempo a perder!

– As pessoas dessa casa foram ontem levadas de lá – cacarejou ela, pondo os olhos no céu e persignando-se. – Levaram-nas os homens com olhos portugueses.

– Posso ir lá dar uma espreitadela? – pedi.

– E quem é vossemecê?

– O sobrinho dele – menti.

Inclinou-se para fora e correu os olhos pela rua, com o lábio superior levantado como um burro zangado. O sapateiro deve ter estado a observá-la, pois ergueu o punho na direção dele e gritou-lhe:

– Vai mas é trabalhar, meu preguiçoso de um raio!

Ele acenou a mão na direção dela, a dizer-lhe que era maluca, piscou os olhos e fez-lhe o gesto de mau-olhado com o indicador e o mindinho esticados. Ela persignou-se para evitar o enguiço e desatou aos berros novamente. Tirando de dentro da blusa uma chave, atirou-a para eu a apanhar com as mãos em concha.

– Agora não ma comas – avisou ela. – É a única que tenho!

Fiquei à espera do cacarejo, mas pareceu-me estar a falar absolutamente a sério.

– Pode estar sossegada – tranquilizei-a.

Quando cheguei ao segundo andar, rodei a maçaneta dos aposentos de Diego, mas a porta estava fechada. A do vizinho do lado, porém, tinha sido completamente espatifada. De lá de dentro vinha um cheiro estranho que parecia de água salobra. Antes de entrar a ver, subi as escadas para devolver a chave.

– Vossemecê é judeu? – perguntou a velha. – Porque os judeus, já sabe como é...

– Sou sim – assenti secamente.

Agarrou-se ao meu braço e disse:

– Agora pergunte-me a mim se eu também sou.

– Tenho de ir embora – disse eu.

– Pergunte! – insistiu ela, ferrando-me as unhas na pele e cuspinhando-me o rosto num acesso de cólera.

– É judia? – perguntei eu num tom indiferente.

Antes que eu pudesse afastar-me, deu-me uma bofetada com a velha mão calejada.

– Ah, danados portugueses, que nunca hesitais em insultar uma dama de Navarra! – gritou ela. – Mas não julguem que vou...

Ainda estava aos gritos quando voltei aos aposentos de Diego. Bati à porta e chamei por ele, mas só me respondeu o silêncio. Cada vez mais inquieto, com medo do que lhe poderia ter acontecido, desatei a berrar:

– Diego! Diego! Sou o Berequias!

Não se ouviu nenhuma resposta.

Entrei na casa do lado, onde vivia o velho Levi Califa, antigo farmacêutico e estudioso do *Talmud*, com o seu filho viúvo e dois netos. O estado em que a habitação se encontrava não augurava nada de bom sobre a segurança de Diego. A cama de dossel do quarto da frente tinha sido espatifada. Tinham pintado com os dedos uma cruz de sangue na parede oriental e, por baixo, em letras enormes, tinham escrito: «Vincado por Cristo!» Furioso com

tais legiões de cristãos ignorantes que manchavam a terra de Portugal, não pude deixar de notar que a palavra «vingado» estava mal escrita. Como podiam esperar merecer um mero relance do olhar de Deus quando nem sequer sabiam escrever corretamente ou ler com algum entendimento?

– Mestre Levi! – chamei temeroso.

Silêncio.

Na parede oposta, a porta que dava para o resto da casa jazia no chão. Passando por cima dela e esgueirando-me pela entrada escancarada, penetrei num quartinho minúsculo, quadrado, que não tinha mais do que três passos de largura nem de comprimento, com um soalho de carvalho tosco e uma única cadeira como mobília. E no entanto nunca eu entrara num espaço tão repleto. Compreendi imediatamente que tinha penetrado num limiar sagrado. Nas paredes caiadas de branco, escrito a negro, em pequeníssimos caracteres hebraicos, estava o Êxodo. Integralmente. Desde os nomes dos israelitas que entraram na Terra Prometida com Isaac, passando pela fuga dos escravos hebreus através do mar Vermelho e até à construção do tabernáculo por Moisés. Os versículos começavam no topo da parede do lado oriental, prosseguiam para sul numa linha reta horizontal, depois para ocidente e para norte até formar um círculo. A meu ver, havia mais de duzentos círculos desses. Os caracteres cobriam toda a parte de cima do quarto como uma pégula sagrada. O Levítico tinha sido iniciado, mas acabava abruptamente com o preceito de não se queimar mel em oferta ao Senhor. Deve ter sido nessa altura que os cristãos irromperam no quarto e levaram o escriba. Nem era preciso pôr-me a pensar quem seria o autor. Tinha a certeza de que só podia ter sido o velho Levi Califa. Quem senão ele poderia ser tão dedicado para passar todo aquele tempo escondido para recontar a história fundamental da Páscoa? Sentia-me tão maravilhado que simplesmente me pus a ler, o olhar avivando o seu compasso como um dervixe à procura do ritmo da dança.

Nunca pensara que iria encontrar Califa em pessoa. Mas no chão da cozinha, num pedaço de prato partido havia uma mão decepada. Sabia que era a dele, pois o anel de sinete de cornalina que sempre usava na mão direita tinha-lhe sido arrancado. Ao lado via-se o último pedaço de carvão com que tinha escrito e que devia ter caído das mãos.

Uma mão decepada não parece real. Mas porquê? Será porque o nosso espírito se recusa a crer possível uma tal crueldade? E porque será que os cristãos não se limitam a matar-nos e têm de nos cortar aos bocados? Será na tentativa de nos tornar inumanos, de nos forçar a corresponder à sua imaginação que faz de nós demónios?

Não muito longe dos dedos da mão, viam-se as cabeças azul-de-hissopo dos adorados papagaios brasileiros de Califa, a que dera o nome de *Ternura* e de *Empatia*, as duas palavras que compunham a divisa do estudioso do *Talmud*. Deviam ter roubado as preciosas penas dos corpos de *Ternura* e de *Empatia*. Talvez enfeitassem agora o chapéu de algum fidalgo cristão.

Quando me curvei para recolher a mão para a enterrar, o estalido de uma tábua a ser pisada fez-me voltar. No quarto da frente estava o velho sapateiro que vira na rua, com os seus pacientes olhos cinzentos fixos em mim. Era magro, moreno, vestindo apenas uma camisola manchada de suor e umas calças de linho das mais toscas. Devia ter pelo menos cinquenta anos; possuía uns pulsos finos e ombros estreitos e curvados. De trás das orelhas emergiam uns tufos de cabelo grisalho emaranhado. Segurava numa das mãos um cinzel e na outra um malho. Agarrei o punhal e agitei-o diante de mim. «Vão forçar-me a lutar novamente», pensei. Para evitar vê-lo entrar no antro sagrado da *Tora* escrita, passei para o quarto da frente. Numa voz cava disse-me então:

– Não tem muito tempo.

Não respondi e pensei: «Porque será que os cristãos estão sempre à espera de que os judeus comecem a falar antes da luta?» A fúria crescia dentro de mim, fazendo-me sentir como se tivesse mercúrio fervente a correr-me nas veias. Avançando até ficar a três passos dele, esperei que atacasse, pensando que viria abater-se sobre o meu punhal. Apesar de tudo, não pretendia feri-lo. Diz-se que a distância entre o direito de tirar uma vida e um homicídio a sangue frio não é maior do que um cabelo, e eu não tenho a pretensão de possuir a devida visão para perceber sempre essa diferença.

O sapateiro coçou a clareira calva no meio da cabeça com o cabo do malho.

– Não está a perceber o que estou a dizer. Sou um amigo – disse ele.

– Então largue as armas.

Para grande surpresa minha, pousou-as delicadamente aos seus pés. Com rugas de inquietação na fronte, disse:

– Não tem muito tempo. Estão a chegar do rio. Tem de voltar para sua casa. Vim só avisá-lo.

– Porquê? – perguntei.

– Digamos que Mestre Levi era um bom amigo.

– Quando o viu pela última vez?

– Vá, amigo – disse ele, estendendo a mão para mim.

– Por favor, diga-me quando foi a última vez que o viu. Preciso de o saber.

– Ontem – replicou o sapateiro. – Os dominicanos vieram buscá-lo a ele e à família. – Estendeu de novo a mão, pousando-a no meu braço.

Involuntariamente, recuei.

– E Diego Gonçalves? Estava com Mestre Levi?

– Oiça, tem de ir já embora! – exclamou, olhando nervosamente para a porta. – Não percebe?

– Viu Diego Gonçalves?

– Não. Não dei por que estivesse cá. Talvez tenha sido apanhado. – Encolheu os ombros e acrescentou num tom irritado:

– Oiça, vou-me embora. Pode sair comigo ou ficar aqui à espera de que eles venham e o apanhem, faça como quiser. E não se aflija que aquela bruxa navarresa há de arranjar maneira de eles o encontrarem depressa. Foi ela que abriu a porta para eles poderem apanhar Mestre Levi sem terem de suar muito.

Curvou-se para recolher o malho e o cinzel. Atravessou-me o súbito impulso de o apunhalar na nuca. Que sentido faria ferir este cristão justo? Será que o mercúrio que me corria nas veias possuía os seus próprios quereres?

– Vamos! – disse ele, endireitando-se. A sua voz ganhara o tom suplicante de meu pai chamando-me para ir estudar. Subitamente, chegou até nós um grito nas traseiras da casa. O sapateiro levou aos lábios um dedo curvado a pedir silêncio.

Esgueirámo-nos para o vão das escadas como duas crianças a fugir para uma escapada cheia de perigos. A bruxa navarresa, como ele lhe chamava, estava especada acima de nós, com uma expressão de desaprovação que lhe contorcia a face rugosa. O velhote levantou o malho e bateu com ele devagarinho na cabeça, para lhe mostrar o que lhe faria se ela nos denunciasse. Descemos

as escadas como gatos vigiando a presa. Agora só pensava em encontrar Sansão e ler a carta que meu tio lhe tinha mandado. A minha ideia era apanhar a Porta de São Vicente, sair da cidade e seguir para noroeste, para a casa dele.

Na rua, as andorinhas continuavam a voltear estouvadamente pelo fresco da manhã. O rumor que nos vinha de ocidente era rompido pelo riso cáustico de rapazolas que traziam o perigo no coração. O sapateiro apontou a rua para oriente, na direção do olho rutilante do Sol.

– Vai com Deus – disse ele, segurando-me pelo ombro.

Tartamudeei o meu agradecimento. E desatei a correr.

Nunca poderei realçar o bastante até que ponto a morte de meu tio abalou o meu senso. Qualquer judeu que estivesse no meu lugar teria calculado que os dominicanos iriam fechar as portas da cidade ao primeiro apelo religioso da manhã. E também correr era um erro. As minhas passadas abafavam o rumor dos cristãos e denunciaram a minha posição. Em frente da Porta de São Vicente havia uma multidão de uma centena ou mais de pessoas. Quando me avistaram, todos os braços me apontaram como se fossem flechas.

Detive-me, as entranhas contraídas de medo. A sensação de deslizar para a perdição levou-me a estender o braço como para procurar o apoio de um corrimão ou de uma parede. Claro que só encontrei o vazio e então, instintivamente, busquei a proteção do punhal. Durante alguns momentos sufocantes, cheguei a abeirar-me da tentação de me dar à morte. Teria sido fácil: nesse tempo acreditava ainda num Deus pessoal e não temia a morte. Morrer sim. Mas não a gloriosa viagem para a Esfera Celeste. Uma última oração, um único golpe e ver-me-ia liberto. Era o que pensava: «Antes as minhas próprias mãos a libertar a minha alma do que as de homens que tenham empunhado uma cruz.»

Claro que a minha simples aparência exterior não lhes podia indicar com toda a certeza que eu era cristão-novo. Mas, se me despissem, a minha aliança com o Senhor haveria de tornar óbvia a minha crença.

O instinto vital é mais poderoso do que o pensamento. Ou talvez a obrigação de encontrar Judas fosse igualmente forte. Voltei-me e corri como quem não tem por onde escolher. Viriam os meus inimigos atrás de mim? Não o poderia dizer, de tal modo os meus sentidos se tinham embotado pela precipitação. Imagine-

se alguém que ficasse ao pé de um sino pesado a dobrar destemperadamente no meio do uivar de um vendaval. Assim era o bater do meu coração e o meu resfolegar.

Neste momento não me recordo de mais nada senão de descer escadarias e do odor do meu próprio terror. A imagem que seguidamente fere a minha memória de *Tora* é a de um campanário. Chegara diante da Igreja de São Miguel, a uns duzentos passos de casa. Imprevistamente, a torre parecia abater-se para um dos lados. Eu tinha sido atirado pelos ares e ficado deitado de costas no empedrado da rua. Embora arquejante, não sentia dores, apenas uma confusão silenciosa. A minha cabeça parecia encerrada numa ânfora de vidro. Era como se a mão de Deus, sem qualquer aviso, me tivesse simplesmente deslocado no espaço. A imagem fugaz de um nenúfar rodeado de areia, rompendo subitamente em chamas, queimou-me o olhar. Mais tarde, haveria de compreender que por breves momentos ficara inconsciente e ao acordar captara um relance do mundo dos sonhos que fluía sob a corrente do meu pensamento. Mesmo então, porém, aquela imagem de uma flor em chamas pareceu-me vital, um dom de Deus a que deveria apegar-me. Um dia, em Constantinopla, estando eu a trabalhar nas iluminuras de um «Livro de Ester», deparei com a chave da interpretação desta visão, ao compreender que o Senhor deve ter visto Lisboa como uma flor ardente durante essa Páscoa fatal.

À minha esquerda, afastado uns seis ou sete pés, apercebi-me de um homem ajoelhado, com uma capa de couro tratado, agarrado ao ombro como se estivesse ferido. Compreendi que se devia ter lançado de algum umbral invisível, embatendo em mim nesse voo e ficando simultaneamente ferido. Dois homens escanzelados, de roupas esfiapadas, corriam na minha direção do fundo da rua. Pareciam-se como dois gémeos idênticos. Os cabelos cortados rente coroavam-lhes a cabeça. Ambos empunhavam machados e tive a impressão de que me queriam partir ao meio como um cepo de lenha. Por trás deles, corria em minha direção uma massa esbracejante de homens e mulheres. Tudo se confundia num rodopiar de ruído e vento, sombras e formas. Quando subitamente os dois homens se fundiram num só, deixei de entender de todo. E então saltou-me aos olhos a evidência: ao cair ficara com a visão distorcida.

O frio cintilar do ferro tem artes de apelar às armas todo o

nosso corpo. Num abrir e fechar de olhos, já eu estava em pé, de punhal na mão. O labirinto de becos e ruelas de Alfama desde há muito que fazia parte do meu mapa interior. Atalhei para ocidente ainda mal o meu atacante meio tolhido tentava erguer-se. Não demorei a chegar às íngremes escadas que dão para o Largo da Cantina. Do alto dos degraus pode saltar-se facilmente para os telhados vizinhos. Atentei no salto e depois de algumas voltas de um lado para o outro por quatro telhados atingi a viela seguinte. Seguiam-me três homens; dois deles, os mais próximos, empunhavam espadas. O terceiro era um frade de cruz na mão como um bastão. «Agarrem o marrano!», gritava ele numa voz rouca. «Quero que me tragam a aliança que fez com o Diabo!» Devia querer as minhas partes como troféu, imaginei. Educado a ver o mundo simbolicamente, interrogava-me se o dominicano não queria pôr termo de uma vez por todas às nossas possibilidades de reprodução.

Desci do telhado e escalei um muro baixo que dava para o pátio do senhor Pinto. Tal como suspeitara, a porta da cozinha tinha sido arrombada. A casa estava virada do avesso. Atravessei a cozinha que dava para a esquina da Rua de São Pedro com a Rua da Adiça. A casa de Farid ficava do outro lado da rua. Num salto vi-me em cima do muro que rodeava o pátio; dali saltei para dentro e entrei a correr na nossa cozinha.

Depois de me certificar de que não tinha sido seguido, dirigi-me ao quarto de meus tios e ergui uma tampa falsa da arca, de onde retirei uma bexiga seca de enguia que continha algumas moedas previstas para uma emergência. Esperei uns instantes até se dissiparem os gritos que me chegavam da Rua da Sinagoga. Depois, quando já só ouvia o bater do meu coração, encaminhei-me para o rio. Perto da margem, um pescador que desde criança sempre ali vi, mas que nunca ouvi pronunciar uma palavra, estava sentado num barco azul a remos, cortando um naco de queijo com uma faca ferrugenta. Parecia velho, teria uns cinquenta anos, baixo, com um rosto tisonado como couro e os olhos pardos da ignorância. Quando me fitou, mostrei-lhe uma moeda e aponte para ocidente, a jusante. A minha ideia era seguir dali, passadas as portas da cidade, para a vinha de Sansão Tijolo, percorrendo a pé as cinco milhas que distavam. O pescador assentiu, remou para o sítio onde me encontrava, acostando junto à margem.

– Tenho de sair da cidade – disse-lhe eu.

Atirando as duas moedas de cobre que lhe tinha dado para o monte fervilhante de minhocas do isco, o pescador remou uns cem pés para o meio do rio, ofegando e praguejando. No pé direito, por cima do dedo grande, uma ferida de um vermelho-vivo rasgava-lhe a pele escurecida e encharcada.

– Mordidela de caranguejo – resmoneou. – Nunca sarou em termos.

Enfiando-se por entre dois grandes barcos de pesca e contornando uma galé onde flutuava a cruz de Cristo portuguesa, girou o barco até apanharmos a correnteza. À medida que as remadelas ganhavam ritmo, as muralhas de Lisboa iam ficando para trás até se reduzirem a uma fita que se desenrolava em torno das torres das igrejas, para lá da massa confusa dos bairros exteriores da cidade. O pescador atracou por trás de uns rochedos junto à margem e ergueu a mão para me desejar boa sorte. Acenei a agradecer, arregacei as calças e decidi-me a chapinhar na água fria.

Na margem, dois peregrinos andaluzes que se dirigiam a Santiago de Compostela e usavam chapéus enfeitados com vieirinhas aproximaram-se e perguntaram-me se sabia de alguma taberna ali perto. Fingi que não compreendia a língua deles e continuei o meu caminho.

Capítulo VII

Duas horas depois, tinha diante de mim Rana, a mulher de Sansão Tijolo e velha amiga da nossa vizinhança, que viera à porta dando o peito ao filhito recém-nascido.

– Beri!... Deus seja louvado! Estás vivo! Entra, entra! – Agarrou-me e puxou-me para dentro, fechando a porta atrás de mim e correndo o ferrolho. – Nem posso acreditar! – dizia sorrindo.

Demos um beijo e afaguei o cabelinho penugento do menino. Era ainda tão pequenino que tinha os olhos firmemente fechados, como se nunca os devesse abrir.

– Coisinha mais linda! – disse eu, que não ia agora pôr-me a falar a alguém que é mãe pela primeira vez do ar de esquilo que as criancinhas têm durante pelo menos o primeiro mês.

– Lindo? – replicou Rana. – Deves ter andado outra vez a meditar de mais!

Tentou sorrir, mas as lágrimas assomaram-lhe aos olhos. O seu olhar cabisbaixo revelava o desespero da solidão e compreendi que também Sansão se perdera no vendaval cristão. Sentámo-nos à lareira.

– Como soubeste dos motins? – perguntei.

– Vieram cá uns vizinhos avisar-me.

– Devias vir comigo. Porque não voltas para...

– Bem sabes que não posso – interrompeu-me ela.

Para proteger o filho dos perigos do Outro Lado, Rana nunca saíra de casa depois do nascimento de Miguel, durante os primeiros quarenta dias. Tal era o número de anos que os judeus vaguaram no deserto e os dias do dilúvio bíblico.

– Quando foi a última vez que tiveste notícias de Sansão? – perguntei.

– Desde domingo que não sei nada. Tinha ido à Pequena Jerusalém para comprar pano que era preciso para... – E apontou

Miguel com a cabeça. – Deve ter ido à loja de Simão Eanes. Não o viste nem ouviste dizer nada? E não falaste com Simão?

– Não, nada. Mas duvido de que Simão tenha escapado.

Voltou o rosto para a parede, enquanto dos seus lábios se escapava o murmúrio de uma oração.

– Ainda há uma esperança de ele ter chegado a porto seguro. Sansão é esperto. E é forte. Bem capaz de meter medo a muitos cristãos. Até eu tinha medo dele quando era miúdo. Vais ver que ainda volta – disse eu, segurando-a pelo braço para lhe incutir coragem. Mas no fundo apercebi-me de que tentava convencer-me a mim próprio de que Judas poderia estar são e salvo.

– Não – ripostou. – Se estivesse vivo, já tinha voltado.

– Pode ser que esteja escondido.

– Sansão esconder-se? Beri, um pai que é pai pela primeira vez depois de ter esperado cinquenta e sete anos não vai agora esconder-se sabendo que a vida do filho pode estar em perigo.

Rana era uma das raras pessoas que se recusam mentir a si próprias. Era por isso que muita gente a achava rude, ou mesmo desapiedada. Abanava resignadamente a cabeça e passava pelos cabelos castanhos riçados a mão que tinha livre.

– Se tiver de ficar só... – As suas palavras desvaneceram-se e mordeu os lábios para não chorar. – É só comer e dormir – exclamou, indicando Miguel e esboçando um sorriso. O mamilo tinha-se escapado da boca do menino e ela voltou a enfiá-lo na sua boquinha, enquanto ele brincava com os braços. Ao mamar fazia um som contente e consolado. Rana olhou-me com uma esperança nos olhos:

– Beri, sabes alguma coisa dos meus pais?

– Não. Desculpa, devia ter perguntado antes de vir cá. Não sei nada.

– Não faz mal. Penso que hão de vir ver-me logo que possam... se puderem.

– Rana, vim cá sexta-feira passada comprar vinho. Levei um barrilito e deixei um sinal.

– Já sei. Vimos logo que tinhas sido tu por causa da *matza*. – Deu-me uma palmadinha no braço. – É bom saber que há coisas que nunca hão de mudar. Devia estar a dormir. Não costumo dormir muito, mas quando me chega o sono podem deitar a casa abaixo que não acordo. Só quando o Miguel chora. Isso é como se um caçador me acertasse com uma seta no coração.

- Ouve, ainda tens a carta que cá deixei outro dia?
- Não sei – disse, encolhendo os ombros. – É importante?
- Tenho de a ler. Pode ser que alguma coisa que meu tio dizia a Sansão... Onde é que ele a pode ter deixado?
- Talvez no quarto.
- Podemos dar uma vista de olhos?
- Pega nele! – disse ela, erguendo Miguel e passando-o para os meus braços.

Enquanto Rana procurava nas arcas e gavetas, eu segurava ao colo o menino e lembrava-me da doce sensação de quando embalava Judas. Tantas vezes que eu e Mardoqueu passámos noites a passeá-lo de um lado para o outro para que não chorasse! Não tinha sido uma criança fácil, nascera com um fluido nos pulmões que lhe causava uma tosse persistente. Fechei os olhos. Os dedos latejavam ao tocar a pele tão suave da criança. «Judas, querido Judas», murmurei para mim. «Por favor, meu Deus, fazei com que esteja vivo.» Para não ser invadido pela ansiedade, comecei a conversar com Rana enquanto ela prosseguia a busca. Falámos dos problemas de estômago de Miguel.

– A caca dele parece caganitas de pombo – dizia ela num tom preocupado. – O doutor Montesinhos disse-nos que não era nada sério...

– Não te aflijas – disse eu, com um gesto tranquilizador. – O nosso Judas era a mesma coisa. A mim parece-me que todas as crianças têm alguma coisa de pássaro.

Ela riu-se, mas o silêncio que se seguiu revelava ainda mais claramente o ânimo sombrio que tornava pesado o ar que se respirava naquela casa. Trocámos um olhar onde se lia que Sansão talvez nunca mais voltasse, e ela estendeu as mãos para me afagar.

– Querido Beri – disse ela. – Tenho tantas saudades dos nossos vizinhos. – O nosso olhar estava ligado pela recordação dos muitos demónios que combatemos juntos com o nosso exército de crianças. Ela voltou à sua busca, rebuscando um armário de gavetas ao pé da cama. Abriu uma caixinha de madeira com uma fechadura de metal, de onde retirou um rolo.

– Achei-o – disse ela num tom de triunfo, passando-me o recado. – É isso, não é?

– Deve ser.

Passei-lhe Miguel para os braços. O rolo desfez-se em cinco

folhas de papel. Com o ar de me estar a convidar para partilharmos uma aventura, Rana disse:

– Ouve, Beri, dá uma vista de olhos ao recado que eu vou buscar pão de *challa* e um pouco de vinho. Se calhar não podes... ainda deves estar a festejar o Êxodo. Então só o vinho, está bem? Podes ficar, não podes? Pelo menos até veres o recado. Fica lá...

– Só fico até o ler. Depois tenho de voltar para casa. Mas então, Rana... se tens *chametz* em casa, quer dizer que ainda não festejaste a Páscoa?

– Ainda não. Estávamos a esperar mais algum tempo, para não termos problemas.

Conduziu-me de volta para a mesa da cozinha, serviu-me um copo de vinho e pegou na mão que tinha livre, enquanto eu lia o recado de meu tio:

«Caro Sansão, Miguel Ribeiro recusou. Por isso vou contar-te uma história. Por ela verás a minha esperança em que compreendas a necessidade que todos temos de fazer algum sacrifício neste momento decisivo. Se não conseguirmos fazer o que fez o Rabi Graviel neste fulcro do tempo, então talvez tudo esteja perdido. Ainda que a tua fé se esboroe, o que conta são os teus atos. Será que *Samael* ganhará o seu dia?»

No topo da página seguinte estava escrito: «História da Crestadura do Sol do Rabi Graviel.» Era a mesma história que o meu mestre me tinha contado no seu último *Shabat* e, ao murmurar o título, parecia sentir as suas mãos segurar-me a nuca. A sua voz ciciava-me: «Lê, lê-a novamente, Berequias. Talvez possas também entender o seu significado. Não foi por acaso que ofereci esta história a ambos, a ti e a Sansão.»

– O que é? – perguntou Rana, sentindo a minha súbita agitação.

– Um conto. É sobre o Rabi Graviel, um dos meus antepassados, de como teve de sofrer o cativeiro em Espanha para que a filha continuasse a viver. Julgo que meu tio teve uma visão de que também ele teria de fazer um grande sacrifício. Foi isso... Para que poupassem a rapariga que estava na cave, teria de dar em troca a sua vida. Era esse o trato. Mas o criminoso não respeitou a palavra dada.

– Beri, quer dizer que o teu tio... Ah, meu Deus!

Ao compreender pela primeira vez que meu tio tinha morrido, os ombros de Rana recuaram. Depositou Miguel em cima da mesa, levantou-se e tapou os ouvidos com as mãos, fixando-me

horrorizada. Vendo que começara a tremer, aproximei-me dela e puxei-lhe as mãos para baixo.

– Rana! Rana!

Ela olhava para mim como se tentasse decifrar o meu rosto, decidir quem eu era. Num tom monótono, despido de qualquer aparente emoção, disse:

– Sansão... Agora Mestre Abraão... E Ester, também...?

– Não. Essa está bem. Com a minha mãe e Cinfa. O Judas não sabemos onde está.

Fi-la sentar-se e deitei-lhe vinho. Pegou no copo com ambas as mãos, como fazem as crianças, bebeu em pequenos goles e começou a divagar falando sobre os poços da vinha. Quando o silêncio caiu de novo entre nós, perguntei:

– Sansão alguma vez falou em algum problema entre os membros do círculo de iniciados?

Ela abanou a cabeça.

– Uma discussão com meu tio, talvez?

– Nada – replicou ela.

– Mas, então, porque é que meu tio fala na perda de fé de Sansão? Ele andava metido em algum sarilho?

– Sansão achava que o menino devia receber uma educação cristã – sussurrou Rana, agarrando-me o braço. – Dizia que agora o ser judeu não servia de nada. Este ano não festejámos a Páscoa. Mesmo se...

Abriu a dobra da fralda de Miguel para me mostrar as suas partes, sem a circuncisão, que devia ter sido feita no oitavo dia depois do nascimento. Fechou os olhos com ar desesperado, as pestanas banhadas de lágrimas. Como para fazer coro com a mãe, Miguel desatou a chorar também. Peguei nele e embalei-o carinhosamente, mas sem grandes resultados. Subitamente, as palavras de Rana jorraram como que disparadas em todas as direções.

– Se eu soubesse... Como é que ele pode ter mudado tanto? Quando nos casámos... e depois chegou o menino. Vivíamos tão... tão bem. Lembras-te de como era a Páscoa? Lembras-te, Beri?! Antes de... Espera, deixa-me mostrar-te uma coisa.

De uma abertura por cima da lareira, tirou um livro espesso. O rendilhado intrincado que bordejava a capa revelava tratar-se da primeira versão do Antigo Testamento, feito por Eliezer Toledano no meu tempo de rapaz. Estendeu-mo.

– Vê! – ordenou.

– Que queres dizer? Vejo o quê? – perguntei eu, pegando no livro.

– Num sítio qualquer. Abre num sítio qualquer.

Passei-lhe o menino para os braços e abri ao acaso o manuscrito. Aos meus olhos surgiu o «Livro de Ezra», os versículos sobre a reconstrução do Templo. Todos os nomes de Deus tinham sido riscados um a um com uma tinta castanha. Era aterrador, como um talismã do mal. Rana falou numa voz apressada, como se a perseguissem.

– Sansão disse-me que tínhamos de enterrar o deus judeu. Depois da Páscoa tínhamos de rezar ao Senhor e depois enterrá-Lo e esquecer-Lo. Sansão riscou todos os Seus nomes!

Com os olhos fixos na profanação, passei as mãos pelas páginas riscadas, rezando para não ter de as ver novamente, e pousei o livro na mesa.

– Nunca hei de ser cristã! – gritou Rana subitamente. – Preferia matar-me!

Era como se o seu grito fendesse o ar entre nós.

– E o teu filho? – perguntei. – Quem há de olhar por ele? Agora que...

– Preferia vê-lo morto!

Nove anos antes, alguns judeus tinham matado os filhos, suicidando-se depois, para não terem de se converter à força, que é uma coisa que me parece escrita numa linguagem incompreensível.

– Não falas a sério – protestei.

Rana inclinou-se para diante, passou o filho para os meus braços e, com um brilho assustador nos olhos, pegou numa pesada faca do pão, ergueu-se de um salto e apontou-a para mim, com o corpo retesado pela fúria.

– Fazia-o neste momento se me disseses que tenho de coser a mortalha do meu Senhor!

– Cometerias um grande pecado se alguma vez fizesses mal a este menino. É um embaixador de Deus para nós. Eras capaz de matar Abraão, Isaac ou Moisés se eles aqui estivessem?

Continuava com a faca nas mãos.

– Esta criança é Abraão, Isaac e Moisés. É o Senhor nosso Deus! – exclamei eu.

Rana deixou tombar a arma e desatou a soluçar. Fi-la sentar-se

e afaguei-lhe os cabelos. O menino parecia fascinado com os gemidos dela. Mas, assim que ela se calou, começou a agitar as pernas e a protestar. Desisti de tentar consolá-lo e passei-o à mãe. Sem me dar tempo para refletir, peguei no Antigo Testamento profanado, contive a respiração e atirei-o para a lareira.

– Berequias! Para! Olha o que fizeste... – exclamou Rana, gaguejando.

Enquanto o fumo e as chamas crepitavam com as páginas que se enrolavam e amareleciam, repliquei numa voz que parecia vir de meu tio:

– As palavras escritas não me são necessárias. Nem mesmo a Tora. Nem tão-pouco a ti. Guarda a tua religião dentro de ti. Deus virá aí ao teu encontro, aí onde falas contigo própria. Se Sansão voltar... e havemos todos de rezar para que esteja bem, deixa que fale de cristianismo. Respira tu judaísmo. O teu filho há de conhecer a diferença. E, quando ele tiver idade bastante para guardar segredos, debes falar-lhe na noiva que é o *shabat* e que dentro dele esperou pacientemente durante toda a sua infância. E celebrareis então juntos a boda.

O menino procurava de novo o seio da mãe. Rana deu-lho, fixando-o atentamente, como que procurando antever essa cerimónia futura. «Como deve ser maravilhoso», pensei com incontida inveja, «poder oferecer-se a si próprio como alimento a outro ser». Será possível que o objetivo da vida de alguém surja inesperadamente, no espaço de um único momento? Pois compreendi então que também eu haveria de, antes de morrer, procurar entregar-me a alguém tão inteiramente como Rana o fazia.

– Veremos... – murmurou Rana, com um encolher de ombros, como quem não está inteiramente convencida.

Demos um beijo.

– Rana, Sansão andava zangado com meu tio ou com algum dos iniciados? Teria isso alguma coisa a ver com a sua perda de fé?

– Não. Era por causa do menino. Uma coisa é vivermos aterrorizados, e outra muito diferente é condenarmos alguém a um fado semelhante. Ele esteve a cismar no futuro do menino como judeu e não gostou do que viu.

– Não queres vir comigo? – perguntei. – Já sabes que podes ficar em nossa casa o tempo que quiseres. E não tens de ter medo do Outro Lado. Não passa de uma superstição. Não tens de ter

medo de sair de casa.

– Não, obrigada – disse, afagando-me o braço. – Os meus pais não de aparecer por cá. Se puderem...

– Compreendo. Não te esqueças, tens de fazer um jardim interior onde te possas esconder e para onde possas convidar o Miguel quando ele tiver idade. – Alisei de novo as farripas do cabelo do menino. – E, se Sansão voltar, diz-lhe que preciso de o ver. Ainda podemos usar o futuro para falar dos judeus em Portugal. Talvez ele ainda volte à fé.

Despedimo-nos com um beijo. Mas, mal eu partira, já ela me chamava. A mão tremente sobre os lábios, perguntou-me:

– Achas que o Senhor levou Sansão como vingança... pelo que ele fez ao Velho Testamento?

Fechei os olhos à procura de uma resposta, mas percorreu-me um calafrio ao compreender que deixara de confiar em Deus. Refugiei-me no gesto com que eu e Farid exprimimos o insondável.

Capítulo VIII

Ao sair de casa de Rana, a minha descida a um mundo vazio e abandonado por Deus fez com que me agarrasse obstinadamente à história de meu tio sobre o Rabi Graviel. Ao ler de novo as suas palavras, recordei a última lição que nos tinha dado, a Judas e a mim, quando o meu mestre falou também na necessidade de fazer um sacrifício. Foi durante a nossa *seder* de Páscoa, na sexta-feira anterior. Enquanto tia Ester enchia as nossas escudelas de sopa de nabo com açafrão, meu tio fez-me um aceno e disse: «O Senhor mostrou-se agradado com Sara...»

Com estas palavras estava a dar-me uma deixa para um cântico de memória, que começava com aquele versículo do Génesis. Em português, para que Judas pudesse compreender, comecei: «O Senhor mostrou-se agradado com Sara como Ele tinha prometido e fez tudo o que tinha prometido acerca dela, concebeu e gerou um filho a Abraão para a sua velhice, numa época...» Meu tio deixou-me continuar durante os cinquenta e dois versículos que se seguiam. Interrompendo apenas para molhar os lábios com um gole de vinho, contei assim a história de Isaac, filho de Abraão e de Sara, cujo nome em hebreu quer dizer «ele riu-se», que é uma alusão à grande alegria de Abraão por ser capaz de gerar um filho apesar dos seus cem anos de idade. Ao chegar ao versículo que diz «Chegou o tempo em que Deus quis experimentar Abraão», meu tio, franzindo as sobrancelhas, fez-me sinal para que falasse diretamente para Judas. Pegando-lhe no queixo, senti o seu olhar pousar-se sobre mim. Na minha voz mais teatral, continuei a história: «Abraão!», chamou o Senhor. E Abraão respondeu: «Aqui estou!» E Deus disse: «Toma o teu amado filho Isaac e vai para a terra de Moria. Quando lá chegares deves oferecer-me teu filho em sacrifício numa das colinas que te hei de mostrar.»

Judas contorcia-se no lugar e mordida os lábios, perturbado ao sentir aproximar-se a morte de Isaac. Podia senti-lo estremecer ao

recordar as pragas que minha mãe rogava, ferido na sua alma com o modo como lhe negava um lugar na vida dela. Tomei-lhe as mãos nas minhas e contei como Abraão atara Isaac e o colocara em cima do altar que fizera com lenha e como, mal erguera a faca para tirar a vida ao filho, Deus intervieria na figura de um anjo: «Não ergas a mão contra o menino, não lhe toques! Agora sei que és temente a Deus. Não me sonegaste o teu filho, o teu único filho. Hei de abençoar-te abundantemente e dar-te descendência tão numerosa como as estrelas do céu e os grãos de areia da praia.»

Judas não tinha ficado completamente tranquilizado com este final afortunado. Na sua face lia-se uma ânsia enorme de ser apaziguado. Senti um aperto nas entranhas ao perceber como era cruel da nossa parte enfiar a espada da *Tora* através das suas frágeis defesas. Apoiei a minha mão na sua nuca, enquanto ele punha os olhos no chão, e procurei incutir-lhe coragem.

– Come mais um pouco de sopa – disse eu –, senão fica fria. – Meu tio carregou o sobrolho e, sem atender aos meus protestos, disse:

– Ouve, Judas, meu querido, tinha pedido ao Beri para te contar esta história por uma razão. Diz lá o que pensas dela.

Todos os olhares se fixaram no rapazinho. Mas os seus lábios mantinham-se firmemente selados. Dei-lhe uma palmadinha nas costas para o encorajar, mas ele estava prestes a rebentar em lágrimas. Fitei meu tio com ar de reprovação, com vontade de lhe gritar: «Não acha que já sofreu bastante nestes curtos cinco anos? Deixe Judas em paz!»

– Quero saber a tua opinião – insistiu meu tio. – Nunca te hei de querer mal se me disseres a verdade. Nunca! Tens a minha palavra.

– Diz lá, Judas – pediu tia Ester, sorrindo maternalmente.

Minha mãe fitava-o com um rosto de pedra e começara a repuxar nervosamente as farripas de cabelo da fronte. Quando lhe belisquei o pescoço para acabar com aquilo, Judas balbuciou:

– Não gostei da história.

– Eu também não – exclamei.

– Porque é que não gostaste? – perguntou meu tio, rejeitando a minha ajuda com um gesto.

Judas esfregou os olhos com os punhos fechados.

– Porque... porque... Não sei. Porque não!

– Mas diz-me porquê – disse meu tio suavemente.
– Porque Isaac não fez mal nenhum – deixou escapar Judas.
– Isso mesmo! – disse meu tio, levantando-se e inclinando-se para o menino, com os braços apoiados na mesa. – Agora vou dizer-te um segredo, Judas. E olha que os segredos são uma coisa muito importante. É por isso que não se devem contar a ninguém. Fica só entre nós, está bem?

Judas assentiu com um aceno, a boca aberta como se tivesse entrado em transe, pois adorava os segredos que meu tio lhe confiava.

– Muita gente pensa que esta história quer dizer que por vezes é necessário fazer sacrifícios por Deus – começou o meu mestre. – Um sacrifício tremendo, se preciso for. E até certo ponto têm razão. Abraão estava disposto a sacrificar o filho. E também há pessoas que acham que não estava certo que Deus exigisse tal coisa a um homem. E não estava certo que esse homem tivesse aceitado. Talvez tenham também razão. Até eu muitas vezes penso o mesmo. Mas é aqui que está o segredo... – Meu tio inclinou-se mais sobre a mesa, até o seu rosto ficar quase a tocar o de Judas. Os seus olhos cintilavam. Levando um dedo aos lábios, ciciou: – Não te esqueças de que Isaac quer dizer «ele riuse». Isso é a prova segura de que a *Tora* fala por metáforas, por enigmas muito particulares. Isaac não é o filho de Abraão neste mundo. É uma espécie de filho do próprio interior de Abraão. É um filho nascido do riso e da mágoa de Abraão, da sua cólera e da sua ternura, dos seus medos e dos seus sonhos. Então o que é que Deus lhe pediu? Que renunciasse a isso. Que renunciasse às suas emoções e pensamentos mais íntimos, aos seus bens mais preciosos. Que desatasse os nós do seu espírito. Que extinguisse uma parte de si próprio. E porquê? Para que dentro dele se pudesse abrir uma porta por onde Deus pudesse entrar. Meu querido Judas, esta história é um apelo para te abrires a Deus e nada mais. – Meu tio levou a mão à cabeça do sobrinho, desgrenhando-lhe os cabelos, e seguidamente apertou-lhe o nariz. – O amor de Deus por ti é tão grande que não hesitou em contar uma história terrível e deixou que pensasses mal d'Ele. Tudo para que um dia o possas encontrar dentro de ti. Tudo o que Ele pretende é poder abraçar-te, nada mais. Está bem?

Judas, ainda fascinado, fez um grande aceno de assentimento. Reparei, com um sentimento de gratidão, como o humor das

crianças pode mudar tão facilmente. A lição que, nessa ocasião, tirei de tudo aquilo foi a de pensar duas vezes antes de duvidar de meu tio. Mas agora, a caminho de casa, pus-me a pensar no que ele nos tinha dito sobre o sacrifício. Deus tinha pedido a Abraão que renunciasse ao seu bem mais precioso. Teria Ele pedido a meu tio que renunciasse à própria vida? Porquê? Para desse modo se poderem salvar mais livros das chamas cristãs? O meu cismar foi interrompido daí a pouco por um homem que gritava o meu nome. A intuição de Rana sobre os pais parecia estar certa: eram eles, Benjamim e Raquel, que eu avistava no cimo mais próximo, caminhando na minha direção.

– Beri! – gritou Benjamim, correndo para mim com a ansiedade espelhada nos olhos escuros. – Viste a Rana? Ela está...

– Está boa. E o Miguel também. Estão os dois livres de perigo.

– Graças a Deus – disse ele, pondo as mãos sobre o meu peito. – Ouve, não nos podemos demorar, temos de a ir ver. Dá as nossas lembranças a toda a tua família.

– Lá serão entregues – disse eu, segurando-lhe o braço. – Só mais uma coisa: viram o Sansão? Tinha ido a Lisboa para comprar...

Benjamim levou os dedos aos lábios:

– Desde domingo que minha filha é viúva – balbuciou ele. – Sansão foi apanhado quando os motins começaram. Foi colhido de surpresa.

– Fumo. Fumo é tudo o que resta de Sansão – disse Raquel, fazendo um gesto para o ar com a mão.

– E ainda há fogueiras no Rossio? – indaguei.

– Nem nunca as hão de apagar – disse ele, abanando a cabeça –, enquanto nós continuarmos os mesmos.

Estas palavras queimavam através do torpor que parecia subir e descer dentro de mim ao seu próprio ritmo e senti então que já há muito tempo que não via a minha família. Apressando o passo, rumei a Lisboa, para encontrar as portas da cidade, tanto a norte como a oriente, obstruídas por grande número de cristãos e de frades dominicanos. Os mais moços de entre eles excitavam-se mutuamente, batendo-se e praguejando, como filhotes de ursos à espera de uma oportunidade de mostrarem o que valiam. A ocidente, porém, na Porta de Santa Catarina, havia apenas um reduzido ajuntamento de velhotes bêbados. Mais tarde vim a saber que corria o boato de que o rei ia mandar entrar as suas

tropas pela parte oriental da cidade para restabelecer a ordem na capital. Por isso é que as portas ocidentais estavam menos vigiadas.

Pelos vistos, eu parecia menos marrano do que minha mãe imaginava: os cristãos com quem me cruzei não disseram uma única palavra e até me arrastaram para me juntar a eles e rir com as suas chalaças alvares sobre mulheres e judeus. Que Deus me perdoe, mas lá me deixei levar, para não pôr em risco a minha vida.

– Sabes qual é a semelhança entre um judeu e um louva-a-deus? – perguntou um homem, de rosto magro cavado.

Vendo-me abanar a cabeça negativamente, atalhou imediatamente:

– Se lhe cospes, continua a rezar. Se o prendes, continua a rezar. E só para se pegares na espada e lhe cortares a cabeça!

Custa a crer que alguém pudesse achar graça a tais coisas. Mas os cristãos conspurcavam o ar com as suas gargalhadas desdentadas e eu procurava imitá-los o melhor que podia.

Enquanto me afastava, comecei a pensar que talvez Deus tivesse permitido que eu entrasse na cidade por esta porta para poder ir visitar o negociante de armas Eurico Damas no meu caminho para Alfama. A casa dele ficava na parte rica do Bairro Alto, no topo da colina, acima das barracas miseráveis que ficavam em frente. Quando Damas e meu tio ainda se falavam, antes da conversão do negociante, ele explicara ao meu mestre a razão desta localização invejável: «É para que nunca esqueça de onde vim. Nenhum crente cristão-novo o deve esquecer.» Nobre sentimento, esse. Mas, assim que ele desapareceu, meu tio arrancou-me um cabelo e, calando o meu protesto, disse: «Berequias, as nobres palavras que esse homem acabou de pronunciar estão tão profundamente ancoradas na sua alma como este cabelo estava na tua cabeça. Um puxãozinho e...», abriu as mãos para o alto e fingiu-se surpreendido com o desaparecimento do cabelo. «Nunca dê crédito a alguém que ganha com a morte de outrem. Especialmente quando depois o vires a exhibir em público o seu xaile de orações.»

Baixava já o Sol no céu quando comecei a subir o emaranhado de vielas de terra batida que trepavam sinuosas para o Bairro Alto através das encostas a ocidente. Ao passar pelo meio do amontoado de barracas de madeira onde os mais pobres se

consumiam na vida de desencantada servidão, alguns rostos sujos observavam-me disfarçadamente como se fosse um espetáculo pouco habitual. Crianças cheias de moscas ao canto dos olhos faziam grande poeirada a correr atrás de galinhas e gatos. Um escravo africano enorme, preso pelo tornozelo a uma âncora enferrujada, fixou-me com o olhar intenso de um contador de histórias que visse passar uma das suas personagens. Reconheci nele alguma afinidade e saudei-o com um aceno de cabeça, mas ele voltou-me as costas como se eu fosse algum suspeito de um crime. Pairavam no ar os odores da humilhação e da raiva. E no entanto aqui e ali viam-se jardinzinhos com malmequeres e alfazema, couves, nabos e favas.

Um largo empedrado, abrigado por castanheiros frondosos, assinalava o termo da tolerância real: para além daquele ponto, deixavam de se ver as pranchas de pinheiro e os trapos do povo miserável e começava a surgir a pedra de cantaria da nobreza lisboeta. Reconheci imediatamente a casa de Damas: de cada uma das cornijas emergiam gárgulas horrendas, de cornos e bocas enormes, que em criança me deixavam petrificado. Por trás do telhado, possivelmente vindos do quintal, subiam penachos de fumo. Enfiei a mão na bolsa, saquei o punhal e escondi-o na cinta das calças.

Respondendo às minhas pancadas na grade de ferro em frente da porta, ocorreu um rapaz delicado, de rosto suave e arredondado, que estacou à entrada com as mãos nas ancas. A camisa de seda verde e uma túnica escarlate sobravam-lhe no peito, possivelmente por serem herdadas de um irmão mais velho. Com um gesto de irritação, afastou do rosto uma longa madeixa de cabelo fulvo e enfiou-a sob a orla da boina azul. Trazia as mãos sujas de cinza. Parecia tomar-me por um vendedor ambulante e, com uma voz cantante, disse em tom calmo, mas decisivo:

– Não precisamos de nada do que anda a vender.

Esfregou o queixo, deixando uma marca negra de fuligem.

– Não ando a vender nada. Queria falar com Eurico Damas.

Olhou para o céu com um ar cético, depois para o chão, e encolheu os ombros:

– Se fosse a si, começava a cavar. – Torceu os lábios num jeito de mofa e apontou para o ar com o polegar. – Ali é que ele não deve entrar, se quer saber a minha opinião.

- Morreu? – perguntei.
- Mais morto não pode estar – respondeu, batendo no umbral da porta.
- Tem a certeza?
- Vi-o com os meus próprios olhos. Até lhe abri a boca e lhe cuspi dentro para ter a certeza.
- Mataram-no nos motins contra os cristãos-novos?
- Oiça – disse, com um encolher de ombros –, Mestre Eurico tinha grande soma de inimigos. Acha mesmo que ele escapava? Não devia ter-se escondido dentro do colchão como um percevejo.
- E apontando-me com um gesto da cabeça, perguntou: – Mas afinal quem é vossemecê?
- Pedro Zarco – respondi, usando o nome cristão que me tinha sido imposto pela espada da conversão. – Moro na...
- Ah, o sobrinho de Mestre Abraão!
- Como sabe quem eu sou?!

O moço aproximou-se de mim e passou os dedos pelas grades do portão como quem fosse saltar. De perto, percebi que eram as feridas e arranhadelas que tinha no rosto que o faziam parecer tão corado.

– Mestre Eurico odiava o seu tio – disse ele. – Estava sempre a falar em prendê-lo e de lhe aplicar a pinga, só para ver as pragas e os disparates que diria. Pode parecer estranho, mas de certo modo também gostava dele. À sua maneira. Mas achava que o seu tio era um pouco doido... e perigoso.

A tortura da pinga consistia em deixar cair azeite fervente gota a gota sobre o corpo da vítima, por vezes desenhando as letras do seu nome com as queimadelas. Os nomes portugueses são muitas vezes bastante longos e a maior parte dos torturados confessava o que quer que fosse muito antes de as pingas de fogo chegarem aos apelidos.

- Eras criado dele? – perguntei.
- Mande os criados embora.

Retirou a boina com o sorriso de quem revela um tesouro escondido. Uma cascata de cabelos fulvos sedosos caiu-lhe sobre os ombros. Era uma rapariga!

– Sou a viúva – disse ela, com uma vénia. Encolheu os ombros como que a desculpar-se do disfarce com que me aparecera e correu o ferrolho do portão. Tomou-me pelo braço, como se estivesse a convidar-me para uma dança. – Entre!

Era então a jovem esposada de Damas! Entrámos numa cozinha toda suja de sangue e empurrou-me através da despensa para o quintal, à sombra de laranjeiras carregadas de frutos. No terraço de tijoleira, nas traseiras da casa, rugia uma fogueira de roupas e lenha. Perto, via-se um monte colorido de camisas, gibões e calças. A fogueira lançava nos ares faúlhas que depois caíam como plumas.

– Passei a noite a queimar estas coisas – disse ela com um desabafo de triunfo. – Para começar foram as botas. Oito pares! Era um para cada dia da semana e ainda tinha outro em pele de tubarão para ir à missa ao domingo. Quando achava que eu não as tinha engraxado bem, urinava-lhes em cima e obrigava-me a limpá-las de novo. E deixe que lhe diga que o mijó daquele homem cheirava pior do que o dos gatos. Agora o único problema é que largam um fedor tremendo quando as queimamos. E ele também!

As gavinhas das chamas vibravam como se fossem bonifrates que alguém manipulasse.

– Atirou Eurico Damas para a fogueira?! – perguntei.

– Se procurar bem, é capaz de ainda encontrar os dentes dele! – respondeu ela, rindo-se. Passou a língua pelos lábios como quem saboreia um pitéu. – Tinha mais do que os que precisava, por isso estou certa de que há de haver muitos por aí. – Considerou o meu olhar de espanto com um ar divertido e desatou a rir-se: – Não sei se sabe que ele ia raptar o seu tio.

– Sabe se ele o encontrou? O que é que ele...

– Não. Vinha a rosnar quando voltou. Que não tinha conseguido descobrir onde é que Mestre Abraão se tinha escondido... Ouvi-o a dizer isso.

Então a minha suposição estava errada: Eurico Damas não estava implicado. E Sansão estava morto. O que deixava Frei Carlos e Diego como os únicos iniciados que podiam ter traído meu tio; e Miguel Ribeiro e o Rabino Losa como os que lhe tinham feito ameaças.

– Ele fazia tenções de impor a pinga a todos os cabalistas amigos do seu tio – continuou a rapariga. – Queria obrigá-los a confessar que tudo aquilo não passava de uma mentira. Estes últimos tempos andava obcecado com isso. Devia ser da idade, acho eu. Não acreditava nesse género de coisas, não sei se está a ver.

– Que género de coisas? Não estou a ver nada.

Riu-se, como que a troçar de mim, e puxou com evidente orgulho a bainha da túnica de seda.

– Num Deus onnipresente, estúpido!

Enquanto ela falava, um moço delgado, de cabelos negros e um princípio de bigode, saiu a correr de dentro de casa, arrastando uma espada suja de sangue, com o olhar fixo em mim.

– Deixa estar, José – disse ela. – É o sobrinho de Mestre Abraão.

– E, voltando-se para mim, sussurrou: – Foi o José quem o matou. Não é lá grande coisa com a espada; mas, quando um homem está mais bêbado do que um porco numa gamela de uvas, basta um pequeno espeto para... – E fez um gesto com as mãos a imitar uma espadeirada fatal. Sorriu e foi deitar um gibão para a fogueira.

José agradeceu-me com o acenar grave de um adolescente que assumiu o papel de um protetor e, num silêncio soturno e solene, ficámos os três a observar as vestimentas a fumar e torcer-se até ficarem completamente negras. A expressão da rapariga endureceu. Esfregava o rosto, como quem procura limpar alguma nódoa.

– Estou cheia de marcas nas costas, sabe? – exclamou, voltando-se para mim. – Durante um ano fartei-me de apanhar com o chicote. Agarrava-se às partes e ficava ali a abanar-se enquanto me batia, não sei se percebe o que estou a dizer. – Sorriu novamente. – Queria apagar até a lembrança dele. – Pegou-me na mão, antes de continuar: – Compreende, não compreende? – Acenei que sim e ela fitou-me gravemente e apontou para o peito. – Os cabalistas acreditam realmente que Deus mora aqui?

– Aí e em toda a parte. E em parte nenhuma. Deus aparece-nos sob a forma com que melhor O podemos perceber, revestido de modo que O possamos ver. Depende da Sua graça... e da nossa visão.

– Então a mim não me há de aparecer na forma de homem, não preciso de um deus macho. Já tive um e fiquei a odiá-lo. Mato o próximo deus macho que me apareça a exhibir-me as suas vergonhas!

– Nesse caso poderá ser uma emanção feminina. Ou nem uma coisa nem outra. Ou ambas, mais possivelmente.

– Uma mulher. Prefiro uma mulher. – Com os punhos fechados e rangendo os dentes, gritou: – Nunca mais nenhum homem

entrará em mim! – Com um olhar altivo voltou a pôr a boina e enfiou nela a cabeleira. – Pega nas roupas que quiseses e depois vai-te embora!

Ficámos a olhar um para o outro, como quem procura medir a crueldade do mundo.

– Era uma vez uma rapariga feliz que nadava no Tejo, que espiavam de longe e a quem os pais venderam como escrava – recitou ela numa voz tremente, fechando depois os olhos e cruzando os braços no peito como a confortar-se do seu próprio desespero.

– E um rapaz que perdeu o seu tio e um irmãozinho – repliquei.

Abriu os olhos em sinal de compreensão e acenámos um ao outro como familiares obrigados a separarem-se. O peso da nossa afinidade prendeu-me ainda um momento no mesmo lugar; depois voltei-me e fui embora.

O crepúsculo lavara um céu róseo e acobreado. Olhando de longe o ajuntamento compacto do Rossio, senti a mão de meu tio segurar-me o pescoço. «Se pintares de vermelho as tuas mãos ninguém se meterá contigo», sussurrou ele. Compreendi o que me queria dizer e arranquei a crosta que se tinha formado na ferida do ombro, deixando correr o sangue pelos dedos. Cobri com ele as mãos e os braços. «Agora desce até ao rio», continuou. «Caminha ao longo da margem e a quem te interpelar diz-lhe que andas à caça de marranos.»

Tal como eu imaginara, cheguei a casa sem nenhum incidente. O tapete sujo de excrementos que cobria o alçapão continuava no sítio. Mas quando desci para a cave era como se entrasse na prisão. Era então jovem e altivo e um tal esconderijo só despertava em mim um sentimento de humilhação.

Cinfa correu para mim quando atingi o fundo das escadas e disse-me que ainda há pouco tempo tinham entrado homens na cozinha, prometendo clemência aos marranos que se entregassem.

– Não voltes a sair! – implorou.

– E Judas? – perguntou minha mãe, arquejante.

– Nada – respondi.

Farid e a cachopita sem unha do polegar estavam a dormir enrolados em cobertores, junto às escrivatinhas. Tia Ester continuava sentada e em silêncio, o perfil como uma estátua de pedra.

Depois de ter apaziguado Cinfa, levantei o tapete de orações que cobria meu tio. Um cheiro pútrido feriu-me as narinas. «Senhor, quanto tempo passará até que possa descansar sob a terra?», pensei. Aspergi-o novamente com mirra e de cada vez dizia para mim próprio: «Fixa bem a sua face. Tens de te lembrar de tudo para te poderes vingar.»

Enquanto entoava cânticos interiormente, o meu corpo, prodigiosamente, começou a libertar-se da frustração acumulada e a vibrar e a mover-se com uma energia sagrada. Tal é o poder da *Tora*, ou tão grande a minha capacidade de me iludir a mim próprio, que estava cada vez mais convencido de que me cabia a missão de salvar Israel dos filisteus de Lisboa e que ao resolver o mistério da morte de meu tio estaria de certo modo a rodar a chave da porta da nossa salvação. Qual a relação entre a morte de meu tio e a salvação dos judeus portugueses não fazia então a mínima ideia.

Observando as cortinas de couro corridas sobre os postigos do topo da parede do lado norte, entrei de novo a cismar no modo como o intruso se teria escapado. «Tem de haver uma saída escondida», pensei. «Algum túnel, qualquer saída apenas conhecida dos iniciados. Seria por isso que meu tio não queria que eu entrasse na cela sem a sua permissão? Por eu não ter sido ainda iniciado nos segredos do nosso templo?»

– Trouxeste comida? – perguntou Cinfa de repente. – Ela tem fome.

A cachopita, ao lado de Cinfa, contemplava-me num silêncio eloquente.

– Desculpa, esqueci-me – respondi. – Vou já lá acima ver o que se pode arranjar na loja. Deve haver...

– Não. Ficas aí sentado! – ordenou minha mãe. Tinha os punhos cerrados e os olhos a faiscar. – Agora esperamos até tudo estar bem acabado.

Cinfa e a menina começaram a tasquinhar uma *matza* que eu tinha deixado. Ainda tinha umas manchas de sangue, mas desapareceram num abrir e fechar de olhos. Assim, também a fome passou a fazer-nos companhia.

Precisava de ter as mãos ocupadas e ansiava por saber quem era a rapariga; por isso peguei numa folha de papel do nosso armário de material e comecei a desenhá-la. Farid acordou algum tempo depois, já eu acabara de desenhar o rosto e começara as

mãos. Cinfa bateu-me no ombro e disse-me que ele queria falar comigo.

Levei-lhe uma escudela com água, que lhe segurei junto aos lábios e que ele sorveu avidamente. Suava profusamente e ardia de febre. As calças estavam sujas de sangue e de excrementos.

– Como te sentes? – perguntei.

– É como se estivessem a arrancar-me a pele por dentro. E acho que não consegui reter-me. As calças... Devo feder tanto que até Alá deve tapar o nariz.

Apesar dos seus protestos, limpei-lhe o traseiro e as pernas e voltei a cobri-lo com um cobertor. Como não tínhamos mais almofadas, fiz um apoio para a cabeça com vários manuscritos da *geniza*. Que melhor propósito poderiam servir nesta ocasião os escritos hebraicos? Assim que ele mergulhou no sono, sentei-me apoiado à parede oriental, no local onde possivelmente a rapariga suplicara que a poupassem. Com os joelhos encostados ao peito, deixei-me ficar numa posição de recolhimento e solidão, sentindo que algo de frio e calculista me afastava da minha família. Seria o meu desejo de vingança? Todos falavam agora em murmúrios, mas eu não conseguia. Precisava de correr, de gritar para que todos ouvissem que haveria de vingar meu tio. Não podia continuar a viver enclausurado em murmúrios, acorrentado por conversações cifradas. O meu mestre tinha razão: o leão da Cabala dentro de mim não me deixaria continuar a viver como um judeu clandestino. Compreendi então que a minha jornada espiritual daquela Páscoa seria o desvendar da minha verdadeira face.

Voltei aos meus desenhos e, enquanto duraram as horas de luz, mergulhei nos contornos da rapariga, primeiro, e depois de meu tio. Quando chegou a noite, senti-me incapaz de sequer dizer as orações. A cachopita dormia nas minhas pernas, fazendo almofada das minhas coxas. Cinfa aconchegava-se entre nós, enrolada num cobertor.

Nessa noite, foram os meus próprios gritos que ouvi nos sonhos: tinham-me atado ao chafariz do Rossio e batizavam-me com um ramo de palmeira. Acordei no escuro com o cheiro do fumo que me impregnava as roupas. Era impossível, bem sei, pois as calças e a camisa que usava não tinham presenciado a fogueira do Rossio. Do ponto de vista da Cabala, porém, tais ilusões não devem ser ignoradas e, tempos depois, haveria de compreender

que aquele odor revelava que uma parte de mim não passara além do domingo. Mas neste momento limitei-me a despir-me e a ensopar as roupas em água de erva-doce do nosso armário de material. Mas o odor, mais teimoso do que uma carraça ávida, persistia ainda.

Não conseguia voltar a adormecer. No escuro, do brilho do luar nasciam formas amarelas e violeta que se enrolavam em torno de mim e da minha família como lençóis gelados, se bem que fosse reconfortante o seu toque. Era como se nos envolvesse uma coberta que selava conjuntamente os nossos destinos. Como gostaria que me tivesse antes ocorrido a imagem de «uma coberta legada por Deus», mas sentia-me então avesso a tal linguagem poética.

Foi assim que atingimos as primeiras horas da manhã de quarta-feira, a manhã antes da sexta noite da Páscoa.

A ansiedade conduziu-me até junto de Farid. Senti o seu hálito bafejar-me os dedos, regular mas fraco. Recordei como, quando crianças, ele chorava ao sentir o cheiro das chuvas de primavera fustigando as moitas de loendros do pátio: aquele cheiro suave era para ele devastador. É bem verdade que sempre fora mais sensível do que eu. E lembrei-me ainda de como, quando Judas nasceu, ele e eu dançámos as nossas orações à beira-rio.

Judas... Farid... Tio Abraão...

Nomes... Serão apenas signos arbitrários ou algo de maior significado?

No tempo em que andava abatido com a mudança forçada do meu nome de Berequias para Pedro, meu tio cobriu-me a cabeça com o xaile de orações e sussurrou-me: «São muitos os nomes de Deus. Assim, também nós, que fomos feitos à Sua imagem e semelhança, deveremos ter muitos nomes. E aquilo que o teu nome encobre não muda nunca.» Meu mestre disse-me muitas vezes que éramos todos retratos de Deus. Mas... também o seu assassino o seria? Agora que vira com os meus olhos as volutas de uma fogueira de chamas judaicas subir acima da escadaria da Igreja dos Dominicanos, poderia ser levado a pensar que a vida de uma pessoa, a vida de meu tio, não contava grande coisa. Mas talvez o horror deva concentrar-se numa única alma, como num diamante de sofrimento.

Os meus pensamentos suspenderam-se num repentino impasse,

ao contemplar a luz da madrugada que os postigos começavam a filtrar. Bebi um gole de água da infusa que estava no armário e dei os bons-dias a minha mãe, que tinha acabado de despertar. Cinfa dormia encostada a ela, e minha mãe começou a acariciar-lhe os cabelos com um ar ausente. Tia Ester dormia na sua cadeira, a cabeça caída sobre o ombro direito, os braços pendendo molemente. Também Farid dormia ainda. A sua fronte continuava ardente. Molhei-a ligeiramente com água, mas ele nem acordou.

Levantando o tapete de cima da rapariga, ajoelhei junto ao seu rosto e acertei alguns pormenores do meu desenho: tinha-lhe posto uma boca grande de mais, demasiado dramática. O desenho de uma pessoa tem um grande poder: ao contemplá-la, a imagem ganhava os contornos de um talismã contendo todas as suas esperanças por realizar.

Pouco depois, estando eu ainda ocupado a corrigir os lábios, ouvi Reza e José, o marido, chamarem por nós no pátio. Minha mãe sentou-se, a boca pendendo-lhe aberta. Mas não se pôs em pé. Era como se não pudesse crer nos seus ouvidos. Corri ao encontro deles, seguido por Cinfa. Quando cheguei ao topo, Reza estava a abrir o alçapão. Fiz-lhe sinal para me deixar sair.

– Procurei-te por todo o lado – disse eu, abraçando-a. Como era bom sentir a sua maciça solidez feminina. E eu estava a precisar de ar e de luz. Mas Reza tinha o ar de quem era perseguida. Os seus grandes olhos cinzentos, habitualmente tão ativos, mesmo distantes como alguns diziam, luziam de ardente ansiedade. José, que não ia ao barbeiro há vários dias, parecia doente, possuído por uma espécie de terror contido. Os seus olhos pareciam estar dentro de covas fundas e escuras e os lábios profundamente gretados.

– Estás bem, Beri? – perguntou Reza hesitante.

– Estou, estou. Mas onde é que têm andado? Fui à vossa casa, mas estava...

– Tentámos ir para lá, mas o caminho estava cortado – disse José, segurando-me pelos ombros. – Por isso saímos da cidade e fomos para o Sobral. Ficámos lá. Todas as vezes que tentámos voltar, as portas... – Ao falar, abanava a cabeça. – Não podíamos correr o risco.

Reza tirou o gorro que trazia e perguntou numa voz ansiosa:

– Estão... estão todos bem?

– Não sei onde está o Judas – respondi. O meu coração latejava dentro do peito como se quisesse escapar-se quando acrescentei: – E o teu pai, Reza... renunciou ao corpo e voltou para o Senhor.

O gorro tombou-lhe das mãos. Abriu os olhos como se tentasse compreender. Adiantei-me para lhe tomar as mãos, mas ela desviou-se.

– O que antes foi o corpo de teu pai jaz ali na cave – murmurei.

A sua face tornara-se repentinamente pálida, os olhos vítreos. Desceu a vê-lo como que violentada por um jugo. Em baixo, minha mãe, Cinfa, José e eu permanecemos atrás, enquanto ela se ajoelhava para tocar a medo com a ponta dos dedos o corpo do pai. Se alguém tem de se resignar à morte, então deixemos que esse encontro se faça a sós. Quando ela começou a pender para o chão como uma criança, deixei a minha mão repousar na sua cabeça. Sentia as suas lágrimas penetrarem-me como se através de um sussurro.

– Quando é que foi, mãe? – perguntou, voltando-se para tia Ester.

Minha tia não respondeu, ainda refugiada dentro de si própria.

– Sabes se El-Rei restabeleceu a ordem na cidade? – perguntei a José.

– Ainda não. Dizem que está com medo de voltar. O povo começou a clamar pela sua morte.

Reza orava por meu tio. Quando se voltou, minha tia Ester levantou-se como um espectro, deslizou para junto do corpo dele e voltou a cobri-lo com o tapete. Depois tornou a sentar-se e a ficar na mesma atitude de pedra.

Quando Reza pegou nela, foi como se um muro interior tivesse desabado dentro da menina sem unha, que desatou a gemer como se lhe estivessem a torcer as entranhas.

– Conhece-la? – perguntei.

– É a Aviboa. É filha da minha vizinha Graça. Sabes se ela...

– Só lá estava a menina – respondi, com um encolher de ombros.

É um pecado, sei-o bem, mas ao responder pensava: «Porque é que em vez dela não encontrei antes meu irmão Judas?»

LIVRO SEGUNDO

Capítulo IX

É quase meio-dia de quarta-feira, estamos a sete horas do cair da sexta noite da Páscoa, e eu terminei já todos os desenhos de que preciso. Reza assegurara-nos de que a cidade se aquietara e por isso saímos, minha mãe, Reza, José, Cinfa, Aviboa e eu, em fila, com o passo ainda inseguro, deste nosso longo exílio. Levo Farid para o quarto de minha mãe, para estar mais fresco; lavo-lhe o rosto com aguardente e aplico-lhe uma compressa na fronte. Os olhos não podem resistir a cerrar-se, mas continua desperto, tateando incessantemente o meu braço com os dedos que me questionam acerca de Samir.

Tia Ester tinha ficado em baixo em comunhão com as trevas que reinavam na cave.

Começamos a preparar os corpos de meu tio e da rapariga para o enterro, entoando cânticos enquanto os lavamos. Lavo o rosto de meu tio sete vezes com água fria e três vezes com água quente. E, segundo o preceituado, primeiro a barriga, depois os ombros, depois os braços, o pescoço, as partes, dedos dos pés, dedos das mãos, olhos e narinas. Percorre-me uma cálida onda de tristeza e de alegria ao segurar nas minhas as mãos de mármore da velha couraça de meu tio. Tinha-nos fugido para Deus. Estou, assim, novamente a sós com um homem que tinham matado. A visão interior chega-nos em relâmpagos, diz o *Zohar*. E assim é.

O corte que lhe divide o pescoço tinha-se tornado escuro. O sangue coagulava em crostas de cerâmica. Quatro vezes lhe lavo os dedos da mão, e de todas as vezes ficam ainda sujos de tinta. Que é como um artista deve comparecer perante Deus. Tia Ester leva as tesouras ao cabelo e corta uma das suas madeixas tingidas de hena, que depois coloca sobre o peito de meu tio.

Qual o poeta hebraico que disse que a madeixa cortada de uma viúva é feita de filamentos de lágrimas de sangue?

Depois de vestirmos meu mestre com as suas vestes alvas,

minha mãe polvilha-lhe a simbólica poeira de Jerusalém sobre os olhos e as partes íntimas. Dou a mão a Cinfa, enquanto ela acena um adeus.

– Nunca mais o vemos – diz ela, os olhos cansados e raiados de sangue, muito abertos e curiosos, mais do que tristes ou assustados.

– Assim, não – assinto. – A próxima vez que o vires será com as mãos estendidas para ti a receber-te junto de Deus.

As minhas palavras confiantes contradizem o profundo terror que leva os meus olhos a cerrarem-se: esquecera a sensação do abraço de meu mestre.

Depomo-lo sobre o seu xaile ritual e cobrimo-lo com a mortalha de linho que Reza e minha mãe tinham cosido. Quando pela derradeira vez a sua face se aparta de mim, fecho os olhos para o reter nessa escuridão. Torna-se assim uma simples sombra violeta, e eu já não consigo invocar o seu halo. Será que irá desvanecer-se antes ainda que eu deixe de poder invocar a sua voz?

Lavamos a rapariga com igual cuidado. Reza ajuda agora também, depois de mandar Aviboa brincar com *Roseta* no pátio. Brites, a nossa lavadeira, aparece inesperadamente à porta da cozinha. Dotada de uma natureza alegre, apresenta em geral um rosto desanuviado. Hoje, porém, chega com uma expressão sombria e fala com uma voz enrouquecida. Traz-nos na sua carrocita o último rol de roupa, lavada e engomada, e, como prenda, um bacalhau salgado do tamanho de um braço de homem. Beijamo-nos e nem precisamos de trocar qualquer palavra. O silêncio da nossa dor compartilhada assenta-me no peito como uma pedra pesada.

– Vim cá chamá-los à noite – sussurra, finalmente.

– Não podíamos responder, mas agradeço-lhe – digo, levando de novo os lábios à sua face, deixando-a depois com minha mãe, para que, juntas, as lágrimas de ambas se confundissem.

Não conseguimos encontrar um único caixão para vender nas imediações. Não ficara vivo nenhum carpinteiro judeu que os pudesse fazer. E recuso-me a recorrer para tal a um cristão-velho. Levamos pois meu tio e a rapariga nas suas mortalhas para a carroça que pedimos à viúva do doutor Montesinhos. O burro é o de Brites, que ela insistiu em ceder. Face às minhas escusas, sussurrou-me:

– Por favor, Beri, podias ser meu filho.

Sinto um premente impulso de escapar do tempo presente para um passado mais feliz, a que tenho de me opor para conseguir levar a cabo as minhas obrigações religiosas. E acima de tudo descobrir quem matou meu tio.

Tia Ester toma lugar na carroça sentada no banco de pau, as mãos cruzadas no regaço, o cabelo cortado com tesouradas à toa. Minha mãe, Reza e eu caminhamos à ilharga do burrinho. Saímos de Lisboa por oriente. Olhares cristãos veem-nos partir, sem perguntas: sabem bem para onde nos dirigimos. Cinfa fica em casa com José, o marido de Reza.

Muitos judeus dirigem-se também para a Quinta das Amendoeiras, como é conhecida a grande propriedade com uma impressionante torre de cantaria roída pelo tempo no meio, que fica a cerca de duas milhas a oriente da cidade. Aarão Poejo, o dono, era um judeu vindo das serranias de Bragança, pois a sua noiva algarvia vira-se atacada de tremores mortais com os ares gélidos do nordeste. A lembrar-lhe a sua terra natal, trouxera consigo pés de amendoeira e de castanheiro que aqui plantara. A casa inicial, agora reduzida a umas poucas fiadas de blocos de pedra à altura da cintura de uma pessoa e a desmoronar-se, tinha sido trocada por uma torre octogonal construída segundo uma das visões de Poejo. Ao que se conta, tinha visto marinheiros de cabelos compridos e máscaras de ferro saqueando Lisboa e lançando fogo aos bairros dos judeus. A rude estrutura tinha sido dotada de um torreão de três andares a servir de torre de vigia. Dali, como o descobrimos, eu e Farid, durante uma das nossas missões de espionagem quando crianças, podia avistar-se o Tejo com os seus próprios postos de atalaia e conseguir assim um aviso antecipado em caso de ataque. Por ironia da sorte, anos mais tarde, no tempo da conversão, a mulher de Poejo foi apedrejada até à morte pelos vizinhos escuros e atarracados que conhecera durante anos. De qualquer modo, conta a história que Poejo e as filhas tentaram em vão deitar abaixo a casa da torre na própria noite em que lhe tinham matado a mulher. De manhã, exaustos, desesperados, escavaram um enorme tronco de castanheiro, içaram para lá o corpo e aí o inumaram. Apesar de entretanto o tronco se ter voltado a fechar com o correr dos anos, aquela árvore, exatamente a sul da torre, ainda hoje não dá mais do que uns ramos denegridos e desnudados, como que roída pelo

remorso. Diz-se também que exala um cheiro pestilento no tempo do *Yom Kippur*. Daí a fama que a quinta ganhou nas redondezas de lugar de poderes ocultos, adequada para receber os que foram martirizados por causa do seu judaísmo.

Quanto a Poejo, depois de assim ter dado pousada ao corpo da mulher, mais uma vez colheu estacas das suas árvores e, juntamente com as filhas, rumou para sul através do Algarve, sobreviveu à travessia do mar e instalou-se em Marrocos, nas proximidades de Tetuão. Deste modo, as amendoeiras da quinta, como tantas outras em Portugal, ficaram durante muito tempo ao abandono. Ainda agora, ao passar, se podem ver os seus frutos verdes desafiando o esquecimento e pontuando como notas de música os ramos descarnados e demasiado longos.

Da Pequena Jerusalém e da Judiaria Pequena, e mesmo da ruazinha judaica do outro lado da cidade perto da Igreja das Carmelitas, todos carregam os seus mortos. Uns, como nós, em carroças puxadas a burros; outros, a maior parte, transportando os entes amados em carros de mão de madeira. Os mais velhos orientam-nos para os terrenos que ainda não foram usados como cemitério. Ao passar saúdo os que vou encontrando, sem trocar nenhuma palavra, a não ser para perguntar se alguém teria visto Judas ou algum dos iniciados ainda vivos, Frei Carlos e Diego. Ninguém os vira.

Cavo duas covas com a ajuda de três jornaleiros mouros, que ali andavam para ganhar algumas moedas. Têm uns olhos escuros silenciosos e não fazem nenhuma pergunta. Reza insiste em ajudar.

– Tenho de fazer alguma coisa, Beri – diz ela. – Se fico quieta, é como se sentisse o mundo a afundar-se. – Fita-me com um olhar perdido e chupa nervosamente a ponta do cabelo, um hábito de quando era pequena e que agora lhe voltava.

Para meu tio, minha mãe escolhe um sítio junto a uma pequena amendoeira com os braços em candelabro erguidos para o céu turquesa. A rapariga fica a repousar ao pé de um sobreiro possante, de ramos estendidos como um avô a recebê-la nos braços. O escriba Isaac Ben Farraj junta-se aos nossos cânticos. Veio cá enterrar a cabeça de Moisés Almal. Compreendo então que era Isaac, o louco que eu vira nas fogueiras do Rossio correr a salvar das chamas o que restava do seu amigo, para poupar o seu espetro ao vagar eterno na Esfera Terrena.

– Já vi cristãos que baste para uma vida – confia-me ele. – Ando a aprender turco. É fácil, escreve-se com caracteres árabes. Vou apanhar o primeiro barco para Salónica que cá aparecer. Dizem que se está a tornar uma cidade de judeus. De qualquer modo, era o que tu devias fazer também.

– E a sua casa aqui?

– Daqui a pouco todos os nossos amigos se terão ido de Portugal, ao fim e ao cabo. E de uma coisa podes estar certo: não hei de cometer o mesmo erro que a mulher de Lot!

Lembrando-me da mensagem caída do turbante de Diego, que tinha o nome «Isaac», pergunto-lhe:

– Tinha marcado algum encontro com Diego, o impressor, antes de os motins começarem?

– Não, que me lembre.

– E o vigésimo nono deste mês, a próxima sexta-feira, diz-lhe alguma coisa de especial?

Isaac coça os pelos brancos e ralos do queixo, alongando o lábio inferior:

– Se calhar tens algum problema e precisas de ajuda. Mas tens de ser mais claro se queres que eu perceba – diz-me, pegando-me na mão e pondo os olhos em mim carinhosamente.

Compreendo imediatamente como era tolice o ter-me ocorrido que ele pudesse ser o Isaac a que se referia a mensagem – pois se nunca tivera nenhuma relação com o círculo de iniciados nem nenhuma razão de disputa com meu tio!

– Não é nada – respondo. Peço-lhe então que procure chamar à vida minha tia Ester, rogando-lho em persa. Mas ela replica com um olhar glacial.

Sete vezes dou a volta ao túmulo de meu tio rezando, tal como deveria ser para um *Ba'al Shem*, Mestre do Divino Nome. A voz da minha oração em hebraico, elevando-se e caindo como água sobre muros de grés gastos pelo tempo, deve ter origem num passado remoto. Sinto-me impelido a caminhar e afastar-me da minha família para enterrar debaixo de um limoeiro a mão da senhora Rosamonte. Ao mesmo tempo que lho agradeço, pego no anel de água-marinha como uma sua última dádiva e guardo-o na minha bolsa, juntamente com a mensagem de Diego e a aliança da rapariga. Talvez que o anel possa ainda vir a resgatar a vida de outra andorinha retida pelo faraó.

Voltando para junto da minha família, detenho-me por

instantes, com a mão espalmada no tronco maciço de um sobreiro, a que recentemente tinham retirado a sua casca preciosa. Por qualquer ignota razão, talvez para melhor sentir a energia daquele gigante verdejante, fecho os olhos. De imediato, uma luz intensa abrasa a escuridão com um fogo laranja e negro, enquanto um calor húmido parece atravessar-me. Ouço um grande restolho das folhas por cima de mim, como se uma águia ou uma garça tivesse vindo pousar nos ramos cimeiros. «É verdade, estamos aqui», ouve-se a voz de meu tio. «Mas não abras os olhos. O nosso resplendor poderia ofuscar-te.» Comprimo as pálpebras como proteção, enquanto a voz prossegue: «Berequias, a casca de uma árvore não é uma mera imagem poética. É também uma presença real que contigo partilha a Esfera Terrena. Cresce, morre e pode ser retirada por um corticeiro. Palpa com a tua mão a solidez que existe debaixo da casca.» Aperto o tronco entre as minhas duas mãos, sentindo um poder fluido subir da terra e espalhar-se pelas minhas pernas e pela minha cabeça. «Sentiste-te atraído por esta árvore porque ela te fez recordar que uma máscara pode ser mais do que uma metáfora», diz ele. «Pode ser também um adorno verdadeiro.» Penso então: «Por favor, tio, suplico-te, fala-me do modo mais simples possível.» Num tom impetuoso, ele responde: «Falamos na linguagem da Esfera Celeste e não conhecemos outro modo de comunicar!» Depois, voltando ao mesmo tom compreensivo, prossegue: «Lembra-te: a nossa sombra é a tua luz. A nossa maior simplicidade é o teu maior paradoxo. Escuta, Berequias. Não debes nunca enviar as tuas iluminuras por um portador que não seja capaz de se reconhecer a si próprio ao espelho de um dia para o outro. E lembra-te da visão daquele que fala com dez línguas.» Com isto, sinto um estremecimento das mãos e um adejar por cima de mim. As trevas incandescentes sob as minhas pálpebras esmorecem até se tornarem cinzentas: a ave – meu tio – voara para longe. Abrindo os olhos, fixo o dossel vazio das folhas que me cobrem, desenhado contra o vasto céu cinzento. As palavras de meu tio ecoam dentro de mim: «Não debes nunca enviar as tuas iluminuras por um portador que não seja capaz de se reconhecer a si próprio ao espelho de um dia para o outro.» Seria uma alusão a alguém destituído do conhecimento de si próprio? Ou a alguém, talvez, sem memória, que procure deixar para trás o seu passado, negar a sua existência? Alguém que não é capaz de se reconhecer

porque não quer recordar a história que fez com que seja o que hoje é? «E lembra-te da visão daquele que fala com dez línguas.» Farid! Só podia ser uma referência aos seus dez dedos, as suas dez línguas. O meu mestre queria aconselhar-me a confiar na visão de Farid para descobrir a identidade do homem que «não era capaz de se reconhecer a si próprio». Por um instante, sinto-me tentado a invocar meu tio novamente usando a fita de pergaminho que trago no pulso e pedir-lhe uma resposta mais clara na linguagem da Esfera Terrena. Mas, no profundo das minhas entranhas, temo entrar nos domínios da Cabala prática. Meu tio devia ter as suas razões para me falar por enigmas!

– Beri! – chama minha mãe do fundo do campo.

Dirigindo-me para ela, penso: «O mundo interfere sempre mais e mais na minha vida interior de contemplação. Tal como meu tio previra.»

Reza e eu lavamos as mãos num regato próximo e saímos logo de seguida da Quinta das Amendoeiras, pois receio pela vida de Farid. E havia também o perigo de os cristãos-velhos atacarem como gafanhotos a todo o momento.

Antes de chegarmos a casa, salto da carroça para perguntar por Frei Carlos na Igreja de São Pedro. Não há ainda sinais dele e os seus aposentos continuam fechados. Subo pois as ruas e escadas de Alfama que levam à casa de Diego. O sapateiro que no dia anterior me ajudara a escapar chama-me da sua porta e faz-me sinal para ir ter com ele.

– Não entre! – murmura.

– Porquê?

– Veio cá um homem à procura do seu amigo Diego. Saiu há bocadinho. Mas antes andou por aqui a espreitar. Se calhar ainda está à espera, escondido. Faça de conta que agradece e se despede e vá-se embora daqui!

Faço ainda melhor: finjo que me rio e pergunto:

– E quem é ele?

– Não faço ideia. É do Norte. É forte e loiro.

Agradeço com uma vénia e parto, a cadência dos passos repetindo a pergunta: «Será que o mesmo homem que matou meu tio persegue agora Diego?»

Em casa, Reza está a fazer ovos cozidos para o almoço. De costume, seria tarefa dos vizinhos cozinhar as nossas refeições

durante os sete dias de luto, mas não há ninguém que não esteja por sua vez de luto. Os cacos de louça tinham sido varridos para o pátio e o chão esfregado. Até a perna da mesa que tinham partido estava pregada no sítio.

– Foi a Brites que fez tudo, enquanto nós saímos – explica Reza.
– Anda agora com os outros a limpar a loja.

– A tia Ester também está lá? – pergunto.

– Não. Está a olhar pelo Farid no quarto de tua mãe.

– E a Aviboa?

– Está lá, também. Anda a ajudar a limpar. Não sai da beira da Cinfa. – Reza chupa as pontas do cabelo e suspira. – Sabes? Vou ter de ficar com ela. Não a posso deixar entregue a si própria. Graça, a mãe dela, era viúva e filha única.

– Ela é judia?

– Uma menina de quatro anos!? – exclama Reza, com os olhos coruscantes. – Que homem és tu, Berequias Zarco, para perguntares uma coisa dessas sobre uma órfã? Julgas que as crianças já nascem a saber hebraico, ou quê? Que diferença achas que fazia...

– Reza, não me estás a compreender. Isso pouco me importa. É só porque isso pode trazer complicações.

– Complicações é o que menos me falta. – Suspira novamente e põe-me a mão no braço para se desculpar. – O pai dela era cristão-novo, a Graça era cristã-velha.

– Mais vale não dizer a minha mãe que... pelo menos por agora.

Reza assente com um aceno e eu dou-lhe um beijo no rosto. Abrindo suavemente a porta do quarto de minha mãe, deparo com Farid deitado de lado, tapado com dois pesados cobertores, a tiritar. Tia Ester está sentada na sua cadeira aos pés da cama, continuando a fitar o vazio, com as mãos cruzadas no regaço. Dou-lhe um beijo na fronte gelada.

Um lençol amarrotado e sujo de sangue tinha sido retirado da cama e atirado a um canto. Farid abre os olhos, mas não sorri nem mostra qualquer outro sinal de reconhecimento. Tiro um cobertor de lã da minha cama e deito-o para cima dele, ajoelho-me a seu lado, faço menção de lhe pegar na mão. Afasta-me com um gesto:

– Pode ser peste – dizem os seus gestos.

– Já mexes as mãos com mais força – minto. Apertamo-nos os

dedos e ele fecha de novo os olhos.

Sento-me desenhando os contornos do mapa de Portugal, da Grécia e da Turquia como formas de um jogo de xadrez onde eu e a minha família servíssemos de peões. Assim que o tremor de Farid diminui e ele adormece, fico durante uns instantes a acariciar-lhe o cabelo. Recolho o lençol sujo, que entrouxo debaixo do braço, saio em pontas dos pés pelo meu quarto para esconder de minha mãe a incontinência do meu amigo, temendo que ela decida que o abandonemos por estar a piorar. Reza estremece quando me vê, mas depois a sua expressão mostra-me que está comigo. Escondo o lençol atrás de uma moita de loendros junto ao telheiro. Mais tarde, digo a Brites onde está e que tenha cuidado com os humores da doença quando o lavar. Como não temos vinagre, lavo as mãos com sabão preto e água e vou para a cave fazer a minha lista de suspeitos, a começar pelos dois iniciados ainda vivos, num pedaço de velino em caracteres minúsculos, formando o nome hebraico de meu tio:

Frei Carlos
Diego Gonçalves
Rabino Losa
Miguel Ribeiro

Ao escrever a última letra, acode-me um pensamento: «A rapariga que enterrámos há de apontar como um catavento em direção ao nome certo.» Pego no desenho que fizera dela, enfio o martelo na bolsa e corro todas as padarias à roda de Alfama e da Graça, pressentindo que ela seria a chave, que, se conseguir descobrir quem ela é, descobrirei também quem é que destruiu o meu futuro.

Agora que a calma voltou de novo, os meus olhos apercebem-se de como Lisboa se tornou uma cidade de olhos cristãos à espreita, de estrume e esterco, de madeira em estilhaços, de pedras ensanguentadas. Nenhum da meia dúzia de padeiros ou aprendizes a quem perguntei conhece a rapariga. Atalho pela Sé e encaminho-me para a Pequena Jerusalém. As lojas estão fechadas, as ruas sujas de detritos. As mulheres lavam o sangue das soleiras das portas. Uma cama fumeja no meio do Largo da Sinagoga, como que à espera do seu dono. A padaria de Simão Kol, por trás dos Paços da Ribeira, está entaipada. Contorno-a, passando por um montão de couves podres e cebolas disputadas por bandos de gatos vadios, entre os quais avisto um com os testículos peludos

inchados com o tamanho de limões. Quando bato à porta da casa de Mestre Kol, ele assoma à janela. A cara por barbear e o olhar acossado são os sintomas de uma doença que nos consome a todos.

– Pedro Zarco? – pergunta ele. Quando confirmo, aponta para o pátio e eu espero à cancela. Manda-me entrar, abraça-me e dá-me um beijo. O peito arqueja como um fole quando soluça. Veste o áspero linho do luto.

– Kiri? – pergunto, ciciando o nome do seu único filho, tão transido de medo como se fosse um dos secretos nomes de Deus.

– Sim – responde, dando-me a mão. – Como está a tua família? – pergunta.

– Meu tio Abraão morreu.

– Como é possível que...

Mas as suas palavras desvanecem-se, pois sabe, tal como eu, que neste mundo mesmo um *gaon*, um génio, um homem de prodígios, pode ser morto por uma simples lâmina. Em resposta às minhas perguntas sobre Judas, responde apenas com um abano da cabeça.

– Desapareceu muita gente – diz ele. – E nunca mais os encontram. Engolidos pelo Leviatã. E lembra-te do que te digo... – diz ele num tom profético. – O monstro só estará saciado quando nos tiver levado a todos nós. Vais ver!

– Alguma vez viu esta rapariga? – pergunto, estendendo-lhe o meu desenho. – Parece-me que trabalhava numa padaria.

– É parecida com a Meda Forjaj quando era nova – diz ele, estudando o retrato com os olhos semicerrados. – As mesmas sobranceiras curvas a juntarem-se na ponte do nariz, como asas de borboleta. Mas não a conheço.

– Quem é essa Meda Forjaj?

– Fugiu da Pequena Jerusalém nos tempos da conversão. Mas hoje deve ter uns cinquenta anos. É viúva. Não pode ser ela.

– Para onde é que se mudou?

– Para os lados de Belém, acho eu – diz ele, referindo-se à povoação próxima, de onde as caravelas portuguesas partiam para África, para a Índia e para o Novo Mundo. – Acho que andava a ver se conhecia algum mercador rico, não sei se estás a ver o que quero dizer – acrescenta. Encolhe os ombros e faz um gesto a afastar qualquer juízo. – Faz-se o que se pode pela vida.

– Uma mulher da idade dela não pode viver só disso – observo

eu.

– O marido importava tecidos de lá da Flandres e ela ajudava, fazia as contas. Talvez faça costura para fora, como a tua mãe.

– Obrigado! – Abraçamo-nos brevemente, como que receosos de admitir que nos separávamos para sempre. – Não volta a abrir a padaria, pois não? – observo.

– Não quero voltar a alimentar este país – responde Simão, abanando a cabeça. – Sangrador – sussurra ele. – Isso é que é uma boa profissão em Portugal!

O olhar concentrado dos cristãos-velhos que se amontoam junto da Porta de Santa Catarina eriça-me os cabelos da nuca, mas esta pronta disposição do meu corpo para encetar a fuga é desnecessária: os seus olhos são tranquilos, o ar sereno. O medo da peste e da seca e de toda a miríade de demónios que governam os seus espíritos tacanhos foi purgado, pelo menos de momento. Chego aos arredores de Belém demorado pouco tempo. Aí, centenas de africanos e de jornaleiros, dirigidos a chicote, trabalham arduamente na construção do novo mosteiro monumental de El-Rei Dom Manuel, que se calhar só lá para o próximo século estará pronto. Um canteiro coberto de pó indica-me uma padaria ali perto. Sou recebido por uma mulher magra, com um ar ressentido e amargo:

– Precisa de alguma coisa, senhor? – pergunta num português áspero de sotaque castelhano.

Pela entoação, compreendo que se trata de uma cristã-nova castelhana, uma das milhares que fugiram a Dom Fernando e Dona Isabel, os reis de Espanha que expulsaram os judeus em 1492. Nos seus olhos enfurecidos, vejo que detesta que a vejam em companhia de alguém do seu povo. Mostro-lhe o desenho:

– Ando à procura desta rapariga.

Ela volta-me as costas e começa a passar uns doces de uns tabuleiros de madeira para sacos.

– É importante – acrescento.

– Se não quer comprar nada, desande daqui.

– Morreu – digo eu. – Queria dizer isso aos pais dela.

Volta-se e mira-me com uns olhos desconfiados.

– É a filha da senhora Monteiro. Porque é que...

– E onde mora a senhora Monteiro? – interrompo-a, sem paciência para tantos medos, mesmo quando vêm de alguém

judeu.

– Ao fundo da rua, à direita. A casa de rodapé amarelo. Mas se calhar é melhor...

– Diga-me uma coisa, a senhora Monteiro tem alguma coisa a ver com Meda Forjaj?

– É cunhada dela – responde. – Como é que...

– Sobrancelhas abestas como asas de borboleta. E a memória de um velho judeu.

Ao fundo da rua, uma mulherzinha atarracada, com olhos de peixe e uma face escamosa e curtida, observa-me da porta como se eu tivesse interrompido um jogo de cartas. Usa uma cabeleira informe, feita de linho preto entrançado e engraxado.

– A senhora Monteiro é vossemecê?

– E quem é que pergunta?

– O meu nome não lhe diz nada. – Estendo-lhe o desenho. – Conhece esta rapariga?

– É a Teresa. O que anda a fazer com isto?

O marido dela, um homem baixo, com ar de coelho, surge das traseiras da casa. Vem coberto de um pó branco, talvez cal, que se escapa em baforadas a cada passada que dá para se dirigir a nós. Sobre os seus olhos cinzentos despontam umas sobrancelhas aladas.

– Tem aqui um desenho da Teresa. Olha – diz a mulher.

A reação dele fica suspensa, como se nunca tivesse visto nenhum trabalho artístico, ou como se tivesse entendido. Quando me forço a pronunciar algumas palavras hesitantes sobre a morte dela, leva os punhos ao rosto. As lágrimas brotam-lhe dos olhos. Estendo os braços para ele, mas a senhora Monteiro agarra-me os pulsos.

– Que está para aí a dizer? – pergunta ela.

– Mataram-na durante os motins de Lisboa. No domingo.

A mulher leva a mão à boca a abafar os soluços, com o terror espelhado nos olhos. O silêncio reúne-nos todos três, até que se ouve o seu grito:

– Eu sabia que havia de acabar assim. Mataram-na com aqueles judeus todos, não foi?!

O marido dá-lhe um empurrão, corre para dentro de casa antes que eu possa responder. Ela vai de encontro à parede e cai no chão.

– Seu bastardo! – guincha ela, casquinando e cuspiendo na

direção dele.

Ajudo-a a erguer-se e apanho do chão o meu desenho. Como ela não tem lágrimas que possa chorar, digo-lhe:

– Foi morta na Judiaria Pequena. Sabe o que ela andava a fazer lá?

Arranca-me o desenho das mãos e observa-o, como quem o está a julgar.

– É ela chapada. Foi vossemecê quem o fez?

– Fui – respondo.

– Com que então artista?! Essa cabra nojenta nunca devia ter fugido. Mas os filhos de misturas de sangue... porque era isso que ela era, não sei se sabe... Eu cá não sou judia. Graças a Deus. – Faz um gesto em direção às traseiras da casa como quem enxota moscas. – Ele é que é judeu... era, quero eu dizer. É a mistura de sangues. Faz com que as raparigas desatem logo a querer um homem mal começam a ter as luas. Dizem que é a lua que causa essas coisas nos filhos desses casamentos. – Esfrega as mãos calosas uma na outra. – Toda essa misturangada de sangues, o puro com o impuro... – Abana a cabeça. – Vossemecê tem talento, sabe? Não é judeu, pois não?

– Fui. Mas agora estou só a ver se consigo continuar vivo. Como muito boa gente neste monte de lixo.

O seu olhar tornou-se fixo, com uma viva repugnância. Procuro lembrar-me de que também ela é uma emanção de Deus, uma ondulação da safira de amor lançada por Ele no nosso mundo muitas eras antes. Mas só consigo ver o cuspo nos seus lábios e a sua cabeleira de negro carregado.

– Podia dizer-me o que é que a Teresa estava a fazer na Judiaria Pequena? – pergunto.

– Não ouviu o que lhe disse? Andava por lá a abrir as pernas! Queria um passarinho circuncidado! – Apercebe-se de que me desagrada aquele tom, ri-se, bate as mãos. – Gostava que um daqueles grandes passarões judeus gordos viesse para ela aos saltos e começasse a sair a...

– Quem é o marido dela? – interrompo.

– Um importador com muito miolo, e grandes tomates também, ao que dizem. Peludos... como lâ. A saberem a tâmaras de Marrocos. – Lambe os beiços gulosamente. – Mas sem dinheiro. Nem todos têm jeito para fazer dinheiro. Ah! Descobri isso por duas vezes na minha vida! Aquele meu marido... E agora o de

Teresa. – Abana a cabeça e franze as sobrancelhas. – Chama-se Manuel Monchique. Bem podia ao menos ter encontrado um que...

O coração parece querer saltar-me do peito. «É evidente», penso eu. «O antigo aluno de meu tio... Teresa era a sua noiva cristã!»

Ainda há cerca de um mês tínhamos sabido que Manuel tinha conseguido uma certidão de sangue puro do rei para apagar a «mancha» do seu passado judeu. Recentemente meu tio tinha-o descomposto na Rua da Sinagoga por causa dessa sua traição. Agora, olhando-a à luz da revelação da senhora Monteiro, aquela disputa surge tingida de cores bem mais sinistras. Sinto uns dedos gelados a afagar-me o braço, que me trazem de novo ao presente. A senhora Monteiro, enquanto me olha com um sorriso, levanta a saia e passa a mão por entre as pernas. Arranco-lhe a cabeleira e atiro-a para longe, deixando-lhe à mostra o crânio infestado de piolhos, onde despontam uns tufos mirrados de cabelo. O seu riso cacarejante acompanha a minha retirada. As ruas de Belém, depois os arredores de Lisboa, abrem-se diante de mim, se bem que me pareça correr apenas através do mistério da morte de meu mestre. Quem sabe se Manuel não terá descoberto meu tio com Teresa, sacado de um punhal e... Mas deparo sempre com uma barreira intransponível a vedar o meu caminho para uma resposta: como poderia Manuel saber o sítio do alçapão e da *geniza*?

Abençoado seja Aquele que nos abre os braços da Sua graça: diante de mim tenho a Porta de São Lourenço guardada apenas por um ajuntamento preguiçoso da população. Atravesso-a e ladeio as ruelas desmazeladas da colina, que no topo sustém as muralhas do castelo mourisco, e desço apressadamente para Alfama. Estou impaciente por ver como está Farid, antes de ir ter com Manuel Monchique. Encontro minha mãe na cozinha. Um pouco atrás dela avisto Diego. O corte no queixo está já meio tapado por uma barba de vários dias, os pontos mal se veem. Traz a cabeça coberta pelo turbante cor de açafão. O seu olhar fixa-se em mim por trás do largo nariz como se esperasse poder adivinhar os meus pensamentos e avança para mim a coxear como um cão ferido. Abraçamo-nos. Mas a ideia de que ele pode ter conspirado contra meu mestre torna os meus movimentos rígidos e estudados como os de um mau ator.

– Fiquei desolado com o que aconteceu a teu tio – diz ele. – E

ser morto por essa ralé dos cristãos... Até custa a acreditar!

As palavras de Diego não conseguem penetrar as cancelas inflexíveis que levantei em torno a mim. Não só por não confiar nele, mas também por me ter apercebido de que estava um desconhecido ao canto da cozinha, junto à lareira, e não queria desvendar a minha alma dilacerada perante olhos estranhos. Um homem de peito possante e rosto de pedra, envergando a farda grosseira dos mercenários, escuta atentamente, com ambas as mãos no punho da espada embainhada. Faço um aceno interrogativo na direção dele.

– É o meu guarda-costas – responde Diego.

– Cristão-novo?

– É. Mas tem carta de perdão. Pensei que era mais seguro. E agora que a turba matou o teu tio e tantos outros, acho que...

– O meu mestre foi morto por um judeu! – declaro.

– O quê?

– A garganta dele foi cortada por um *shohet*.

Era a primeira vez que minha mãe ouvia o que eu pensava. Agarra-se à mesa como se o mundo lhe fugisse debaixo dos pés. Diego respira ofegante. Cobre a boca com as mãos como se quisesse evitar que tal possibilidade de traição entrasse nele. Será uma manifestação do choque sentido por um filósofo ou a explosão de cólera fingida de um criminoso?

– Mas porque é que um judeu tiraria a vida a teu tio?! – pergunta ele.

– Pode ter sido por ciúmes, pode ter sido para o roubar – minto eu, para ver a sua reação.

– Mas de que raio estás tu a falar, Berequias?! – grita minha mãe inesperadamente. – Como te pode ter passado pela cabeça que alguém do teu próprio povo pudesse tirar a vida a meu irmão?!

A voz dela possui aquele tom exaltado que indica que daí a nada estará a acusar-me de ser um mau judeu. Bebo um gole de uma infusa que está por cima da lareira, fito-a nos olhos e digo:

– Roubaram um manuscrito. Nenhum cristão-velho sabia sequer que tínhamos tal coisa em casa.

Minha mãe começa a puxar o cabelo.

– Tens a certeza? – pergunta Diego.

Quando confirmo com um aceno, ele agarra o meu braço.

– Onde é que estava o manuscrito?

- Na cave.
- Ele tinha livros na cave! O que é que...
- A sua última *Haggada* – explico.
- Ele tinha livros judaicos escondidos?
- Tinha.
- Será que não tinha juízo nenhum?

Ou Diego é habilidoso a fingir ignorância ou então é porque realmente não tinha recebido uma iniciação completa e não sabia ainda da existência da *geniza*. Tenho de perguntar isso a Frei Carlos, se ainda estiver vivo. Mas não se sabe se ele não será capaz de mentir para implicar o seu irmão filósofo...

– Andava empenhado em levar os livros para fora de Portugal – explico a Diego. – Para os salvar da fogueira.

– Meu Deus. E com quem?

– Não sei. Ouve uma coisa: quando foi a última vez que viste meu tio?

– Sexta-feira. No hospital. Também estavas lá. Mas que estás a...

– E no domingo? – pergunto. – Viste-o?

– Não. Mas para que são essas perguntas todas?

– Estou a ver se reconstituo os passos dele – minto. – Onde estiveste desde domingo até hoje?

– Escondido. Com um amigo. – A expressão de Diego torna-se mais dura e assume o ar ríspido que ele toma quando quer repreender alguém. – Berequias, acho que me deves uma explicação. O que te leva a pensar que...

– Não devo explicação nenhuma a ninguém! – exclamo com rudeza. – A morte de meu tio dá-me todos os direitos. E um deles é o de não atentar nas caras enfadadas como essa tua a ver se me abrandas. Pensa o que quiseres. Zanga-te, reza, invoca a *Tora* contra mim. Pouco me importa!

– Devia importar-te. E se...

– Está mas é calado, Diego. Diz-me só se sabes quem é o homem que anda a fazer perguntas sobre ti no sítio onde moras.

– Que homem?! De que é que estás a falar?

– Quando fui à tua procura hoje de manhã, o sapateiro que mora do outro lado da rua disse-me que tinha andado por lá um homem a perguntar por ti... loiro, forte... talvez do Norte.

Os olhos de Diego denunciavam terror.

– Sabes porque é que andarão à tua procura? – pergunto.

– Não – sussurra ele. Segura-me pelos ombros, aferrando-se a eles. – A não ser... a não ser que seja o mesmo que matou o teu tio!

– Também pensei nisso. Mas porque é que alguém havia de vos querer matar a ambos?

Abana a cabeça.

– Pensa bem.

– Não vejo nada – resmunga ele. – Que poderíamos nós saber que...

– O meu tio tinha falado em algum livro especial que ele tivesse descoberto? Uma coisa qualquer? – Quando ele abana a cabeça, pego no retrato da rapariga morta. – E esta? – pergunto desenrolando o desenho. – Reconhece-la?

– Não. Quem é ela?

– Não interessa. – Volto a guardar o retrato na bolsa. – E Dom Miguel Ribeiro? Que é que sabes dele?

– É um fidalgo, não é? É o filho do velho Rodrigo Ribeiro, o mercador de vinhos, se bem me lembro.

– É esse, é. Meu tio falava nele? – pergunto.

– Comigo não. Mas diz-me uma coisa, Beri, tu não tens outras pistas sobre quem é o assassino? Que é que achaste na cave? Não achaste nada que denuncie esse tal homem do Norte que anda à minha procura? Preciso de saber. Se anda atrás de mim, tenho de...

– Nada – minto, sem querer ainda confiar-lhe tudo o que tinha descoberto. Afasto-me do seu olhar desconfiado e dirijo-me a minha mãe, que fita a dança das chamas na lareira. Bato-lhe no braço. – Como está o Farid? – pergunto em voz baixa.

Ela volta-se para mim com um olhar inquieto.

– Berequias, quero que me digas tudo. A *Haggada* foi o único livro que roubaram?

– Acho que sim. Diga lá como está o Farid.

– Não achas que devíamos...

– Mãe, diga-me lá se o Farid está...

Minha mãe encolhe o queixo e volta-se com um ar de desafio.

– Será que ensandeceu? – grito. – Sempre com «devíamos assim, devíamos assado», sempre com regras de conduta. De que é que isso lhe serviu?

Com os olhos marejados de lágrimas, grita com a força do desespero:

– Como podes tratar-me assim, quando Judas...?

– Quero lá saber! – berro eu.

Saio de junto deles, apercebendo-me com uma mistura de remorso e satisfação de que fui eu a começar esta disputa. A morte de meu tio libertara-me da minha passada personalidade e do meu futuro e, ao que parece, a única herança que me restava era feita de raiva e de frustração. Vou espreitar Farid no quarto de minha mãe. Está a dormir, respira agitadamente e sobressalta-se como que possuído por algum pesadelo. Esfrego-lhe o pescoço e os braços com uma toalha humedecida, até que o seu combate interior parece acalmar-se. Consumido de medo pelo seu estado, saio precipitadamente de casa.

– Aonde é que vais?! – grita-me minha mãe.

– Embora!

Diego diz-me para esperar, atravessa o pátio a coxear, coçando pensativamente a barba curta do queixo.

– Se o que dizes do teu tio está certo, então talvez também tu corras perigo.

– Não faz mal. Nenhum cristão-velho volta a tocar-me! – E, fixando-o nos olhos, acrescento: – Nem nenhum judeu, se queres saber!

– Como és inocente, meu amigo – diz ele, tomando-me o braço carinhosamente. – Não sabes do que são capazes. Berequias, na minha opinião, tu e a tua família deviam fazer as trouxas e ir embora daqui. É o que penso fazer. Ando a arrumar uns negócios, a vender o que posso e depois vou-me daqui da maneira que puder. O rei não nos pode deter, agora que...

– Vai em paz – interrompo. E, lembrando-me da mensagem dele, tiro-a da bolsa e ponho-lha na mão. – Isto escapou-se do teu turbante quando caíste ao chão. Se calhar ficou um pouco suja com o sangue da senhora Rosamonte. Desculpa.

Diego lê e acena compreensivamente.

– Pois... O Isaac. É um velho conhecido meu da Andaluzia. De Ronda. Era para me lembrar de ir ter com ele nessa data. Já não tenho a mesma memória de antes. O teu tio conhecia-o.

– E que quer dizer «Madre»?

– O Chafariz da Madre de Deus. Era o sítio do encontro. Íamos... – Ficou suspenso e subitamente agarrou-me o braço, como se possuído pelo terror. – Mas se calhar já entendo tudo! O Isaac falou-me em vender um livro a teu tio! Na altura pensei que

era em castelhano, mas se me dizes que ele tinha livros judaicos escondidos...

– Quando?

– Dias antes da sua... antes de domingo. Encontrámo-nos aqui. Tu estavas na loja, acho eu. Isaac disse que tinha uma cópia do «Livro dos Khazars» de Judas Ha-Levi e o teu tio aspirou como se estivesse a cheirar mirto.

– Gostava de falar com ele – disse eu.

– Vou ver se o encontro e venho cá com ele hoje depois do jantar. – Quando lhe agradeço, Diego acrescenta: – Se calhar é melhor não andares por aí às voltas por Lisboa agora. Devias...

Faço um gesto a esquivar-me, saio pelo pátio fora e começo a descer a Rua de São Pedro. Quando olho para trás uma última vez, vejo a cabeça de Diego a despontar acima do muro do quintal enquanto coxeia de regresso à cozinha. Será que os rapazes que o apedrejaram foram pagos por alguém, por um dos iniciados talvez? «Não há acasos, nem coincidências», ouço a voz de meu tio. «Tudo tem um significado.»

Um homem de branco irrompe inesperadamente de uma porta e enfia um livro de couro diante de mim. O meu punhal está-lhe já apontado à garganta quando ele berra o meu nome:

– Beri! Que estás a fazer?!

Baixo a arma. Era só António Escaravelho e o seu Novo Testamento comido pela traça. Era um antigo elemento do Conselho Judeu e um ourives de uma destreza incrível, que se tornara um cristão fervoroso depois da conversão forçada e um lunático ainda mais fervoroso muito pouco tempo depois. António fede mais do que o estrume. A barba grisalha está encrostada de porcarias e a sua pele curtida, semeada de borbulhas vermelhas. Os seus Evangelhos exalam um cheiro a anis e a esterco, uma combinação repelente, que me leva a apertar o nariz.

– Que Deus esteja contigo – crocita ele, assim que afasto o punhal. Pisca os olhos loucos faiscantes e empurra-me o meu queixo com o livro, como que a corrigir a minha posição.

– Era melhor não me abordes deste modo – respondo, afastando o livro, e suspiro ao reparar nas lêndas que lhe polvilham as farripas do cabelo. Na esperança de que ele me possa avançar um pouco na pista do assassino de meu tio, pergunto-lhe: – Estavas ali no teu posto do costume perto de minha casa quando os motins começaram?

Sem atender à minha pergunta, replica com um riso desdentado:

– Apresentei mais uma petição para ir a Roma ver o Papa. Parece que desta vez sempre me vão dar carta de saída.

– Ainda não vai ser desta! – grito-lhe eu, pois há anos que anda a pedir autorização para sair de Portugal, depois de o rei ter publicado um decreto em 22 de abril de 1499 que veda a passagem das fronteiras a todos os cristãos-novos.

– Isso é que vai! – exclama ele, como se picado pela minha falta de esperança. – E tu devias juntar-te a mim, meu rapaz. Tu e Mestre Abraão!

– Para o meu mestre acabaram-se as viagens – murmuro para mim próprio, sem me arriscar a ver a reação de António à morte de meu tio. «Porque fazer uma tão grande jornada para ver um homem tão falho de santidade?», penso. Para minha própria surpresa, repito em voz alta para o pedinte uma frase de meu tio: – Só a ideia de ver o Papa me faz comichão na cabeça!

Será que agora vou começar a imitar os ditos de meu tio? Será desse modo que pretendo mantê-lo dentro de mim?

– Julgo que ias achar redentora a visita ao Papa Júlio II – observa António. – Os muçulmanos da Península Itálica são amistosos, sabes?

Muçulmanos em Itália? Imagino que a seca deve ter ressequido o seu sentido da geografia.

– Ouve agora isto, amigo. Onde é que estavas no domingo, no primeiro dia dos motins? – pergunto-lhe de novo.

– Aqui perto... escondido – responde ele, levando um dedo aos lábios. – Com um amigo de quatro patas.

– Via-se de lá o nosso pátio?

– Via – replica ele. – Desde o chão até ao céu, tudo faz parte do...

– E viste alguém entrar? Com uma faca... ou um rosário, talvez. O Manuel Monchique? Lembras-te dele, um dos alunos de meu tio?

– Deve ter passado uma libelinha ou duas – diz ele. – E uns quantos sapos. Nem sempre é fácil topá-los quando saltam para dentro do...

– E um homem, não viste? – Ele abana negativamente a cabeça e eu insisto. – Tens a certeza? Nem o Diego Gonçalves? Sabes quem é... um impressor, um amigo de meu tio...

– Não.

– E Frei Carlos? Ou o Rabino Losa?

Nega com a cabeça a cada um destes nomes. O assassino deve ter entrado e saído pela loja, ou pela entrada separada de minha mãe que dá para a Rua do Templo.

– Então, que a paz seja contigo – despeço-me com uma vénia.

Vendo-me partir, lança-me num guincho:

– Ainda ficou algum borrego da Páscoa? Tenho um buraco na barriga maior do que o da minha alma!

– Vai ter com a Cinfa – grito-lhe eu. – Ela que te dê a fruta que quiseses

– Deus te abençoe, rapaz.

Mais à frente, ouço os clamores dos mendigos junto dos muros da Sé. Apesar das ameaças de morte da Coroa, tinham abatido uma das vacas que o rei largara à solta. Um homem escanzelado está a arrancar-lhe o couro com uma espada ferrugenta, enquanto um malabar ensopado em suor atrai o fascínio de um ajuntamento de vagabundos e cães fazendo voltear no ar três dos cascos sangrentos.

A casa de Manuel Monchique, depois da esquina, mantém-se em silêncio quando bato à porta. Inesperadamente, na portada de uma janela abre-se uma fresta.

– Sou o Pedro Zarco – digo, usando o meu nome cristão por precaução. Como ninguém responde, esgueiro-me para um dos lados. Atiro o martelo por cima do muro do pátio, iço-me e dali salto para dentro. Deparo com a figura de duende da mãe de Manuel especada no umbral da porta das traseiras, vestida de negro, apertando nas mãos ásperas uma bilha de barro azul. Tem o ar ansioso de um bicho assustado, uma face curtida pregueada pela idade. – Sou o Pedro – digo. – Andei na escola com o Manuel. Sou sobrinho de Mestre Abraão. – Quando vou a recolher o meu martelo, atira-me com a bilha, que se parte aos meus pés em duas metades perfeitas. Ela entra precipitadamente em casa.

Manuel surge à porta embrulhado numa capa escarlata de franja preta. A lâmina de uma espada que ele segura ao alto com ambas as mãos divide ao meio o seu rosto corado ainda jovem. Parece-me mais uma das grandes surpresas desta era de falsidade que pesa sobre nós. Nunca poderia imaginar que tinha diante de mim aquele rapaz tão frágil que os olhos se lhe marejavam ao mínimo sinal de vento, sempre abatido pela mais insignificante

corrida nas matas à caça das suas adoradas borboletas. Agora, incha o peito como um pavão, desenhando no ar com a ponta da espada a letra *yod* e diz-me numa falsa voz de comando:

– Não faço ideia de que dívida pensas que vieste cá cobrar, mas não levas nada de mim nem da minha família!

– Vai para o diabo que te carregue! – digo. – Poupa as tuas bravatas cristãs para as virgens que seduzes durante o *Yom Kippur*. Só vim cá por causa disto. – E, tirando o rolo com o retrato de dentro da bolsa, atirei-lho. – Dá-lhe uma olhada, meu valente e belo cruzado de Cristo.

Manuel baixa-se e apanha o desenho com uma mão cautelosa. De imediato, os olhos luzem-lhe de surpresa.

– Onde é que arranjaste isto? – pergunta.

– Desenhei-o.

– Viste-a? – Embainha a espada, precipita-se para mim. Pegando-me nas mãos como um velho amigo, pergunta: – Onde? Quando? Ela está bem?

À medida que lhe conto, sinto o seu contacto esfriar. A desconfiança ecoa-lhe na respiração agitada. Ou o seu talento para mentir é grande ou esta é a primeira vez que ouve falar na morte dela.

– Não podia ser ela – diz ele. – Mesmo a tua mão pode enganar-se no desenho de um olho, na curva de um queixo, num...

– Ela era lavadeira ou padeira? – pergunto.

– Nem uma coisa nem outra – diz, com um sorriso. – Enganas-te com... – Vendo-me tirar da bolsa a aliança de ouro entrançado, arranca-ma das mãos. A segurança na voz começa a faltar-lhe. – É do mesmo género. Mas no fundo não prova nada. Conheço mais mulheres que têm alianças destas.

– As mãos dela cheiravam a azeite, alecrim e essência de limão e tinham manchas de cinza. Tinha nas fontes duas marcas, como se tivessem sido feitas por...

O rosto de Manuel perde o sangue. Dobra-se para não desmaiar. Fecha os olhos como quem vai adormecer e começa a soluçar. Recobrando o fôlego por instantes, diz:

– Velas... Trabalha para o Mestre Bento. Fazem velas aromáticas. Com essências de flores. Quando a cera arrefece, cobrem-nas com azeite para ficarem frescas.

– E as marcas na testa?

– São de nascença – responde ele, com um aceno de

assentimento. – Teve de ser tirada a ferros pela parteira. Ela não saía. Sempre com medo de dar o primeiro passo... Sempre tão temerosa, como se o mundo fosse uma escada íngreme para alguma masmorra. Eu bem tentava ajudá-la a perceber que havia um jardim lá em baixo. Queria ajudá-la a entrar nele. Éramos... éramos...

Enquanto espero que cessem as suas lágrimas, compreendo ser impossível a conjectura de uma rapariga tão recatada achada despida depois de ter tido ajuntamento com meu tio. Subitamente, Manuel diz numa voz frouxa:

– Como é que morreu? Foi violada pelos cristãos?

– Não sei se foi violada. Acho que não. Mas tinha a garganta cortada, Manuel.

– Meu Deus... – Esconde a cara nas mãos por momentos. Quando volta a olhar-me, diz: – Penso que... que já a enterraram.

– Não podíamos esperar mais, desculpa. Está na Quinta das Amendoeiras. Mostro-te o sítio exato, logo que possa. E havemos de entoar juntos um *kadish* por ela. Mas tens alguma ideia do que andaria a fazer para os meus lados?

– Saiu de casa no domingo para ir visitar o Tomás, o irmão dela, que vive perto de ti. Se calhar, ao fugir do tropel da multidão, foi dar por acaso à vossa casa.

– Ela conhecia meu tio?

– Conhecia de nome, claro. Mas que eu saiba nunca o tinha visto.

– E os membros do grupo de iniciados... Diego, Frei Carlos?

– Acho que nem sequer sabia que existiam.

– Ela considerava-se judia?

– A bem dizer, não – responde, abanando a cabeça. – A lei de Moisés de que a mãe deve ser judia e essas coisas... A mãe dela era cristã-velha, nasceu em Segóvia, mas desde pequena que vivia em Lisboa. No fundo, uma aldeã. Mas não tentes sequer dizer-lhe isso. O pai de Teresa é um cristão-novo português, de Chaves. Quando ela se decidiu a casar comigo, eles disseram que não queriam ter nada a ver com ela. Por isso, que é que eu fiz? Arranjei uma certidão de sangue puro. Que é que querias que fizesse? Julgas que aquela megera se importa? Diz-me que um judeu é como uma romã, o sangue que tem dentro suja tudo onde cai. Tem resposta para tudo. Como o Demónio. – Manuel ergue-se e afasta o rosto contorcido pela angústia. – E o teu tio nunca pôde

compreender o peso que eu trazia em cima.

– Manuel, Mestre Abraão também está morto.

Ele sobressalta-se, inclina-se para mim. Nos seus olhos lê-se o pânico. Aceno com a cabeça a confirmar que é verdade.

– Minha tia Ester foi violada e deixou de falar. Judas desapareceu. E meu tio deixou-nos. Minha mãe, Cinfa e Reza estão a salvo.

Manuel volta-se para esconder as lágrimas. Ou seria por já o saber?

– Então, Mestre Abraão nunca me perdoou – diz ele num murmúrio.

– O perdão dele era assim tão importante? – pergunto.

Volta-se num rompante e fixa-me como se fosse um crime pôr tal pergunta.

– Berequias, uma certidão do rei não mata o coração de uma pessoa!

– Eu falei com ele sobre ti. Depois de te ter tratado tão mal quando te encontrou na rua. Disse-me que da próxima vez que te visse havia de te mostrar a sua amizade. Ficava fora de si só com a ideia de sangue puro. Mas compreendeu que tinha agido mal. Podes crer que tinha uma grande estima por ti.

Dos olhos de Manuel correm lágrimas silenciosas. Apanha as metades da bilha partida.

– Como é que os cristãos o encontraram? Ele não saiu contigo?

Ainda pensei em lhe mentir, mas considerei que a verdade já bastava como enigma. Ao ouvir a minha descrição, esconde de novo o rosto entre as mãos.

– É impossível! – diz ele. Murmura a palavra uma e outra vez até a voz se tornar um cicio, diluindo-se num oceano de silêncio. Avanço para ele e digo-lhe:

– Temos de descobrir ao certo como é que ela entrou na cave. Talvez o irmão saiba.

– Se ainda estiver vivo.

Enquanto caminhamos para a casa de Tomás, Manuel murmura o nome de sua mulher como numa invocação mágica. Compõe uma expressão rígida de contenção, agarrado ao punho da espada. Que em nada lhe convém. Em vez do ferro polido, Manuel deveria antes empunhar uma rede de apanhar borboletas e um caderno de observações. O nosso destino é um terceiro andar de uma moradia sórdida do casario pobre abaixo do outeiro

coroado pela Igreja de Santo Estêvão. Os sinos fanados estão a dar as vésperas quando chegamos, e alguns cristãos-velhos arrastam-se para dentro da igreja. O sacristão enxota para longe um bando de cães aos pulos que pretendem associar-se à cerimónia. O pôr do Sol abrasa o horizonte. As trevas da sexta noite da Páscoa quase se podem tocar.

O cunhado de Manuel é estofador e está a enfiar plumas numa tela quando nós chegamos. O sótão onde se encontra tresanda como uma capoeira. O pescoço é inexistente, tem umas faces sulcadas de veias como Frei Carlos e na cabeça uma franja quase sumida de cabelo castanho todo sujo. Tem estampada na cara uma expressão bovina de uma raiva obsessiva e cega; recebe as informações que trazemos sem nos olhar. Uma breve pausa nos movimentos da mão, mais nada.

– Disse que ia sair – resmunga. – Queixava-se da falta de limpeza durante o tempo das luas das mulheres.

Empurro Manuel para fora. Já sabíamos tudo o que precisávamos.

– Que me dizes do homem?

– Ainda perguntas? A metade cristã tem os modos e a inteligência de um suíno. Já podes imaginar a sandice que deve reinar na metade judia. Teresa deve ser uma filha adotiva. É a única explicação.

Olho para cima e vejo Tomás que se desvia da janela. Teria ele seguido a irmã e matado os dois, guiado por qualquer informe sentido de virtude religiosa herdado da mãe? Seria possível que ele e um dos iniciados que conheciam o segredo da *geniza* tivessem aparecido exatamente ao mesmo tempo para matar o meu tio? Será que uma tal coincidência é possível?

Duas penas descem a flutuar sobre nós. Estico-me para apanhar uma.

– Estou convencido de que Teresa se considerava mais judia do que tu pensas – digo, agarrando-o vivamente. Ao ver o olhar surpreendido de Manuel, pergunto: – Aonde é que iria uma mulher judia assim que acabasse o seu ritmo das luas?

– A um balneário – replica.

– E onde é o balneário mais próximo?

– Na Rua de São Pedro. Ao fundo da rua da vossa...

– Isso mesmo.

Capítulo X

A nossa sinagoga na Judiaria Pequena tinha sido construída no ano cristão de 1374 numa pequena elevação no flanco da parte a sul das muralhas defensivas de Lisboa. No fundo dessa encosta fica um largozinho com uma grande pereira no meio, irmã de uma outra, gigantesca, que antes cobria de sombra o adro do nosso templo principal na Pequena Jerusalém. Uma escadaria de pedra polida sobe a vinte pés num primeiro lanço desde o emaranhado de raízes até à loja de curtumes de Samuel Aurico, seguindo-se um segundo lanço até à sinagoga. Do outro lado da sinagoga fica a Rua de São Pedro. Foi aí que os nossos antepassados puseram a entrada para a nossa *micva*, uma série de piscinas em cascata, duas delas destinadas aos banhos rituais, cavadas na rocha aí existente e alimentando-se numa corrente subterrânea. As hábeis negociações conduzidas pelo rabino Zacuto e outros judeus da corte pouparam-na aos confiscos de 1497 e possibilitaram que o nosso *hazan*, David Moisés, continuasse à sua frente. Claro que já ninguém esperava que os homens e rapazes da nossa crença fossem mergulhar nas suas águas antes do *Shabat*. Mas eu persistira. Ao fim e ao cabo, um banho não passa de um banho e possivelmente nem o próprio Papa poderia adivinhar o que vai na cabeça de cada um. Agora tudo mudara, já se sabe. A maldição portuguesa tinha-nos manietado os pulsos e as provas deixaram de ter qualquer importância. Por toda a Espanha, tomar banho à sexta-feira era considerado prova suficiente para transformar um homem em fumo. E que Lisboa tinha começado a sentir-se bem com o calor das fogueiras da Inquisição era uma coisa que desde a semana anterior já não deixava dúvidas a ninguém.

Naturalmente, a mesma proibição pesava sobre as nossas mulheres desde os tempos da conversão, que assim se viam impedidas de se purificarem depois de passada a sua maré que a

lua governa. Mas Teresa, a mulher de Manuel, parecia ser mais fiel e corajosa do que ele imaginara. Teria ela sido surpreendida pelos cristãos quando se banhava? Pode dar-se que ela se tenha escapado antes de ter tido tempo de se vestir, atravessando a correr a rua para se refugiar em nossa casa, quatro portas a oriente da *micva*, no triângulo formado pela Rua de São Pedro com a Rua da Sinagoga.

A porta do balneário está fechada e ninguém responde quando batemos.

– Não creio que Mestre David tenha sido poupado no domingo – digo a Manuel, e contei-lhe como o *hazan* havia faltado ao encontro que naquela tarde tínhamos marcado na Porta de Sant’Ana. Mesmo assim, Manuel chama por ele, colando-se à fresta do umbral. A sexta noite da Páscoa caíra já sobre a cidade, cinzenta e puxada pelo vento, que levanta redemoinhos de poeira na calçada. Não se ouve nenhuma resposta. Manuel pergunta:

– E, agora, aonde havemos de ir?

– À casa dele – respondo. – Sei onde é que ele guarda as chaves.

– Nunca percebi – diz ele, quando nos pomos a caminho – porque é que Mestre Abraão apreciava tanto morar assim perto do balneário e da sinagoga. Com as disputas permanentes que havia entre ele e o Rabino Losa, isso só piorava as coisas.

– Meu tio estava sempre a dizer que a nossa situação era excelente para nos desvanecermos para junto de Deus. A Rua da Sinagoga e a Rua de São Pedro convergem para nossa casa. Ele achava que um cabalista devia procurar viver numa interseção de linhas, «onde dois se tornam um».

– Imagino que deve ser uma bênção viver na convicção de que a vida é feita de padrões definidos e perceptíveis – observa Manuel com um sorriso melancólico, que me deixa adivinhar que também ele interroga Deus.

Subimos a rua lateral até à morada do *hazan* e batemos à porta. Empoleirado no beiral do telhado, vê-se um falcão de caça fugido, alerta e agitado, com uma tira de couro pendendo-lhe das garras. Quando uma mulher desengonçada, de queixo pontiagudo, nos grita do cimo das escadas, a ave levanta voo.

– Aqui somos todos cristãos tementes a Deus – diz a mulher numa voz tremente. – Todos cristãos-velhos, sempre com o Senhor Jesus nos nossos corações. – Leva as mãos postas ao peito numa posição de oração.

Mesmo do sítio onde me encontro consigo ver as unhas roídas até fazer sangue. Deve pensar que também nós andamos à caça de marranos.

– Viemos só para falar com Mestre David – digo eu numa voz apaziguadora. – Não há problemas. Só queríamos saber se o viu.

– Ai, meu Deus, eu já calculava. Mas aqui não o encontram. Desde domingo que não o vejo. Acho que estava destinado a aquecer nesse dia o coração de Deus nas fogueiras do Rossio.

«Destinado a aquecer nesse dia o coração de Deus?», pensei. Os lisboetas, com o esforço que fazem para falar por eufemismos, acabam muitas vezes por usar as expressões mais absurdas e monstruosas. Haveria outro povo à face da Terra mais capaz de transformar com a sua linguagem um escorpião numa rosa?

– Por acaso tem a chave de casa dele? – pergunto.

– Tenho, tenho – responde ela.

– Podemos dar uma vista de olhos?

– Só um momento, que eu já desço.

Surge ao fundo das escadas alisando o avental escuro com mãos nervosas. Não levanta os olhos, evitando o nosso olhar. Numa voz hesitante, diz:

– Quando o senhor David aqui apareceu pela primeira vez pensámos que ele era uma pessoa de bem. Foi por isso que lhe alugámos a casa. Só depois é que percebemos que era marrano. Mas ele prometeu-nos sair no fim deste mês.

Fazia um esforço patético para se distanciar do inquilino. Na sua voz tranquila, Manuel diz:

– Ele era o *hazan* desta parte da cidade, não sei se sabia. – Usa estas palavras próprias porque suspeita, tal como eu, de que também ela era uma judia secreta. Usar a palavra hebraica *hazan* é uma maneira de Manuel lhe dar a entender que também sabemos hebreu e que somos cristãos-novos que não deve temer. Mas a mulher confunde «hazan», pelo modo como soa, com a palavra portuguesa «azango», mau augúrio ou enguiço. Faz um grande aceno de cabeça e replica num tom excitado:

– Pois, pois, tem Vossa Senhoria toda a razão, todos os judeus são azango!

Uma semana antes teríamos rido da sua ignorância. Mas, neste momento, ambos respiramos fundo como quem cobra forças para uma luta que pode durar as nossas vidas. Encorajada pela aprovação que pensa ter conseguido, corre a abrir a porta.

– Já está! – diz ela ao ouvir-se o estalido da fechadura. Quando a porta se abre, a guinchar nos gonzos, escapa-se um odor bafiento. Numa voz humilde, a mulher diz-nos: – Ficava-lhes muito agradecida se não demorassem muito tempo. – Enfrenta o meu olhar por momentos. – Não queria ser mal-educada, caros senhores, mas as estrelas e os planetas dizem que hoje não devemos receber estranhos em casa. Estou certa de que compreenderão.

Uma passadeira gasta de couro leva da entrada de Mestre David à lareira apagada, a uma distância de cinco passos. Mas não ousamos mover-nos: a todo o comprimento vê-se a sua preciosa coleção de alaúdes, esventrados e despedaçados. Uma cítara feita da mais bela madeira de roseira e cerejeira, como uma ágata talhada pela música, tinha sido partida em duas e pende de um prego na lareira como um caranguejo morto. Debaixo, jaz um pequeno monte de vidros e cacos de barro, encimado por um emaranhado de *tallit* que nunca mais sentirão o pulsar de nenhum braço. A senhoria aponta-nos um dedo espetado:

– Deviam ter visto isto antes de eu ter dado uma limpeza. As favas já tinham barbas. Como os rabinos deles! E o cheirete... Santo Deus, o fedor desse povo, não acham?

– Diga-me só se viu os tamancos dele – pergunto eu.

Ela alisa de novo a frente do avental.

– Desculpe, mas não sei onde é que ele tem as coisas. Não era pessoa das minhas relações. A verdade é que nunca nos...

Dirijo-me à arca da roupa, enquanto ela continua a parolar sobre a fria distância que insistia em manter com o «judeuzito da música», como agora se refere a David. Encontro os tamancos juntos debaixo de um amontoado de velhos gorros de veludo do tempo de El-Rei D. João. Depois de uma breve invocação e uma praga em hebraico, o tacho gira para o lado, deixando cair três chaves. A senhoria observa-me embasbacada.

– Muito antes de vossemecê morar aqui, vim a este quarto durante quatro anos para estudar a cultura grega e árabe com Mestre David. Não viu logo pelo meu cheirete?

– Ah, compreendo – murmurou ela, respirando sofregamente. Na sua voz lê-se uma admiração invejosa: – Vossemecês sabem disfarçar tão bem!

– Não é disfarce nenhum – digo eu. – É bruxedo!

Recordando um velho truque que meu tio me ensinara, mostro-

lhe uma mão vazia e logo em seguida saca do seu nariz as chaves de Mestre David. Ela engasga-se e persigna-se, caindo de joelhos numa posição de oração:

– Por favor, não me façam mal – geme, com as lágrimas nos olhos.

– Se o «judeuzito da música» voltar, diga-lhe que Pedro Zarco passou por cá.

– Sim, senhor – diz ela, fazendo uma vénia com a cabeça. – Mas se calhar era melhor dizer-lho à noite nos seus sonhos. Nesta altura deve ser o único modo de Vossa Senhoria lhe fazer chegar uma mensagem.

A *micva* está húmida e viscosa, e as suas janelas foram fechadas com pregos por algum judeu providente. Ao descermos, sinto faltar-me o pé naquela total escuridão. O meu traseiro toma rudemente conhecimento com as arestas de granito dos degraus, ao mesmo tempo que uma dor aguda me perfura o ombro. Solto um grito.

– É melhor ir buscar uma candeia antes que te aleijes a sério – diz Manuel, voltando para trás e saindo, encostando a porta atrás de si. Fico sentado, mergulhado no conforto desta escura solidão, enquanto à minha volta formas violetas se condensam, para de imediato se encolherem em sombras mosqueadas. «O barro da escuridão dá forma aos nossos medos e desejos», ouço meu tio dizer. Espero, pois. Envolto no meu respirar leve, aparece-me Mardoqueu quando jovem, dissipando-se depois numa dança com o seu passo de corço. Um estalido arranca-me ao meu devaneio, fazendo-me sobressaltar. Som de pés? O meu coração bate num código de alerta. Meu tio surge-me subitamente, azul irisado de ouro, como uma iluminura pintada pela minha memória. A sua expressão é hesitante, pensativa, como se considerasse o significado de algum versículo difícil. Sem se deter a saudar-me, continua a flutuar, subindo e afastando-se da falsa noite do teto até desaparecer. «Não lhe dê atenção», penso. «Não era uma visão, mas uma ilusão.» Uma ligeira respiração vinda de baixo impele-me a avançar. Ou será apenas o vento escapando-se por alguma passagem invisível do subterrâneo? Diz-se que há dúzias de túneis e passagens que vêm dar aqui, os restos de uma rede subterrânea criada pelos nossos antepassados para prepararem a vinda do Messias. «Judeu ou cristão?», grito em português. Nestes

tempos, parece ser a única pergunta que interessa. A respiração extingue-se. «Venho em paz», digo. Só um silêncio expectante desafia o meu medo. Decido lançar um enigma à escuridão: um judeu saberá o que quer dizer. «Qual é o anjo que dá a mão a Abraão?» A resposta é «Raziel». Os dois nomes juntos, o de Abraão e o do anjo, somam 288 em hebraico, uma língua em que as letras são também números. As mãos de Raziel são o sinal de igual que os liga.

Subo silenciosamente dois degraus para me defender de algum vulto que, guiado pela minha voz, subitamente se precipitasse para mim. Mas nenhum movimento fende a escuridão. De novo, lanço o meu enigma e subo mais alguns degraus. Ouve-se uma porta ranger e surge o rosto de Manuel alumiado por uma chama. A escadaria abre-se em penumbra abaixo de mim.

– Desculpa a demora – diz ele. – Mas ninguém...

– Chiu... Parece-me que está aqui alguém. Ouve uma respiração e um passo, pareceu-me.

– Judeu ou cristão? – pergunta num sussurro, enquanto desce em pontas.

– Os passos não têm fé.

– Mas o que é...

– Raziel – ouve-se um sussurro rouco. – Raziel.

– Que diz ele? – pergunta Manuel.

Levo um dedo aos lábios a pedir-lhe silêncio.

– Aparece! – grito para baixo, em hebraico.

Um homem descarnado, olhos piscos e umas farripas ralas de cabelo por cima das orelhas surge descalço ao fundo das escadas. A grossa toalha que traz atada em volta da cintura faz com que o seu peito pareça mais encolhido. É o cirurgião Salomão Eli. Sem refletir, precipito-me para ele.

– É impossível! – exclamo. – Vi-o no Largo do Limoeiro, manietado juntamente com a sua mulher e...

Ele dá-me palmadas no ombro, manifestando a sua alegria.

– *Shalaat Chalom!* – grita ele. – Um dos meus rapazinhos escapou com vida!

Salomão costuma pôr nomes a todas as crianças que circuncida. A mim chamou-me sempre «Shalaat Chalom», «sonho realizado», uma referência às preces de meu pai, suplicando outro filho.

– Mas eu vi-o com...

Salomão interrompe as minhas palavras com um dedo nos

lábios.

– A minha querida esposa Reina está morta – diz ele num cicio, atirando a mão para o céu imitando o fumo. – Só eu escapei.

– Mas como foi isso?

– Como foi, perguntas? Foi um quisto, meu querido *Shalaat*. Operei um quisto a um dos celerados que nos levaram. Um pedreiro. Há cerca de um ano. Ele reconheceu-me, já Reina tinha... Obrigaram-me a assistir. Eu disse-lhe que queria atravessar com ela o rio Jordão. Ele sorriu furtivamente e deu-me uma pancada. Quando despertei, estava deitado no telhado de uma casa acima da Igreja de São Miguel. Vi as flores silvestres que cresciam por entre as telhas debaixo das minhas pernas e pensei que era estranho. Julgava que estava morto. Era de noite. Mas quando vi a Lua... Quer dizer, eu nunca tinha ouvido dizer que o paraíso estivesse cercado de corpos celestes. Ou será a *sahar* só uma outra *sohar*, será a Lua uma mera prisão? – Salomão encolhe os ombros e força-se a sorrir. – Talvez o tal pedreiro tivesse pensado que deixar-me vivo seria uma maior punição. Quando despertei estava sem roupas. Para onde haveria de ir? Para casa não, já não havia lá ninguém. Vim dar aqui. A porta estava aberta. Passado algum tempo veio cá alguém que a fechou.

– Esteve cá mais alguém? – pergunta Manuel. – Uma rapariga?

– Ninguém – replica o cirurgião.

– Pode ter morrido antes da chegada de Salomão – digo eu a Manuel. – E, de qualquer modo, deve ter ido daqui até minha...

– Que rapariga?! – pergunta o *mohel*. – A Cinfa? Ela...?

– Não. Está bem. – Pego nas mãos de Salomão, explico-lhe o que aconteceu a meu tio e o objetivo da nossa busca. – Então não viu nada, nada mesmo? Nem joias, ou roupas, ou comida? – insisto.

– Anda daí – diz ele numa voz grave.

O cirurgião conduz-nos, através da piscina ritual dos homens, até aos compartimentos onde as mulheres se vestem, que estão cobertos de azulejos com o símbolo de seis pontas do rei David. Avança com passos atentos, infantis, próprios de alguém que não come há vários dias. Mas, ainda assim, o eco dos seus passos soa nestas cavernas como um tambor. Chegados à pequena sala de vestir onde Salomão tem dormido, Manuel pega numa toalha que lhe serve de coberta. Levanta uma túnica enrolada a servir de almofada e sacode-a ao alto.

– Da Teresa? – pergunto.

Um véu de sombra fecha-se sobre a face de Manuel quando ele baixa a candeia. Cai de joelhos e um amargo soluçar ecoa por todo o gélido lençol de azulejos.

– Estava nua quando a encontrámos – murmuro a Salomão. – Não me parece que ela fosse atravessar assim a rua, se houvesse outro meio. Como é que...

Inesperadamente, Manuel passa a porta, descendo em seguida para a passagem que dá para o átrio central. Chamo por ele repetidamente, em vão. O meu eco vibra em torno a nós como uma voz a desvendar segredos. Seguindo para oriente, passa a correr uma rampa com uma sala de meditação ao fundo, descendo depois através de balneários há muito abandonados e grutas a tresandar a humidade. Finalmente atingimos a sala que serviu de escritório a Mestre David. As suas estantes torreadas estão derrubadas, com os registos do balneário espalhados pelo chão. No canto oposto vê-se uma candeia tombada. Enquanto Manuel a observa, Salomão deixa-se cair no chão empedrado. Ouve-se a palpitação do seu peito no ar pesado e húmido do compartimento.

– Estou cansado das pernas – diz, com um encolher dos ombros.

– Já lhe damos de comer, logo que sairmos daqui – tranquilizo-o.

Ele levanta as mãos a mostrar que não há pressa.

– O que é que te deu? – pergunto a Manuel.

– Era a ver por onde teria descido a minha mulher ao fugir dos cristãos.

Salomão olha em torno, fareja o ar como um coelho, inclina-se para o chão, levanta-se e põe-se em pontas dos pés como um gamo a esticar-se para chegar a um ramo mais alto.

– Há um cheiro a podre no ar – resmungo, pondo a língua de fora. – Parece estrume.

É verdade. Há uma fibra do mal a vibrar no ar.

– Algum esquilo morto, ou um rato – diz Manuel. – Para aí afogados.

Dentro de mim roda a chave do entendimento.

– Não, não é animal morto nenhum. Agora percebo. Já lhes mostro o que é quando voltarmos à nossa cave.

Descemos, Manuel, Salomão e eu, as escadas debaixo do nosso

alçapão secreto. O *mohel* aconchega-se sob o cobertor que lhe dei e estende a mão ao longo da parede para se amparar. Nunca antes estivera na nossa cave e pergunta numa voz curiosa:

– Desde quando têm isto aqui, rapaz?

– Já ninguém se lembra há quanto tempo – respondo.

O tapete de orações e as plantas de mirto dão a entender a Salomão que a cave se tinha tornado a nossa sinagoga secreta e ouvimo-lo entoar um cântico: «Abençoado seja Aquele que salva o Seu templo dos idólatras.»

Tia Ester está sentada à escrivaninha de meu tio ao fundo da cave, com os olhos fixos no Espelho que Sangra que lhe fica em frente. Tem a cabeça descoberta, e o seu cabelo com hena, cortado ao acaso, dá-lhe uma aparência aterradora.

– Etti – chama Salomão, que gosta de chamar toda a gente pela alcunha.

Ela não responde, nem estremece. Salomão estica os lábios e olha-me interrogativamente.

– Por agora não responde. Temos de lhe dar tempo.

O *mohel* acena compreensivamente, depois fareja o ar.

– O tal cheiro vinha desta cave – diz ele. – Este sítio cheira a...

– Cala-se ao lembrar-se do invólucro do corpo putrefacto que meu tio abandonou ao deixar-nos.

Avanço direito aos ornatos de couro de Córdoba que pendem da parede ocidental da cave, por trás de tia Ester. Enrolando para cima um deles, desprendo-o dos ganchos e ponho-o no chão. Seguidamente faço a mesma coisa com o outro; Manuel acende os dois candelabros de prata com a sua candeia. Apalpando a parede com a ponta dos dedos debaixo das manchas de sangue que se interrompem abruptamente na borda de um dos azulejos, digo:

– Se Samir ou o meu tio aqui estivessem, poupávamos algum tempo. Ou um dos iniciados.

– O que procuras? – pergunta Manuel.

– Já vais ver – digo eu. – Acabo de descobrir como é que um homem, ou até vários, pode desaparecer desta cave. E como é que um cheiro pode passar de um lado para o outro.

Começo a bater com o punho em todos os azulejos ao longo de uma linha e até à altura da minha cabeça, do canto a sul da cave, perto das cavidades aí existentes, para norte, até onde está tia Ester. Salomão murmura para Manuel:

– Pobre rapaz. A morte de Mestre Abraão deixou-o a pensar da

esquerda para a direita.

É um dito judaico, para dar a entender que não tinha o siso todo.

– Garanto-lhes que não me entrou no ouvido nenhum mosquito – replico, aludindo à história de como o rei Nimrod perdeu o siso.
– Costumava ficar muito admirado por o meu tio estar sempre a aparecer vindo de parte nenhuma. Frei Carlos às vezes até dava a entender que meu tio era um daqueles espíritos brincalhões. Mas agora já sei como é que ele fazia. E porque é que nunca me deixava entrar na cave sem a sua autorização.

Continuei a bater, e se até ao fim de cada fiada não ouvisse o som que procurava passava para a fiada de baixo. Na quarta fiada de baixo, a que atravessa a parede à altura do meu pescoço, encontrei o que procurava: o som oco de um azulejo que mal se apoiava na parede.

Neste momento, Cinfa surge a correr ao fundo das escadas e fita-me com olhos atentos. Mais uns vinte toques e acabo por encontrar o contorno de azulejos que dão o mesmo som a falso. Se se confirmar o que penso, um dos azulejos perto da borda de um dos lados deve mover-se quando o empurram. Passados uns momentos, acabo por o descobrir. Arranco-o, e parto mesmo a unha do polegar nessa tarefa, e passo-o a Cinfa. Por baixo vê-se uma pega circular de ferro, na qual se lê toscamente gravada a palavra hebraica *rechiza*, banhos. Depois de respirar profundamente e de uma rápida oração pelo sucesso, agarro-a e dou-lhe um empurrão. Imediatamente, a racha na parede transforma-se numa porta que gira em torno de um eixo central. Perante nós surge um compartimento na mais pura escuridão. Salomão reúne-se a mim, põe-se de cócoras como um piedoso muçulmano e espreita para o interior com uma expressão de curiosidade.

– Dá cá a candeia – digo, voltando-me para Manuel. – Vou ver lá dentro.

– Para onde dá? – pergunta ele.

– É o que vamos ver. Mas, para já, dá cá a candeia.

Passa-ma e à nossa frente começa a vislumbrar-se um corredor de pedra.

– Vou atrás de ti – diz ele.

– Eu fico aqui – diz-me Salomão com uma palmadinha no ombro. E, voltando-se para minha irmã, pergunta-lhe: – Cinfa,

porque não vais buscar um pouco de *matza* e água? E um copo de vinho *casher* também. E já agora a almofada mais fofinha que encontrares!

Guiados pela candeia de Manuel, penetramos na escuridão, enquanto Cinfa se precipita pelas escadas acima. A passagem húmida que se abre perante nós exala um cheiro a pedra fria e a solidão e vai-se estreitando à medida que o teto baixa até nos vermos obrigados a caminhar de gatas. Avançamos como toupeiras e, depois de uns vinte pés, quando a passagem se alarga, levantamo-nos. De uma laje de pedra a fazer de porta emerge uma argola de ferro ferrugento, igualmente gravada com a palavra *rechiza*. Manuel empurra-a, abrindo-a em torno do seu eixo. Somos recebidos por uma lufada de ar gélido. Levanto a candeia, fazendo brilhar os azulejos azuis e verdes. Pelo chão espalha-se uma infinidade de papéis. Estamos no escritório do *hazan* nos balneários.

Depois de Manuel e Salomão se terem recolhido a suas casas, vou ter com minha mãe, armado agora da certeza de que o assassino não era nenhum feiticeiro, mas sim um dos iniciados. Encontro-a na loja, de gatas, a esfregar o chão à luz de uma candeia. Conto-lhe o que acabo de descobrir.

– Conhecia a passagem secreta? – pergunto.

Ela afasta a escova e põe-se de joelhos.

– Antes de tu teres nascido – começa ela –, quando os cristãos-novos desta cidade eram judeus e o teu pai andava a ver se conseguia...

Fecho os olhos. Parece que a vejo abrir a primeira página de uma história infundável sobre meu pai e as suas tentativas de se estabelecer com um negócio rentável. Mas, sentindo a minha irritação, corta abruptamente:

– A nossa cave era parte da *micva*! As nossas tinas faziam parte dela.

– Porque é que nunca mo disse?

Volta-me as costas como se a minha presença a enfastiasse. Os músculos do rosto palpitam-lhe com a cólera:

– Julgas se calhar que tens direito a saber tudo?! A vida não é assim, seja o que for que meu irmão te dizia.

Observo-a com desagrado, ainda que compreenda que tem razão.

– Talvez ele pensasse que tu sabias e que não tinha de te falar no caso – acrescenta num tom conciliatório, recuperando a escova. – De qualquer modo, não era importante. – O breve gesto de desinteresse que ela me dirige denota o seu cansaço. De súbito, baixa o olhar e franze o cenho. Um sapo acastanhado todo inchado pula de algum esconderijo. – Que é que quer agora este, não me dizes?

– Comida... alguma mosca. Quer viver. Deixe-o lá.

– Deixá-lo? Uma porcaria destas? Uma das dez pragas da Páscoa?! Que Deus enviou para punir os egípcios que nos mantinham na escravidão e eu ia deixá-lo na minha casa?!

Minha mãe parece balançar entre o sonambulismo e uma espécie de loucura intermitente. Vendo-a agarrar a vassoura, tento voltar a sua atenção para questões mais importantes e digo:

– Sempre pensei que ele se deve ter escondido na *geniza* no meio dos livros. Como ele gostava de os tocar e de os cheirar!

– Quem? – pergunta ela, e franze as sobrancelhas como se eu tivesse ensandecido.

De repente, possuiu-me o pressentimento de que era capaz de a esbofetear. Ela abre uma das portas desengonçadas da loja e varre o pobre sapo pelos ares para a Rua da Sinagoga.

– Por favor, não podia... – começo, mas interrompo-me, compreendendo que era inútil. A sua simples presença parece minar a minha energia. Observo-a a fitar o céu sonhadoramente. O desorientado sapo endireita-se cambaleante. *Roseta* surge não se sabe de onde, avança sorrrateiramente, as garras prontas.

– Não, nada disso! – digo, saltando para a rua, agarrando o sapo e enfiando-o na bolsa. Preparo-me para ouvir os ralhos de minha mãe contra a porcaria. Mas as nuvens prateadas que rolam do Ocidente deixam-na pregada ao chão: a noite, como tudo o resto, recorda-lhe Judas.

Liberto o sapo nos campos acima do rio, lavo as mãos, mordisco uma *matza* e volto para casa a ver como está Farid. Uma fatia do crescente da lua ergue-se acima do horizonte e eu começo a delinear uma história, enquanto observo o seu palor. A mulher de Manuel está a banhar-se na *micva*. Ouve os brados dos cristãos-novos a serem massacrados na rua de cima. Correndo através do dédalo de piscinas e compartimentos, atinge o frio muro de estrelas do escritório do *hazan*. Estarão as portas de ligação abertas? Estará também meu tio nos balneários a purificar-se para

as suas orações? Ou terá ela gritado ao aperceber-se da luz das tochas empunhadas pelos cristãos? Talvez meu tio a tenha ouvido, aberto a porta secreta, penetrado nos balneários e a tenha puxado para lugar seguro. Juntos, meu tio e a rapariga, esperam na cave o fim da loucura de Lisboa. Mas os criminosos, um iniciado e alguém que faz pesar sobre ele uma ameaça, chegam primeiro. Depois de terem atraído a morte a nossa casa, esgueiram-se através da passagem secreta para os balneários. Um deles passa a mão pela porta fechada, deixando o rasto de sangue dos dedos, e escapa-se através do túnel.

Quando entro, Farid está sentado na cozinha. A sua face parece causticada e pálida pelo esforço. Sei que deveria correr para ele, mas as minhas próprias energias tinham-se eclipsado pelo desespero.

– Não devias estar deitado? – pergunto com os nossos sinais, ao chegar à entrada.

– A minha casa estava vazia – explica o meu amigo com gestos pesados. – Não sabes nada de meu pai, pois não? – Os braços pendem-lhe, brancos, como se os anjos o vestissem já para...

– Não. Perguntei por aqui, mas ninguém o viu. Amanhã de manhã cedinho vou à procura dele. As coisas agora acalmaram um pouco...

– Trouxeram uma mensagem para ti – indica ele, exibindo um rolo. – Para o teu tio, mais exatamente.

Desfaço o selo. É da senhora Tamara, uma alfarrabista da Pequena Jerusalém, com quem muitas vezes fazíamos negócio.

«Mestre Abraão», dizia a mensagem, «um rapazinho tentou vender-me um livro que me parece ser uma história do Egito recentemente descoberto por si. Terá sido roubado durante os motins? Desculpe, se calhar devia tê-lo comprado, mas não tinha a cabeça no sítio e expulsei-o da loja aos berros. Mas acho que o posso descrever, o tal rapaz que veio cá. Talvez alguém saiba quem é e o possamos recuperar.»

Sinto-me como se tivesse pescado um grande peixe para o *Shabat*: «a história do Egito» é o código para a *Haggada* de meu tio que desapareceu! Esta informação mostra que o assassino fez um movimento em falso. E agora que sei como ele escapou... Parece que há uma balança na Esfera Celeste que começa a pesar a meu favor. E, no entanto, antes ainda que as minhas descobertas possam sequer começar a encher-me os pulmões com o ar fresco

da esperança, Farid conduz-me novamente ao desespero. Depois de lhe ter lido com as mãos o recado da senhora Tamara, ele observa:

– Temos pela frente um novo obstáculo. Quando chegou o recado, fui à cave para ver se te encontrava e vi a passagem secreta na parede. Bem sei o que estás a pensar. Mas o assassino não saiu por ali.

– O quê?!

– Vai lá ver. Olha para o sangue. Vais ver que há marcas até ao ponto em que a passagem estreita. Como se ele fosse a apalpar a parede para achar o caminho. Mas as marcas acabam quando se é obrigado a avançar agachado. O assassino não conseguiu passar e voltou para a cave.

– Tens a certeza? – pergunto, respirando profundamente.

– Com o nascer do Sol podes verificar melhor o que estou a dizer. À luz da candeia, os teus olhos não conseguem distinguir o que eu vi. Mas é a verdade, não pode haver engano.

Mais uma vez me ocorre que não foi um acaso que Deus me tenha agraciado com Farid. Ele sabe que preciso da ajuda de um dos Seus retratos mais talentosos.

– Mas porque haveria o assassino de voltar para a cave, sabendo que tem uma porta por onde pode escapar? – perguntam os meus gestos.

– Talvez tenha ouvido vozes nos balneários... Mais cristãos. Ou então... talvez ele fosse demasiado grande ou desajeitado para conseguir penetrar na passagem. Quase de certeza que nunca tinha usado aquela saída antes e deve ter pensado que cabia lá. Só depois descobriu...

As mãos de Farid descaem-lhe para o lado. Faz-me um débil sinal de que a sua diarreia piorou. Com pejo da minha boa saúde, levo-o para fora. O ar da noite atinge-nos, seco e gélido. A face de Farid contorce-se de dor, enquanto eu lhe limpo o fraco traseiro. Para combater o medo, penso: «Não só não sei como escapou o intruso, como tenho de combater novamente pela vida de outrem.» Medindo interiormente a vida de Farid, vejo o Anjo da Morte, uma sombra com mil olhos abertos, especado à ilharga da cama do meu amigo. Umas mãos esqueléticas empunham uma espada com uma gota amarga suspensa na ponta estendida. Assim que Farid põe os olhos neste ser horrível diante dele, abre a boca aterrorizado e desenha o grito de estertor de um mudo. Num

ápice, o Anjo da Morte enfia-lhe dentro a sua oferta corrompida. E com aquela gota Farid morre e empalidece e decompõe-se.

Não pode haver escapatória.

O corpo de meu amigo, como um boneco desconjuntado repousa sobre mim quando nos arrastamos para dentro.

– Farid, mas então onde raio se meteu o assassino quando eu entrei de rompante? A porta estava fechada. Não estava ninguém na cave. Juro! Ninguém!

Vendo-o a gesticular uma frase poética sobre a vontade de Alá, agarro a candeia que pende da trave do teto e enfio para baixo. Tal como ele dissera, há gotas de sangue e pegadas no chão e nas paredes do túnel e há dedadas, com marcas de cinco dedos, nos sítios onde o fugitivo pôs as mãos à procura da passagem. Assim que começa a ser preciso rastejar, vê-se um emaranhado de manchas de sangue, revelando as marcas da malha de um tecido, que devem ter sido impressas pelos joelhos contra a pedra. No ponto mais apertado, uma outra marca parece mostrar que uma mão tentou desesperadamente tatear o caminho para diante. Quando o túnel começa de novo a alargar-se, e eu posso caminhar em pé, já não há nada. Nem marcas de passos, nem dedadas com sangue.

O assassino voltara para trás. Ou desaparecera.

Capítulo XI

Farid apoia-se na parede para amparar os seus frágeis passos ao descer para a cave. Aproxima-se de mim, baixa-se e fica acocorado para evitar a dor que lhe trespassa as entranhas.

– Agora que sabemos que o assassino não saiu pela porta secreta, tenta lembrar-te da sequência dos teus movimentos depois de teres descoberto o corpo de teu tio... Tudo!

Foi a magia das palavras desenhadas pelos gestos do meu amigo que me dotou de visão interior: depois de lhe ter contado tudo, a solução apareceu-me naturalmente. É como se desde sempre estivesse dentro de mim, escondida, enroscada como um gato adormecido num canto ignorado: «A *geniza*!»

Farid assente como se lesse um versículo de sabedoria.

– O assassino deve ter-se escondido lá – dizem as suas mãos – quando chamaste a tua família da porta. Quando irrompeste na cave, estava ele metido no meio dos livros, confundido com a escuridão. Depois, quando subiste para ir buscar os pregos e o martelo, demoraste a afastar um gatuno e a observar a turba ao fundo da rua. Como te sentias com vertigens, sentaste-te durante uns momentos. Foi quanto bastou para ele se escapar pela porta do quarto de tua mãe, que dá para a Rua da Sinagoga.

– Meu Deus... Nem reparei... Quer dizer, nem me passou pela cabeça ir ver, porque ao princípio pensei que tinham sido os cristãos quem o matara e esses não sabiam da *geniza*.

– Vamos confirmar – propõe Farid. – Não podemos dar-nos ao luxo de cometer qualquer erro.

Abrindo a tampa do esconderijo com a chave guardada atrás do Espelho que Sangra, levanto os nossos manuscritos e cartas, e também o saco de moedas. Dentro da cavidade assim esvaziada veem-se facilmente as marcas de sangue, que cobrem o fundo como sombras castanhas de folhas caídas, com a textura de um tecido gravada.

Quando me volto para Farid, dou-lhe por sinais a minha interpretação das manchas:

– O assassino estava deitado sobre o lado direito, com o corpo dobrado em torno da pilha de manuscritos. Por isso é que todas as manchas de sangue têm a marca das roupas. As pernas estavam encolhidas junto ao peito e as pontas das sandálias fizeram as nódoas na base do lado oriental. Tinha o cotovelo contra a parede do lado norte, o que deixou aquela marca do tecido do tamanho de uma pétala perto da borda de cima. O braço direito, saído para fora, empunhava o cutelo de *shohet*. Enquanto ali estava, esperando que eu sáísse, deve ter passado o gume algumas vezes na parede do lado sul, o que deixou aquelas linhas de sangue finas no revestimento.

Farid faz um sinal de aprovação.

Para mim próprio, murmuro:

– Diego!

– Diego, o quê? – pergunta o meu amigo, lendo os meus lábios.

– Com o tamanho dele, não podia atravessar a passagem estreita que dá para os balneários.

– Sim, mas mesmo a Frei Carlos não seria fácil.

– Talvez não. Mas repara, Diego disse que voltava cá esta noite com um homem que queria vender a meu tio um manuscrito hebraico. E se me tivesse dito isso só para ganhar algum tempo? Tenho de o encontrar. Talvez neste mesmo momento esteja a tentar escapar-se. E prometo não me esquecer de teu pai. Vou passar na mesquita secreta, depois de ir à morada de Diego.

Quando volto a colocar os livros e as cartas na *geniza*, Farid desliza até mim e toma-me pelo braço:

– Não devias aproximar-te do Rossio.

– Desço para a Mouraria pelos lados da Graça. Vai correr tudo bem!

– Fala só português. – Aceno que sim e as suas mãos insistem. – E leva a minha melhor adaga. Aquela de Bagdad que pode partir em dois mesmo o mais fino pensamento de um Sufi. Vai buscá-la ao meu quarto.

– E tu com o que ficas? – pergunto.

– Com uma do meu pai. Aquela comprida de Safed. Ele gostava que...

Aceno compreensivamente, vendo os gestos de Farid caírem num silêncio marcado pela mágoa. Olhamos um para o outro

através da distância da morte. Ambos sabemos que não demorará muito a que as minhas mãos já não o possam tocar. Ele ter-se-á despenhado, tal como aconteceu a Mardoqueu e a meu pai, nas chamas negras das mãos de Duma, o guardião das almas do mundo de lá. Farid leva as mãos ao ventre, o nosso sinal de terror, e depois bate no peito com um punho enfraquecido: é um modo de indicar que os seus diques espirituais estão a ceder e que não pode continuar só.

Quando nos abraçamos, é como se ele me comunicasse o mesmo brando sentimento de pétala de Mardoqueu. As suas costelas, duras e frias, ondeiam-lhe a pele como se quisessem despontar. Conduzo-o de volta ao quarto de minha mãe e ouço o aviso de meu tio: «Berequias, não abandones os vivos por causa dos mortos!» Volto-me para Farid:

– Vou procurar um doutor. A busca de Diego pode esperar. Se te acontece...

– Doutores não! – interrompe Farid. – Tudo o que os cristãos sabem é fazer sangrias.

– Vou procurar um muçulmano.

– Onde? – leio nos seus gestos céuticos.

– Onde os houver... Vou aonde for preciso.

Discutimos durante alguns instantes. Mas é só para nos iludirmos: ambos sabemos que o doutor Montesinhos era um dos últimos que seguiam fielmente os ensinamentos de Avicena e de Galeno. Quem iria eu agora encontrar, capaz de se arriscar ao contágio para ver um pobre surdo tecelão de tapetes? Farid afasta as minhas palavras com movimentos alados e pede-me por ar fresco. Arrastamo-nos pois novamente para o exterior e sentamo-nos no fresco do pátio. Ele resmunga quando lhe lavo os braços e as pernas com água. Não tem chagas nenhuma, portanto peste não é. Está a ser sugado da sua vida.

– Vai procurar Diego! – diz subitamente, com um empurrão. – Estás só a perder tempo comigo.

– Farid, fazes o que eu te disser? – perguntam as minhas mãos.

Ele detém o meu pedido com uma onda de gestos de desânimo:

– Não tens o óleo da vida que possas deitar na minha candeia.

– A tua poesia não vem nada a propósito neste momento – replico.

E, como ele continua a protestar, levanto a mão contra ele, a fingir que lhe bato. Ele sorri do absurdo. Deixando-me decair para

o inevitável, penso: «É esta a última vez que o vejo feliz.» Fecho a geniza e ponho a chave de novo na bexiga de enguia.

– Anda daí comigo! – ordeno a Farid.

– O que é que te passou pela cabeça? – pergunta.

– Caluda!

Na cozinha, faço um ovo cozido, ponho-lhe sal e forço Farid a comê-lo com chá de buxo e lúcia-lima. Fico ali durante longos momentos, assistindo ao seu mastigar maquinal e aos seus arquejos agonizantes. Dou-lhe cinzas de carvão e mais líquidos até ver a barriga distender-se. Seguindo as minhas instruções, dobra as pernas contra o peito, enquanto eu lhe dou um bom clister de uma decocção de linhaça em água de aveia e outro de água de aveia com uma única gota de arsénico. Uma vez assim limpo, Cinfa traz-nos da cave um incenso especial de papoilas e cânfora, muito bom para adormecer. Farid espirra quando o inala e eu arrasto-o para o sono com as fábulas de Kalila e Dimna que minha tia Ester me contava quando eu era criança.

Depois de ter tirado de baixo do colchão de Farid a sua adaga de Bagdad, comecei a trepar, no ar fresco da sexta noite da Páscoa, ruelas íngremes de Alfama para encontrar Diego. Mas, antes de chegar à morada, avisto um homem de estatura gigantesca recortado na escuridão do outro lado da rua. Está encostado à parede esbarrondada da oficina do sapateiro; usa um chapéu de aba larga e uma capa escura que lhe esconde o corpo até às botas. É pelo menos uma mão mais alto do que eu, bem acima dos seis pés, uma altura que quase nunca se vê entre portugueses. O cabelo escorrido cai-lhe sobre os ombros. A mão direita empunha um chicote de couro cru. Só pode ser o tal homem do Norte de que me falaram. Levanta a cabeça subitamente e endireita-se assim que me avista. Trocamos um olhar em que sinto que ele sabe quem sou. Mas nenhum de nós faz qualquer movimento. Parece que mil perguntas me colam à calçada: estará ele aqui para matar Diego ou simplesmente à espera de que ele lhe pague o prometido pela morte de meu tio? Que estará ele a pensar de mim?

Não permaneço ali para saber as respostas. Essas, devem-me vir do próprio Diego. Mas, naturalmente, não deve estar em casa, senão o homem do Norte não estaria ali tão diligentemente à espera. Recuo e dirijo-me apressadamente para a Mouraria, olhando de quando em vez por cima do ombro para ter a certeza

de não ser seguido.

Nas ruas noturnas de Lisboa escoa-se das janelas das tabernas e dos bordéis uma luz crua alaranjada. Sempre que ouço um ruído, o meu coração dá um salto, como que à procura de um refúgio secreto. É aquela parte da noite em que todos os sons e objetos parecem ter-se tornado oráculos a anunciar a morte.

A mesquita secreta que Samir costuma frequentar fica no segundo andar de uma oficina de ferreiro, perto do antigo bazar mourisco. A grande porta de madeira, gravada com um motivo entrançado, tem uma ferradura no meio a servir de aldraba. Na calçada em baixo vê-se um tentilhão morto, com uma gota de sangue no bico. Depois de bater uma segunda vez, na janela de cima despontou a luz de uma candeia.

– Quem é? – ouve-se o cicio sibilante de uma mulher.

– Pedro Zarco. Procuo Mestre Samir.

As portadas fecham-se com um estrondo. Instantes depois, um homem num camisão, de compleição delgada, os olhos furtivos de um asceta Sufi, aparece numa fenda duvidosa da porta. Alumiadas pela chama vacilante da candeia, as suas faces surgem cavadas debaixo da meia-lua dos maxilares.

– Procuo Mestre Samir – começo. – Ele costuma vir...

– Quem é vossemecê? – pergunta ele em português, com uma voz profunda, sonora, como se cortada em granito.

– Um amigo. Pedro Zarco. Vivemos um em frente ao outro. Se ele está cá, diga-lhe que...

– Não está cá. – Fala asperamente, como se ser visto comigo representasse um risco.

– Sabe aonde é que ele foi?

– Quando as fogueiras começaram, dispersámo-nos. Ele correu para casa a ver Farid. Espere. – Fecha a porta e corre o ferrolho. Ouvem-se as passadas a afastar-se, depois a voltar apressadamente. Quando a porta se abre com um rangido, estende-me umas sandálias pendentes. – Samir foi-se embora com tanta pressa que se esqueceu delas – explica ele.

Ao perceber que o pai de Samir pode também estar morto, decido-me a estugar o passo para ir ter com a senhora Tamara, à casa onde mora e onde vende os livros na Pequena Jerusalém, a ver se descubro mais alguma coisa sobre a «história do Egito» que lhe tentaram vender. Mas as minhas pancadas na porta não recebem qualquer resposta. Os meus pés levam-me de volta a

casa. Sinto o corpo oco como uma caverna e o ar da noite ressoa-me dentro do peito como dentro de um sino de chumbo. Tenho de comer qualquer coisa e rezar a pedir a *neza*, a inesgotável resistência que a todo o momento emana de Deus para a Esfera Terrena.

Chegado a casa, lavo o rosto, como um pouco de *matza* já atrasada e duas maçãs, sentando-me depois à lareira a entoar cânticos. Sobrepondo-se às minhas preces, a solidão e a sonolência descem sobre mim e apanham-me na sua rede. Subitamente, vejo diante de mim as mãos de meu tio, gesticulando atrás da lareira numa linguagem que não atinjo. O suor perla-me a fronte. Uma face inclina-se para mim. Alongada pelas sombras dançantes, arde com uma luz alaranjada. O meu coração dá um salto. Recuo e ponho-me em pé de um pulo.

– Berequias, trouxe comigo o homem de que te falei. – Ouço Diego, que me surge à luz da lareira. Estende a mão: – Este é Isaac de Ronda.

Respiro profundamente para me acalmar. Reparo que o guarda-costas de Diego está à entrada da cozinha, de costas voltadas para nós. Isaac tem a mesma face descarnada, baça, de tantos mercadores cristãos-novos. Vestido com uma túnica escarlate, o cabelo que lhe dá pelo pescoço está coberto por um boné púrpura de crista de onde emerge uma pluma voltada para trás. Quando nos saudamos, fita-me ostensivamente nos olhos, como a tentar convencer-me do seu poder ou a acenar-me para a cama dele. Os camponeses têm muitas vezes este comportamento, e apercebo-me de que também ele só há pouco tempo se deve ter metido em negócios com dinheiro.

A minha descida repentina do reino dos sonhos meio-acordados deixara-me embotado. Acendo mais duas candeias em cima da mesa para ganhar tempo e recuperar da sonolência.

– Viste a minha mãe ou minha tia Ester? – pergunto a Diego, ainda confuso quanto ao tempo e ao lugar onde me encontro.

– De certeza que estão a dormir – diz ele. – Não falta muito para ser madrugada, mas pensei que era mais seguro vir agora. Pensei que podias ainda estar acordado.

A luz das candeias tinha dado às nossas sombras proporções menos assustadoras, mais humanas. Convido os meus hóspedes a sentarem-se.

– Um pouco de aguardente?

Aceitam a oferta. Isaac ferra os lábios na taça, deita a cabeça para trás e emborca a bebida como se fosse água.

– Dores de dentes – diz ele. – Alivia o sofrimento.

– Tenho ali óleo de cravo, se preferir – digo eu.

– Obrigado, mas também trago algum comigo. – Mete a mão na bolsa, tira um frasco e esfrega o líquido nas gengivas. Tem as mãos finas, elegantes, com as unhas imaculadamente polidas. Pelos vistos, parece que só as mãos é que tiveram tempo de se adaptar à nova riqueza. Em breve, os seus lábios hão de aprender a acariciar o vinho no copo e a saudar, deixando a sua vontade pairar como uma pena de faisão numa brisa suave.

– Diego, onde tens andado? – pergunto. – Andei à tua procura.

– Estive com um amigo. Achei que era mais seguro do que ir para casa.

– E era. O tal homem do Norte... Vi-o à porta de tua casa.

– Um homem do Norte? – pergunta Isaac num tom surpreendido.

– Loiro, alto, com um chicote de couro cru daqueles que fazem em Castela – replico.

– É melhor não ir para casa – diz Diego com um encolher de ombros. – Talvez se canse de esperar por mim e se vá embora.

– Que quererá ele? – pergunta Isaac.

Diego ergue as mãos diante do rosto e estremece; fixa-me diretamente nos olhos com uma expressão de terror.

– Suspeitamos que me quer matar. Deve ser algum inimigo que nós, os amigos de Mestre Abraão, arranjámos sem dar por ela.

Isaac brinca nervosamente com o cabelo que lhe cai sobre as orelhas.

– Fez-me pena saber da morte de seu tio – diz ele. Tem um sotaque pronunciado, uma voz profunda, lenta e rolada, como tantos dos seus conterrâneos.

– Disseram-me que tem para vender uma «safira» talhada por Judas Ha-Levi.

– «Não descansarei até o sangue do profeta Zacarias encontrar repouso» – diz, parafraseando um dos versos mais famosos do poeta. E fita-me com um ar de desafio, que parece procurar compreender os meus próprios motivos.

– Meu tio estava interessado? – pergunto, pensando como deveria considerar este Isaac de Ronda.

– Muito – responde Diego.

– Disse que ia ver se arranjava o dinheiro para me pagar nestes dias – acrescenta Isaac. – Mas agora, eu...

– Como trouxe a «safira» para Portugal? – indago.

– Sempre cá esteve. Comprei-a a um amigo no Porto. Ia queimá-la. Não podia permitir tal coisa, como bem compreende.

– Se não a compras, Berequias, acaba por ir parar às mãos de alguém que não tem a mesma compreensão da sua importância – observa Diego.

– Então tu já não estás interessado? – pergunta Isaac a Diego.

– Eu a bem dizer só estava interessado para ajudar Mestre Abraão até ele arranjar dinheiro suficiente. Por mim, prefiro manuscritos em latim. É muito mais seguro. Dou a vez ao Berequias.

– Havia mais alguém interessado no livro? – pergunto.

– Fiz vários contactos – replica Isaac. – Mas não vejo ninguém disposto a fazer uma oferta.

– Nem sequer a senhora Tamara, a livreira da Pequena Jerusalém? – indago.

– Não quis saber dele para nada. Não está a comprar nada em hebraico, de momento. Nem sequer traduções. Depois do que se passou, compreende-se.

– Simão e outros – diz Diego – acham que podiam dar por ele um preço elevado noutro sítio qualquer. Em Génova, ou Constantinopla, ou Ragusa. Ou mesmo em Marrocos.

– Simão Eanes, o importador de tecidos? – pergunto.

– Sim – responde Diego.

O coração balança-me de um lado para o outro. Andariam eles à porfia por causa dos livros? Seria isso? Nas minhas entranhas debate-se um desejo perverso, que me sobe à boca numa prece diabólica, para que o culpado não seja Simão, e assim não me seja roubado o prazer da vingança. Diego bate-me no ombro e prossegue num tom melancólico:

– Custa a crer, todo este trabalho por manuscritos que ainda há pouco podíamos encontrar nas nossas bibliotecas. A nossa herança parece que está a cair em mãos privadas. Um dia, todos os nossos escritos estarão nas mãos de fidalgos cristãos e encerrados em cofres dourados ou em mostruários de vidro.

– Estou disposto a vendê-lo barato – diz Isaac, alteando o tom da voz como para me tentar. – Ou até a fazer uma troca. Já me contentava com um candelabro de prata. Não quero perder mais

tempo, para voltar para Ronda.

– Como compreende, não posso responder por nenhum acordo verbal feito por meu tio – explico. – Precisamos de tudo o que temos só para comer. Mas diga-me uma coisa, ele alguma vez lhe falou em quem o ajudava a comprar e a levar de Portugal os manuscritos?

– Vossemecê não sabe? – pergunta Isaac.

– Não. Meu tio não mo dizia, para o caso de o descobrirem. Quanto menos sabemos, melhor, era a opinião dele.

Inesperadamente, Farid surge na cozinha.

– Não fazia ideia... – desculpa-se ele com as mãos.

– Não faz mal – respondo. – Senta-te connosco se te sentes com forças.

Diego e Isaac levantam-se e fazem uma vénia a Farid. Ele inclina a cabeça, deixa-se cair junto de mim e fica com a mão no meu braço.

– O meu amigo é surdo – explico. – Mas pode ler nos lábios. Não há nada do que me dizem que ele não possa saber.

– Parece-me que ainda não falámos dos métodos de seu tio – retoma Isaac. Levanta-se. O seu sorriso parece ensaiado. – E se não está interessado em comprar o livro...

– Não.

– Nesse caso, parece-me que o nosso encontro chegou ao fim. Obrigado pela aguardente.

Chegado à porta, aferra-me o braço. Num brando sussurro, como quem procura induzir uma criança a adormecer, recita-me os versos de um poema de Moisés Ben Ezra: «A minha noite está mergulhada num mar silencioso de escuridão e sem ondas, um mar que não tem costa, nem porto para aqueles que viajam. Não sei se a viagem é longa ou curta. Como o poderia saber um homem oprimido pela mágoa?» E de modo que só eu o possa ouvir, murmura: «Coragem!»

A rara cortesia deste estranho de quem eu duvidava deixa-me agarrado à tristeza como um viúvo solitário. Assim que Diego e Isaac se vão, levo Farid para a cama. Minha mãe dorme na cama de meus tios, enrolada num novelo, com uma respiração irregular. Das mãos caíra-lhe um boião rolhado. Apanho-o das dobras do cobertor e deposito uma gota viscosa no dedo. Tem o gosto amargo de um extrato de meimendo e mandrágora. Para se libertar tanto das suas próprias portas como das de Lisboa, minha

mãe tinha provocado o seu sono crepuscular próximo do transe. Talvez seja melhor.

Na cave, deparo com tia Ester ainda sentada à escrivaninha de meu tio, tal uma estátua, com Cinfa a tiritar a seus pés. Trago de cima um cobertor para tapar a menina. Os seus olhos revelam o abandono, o medo. Porém, ao tentar tocá-la, afasta-se com irritação. No meu quarto, sentado na cama, rezo pelo regresso de Judas são e salvo antes de ousar encaminhar-me novamente para a Pequena Jerusalém a ver se acordo a senhora Tamara. Mas, antes que eu consiga convencer as pernas a obedecer-me, o meu cântico é envolvido pelo sono e cai como uma manta de lã sobre mim.

Acordo na cama. Cego a tudo o que me rodeia. A escuridão em redor parece um esconderijo do mal. Sinto contra o meu flanco um encosto tépido. Estremeço. É Cinfa, com o rosto velado pelo cabelo. À medida que me recomponho, ela acorda.

– Aonde vais? – rabuja.

– Vou falar com a senhora Tamara.

– Não vás!

– Não há perigo – digo, acariciando-lhe o rosto. – Não te aflijas. – Ela senta-se, enfia a cabeça debaixo da minha camisa, fazendo-me sentir o seu hálito quente, como costuma fazer desde pequenina para se refugiar. – Volto pouco depois de amanhecer. Lembras-te de quando eu te levava à loja da senhora Tamara para leres «As Fábulas da Raposa» enquanto eu fazia as entregas da manhã?

Ela acena a cabeça contra o meu peito.

– Ainda havemos de voltar a fazer isso. Agora, enquanto estou fora, olhas-me pelo Farid?

Ela tira a cabeça para fora, pronta para a tarefa, como eu tinha pensado.

– E faço o quê? – pergunta.

– Dá-lhe mais chá de buxo quando ele acordar. Está na cantarinha azul da mãe. E um ovo se ele puder comer. E lava as mãos a seguir, com sabão.

Cinfa acena pensativamente, põe-se de pé em cima do colchão. Erguendo-se acima de mim, mostra-me uns olhos cientes, de adulta, com o ar grave de minha mãe. Será que, secretamente, a menina me odiará por estar assim a roubá-la à sua infância?

Lá fora, o alvorecer da quinta-feira ergue-se sobre nós. O carro do Sol começou já a subir no céu. Quando atingir o horizonte a ocidente, rogará à sétima noite de Páscoa que proteja a humanidade com a sua descida abençoada. A caminho da morada da senhora Tamara, paro junto das lojas dos cristãos-novos na Rua dos Douradores para ver se passou alguém a tentar vender as folhas de ouro ou o lápis-lazúli roubados. Ao bater às portas, sou recebido por viúvas e órfãos recentes que me beijam e apertam as suas mãos nas minhas, como se eu tivesse o poder de convencer Deus a trazer-lhes de volta os entes queridos. Nestes últimos dias não passou ninguém a oferecer ouro ou lápis-lazúli, mas prometem manter-me a par, quando me liberto dos seus braços para me despedir. Entorpecido, com medo de me ver arrastado para grandes emoções, afasto-me em direção ao nascente.

Quando toco a sineta da senhora Tamara, ouço-a gritar:

– A tinta está quase seca! – É o seu modo antigo de dizer que não demora. Ouve-se o correr de meia dúzia de ferrolhos. Uns olhos pálidos a encimar grandes olheiras espreitam por uma frincha da porta.

– Berequias!

A senhora Tamara mostra-me um sorriso desdentado, desenfia a última corrente e puxa-me para dentro, como um catraio que quisesse arrastar o pai a ver um tesouro. A sua face mirrada é emoldurada por uma cabeleira grisalha.

– Deixa-me ver-te bem! – exclama, recuando em passinhos de rato e piscando os olhos para me fixar, enrugando as pálpebras pesadas. O buço escuro sobre o lábio superior eriça-se enquanto ela, ofegante, me diz: – Vê se vais ao barbeiro e se dormes um pouco. – Volta o rosto de lado para um beijo.

– Acordei-a? – pergunto.

– A mim? Estás a brincar?! Uma velha como eu nunca dorme profundamente. – Abana a mão amargamente. – É a maldição da velhice, todas estas lembranças a chocalhar mantêm-nos longe do sono!

– Então onde estava? Vim cá a meio da noite e ninguém respondeu.

– Na porta ao lado – replica. – A dormir com uma vizinha. Nos dias que correm, um judeu que ainda se arrisca a dormir sozinho está a pôr um pé na cova!

Falamos da minha família. Suspira ao saber da morte de meu

tio.

– Anda! – convida ela, propondo-me o banco junto à lareira. – Senta-te nesse mocho. – Mostra-me um rosto severo, mas distante como se procurasse conciliar esta morte com a ideia da presença de Deus. Com mãos trementes, põe de lado um tratado latino sobre flores que devia estar a ler. Conduz-me ao meu lugar; acende duas velas nos braços de uma *menora* de prata com sete braços. Manuscritos em diferentes estádios de ruína alinham-se em estantes que se erguem até ao teto e formam torres vacilantes no chão. Puxa uma cadeira para junto de mim e senta-se com as mãos no regaço como que a espremer a força que lhe falta para evitar as lágrimas. Tanto ela como a sala tresandam a velino e ao cheiro particular que os livros antigos têm, talvez por as janelas se manterem sempre fechadas para evitar que se estraguem os seus livros gregos, romanos, bizantinos, persas e europeus. Como eu adorava a oculta estranheza desta loja quando era criança, como se ela albergasse a minha herança.

– Não passava de uma criança – diz ela com uma energia insistente.

– Quem? – pergunto.

– O catraio que veio cá vender-me a *Haggada* de teu tio.

– Tinha algum sotaque?

– Não, era de Lisboa.

– Moreno?

Inclina-se para mim, as queixadas a remoer. O cheiro intenso de cardamomo paira em torno dela; está a mastigar sementes.

– De pele clara – diz. – Miúdo, magro. Com cabelos rebeldes. Como cardos. – Roda em torno da sala como uma galinha, pega em papel, num aparo de junco, num tinteiro, depositando-os à minha frente. – Começa a desenhar, Beri – diz ela, e posta-se como um mestre da *Tora* atrás de mim, sobre o meu ombro, enquanto me orienta o esboço: – Não, não, o nariz mais fino, as narinas como as hastes de uma lira, muito elegantes, percebes? E os lábios mais cheios, como se estivesse amuado. Mais curvos... mais forma... – Aperta-me o músculo tenso entre o pescoço e os ombros sempre que apanho qualquer pormenor e sussurra «perfeito!», como se desenhasse a palavra em fio de seda. Algum tempo depois, retira a mão, satisfeita com o resultado.

– E as roupas? – pergunto.

– Pobres. Um pacóvio maltrapilho. O género de rapaz que anda

pelos cais a apregoar esparto. Disse-me que vinha vender a *Haggada* para o amo. Dei-lhe um livro de fábulas para ele ver enquanto eu a examinava. Mas o desgraçado não sabia ler. – Franze as sobancelhas como se não saber ler fosse um pecado cristão demasiado grave para poder ser tolerado. Conduz-me à porta com a sua mão na minha. – Desculpa, devia tê-la comprado. Mas deu-me um rompante e desatei aos berros como um papagaio! Sabes bem como eu sou! – Obrigame a baixar-me para ficar com o rosto perto do seu e fala com uma voz conspirativa. – Berequias, depois disto tudo... Quando achas que El-Rei D. Manuel ganha juízo e nos autoriza outra vez a ter livros judeus?

– Nunca mais – respondo.

– Então vou ter de me dedicar também a desviá-los – conclui ela num sussurro.

– Quando descobrir como meu tio o fazia, digo-lhe.

Enrolo o desenho e meto-o na bolsa. Damos um beijo de despedida. Já na rua, ao olhar os telhados fulvos que se avistam à distância, ponho-me a imaginar quem poderia ser tão ousado ou tolo para mandar um mocinho iletrado vender uma *Haggada* roubada a uma livreira experiente da Pequena Jerusalém. O murmúrio da voz de meu tio ergue-se de um remoinho de poeira, ecoando o nome de Miguel Ribeiro, o nobre para quem minha tia Ester tinha há pouco copiado um «Livro dos Salmos». Quando pergunto «Ele, porquê?», chega-me a resposta: «Exatamente porque os atos de um fidalgo português não podem ser postos em causa por um judeu.»

Capítulo XII

Atravessar a Rua Nova d'El Rei é um inferno, com o fedor a suor dos vendilhões e dos animais e das especiarias. Abro caminho por entre a turba rumo à Rua dos Douradores e viro em direção ao solar de Miguel Ribeiro. No exterior perfilam-se dois guardas de armadura, com as alabardas empunhadas por mãos enluvadas. O mais baixo dos dois, um homem de ar doentio com um lábio leporino, segue-me com um olhar suspeito. Planto-me em frente dele e peço-lhe:

– Vai dizer a teu amo que Pedro Zarco lhe quer falar.

Chamam um lacaios negro de cabeça rapada para levar o recado lá dentro. Volta a trote. O guarda abre o portão. Nos degraus da frontaria, um criado atarracado, de cabelos oleosos, acobreados, e uma testa suada cheia de borbulhas corre para mim. Usa perneiras azuis demasiado apertadas para as suas nádegas carnudas e o gibão de brocado verde está rasgado na gola. Toma-me pelo braço, como que a defender-me do perigo. De perto, apercebo-me de que o seu pescoço gordo tem umas arranhadelas abertas e vermelhentas. Estará atacado de sarna? Cheira a metal, como uma velha moeda. Talvez ande a tomar pílulas de antimónio, um tratamento receitado a torto e a direito pelos doutores cristãos feitos à pressa.

– Para dentro... Para dentro! – sussurra, agitando vivamente as mãos.

Introduz-me numa sala de espera abobadada, pintada com frescos de deuses e deusas rosados num estilo florentino; depois observa-me de cima a baixo com um ar extasiado e olhos maliciosos. Num murmúrio conspirativo, pergunta-me:

– Deus é realmente um boi?

– O quê?

– O deus dos judeus é um boi? – Forma uns cornos sobre a cabeça com as mãos e fala como se eu não compreendesse

português. – Sabe?.. O macho da vaca... O marido da vaca... Boi.

Já tinha ouvido falar de mestres de Coimbra que acreditavam que tínhamos caudas preênses, de bispos de Braga que clamavam que usávamos sangue fresco de crianças cristãs nos nossos rituais da Páscoa, de doutores do Porto que diziam que tínhamos um odor idêntico ao da carne podre de baleia, o *foetor judaicus*. Mas a crença de que rezávamos a um boi era uma calúnia nova. Só algumas semanas depois compreendi a origem de tal desacerto: o criado tinha confundido a palavra «touro» com «Tora». Limitei-me a dizer-lhe:

– Vai chamar o teu amo. Ele sabe quem eu sou.

Ele limpa a fronte com a manga e diz numa voz premente:

– Não sabe onde ele está? Ele disse que precisava de encontrar Mestre Abraão Zarco. É o seu tio, não é?

– É.

– Então devia sabê-lo.

– Estou-lhe a dizer que não – replico. – E não creio que possa encontrar o meu tio. Morreu.

– Oh, meu Deus – diz, levando as mãos à cabeça.

– Que foi? – pergunto.

Ele olha-me implorante e sussurra:

– Dom Miguel não aparece desde domingo. Ele tinha falado no nome de seu tio. Pensei que...

– Não o procuraram?

– E sair? Sair desta casa?! – O criado passeia na sala, aperta as mãos, cruza e descruza os braços.

– Quando foi a última vez que o viu? – pergunto.

– Oh, meu Deus... No domingo à tarde. Estavam a começar os motins. Vieram cá uns homens à procura de marranos. Ele falou com eles e depois foi para Benfica. Tem lá uns estábulos. Mas desde então nem uma palavra. Não me parece que lá tenha chegado.

– Quem estava com ele?

– Ninguém. Mandeí lá um homem. Mas ninguém o viu. – Começa a mexer no pescoço e desata a coçar com a ferocidade de um gato uma cicatriz irritada. Baixa-se como se se preparasse para aliviar as tripas ali mesmo no assento das calças e continua a coçar-se. – Se ele fosse judeu, ainda compreendia – resmunga. – Mas ele está inocente! Completamente inocente!

Lembro-me do comentário de meu tio sobre a aliança de Dom

Miguel com o Senhor. Aparentemente, nem sequer o seu pessoal sabe que ele é um judeu secreto.

– Vai para o diabo que te carregue, seu campónio ignorante! – digo-lhe, voltando-me para sair.

O criado endireita-se num pulo e agarra-me pelo braço. Sacudo-o. Furioso, os olhos saltam-lhe das órbitas como um peixe e lança-me com um silvo:

– Pois, tu és um deles! Até à ponta dos cornos!

– Não tenhas medo que não te vou mandar para o nosso deus touro – digo-lhe com um riso escarninho.

Arqueia o dorso numa pose de comando; acima do seu nariz achatado olha-me de alto a baixo:

– Fora daqui, marrano! – grita numa voz arrogante.

Mas sinto-me acima do desagrado de qualquer mortal. Quando lhe volto as costas, torna a chamar-me com uma voz aterrorizada:

– Não te vais embora, pois não?!

Observo os seus olhos suplicantes. Está de novo agachado, a coçar o pescoço, que agora começa a sangrar. Olho-o de uma distância que, para minha surpresa, não me permite nenhuma simpatia pela angústia de um cristão.

A estrada de Benfica contorna a pedreira de Campolide, onde centenas de africanos de olhos amarelados extraem pedra de encostas esventradas. Tinham-se formado duas classes de escravos: os portadores, com cestos de vime atados às costas, que gemiam e se arrastavam sob o carrego de pedras; e os picadores, de ombros largos e músculos ágeis, que com as mãos rosadas empunhavam os cabos dos alviões que a pouco e pouco iam abatendo as colinas. Uma terceira classe vivia num nível mais baixo: as lebres, uns rapazitos escravizados, extremamente rápidos, que limpam os detritos e os retiram da área de trabalho em cestos de junco.

No largo principal de Benfica, uma mulher de idade, de olhos murchos e embrulhada numa mantilha negra, vende marmelada na escadaria da Igreja de São Domingos.

– Sabe onde são os estábulos de Dom Manuel Ribeiro? – pergunto-lhe.

– Nunca ouvi esse nome – replica.

– O ferreiro do sítio deve saber – digo eu. – Podia dizer-me onde é que ele trabalha?

Ela aponta para o fundo de uma rua, para uma barraca coberta de pó e cacareja:

– Então é o basco que você quer, é isso! – Curva os ombros e ri-se sozinha como se lhe tivessem contado alguma indiscrição.

Um burro com um ar infeliz está preso à pega da porta da barraca. As moscas zumbem numa nuvem em torno de uma ferida assanhada no focinho do pobre animal. No interior, um gigante de cor pálida com um cabelo negro espesso e braços como ramos de carvalho está a dar a um fole do tamanho de uma carruagem. Como única indumentária, umas sandálias e um avental comprido de couro, que deixa à mostra dos lados as suas pernas possantes e mesmo as nádegas. A boca cilíndrica do fole brilha incandescente quando entra na forja. O ar cheira a fumo e a trabalho árduo. Dou uma tossidela para chamar a atenção do ferreiro e lhe perguntar:

– Sabe quem é Dom Miguel Ribeiro? Disseram-me que tem uns estábulos para aqui...

Ele volta-se e com um sotaque basco cerrado inquire:

– Quem o quer saber? – O encordado de uma cicatriz percorre-lhe o rosto do lado esquerdo desde a orelha; do queixo pendem-lhe gotículas de suor que, uma a uma, pingam para o chão.

– O meu nome é Pedro Zarco – digo. – Trago um recado de Lisboa para ele. Da irmã.

Ele afasta-se e volta ao seu trabalho. Numa voz irritada, responde:

– Se trabalha para a irmã dele, então deve saber onde é que mora.

– Ela sofre de cataratas desde pequena e não me soube descrever o caminho.

A minha dificuldade em mentir de modo convincente está implícita no ar paciente e resignado com que ele baixa os braços e limpa o suor das mãos no avental.

– Não é preciso ver para saber o caminho para os estábulos do irmão – diz ele.

– Oiça, ela veio de Coimbra depois dos motins e está aflita. A única coisa que sabe é que o irmão está aqui por Benfica. Tenho de lhe mostrar a minha árvore genealógica só para me responder? Ou bastará ver-me os dentes?

Ele solta uma boa gargalhada, mira-me de alto a baixo:

– Nunca lhe disseram que é um rapaz bastante bem-parecido? – Afasta as pernas, inclina-se para trás e com a mão enorme agarra

as suas partes por baixo do avental. Enquanto vai fazendo estes tagatés, o seu olhar de lado revela claramente o que pretende. – Por um preço jeitoso, pode ser que lho diga.

– Por um preço jeitoso posso eu comprar a informação a outro.

– Tenho aqui um pássaro bem jeitoso – diz ele com um riso que deixa à mostra os restos de uns dentes acastanhados. – Grande como um corvo. E se visse a maneira como ele beija as faces traseiras! Acho que ia gostar, jovem amigo!

– Tenho um amigo que talvez gostasse. Mas eu não estou interessado.

Ele desaperta o avental e atira-o para o lado. Por baixo, está completamente nu, todo suado, todo pelos e músculos. O membro viril desponta ereto do seu ventre, grande e redondo como um rolo da massa.

– Podia ter-te sem a tua permissão – diz ele, como quem me concede uma advertência. Os olhos brilham-lhe com a antevisão tentadora.

– E eu podia cortar-lha – digo, exibindo a adaga de Farid.

Ele ri-se, insinua-se para diante como um animal furtivo, passa o dedo convidativamente ao longo da cicatriz da cara.

– Como sabes que não ias gostar, se nunca provaste? – pergunta.

O meu coração começa a bater num código de medo, à medida que recuo.

– Provei uma vez, com o tal meu amigo. Mas prefiro outro género de relações. E faço muitíssima questão em ter o meu traseiro numa única peça, se não se importa.

Não sorri, mas leva os dedos aos lábios e molha-os de cuspo. Recuo para a porta aberta. Tentando seduzir-me com a sua luxúria, começa a afagar o membro viril. Eu canto:

– Abençoado seja Aquele que me permitiu escapar dos sátiros. – E corro para fora. Olhando para trás, avisto-o ao lado do burro, revelando ao pobre animal e a uma boa parte de Benfica as suas partes íntimas.

De regresso ao largo principal, não consegui saber nem de um vendedor de sabão nem de um cesteiro onde Dom Miguel Ribeiro tinha os cavalos.

– Ninguém se importa com o ferreiro andar assim a exhibir-se? – pergunto-lhes, apontando para o fundo da estrada poeirenta.

– É bom para o negócio – comenta o vendedor de sabão. – Vem

gente de todo o lado para o ver. Todos dizem: o ferreiro basco tem um falo que é maior do que o de um cavalo!

Um vendedor de carqueja junta-se à conversa e informa-me de que há vários estábulos no correr da estrada de Sintra. Dirijo-me pois para lá, e, depois de uma enfiada de moitas de sumagre, vejo surgir uma capela da Virgem Maria a abrir uma estrada empoeirada para norte. Uma mulher toda entapada de negro reza de joelhos à imagem condescendente. A criança nazarena, nos braços de Maria, tem um ar frágil e solitário. A suplicante volta para mim um rosto delicado que revela a sua afabilidade:

– Santo António rezou aqui uma vez – diz ela.

Se fôssemos somar tudo o que os cristãos afirmam sobre o seu Santo António, havíamos de chegar rapidamente à conclusão de que ele cobriu com os seus joelhos um território mais vasto do que o percorrido pelos barcos de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Colombo todos juntos.

– Então é um lugar sagrado – replico numa voz suave, benzendo-me. – Diga-me, minha senhora, sabe onde é que Dom Miguel Ribeiro terá os estábulos?

– Acho que é mesmo ao fundo desta estrada – responde ela, apontando para norte. – Para a esquerda, aí a umas duzentas jardas. Passa-se primeiro o ribeiro onde há anos se afogou o filho do Melo durante as cheias, depois há aqueles gobos de granito que o padre Vasco diz que eram um templo das bruxas nos tempos antes de Ele nascer. É logo a seguir.

Benzo-me de novo e agradeço-lhe. Passo os sinais de que ela falou. Chega-me um cheiro húmido e pútrido. Torna-se cada vez mais insuportável depois de passar a sombra nodosa de um roble gigantesco, onde gravaram a caveira de olhos vazios que de costume se pinta nas casas dos leprosos. De súbito, uma lebre passa disparada por entre os meus pés. Com os sentidos concentrados no presente, tropeço numa roda de carroça no meio da estrada. Num dos lados do caminho, um laranjal dá lugar a um pasto e avisto finalmente os estábulos: seis arcadas flanqueando uma casa de quinta caiada a branco e azul. No muro baixo que bordeja a propriedade, uma cancela de madeira franqueia a entrada e gira com um rangido quando a empurro. A meio do caminho imundo, chamo em voz alta:

– Dom Miguel! Sou o sobrinho de Mestre Abraão! Venho por bem!

A minha voz parece cortar perigosamente o ar fétido. Apenas o monótono rufo do martelar de um pica-pau ao longe ousa insinuar-se no silêncio reinante. Atravesso o campo seco fronteiro aos estábulos lutando contra a vontade de vomitar, respirando o menos profundamente possível. Todos os telheiros estão vazios, com exceção de um, onde se encontra a fonte do fedor: um cavalo de olhos arrancados, comido por uma vaga fervilhante de vermes. A porta de entrada da casa está fechada. Quando toco a aldraba, chega até mim uma voz abafada. A minha mão desliza a abrir a bolsa, acariciando o punho da adaga de Farid. A porta abre-se, e um homem descarnado, de nariz curvo, com uma capa de linho áspero dá um passo para fora e aponta-me uma besta ao coração.

– Cristão-velho ou novo? – pergunta.

– Velho – respondo.

Surtem mais dois homens de dentro de casa. Braços agarram-me por trás; uma dor lanceia-me o ombro.

– Fideputa! – cospe-me uma voz ao ouvido.

– Se a minha mãe fosse uma *zonà*, andava muito mais bem vestido! – replico, dizendo a palavra «puta» em hebraico.

– Como é que disseste? – diz o homem descarnado, baixando a besta e aproximando-se.

As franjas azuis e brancas do xaile de orações pendem-lhe sob a capa.

– O seu *tzitzit* está a ver-se – digo. – Assim não vai enganar muita gente.

– Não quero enganar ninguém – diz ele. – Jacob, deixa-o.

Uma vez livre, saudamo-nos um ao outro e trocamos nomes.

– Ando à procura de Dom Miguel Ribeiro – explico. – São estes os estábulos dele?

– São – responde, apontando com o braço para a porta.

Lá dentro, um homem pouco mais velho do que eu, de cabelo espetado e uma barba de vários dias a sombrear-lhe a cara, está sentado no chão ao fundo da entrada. Usa um gibão de brocado azul aberto no pescoço, calças de montar de couro dobradas na anca e umas botas alentejanas das mais grosseiras. Uma delas sem tacão. Com um aceno de saudação, levanta-se e dirige-se para mim, manquejando ligeiramente por causa da bota sem salto.

– Dom Miguel Ribeiro? – pergunto.

Faz um gesto de confirmação. Vou para me apresentar, mas o guarda de nariz aquilino que empunhava a besta, e que agora se

encontra a meu lado, exclama:

– É o sobrinho de Mestre Abraão Zarco!

Dom Miguel abre os olhos desmesuradamente e pega-me nas mãos. Sinto o seu toque gelado.

– Entra! – diz ele, a voz tremendo-lhe de impaciência. Conduz-me para uma cozinha aquecida onde paira o cheiro de carne grelhada e sentamo-nos os dois a uma mesa de granito junto da lareira de brasas crepitantes. – Onde está o teu tio? – inquire ele.

Quando lhe conto o que se passou, volta-se para a parede e benze-se.

– Para que é que ele o foi visitar há pouco tempo? – pergunto.

Mas Dom Miguel continua a desviar o olhar.

– Talvez seja a falta de sono, mas ando confuso – acabo por dizer. – Sabe que é judeu? Ou pelo menos que meu tio assim o considerava? Isso tinha alguma coisa a ver com a tal visita?

O fidalgo parece subitamente sobressaltado e pega num odre de vinho de cima da lareira. Enche duas taças de barro e mistura um pouco de água em ambas. Passa-me uma delas e diz:

– À tua saúde! – Quase esvazia a taça de um só gole e deixa-se cair pesadamente na cadeira. – Bebe! – convida-me ele com um gesto da mão, citando seguidamente um poema hebraico famoso. – «Bebe ao longo do dia todo, até que o dia se desvaneça e o Sol banhe de ouro a sua prata.» – Vendo-me beber um gole, observa: – O vinho é ainda a única coisa que me permite continuar. Já deve ter substituído todo o meu sangue. – E, respondendo ao meu olhar interrogativo, prossegue: – Não, não acho que seja judeu... ainda não, mas estou a aprender. E de facto essa era uma das razões para a visita de teu tio.

– Não percebo bem.

– Nem eu – responde ele numa risada isolada, irónica. – Para termos a certeza tínhamos de perguntar outra vez ao teu tio. E isso agora é impossível. Mas, pelo que ele me disse, nasci em Ciudad Real de pais judeus. No ano de 1482. – Faz estalar os dedos. – Foi como ganhei dois anos. Um milagre da sorte. Disse-me o teu tio que em 1484 os meus pais foram queimados no segundo auto de fé realizado em Ciudad Real. – Engole as últimas gotas da sua taça, coça a barbicha do queixo. – Tinham sido considerados «negativos» por se terem recusado a confessar os nomes de outros judeus secretos. O teu tio – disse ele – tinha tudo arranjado para me trazerem para Portugal às escondidas. Parece

que tinha andado a estudar com o meu pai, conhecia bem os meus pais. Disse-me que a minha mãe o forçou a jurar que eu seria educado como um verdadeiro cristão, e que nunca me revelariam as minhas verdadeiras origens a não ser que algum dia mais tarde se tornasse absolutamente essencial. O teu tio disse-me que a atitude dele em relação a mim nessa altura era: «Uma vez que te vais tornar um deles, ao menos que aproveites com isso o mais possível.» Por isso ficou à espera até saber de uns fidalgos que não tinham filhos, que queriam um menino para lhes herdar os bens e que não punham muitas perguntas acerca das razões da minha circuncisão. Só há uma semana é que soube disto tudo, quando o teu tio foi à minha casa para me informar de que o «Livro de Salmos» que a tua tia andava a copiar para mim estava quase pronto. – Dom Miguel serve-nos mais vinho. – Deu-me uma carta assinada por quem me serviu de pai, como prova.

– Porque acha que meu tio, depois de tantos anos, só agora lhe contou? – pergunto.

– Não sei. – Inclina-se para mim e fixa-me nos olhos como se procurasse obter uma resposta tranquilizadora. Eu encolho os ombros, incapaz de lhe responder. Arrota ruidosamente e afasta o olhar. – Berequias, pensei muito nisto – diz ele sem se voltar. – Achas que ele sabia que os cristãos iam desatar a matar os judeus de Lisboa... que estava preocupado pela minha segurança?

– Ele possuía poderes, mas eu...

Um calafrio serpenteia-me pela espinha acima, impondo silêncio às minhas palavras. Dom Miguel levanta as mãos como a evitar entrar no perigoso terreno da profecia.

– De qualquer modo, perdi a calma. Depois desse tempo todo, descobrir aquilo... Agora gostaria de ter a possibilidade de lhe pôr mais algumas perguntas. Não sei se estás a ver, quando penso no caso, não duvido da palavra dele. Suponho que agora nunca mais poderei saber nada sobre os meus verdadeiros pais. É engraçado como é que a compreensão às vezes chega um pouco tarde de mais. – Outros dois goles e a sua taça fica vazia mais uma vez. – Anda – diz ele, levantando-se. – Estão ali umas pessoas que gostava de te apresentar.

Observando os seus olhos ébrios, compreendo que meu tio presenteou este jovem fidalgo com uma verdade terrível. Seria a morte a sua punição por ter destruído uma ilusão?

– Mas, antes, só umas perguntas – digo.

– Como queiras – diz, com uma vénia, como se fosse um criado.
– Disse-me que ficou furioso quando ele lho disse – começo eu.
– Fiquei. Tu não ficavas? – replica ele.
– Por agora, Dom Miguel, o que eu possa responder é irrelevante. Onde estava no domingo quando começaram os motins?

– Ah, estou a ver aonde queres chegar. – Finge arrancar uma flecha espetada no peito, e ri-se com vigor exagerado. – Muito bem. Estava em casa. Depois, quando os dominicanos começaram as fogueiras no Rossio, vim para aqui. Berequias, acabavam de me dizer que era judeu. Se fosses tu, não...

– Quem veio consigo?

– Ninguém.

– Então, não há testemunhas que possam confirmar o que me disse.

Dom Miguel sorri, endireita-se e desata os atilhos fortes da braguilha de couro com a inépcia própria de quem tem o estômago afogado em vinho. Põe à mostra o seu membro, levanta a ponta circuncidada como se me oferecesse uma rosa e diz:

– Este pode servir de testemunha!

– Não é o bastante. Esse não fala.

Dom Miguel ri-se, um riso que lhe sobe das tripas. Rolo os olhos com a tolice deste bêbado. Despreocupadamente, começa a apertar o cordão da braguilha, os olhos piscos fixos nos dedos embaraçados a cumprir a tarefa. Seguidamente, deixa-se cair na cadeira com um grande suspiro, fita-me com uma expressão ansiosa durante um longo momento, como se tentasse penetrar nos meus pensamentos. Tudo neste fidalgo devasso me irrita. O que mais me desagrada é ele não ter nenhuma ideia de quem é realmente. Como disparado por uma flecha, ocorre-me um pensamento: «É este o homem a quem meu tio se referia quando me disse para me precaver de um portador que não se reconhecesse a si próprio de um dia para o outro.» Dando um pulo, grito-lhe:

– O que o poderia impedir de matar meu tio com toda a impunidade, sendo um nobre como é?

– Ouve, meu amigo – começa ele. – Achas que ia matar o único homem que me poderia dizer a verdade sobre os meus pais? Se pensas uma coisa dessas, és parvo!

– Meu tio era o único que sabia que era judeu... que o podia

provar! Bastava matá-lo e a sua vida secreta ficava a salvo!

– Berequias, será preciso mostrar-te outra vez a minha aliança com o Senhor? Além disso, havia outros que também sabiam. Um rapaz que cresceu com criados... o povo vê. Não falam nisso, mas veem. De facto, a aliança é uma prova mais certa do que todos os arquivos reais. – Levanta-se, bate com o punho na mesa. – Não matei o teu tio! Se tivesse sido eu, então porque não te mataria agora a ti?

A isto, não tenho nada de jeito a contrapor.

– Anda daí! – diz ele. – Quero mostrar-te uma coisa.

Dom Miguel conduz-me a uma sala cheia de gente. Homens com olheiras, mulheres e crianças que me dirigem acenos solenes de saudação. Despontam sorrisos fugidios, que logo secam e se desvanecem. O meu anfitrião diz-me num sussurro:

– Não tens nada a temer, somos todos cristãos-novos aqui. – E, dirigindo-se eles, anuncia: – Este é o Berequias, um amigo da Judiaria Pequena.

Um homem moreno, de olhos amendoados, com uma barba descuidada salpicada de flocos de aveia, levanta-se e pergunta:

– Conhece a Mira e a Luna Alvalade? Devem viver perto de si.

– Conheço, mas não as vejo há algum tempo – replico.

– São minhas primas. Elas... Eu... – As palavras apagam-se-lhe na garganta.

– Assim que voltar a Lisboa, vou ver como estão e mando-lhe dizer por Dom Miguel.

– E o doutor Montesinhos? – pergunta uma formosa mulher com um xaile de renda castanho-vermelhada protegendo-lhe a cabeça.

– Lamento dizê-lo, mas morreu.

Com vozes trementes, quase todos eles acabaram por reunir a coragem para perguntar pelos seus amigos e familiares. Fui dando as informações que possuía e gravando na minha memória de *Tora* os nomes, para tirar inculcas sobre eles quando desembarcasse finalmente nas margens da vingança. Dom Miguel toma-me pelos ombros e sussurra-me:

– São todos de Carnide, da Pontinha e das aldeias vizinhas. Quando os motins estalaram, vieram para aqui à procura de refúgio. Fiz saber em redor que não recusaria ninguém e armei alguns dos homens assim que cá chegaram.

– E aquele cavalo nos estábulos? – quero eu saber.

– É para desencorajar os curiosos e os atrevidos – ri-se ele. – Assim como a caveira no carvalho. – Volta a arrotar. Bate no peito. Estende a mão a mostrar os seus hóspedes e abana a cabeça. Chega-se ao meu ouvido e cicia-me: – Não querem ir-se embora. Um destes dias, se calhar, vou ter de os pôr a andar.

– E já acabou a mortandade em Lisboa? – pergunta inesperadamente uma rapariga de ar vivo.

Por instantes, foi como se Deus a tivesse escolhido para me pôr tal pergunta; a sala torna-se estranhamente silenciosa. Era como se nos tivéssemos tornado uma congregação reunida à espera de uma resposta do próprio Deus.

– Está razoavelmente segura – respondo. Bem sei que não é esta a resposta que pretendem, mas é o que posso arranjar.

– O que é que razoavelmente quer dizer hoje em dia?! – pergunta num tom irado o homem de barba hirsuta.

– Tão segura como o vai ser durante uns tempos – replico. – Tão segura quanto o mundo o pode ser para os judeus até à vinda do Messias.

Um murmúrio percorre a sala, como se agora tivesse dado a resposta correta. E então se a nossa fé na Sua vinda não for mais do que a esperança dos eternos náufragos?

Dom Miguel e eu instalamo-nos num tapete perto da lareira enquanto os hóspedes voltam às conversas entre si.

– Se tivesse matado o teu tio – sussurra ele –, achas que me punha a salvar toda esta gente?

– Para expiar o pecado de ter matado, seria capaz de salvar todo o povo de Israel – replico.

Fecha os olhos com força, como quem procura ignorar o mundo. Compreendo que o feriu. Mas no estado em que me encontro, a angústia dos demais pouco significa para mim e qualquer que seja a simpatia que ainda me palpita no coração não vai além da minha voz.

– Meu tio escreveu-lhe uma carta – digo secamente. – Levei-lha ao seu palácio na sexta-feira, mas tinha saído. Ele disse-me para só a mostrar a si.

O meu anfitrião abre os olhos. Estão vermelhos e cansados.

– Ele disse-te o que lá estava escrito? – pergunta-me num desencantado tom monocórdico.

– Trago a carta guardada na memória – respondo, e repito-lha palavra por palavra.

Inexplicavelmente, assim que acabei, ele soltou uma gargalhada que lhe saía das entranhas.

– O teu tio perguntava se eu estaria interessado em entrar num negócio com ele – exclama. Fixa-me como se de repente a minha presença o surpreendesse. – É verdade que és donairoso. Seria difícil dar-te uma recusa. Era esperto, o teu tio. A pergunta dele tinha alguma coisa a ver com encomendas. E com o anjo *Metraton* referido na carta. E viagens a Génova, acho eu. Algures na península itálica. Estou certo de ter respondido que não, mas nem sequer me lembra o que me propôs. O meu espírito corria entre o passado e o presente. Havia tantas coisas que começavam a fazer sentido. – Agarra-me pelos ombros. – Berequias, sabes como é quando a certa altura deixas de traduzir uma língua estrangeira na tua cabeça e comesas a compreender as palavras sem teres de pensar? Era a mesma coisa. De um momento para o outro compreendia a frieza dos meus pais adotivos, as suas reticências em viajar comigo, os sussurros abafados atrás das portas fechadas assim que me deitavam.

– Então quando os motins estalaram...

– Entrei em pânico. Quer dizer, mal tinha acabado de descobrir que era judeu, começaram aquelas fogueiras no Rossio a erguer-se sobre os telhados de Lisboa. Até parecia que as tinham acendido por minha causa. Como são estranhos os nossos sentimentos quando o passado deixa de nos pertencer... quando mudou e a nossa história é reescrita. Por isso é que me escapei para cá.

– O meu tio mencionou mais alguém quando falou consigo... outros nomes?

Dom Miguel abana a cabeça com exagerada energia.

– Ninguém? Um frade... outros judeus? Pense bem.

– Eu não estava muito atento. Queria que eu fizesse umas viagens para ele. Com as minhas relações, não me é difícil viajar. Para lhe levar umas encomendas. Ah, era isso mesmo! Servir de correio... era isso que ele pretendia de mim.

– Foi essa a palavra que ele usou, correio? – pergunto.

– Foi.

– E o que é que ele queria que levasse?

– Anjos – responde Dom Miguel com um sorriso. – O teu tio disse-me, lembro-me agora, que era para levar anjos para um lugar seguro. Não faço ideia do que queria dizer com aquilo.

– Manuscritos judaicos – respondo. – Provavelmente não queria

dizer-lhe toda a verdade até descobrir como se sentia por ser judeu... se a sua fidelidade poderia falhar.

– Não percebo... anjos... livros?

– Os livros são criados por letras sagradas. Tal como o são os anjos, há quem diga. Deste ponto de vista, através da janela da Cabala, digamos, um anjo não é mais do que um livro a que foi dada a forma celeste... a que foram dadas asas, para usar uma metáfora corrente. Ao que parece, era a si que iria caber a tarefa de salvar das chamas esses manuscritos alados. Meu tio não queria chamá-lo passador e usou uma palavra mais agradável, correio. O que suponho que quer dizer...

As minhas palavras abriram-me o caminho para uma melhor compreensão da traição que conduziu à morte de meu tio.

– O quê?! – pergunta Dom Miguel.

– O que quer dizer que havia alguém que lhe andava a transportar os livros e que o andava a trair. O correio da altura. Por isso é que meu tio tinha de arranjar um substituto. E devia andar desesperado, para se ter arriscado a revelar-lhe as suas origens judaicas. Se calhar o correio até conhecia a localização da nossa cave e da *geniza*. Ou se calhar trabalhava com um dos iniciados. Talvez tenham recrutado o homem do Norte que tem andado a vigiar a casa de Diego Gonçalves. – A expressão atônita de Dom Miguel revela-me que devo tê-lo confundido com as minhas explicações. – É simples. Meu tio precisava de si porque o correio que tinha andava a traí-lo. Como, não faço ideia. Nem porquê. Mas o correio, o passador, pode ser a chave.

– E quem era ele, até agora? – pergunta.

– Não sei. Mas hei de descobri-lo! – Levanto-me. – Agora tenho de voltar para Lisboa. Se precisar de lhe falar, encontro-o aqui ou vai voltar para o palácio?

– Fico aqui, que é onde faço falta. – Solta uma gargalhada. – E é onde há vinho. Não é *casher*, mas o efeito é o mesmo.

Já na entrada, uma pergunta que hesitava em fazer retém-me junto à porta.

– Será que teria salvo todos aqueles judeus se não tivesse descoberto o meu verdadeiro passado? Era isso que querias saber, não era? – diz Dom Miguel.

– É uma pergunta desleal. O seu comportamento foi louvável, mais do que...

– Não, não tinha. Não é que aprovasse a mortandade, não

penses. Não sou uma pessoa cruel, e nunca considere os judeus diferentes de... ia dizer de nós. É um caso de uma descoberta um pouco tardia, não é? O que eu faria era ficar sentadinho no meu palácio em Lisboa a ler à luz dos candelabros. E, quando os gritos atravessassem as janelas, mandava muito simplesmente fechar as portadas.

De volta a Alfama, irritado com o suado cansaço que me invadia e o sol ardente do entardecer de Lisboa, bato inutilmente à porta de Frei Carlos, depois pergunto por ele na Igreja de São Pedro. Mas, ao que diz o sacristão, continua sem se saber nada dele.

Quanto a Diego, não faço ideia por onde começar à procura dele; com aquele estrangeiro possante à espreita à sua porta, não estava em casa de certeza. E os únicos amigos que lhe conhecia eram os membros do grupo de iniciados.

Incitado pela esperança de descobrir os nomes dos passadores de meu tio, ou pelo menos alguma referência menos clara a algum conhecido, decido ver a sua correspondência, que tinha descoberto no fundo da *geniza*. Mas perto da Igreja de São Miguel, ao passar pela casa do Rabi Losa, as dúvidas sobre o seu paradeiro no domingo empurram-me em direção à porta dele. Em resposta às minhas pancadas enérgicas, a sua face descarnada, tal uma gárgula, assomou à janela do segundo andar.

– Que queres? – pergunta num tom desagradável.

É estranho, mas sinto-me tranquilizado ao ver aquele rosto e ao ouvir a sua voz ríspida.

– Era só para lhe falar, caríssimo Rabi – respondo.

– Volta mas é para a tua maldita Cabala! – corta ele, pensando talvez que estou a ser sarcástico.

Atira com as portadas. Bato à porta e, ao sentir defraudados os meus bons sentimentos, grito:

– Não me vou embora sem termos falado! – Enquanto espero, uma fúria irracional começa a revolver-me as entranhas. Desato aos pontapés à porta. – Vou dar cabo de tudo! Juro que dou cabo desta danada porta! – A raiva sobe-me à cabeça, queima-me o rosto e a testa. É como um álcool a ferver que tivesse subido ao cimo do alambique de um alquimista e não posso parar com os pontapés. Era evidente que qualquer que fosse a ocasional construção que me sustinha, ela tinha subitamente derruído.

Crianças maltrapilhas rodeavam-me a observar a cena. Um carreteiro de lenha andrajoso atira-me um olhar de desprezo e atreve-se a dizer:

– Eh, marrano, que andas por aqui a fazer?! – Abaixa-se para pousar os cestos no chão. Os olhos, onde não se veem nenhuma pestanas, são baços; sugerem apenas uma mais do que vaga semelhança com o entendimento humano. Quando se põe em pé, cruza os braços magros sobre o peito e inclina-se para trás numa pose de desdém. Devo ter enlouquecido porque avanço para ele atrás do prateado da lâmina da minha adaga.

– Vou cortar-te essas orelhas! – digo, com veneno a espirrar de cada uma das minhas palavras. – É isso que ando por aqui a fazer! – Num instante de lucidez, compreendo que estou a imitar Farid, presente nos meus pensamentos. Será deste modo que nos tornamos bravos, abraçando-nos a uma imagem da coragem e tornando-a parte de nós?

Será que aprendemos passando para dentro de nós o que antes nos era exterior?

O carreteiro continua com os olhos fitos em mim mas não diz palavra. O medo e o ódio emprestam-lhe um cheiro nauseabundo e coram-lhe as faces. Volto-me para a casa do rabino. Uma criança cor de oliva com mechas de cabelo como uma cortina a cair-lhe sobre a fronte olha-me e faz um aceno. Ocorre-me nesse momento que é Didi Molcho, filho de um dos nossos vizinhos. Abençoado seja Aquele que salva as crianças. Aceno-lhe em resposta. De repente, sobressaltado, aponta para trás de mim. Volto-me a tempo de me desviar do voo de uma acha. Logo a seguir, uma outra avança já em direção aos meus olhos. Apanha-me a orelha de resvés. Caio. O sangue mancha-me os dedos ao tocar o ferimento. O meu agressor deita-se para trás e ri-se contente de satisfação. A boca é uma ruína escura e bafienta. Cospe e tosse. Levanto-me, a fingir-me estonteado. Quando o vejo rir-se, corro para diante, de corpo feito para ele. É mais fraco do que eu pensava. Só pele e osso e cabelo. Atirado ao chão, arqueja para respirar, depois grita:

– Ah, cão marrano!

De pé por cima dele com ar ameaçador, levo um dedo aos lábios:

– Ainda tens as orelhas. Se queres continuar com elas é melhor ficares no silêncio de Deus.

Levanta-se, sacode as calças, corre os olhos pelos circunstantes.

– Não passa de um judeu – diz ele, para salvar a face. – Para que me hei de arreliar?

Quando me volto para me ir embora, surpreendo o olhar de Didi. Ele compreende que me deve fazer sinal se o carreteiro de lenha se aproximar. Quando chego junto dele, acena a dizer que está tudo bem.

– Já se foi embora? – pergunto.

– Já lá vai ao fundo da rua. Mas olha uma coisa, Beri, o Rabino Losa pôs-se a andar enquanto andavas à porrada. Saiu de casa a correr.

Ao chegar a casa, avisto minha mãe a varrer as lajes do pátio. Não me pergunta onde estive.

– Só porcaria por todo o lado! – exclama, em resposta ao meu olhar interrogativo. Reza está à lareira a cozinhar ovos com bacalhau.

– Por acaso deste uma olhadela ao Farid? – pergunto.

– Ainda está na cama da mãe. Ah, olha o que está em cima da mesa – acrescenta. – É uma coisa que Mestre Salomão te trouxe.

Salomão, o *mohel* que descobri quando se escondia na *micva*, tinha-me deixado uma enorme tradução latina dos comentários de Averroes sobre Aristóteles, *De Anima*, talvez como agradecimento por o ter libertado dos balneários.

– Quando é que ele passou por cá? – pergunto.

– Não há muito tempo.

– Ele disse porque é que deixou isto?

Reza esboça um ligeiro sorriso:

– «Um presente para o meu pequeno *Shalaat Chalom*», foi o que ele disse.

Levo o livro para o meu quarto e atiro-o para cima da cama. Através da janela interior, vejo Cinfa a esfregar o chão da loja: lança-me um olhar cansado quando entro.

– Dei água ao Farid durante a noite, como tu me pediste – diz ela num tom seco. – E comeu dois ovos que eu cozinhei.

– Obrigado. És muito bondosa. E tu como estás?

– Bem. Porque não ficas por casa durante uns tempos? Come alguma coisa.

– Ouve, vou lá abaixo à cave. Podes vir comigo se quiseres. Mas depois vou ter de sair outra vez.

– Para descobrir quem matou o tio? – pergunta.
– Quem é que to disse?
– Beri, não sou estúpida nenhuma. Ouço as conversas e sei o que...

Uma pancada na porta suspende a explicação. Sem esperar pela nossa resposta, a senhora Faiam, a vizinha da frente, da Rua da Sinagoga, precipita-se para dentro. Traz o vestido preto rasgado na gola e a face apresenta o arco de um arranhão que vai até ao lábio.

– Os cristãos-velhos?! – grito, correndo para ela, pensando que a tinham atacado.

– Não, não – diz ela. – Nada disso. – Agarra a minha mão. Os olhos baços estão vermelhos a toda a volta, de insónia, e com olheiras. – Vi-te de minha casa – continua. – Lamento o que aconteceu a Mestre Abraão. – Quando ela colhe a minha mão para a levar aos lábios e lhe dar um beijo afetuoso, sinto o odor da ansiedade. – Beri, precisamos de ti – diz. – Podes vir à minha casa? – E, para que Cinfa não possa ouvir, puxa-me para junto de si e sussurra-me ao ouvido: – Traz talismãs. A minha Gemila está possessa por um *ibbur* e agora não a larga nem por nada. – Agarra-me a mão. – E mais, Beri, o *ibbur* sabe quem é que matou o teu tio!

Capítulo XIII

Na cave, retiro do armário do material tudo o que me era necessário para exorcizar um *ibbur* e dirijo-me à casa da senhora Faiam. Gemila, a sua enteada, está sentada, atada com cordas a um banco na cozinha. Tem as mãos manietadas, respira às golfadas, ávida de ar. Como descrever uma vítima de possessão? Já por duas vezes me tinha sido dado presenciar os sintomas: a pele branca como um pergaminho empapado, os olhos atormentados, os lábios e as narinas debruados a crostas de sangue. O caso de Gemila não é diferente, ou talvez seja até pior, pois cedeu já uma boa parte do seu envoltório humano, começando a tomar a forma do demónio. As madeixas cor de avelã estão encrostadas de excrementos, que se colam também ao rosto e ao pescoço. O mindinho da mão esquerda, partido, estica-se para o lado num ângulo impossível. A túnica branca solta, com nódoas por toda a parte, mais parece ter andado a nadar com ela numa poça de lama e sangue. «Um ser do Outro Lado insinuou-se na alma dela», penso, e o meu primeiro impulso é fugir dali. Mas meu tio ensinou-me que o *ibbur* não passa de uma metáfora, muito poderosa, é certo, mas que não chega a constituir um desafio para um cabalista, mesmo principiante. E se este demónio sabe realmente quem matou o meu mestre...

Inesperadamente, Gemila deita a cabeça para trás como se fosse demasiado pesada para a poder dominar. Quando me fita, os olhos perdem o ar aterrorizado e apenas denotam a contemplativa profundidade da visão, fixando-se nas tranças de fumo do incenso que sobe do turíbulo.

Bento, marido de Gemila, toca-me no ombro e exhibe um pálido sorriso como quem pede socorro. Tem o cabelo escuro rigidamente atado atrás com uma fita azul e o rosto semeado dos pelos intonsos da barba de uma semana. A fronte e as mãos, calças e camisa, tudo revela os vestígios enegrecidos do suor e da

gordura da tosquia. Ganha a vida como tosquiador ambulante e deve ter conseguido voltar a salvo para Lisboa para vir encontrar a mulher neste estado.

Belo, o cão deles, que tem apenas três patas, ligado a Gemila por uma fidelidade veemente, recua até à porta do quarto e fita-a com os olhos assustados.

– Sente-se bem? – pergunto a Gemila, em português.

É uma pergunta estúpida, tenho de reconhecer, que apenas recebe o silêncio dela como resposta. Uns olhos gélidos como obsidiana resistem à minha insistência. Levanto-lhe as mãos atadas. O pulso palpita descompassado, como se os seus humores corresse em todas as direções. Carrega o sobrolho e fita-me desgostada ao sentir-se tocada. Respira de novo em largos haustos. Encolhendo-se de medo, grita em hebraico:

– É um sino que vai a cair dentro do meu peito! – Os olhos rolam em alvo até se fixarem gelidamente em mim.

– É como se andasse de ricochete entre o nosso mundo e a esfera demoníaca – sussurra a senhora Faiam. E, perante o meu assentimento, acrescenta: – Já percebemos que o *ibbur* não fala português, só hebraico.

– Quando começaram estas dores? – pergunto a Gemila na língua sagrada.

O peito começa a arfar, depois acalma-se.

– Não são dores; este barco é pequeno, mas adequado – ouve-se uma voz, mas não a de Gemila. É um som monótono, vazio de qualquer calor. O hebraico tem um sotaque castelhano.

– Quem és tu? – pergunto.

– O *Maimon Branco de Duas Bocas*.

Afasto momentaneamente o olhar para recuperar energias; o que tenho pela frente não é um comum *ibbur*, mas um demónio.

– Porquê de duas bocas? – pergunto.

– Uma para devorar os filhos dos *Anusim*, os convertidos forçados. Feita de sangue. Com agulhas por dentes.

Mordendo o ar para respirar, subitamente lança-me um cuspo vermelho. A senhora Faiam sobressalta-se. Ao mesmo tempo que limpo o pescoço, Gemila abre a boca. Veem-se-lhe os dentes destroçados cobertos de sangue, enquanto ela se ri.

– Deus lhe perdoe – geme a senhora Faiam. – Esteve a comer vidro pouco antes de eu te ir chamar. Ainda tentei detê-la, mas o *ibbur* só se alimenta de minerais. É um...

Suspendo a cascata de palavras da senhora e volto-me para Gemila.

– Porque vieste? – pergunto.

– *Zedec* separou-se de *Rahamin*.

Este demónio conhece a Cabala! O que ele diz alude ao rompimento entre a justiça fêmea e a compaixão macho que deu origem ao reino do mal na nossa era.

– Trago comigo *Rahamin* – digo. – Juntos, *Rahamin* e eu vamos casar esta mulher.

– Poderás entrar e montar-me, mas não conseguirás emergir! – adverte o demónio.

É um jogo de palavras entre a condição de Gemila e o coche da visão mística; poucos dos que para ele sobem conseguem voltar ilesos. Pensando num sábio judeu do século II que regressou a salvo ao nosso mundo depois da viagem no coche, digo:

– Venho em paz, como o Rabi Akiva. – Passo o dedo médio por cima da rapariga e invoco o poder de Moisés. Ela recua. Com o desafio a sustentar-lhe a voz, o demónio dispara:

– Nem sou amalecita nem víbora nenhuma! E Moisés está morto!

– É sempre Páscoa, a festa da Passagem – replico. – Mesmo no momento em que falamos, Moisés separa as águas do mar Vermelho.

– Então, também ele em breve estará no outro lado e não te poderá ajudar.

– Recusas-te então a deixar que a mulher conduza o seu próprio barco? – pergunto.

– Ela deixou-me entrar, e eu hei de ficar com ela e dar-lhe a consolação que o teu Deus lhe recusou. Senão seria um hóspede ingrato, não achas?

– Como queiras. – Volto-me então para Bento. – Vou precisar de três coisas: água fresca do Tejo, enche a maior tina ou caldeiro que encontrares; uma coisa onde caiba a Gemila. Nós temos uma, se não...

– Também há cá uma! Que mais?

– Uma solha. Traz-me a mais pequena que arranjares. E por amor de Deus trá-la viva. E depois vai ter com a Cinfa e diz-lhe que te mostre onde está a nossa tinta mágica. Traz-ma e deita um pouco numa bandeja.

– Que vamos fazer? – pergunta a senhora Faiam.

– Tudo o que é impuro e sujo fortalece o Outro Lado. Está escrito no *Zohar*. E o demónio sabe-o. Temos de purificar a Gemila.

– Podes até aparar-me as unhas, não te vale de nada! – sibila o *ibbur*. – O *Shabat* é só mais um crepúsculo para mim, e tu não passas de uma sombra a tentar deter o fogo.

– E a solha? – sussurra a senhora Faiam, para que o demónio não a ouça.

– Os peixes são imunes aos semelhantes de *Maimon* – respondo. – Serve-nos de ajuda neste combate.

Depois de Bento sair, ensino a senhora Faiam a cantar o salmo noventa e um para prepararmos Gemila. Enquanto me escuta, agarra o incensório com ambas as mãos.

– Tira-me daqui esse fedor, cabra de merda! – grita repentinamente o demónio. – E ficas já a saber, Berequias Zarco, se tentas arrancar-me de minha casa, nunca mais hás de encontrar o assassino de teu tio!

As palavras da criatura do mal deixam-me mudo. Fixo os olhos escuros de Gemila para entrar em comunicação. A cabeça gira-lhe num círculo lento, como se atacada de um sono irresistível. Ao endireitar-se, é sacudida por um riso que lhe sai das entranhas.

– Então, viste o assassino?! – pergunto.

– Vi! Mas, se levantas de novo contra mim o dedo de Moisés, hei de agarrar-me ao segredo com tanta força como agora a esta mulher.

– E dizes-me quem foi que matou se te deixar em paz? – pergunto.

– Digo.

– Sei lá se me posso fiar em ti.

– *Maimon* não mente – diz ele. – Ousei mesmo dizer a verdade ao teu Senhor. Não o temo. Nada tenho a perder. Só os judeus como esta barregã pecadora precisam de mentir ao seu Senhor!

– Vais dar ouvidos a um *ibbur*, Berequias? – diz a senhora Faiam, pegando-me no braço.

– Mas ele sabe! – grito. – Ele sabe quem foi!

– Desata-me! – pede o demónio.

Liberto-me do aperto febril da senhora Faiam. Com os punhos erguidos à altura do rosto, ela grita:

– Será que servirás a Samael, o Diabo, para vingar o teu tio?!

A minha confissão aperta-me a garganta: É verdade! Faria tudo

para o descobrir! Tudo!

Então, que será que me retém? A própria Gemila? Põe-se em pé com um grunhido, o pescoço esticado, levantando o banco a que está atada. Quando o deixa cair com grande ruído, contorce-se para se livrar dos liames como se empalada por uma espada em brasa. Morde o ar, ofegante. Quando a maré dentro de si começa a baixar, fita-me com os seus olhos impenetráveis.

– Desata-me! – pede.

Volto-me ao ouvir ladridos. *Belo* arranha desesperadamente a porta que dá para o pátio com a sua única pata dianteira.

A voz de meu tio ressoa dentro de mim: «Não abandones os vivos pelos mortos!» As suas mãos agarram o meu ombro como a voltar-me para o demónio. Começo a entoar o salmo noventa e um:

– «Ele te há de proteger, debaixo das suas asas encontrarás refúgio. Não temas a armadilha do caçador à noite, nem a seta que voa durante o dia; nem a peste que alastra nas trevas ou o flagelo que assola ao meio-dia...»

– Nunca mais descobrirás o assassino! – grita *Maimon*. – Nunca!

A senhora Faiam secunda-me, e as pregas das nossas vozes distintas são reunidas pela roca do salmo. Cantamos juntos:

– «Verás o castigo dos ímpios. O Senhor é o teu único refúgio. Nenhum mal te acontecerá, a epidemia não tocará a tua tenda. Pois Ele ordenou aos Seus anjos que te protejam por onde quer que vás...»

Para além das minhas palavras, afasto-me interiormente do demónio e ascendo os degraus da oração silenciosa. Ao chegar ao topo, a um patamar refulgente de vibração interior, suportado pelo arco do meu peito, levanto novamente o dedo por cima de Gemila. Ela olha em redor com os olhos dardejantes, luta com as cordas que a prendem, murmura obscenidades em hebraico, guincha. Ora solta gargalhadas, ora me fita com um sorriso de encantadora sedução rasgado pela sua língua vibrante. Mas vejo-a ao longe, abaixo, enredada na melodia do salmo que agora confio à senhora Faiam. Da minha garganta erguem-se os nomes secretos de Deus, fluindo fora e dentro das minhas narinas, ao mesmo tempo que combino a respiração com o ritmo das palavras. A luz e as trevas confundem-se, separando-se depois num imenso alívio. Acende-se o mundo como que por uma chama negra. O tempo desaparece na distância e, no elevado estado em que me

encontro, vejo que é o medo do abandono que está na origem do riso de Gemila. Subindo ainda mais alto na melodia alada do salmo, estendo as mãos para lhe acariciar a face. Dor. Uma garra do mal. Vento gélido. Sangue correndo-me da mão. Guinchos. A senhora Faiam limpa-me.

– O demónio mordeu-te! – grita ela.

Afasto-a com um gesto, retomo o cântico até o quarto se assombrar e *Maimon* e eu ficarmos de olhos fitos um no outro através de um espaço carregado que respira vagarosamente. Bento aproxima-se do meu corpo; toca-o no ombro.

– O banho está pronto – diz ele.

Gemila defende-se como um animal quando a despimos. Volto-me para o quarto onde se encontra Menachim, o filhito de Gemila, sentado, abraçado a *Belo*, a chorar.

– Tens de sair daqui! – digo-lhe. Ele ergue-se de um salto, passa por nós a correr seguido pelo cão. Saem ambos disparados de casa.

A água do rio está límpida e frígida. Os guinchos de Gemila cortam o ar. Fecha os punhos, os tendões do pescoço retesam-se. Os braços gesticulam libertos das cordas, apanham a senhora Faiam que se estatela no chão. A face de Gemila contorce-se de uma alegria diabólica. Da sua boca escorre sangue, que mancha de fiapos róseos a água agitada. A rapariga contorce-se quando a seguramos, todos os músculos concentrados na fuga.

Encharcado de água glacial, mas aquecido pela oração interior, continuo os cânticos enquanto Bento segura a mulher mergulhada na tina até que o frio e a falta de ar lhe embotam o espírito de luta e ela fica a bater os dentes. Mantenho o fumo do incenso sob o seu rosto. Os lábios dela começam a ficar turvos e os olhos faíscam. Tiramo-la da água. A senhora Faiam enxuga-lhe o cabelo com uma toalha, enquanto lhe sussurra palavras tranquilizadoras. Bento beija-lhe as mãos.

– Retirem-se, por favor – digo.

Tiro o peixe do jarro onde está, com uma prece do *Bahir*. Mergulho-o a estrebuchar na tinta mágica. Gemila está a tiritar sentada numa cadeira. Pego na solha que se debate, tinta de vermelho, e encosto-a à linha da vida na sua testa. Gemila estremece como se a queimassem. Rapidamente, esfrego o peixe pelos seus ombros e pelo peito, pelo abdómen, pelas partes e pelos pés, até cobrir de tinta cada um dos dez *sefirot*, os pontos

essenciais. Depois de o peixe se ter embebido das suas essências simbólicas, atiro-o para o chão. Enquanto ele se agita nos tijolos, fecho os olhos e entoo as palavras mágicas de Josué:

– «Sol, detém-te sobre Gabaon, e tu, ó Lua, para sobre o vale de Aialon.»

Com os olhos fechados, giro as pupilas até começar a ver as cores interiores; respiro sacudindo o ar para dentro e para fora até o sopro das asas de *Metatron* me fazer revoltear. Quando abro os olhos, as guelras da solha pulsam como um fole. Meto-a de novo no jarro de água; em troca da sua vida, o peixe escreveu uma mensagem na tijoleira, que eu leio o mais depressa que me é possível. Numa imagem fugaz da escrita arábica, decifro a palavra *tair*, pássaro. Neste caso, é uma referência velada à abertura por onde o demónio poderá ser extraído.

Chegam-me de trás sons de passos. Frei Carlos aparece junto de mim. Acabado de descer do topo da montanha no vento interior das preces e dos cânticos, parece-me natural vê-lo aqui. Levo o dedo aos lábios. Os seus olhos requerem um parecer. Com um aceno confirmo a minha elevação. Ele volta-se para Gemila, ergue o dedo médio por cima dela e começa a entoar o nosso salmo na sua voz imperativa.

Com o sangue da ponta do meu dedo, gravo ao longo da linha do Destino na testa da moça o nome de Deus, *Elohim*, na escrita dos anjos, *ketav einayim*, numa versão que aprendi com meu tio. A cabeça cai-lhe para trás, como se o pescoço tivesse murchado, ficando com os olhos em alvo. Antes que ela adormeça, seguro-lhe o nariz entre o polegar e o indicador.

– Ordeno-te – grito –, em nome do Deus de Israel, que saias deste corpo e o libertes! – Em aramaico, grito a sequência dos nomes divinos.

E arranco o demónio do seu corpo. Ela guincha. Jorra-lhe sangue das narinas. Tomba para mim, com a respiração opressa. Limpo-lhe o rosto com a manga.

– Estás livre – murmuro. – O demónio já se foi.

Tenta falar, mas cai inconsciente.

Frei Carlos e eu ficamos de vigília, juntamente com a senhora Faiam e Bento. O nariz de Gemila secou. Esfregámo-la com água quente e sabão. O marido carregou-a para a cama como a um recém-nascido. O pulso tornou-se sereno e regular e a cor voltou-

lhe ao rosto. Menachim, o filho dela, ajoelha-se a seu lado e afaga-lhe o cabelo. O monte de cobertores que respira suavemente a seus pés é *Belo*, que se enroscou debaixo da coberta. Frei Carlos está sentado numa cadeira a rezar em voz baixa. Quando me é possível enfrentar a possibilidade de outra morte, pergunto-lhe num sussurro:

– E Judas?

Abana a cabeça, o rosto contorce-se num esgar.

– Não sei onde está. Assim que ela acordar, explico-te onde é que o vi pela última vez.

Fecha os olhos e as lágrimas assomam-lhe e pendem-lhe das pestanas. O desaparecimento do meu irmãozito e as palavras de tentação do demónio assombram-me com um calafrio gelado. Sento-me no chão, no canto oriental do quarto, entoando a *Tora* como se fosse um mapa capaz de me guiar e a Gemila de regresso a Deus. Pouco depois, Frei Carlos abre as portadas de uma janela a ocidente. Uma luz pálida ilumina o céu. O Sol, desaparecendo no horizonte, parece procurar um esconderijo para sempre.

É já perto da meia-noite quando Gemila desperta. Senta-se, fita com uma complacência maternal o filho Menachim que dorme a seu lado. Estremece quando me vê.

– Beri, que estás aqui a fazer? – pergunta.

– Não te lembras? – pergunto eu.

– Não. Que... que é que queres dizer?

Sinto como que um eclipse a cobrir-me o coração; a informação do demónio sobre a pessoa do assassino de meu tio esfumou-se.

– Foi um sonho do Outro Lado, minha querida – diz a senhora Faiam, que se precipitou para a cama e acaricia as faces de Gemila. – Estavas com um pesadelo e eu pedi ao Beri que viesse ver-te.

– Pois é – diz ela, evocando com um olhar vago alguns fragmentos esfumados. – Foi um sonho.

– Agora já passou – diz Bento, comprimindo os lábios contra as mãos da esposa.

– Mas... mas no meu sonho aparecias tu – diz ela, voltando-se confusa para mim. – Eu ia arrastada por um rio de sangue abaixo. Como o Nilo quando Moisés o tocou com... E estava frio... tão frio. – Fala com cuidado, como se recuasse passo a passo para o pesadelo. – E tu e o teu tio estavam na margem a chamar por

mim. Mas ambos eram aves... íbis. E então começaram a grasnar qualquer coisa com força. E a bater as asas. Eu fui apanhada pela corrente e batia nos rochedos. E, então, também eu me tornei um íbis. Voei para a margem, para os teus braços. – Fica de olhar vago. Encolhe os ombros e faz-me um sorriso de escusa. – Acabou. É tudo de que me lembro.

– O mais importante é que já passou – digo.

– Nunca conseguirei pagar-te isto – diz a senhora Faiam, beijando-me as mãos.

– Já estou pago – digo. Mas as minhas palavras são falsas e voltam-me como um eco vão. A caverna da morte de meu tio abre-se de novo diante de mim. Cada passo que der doravante será sempre a descer. Frei Carlos dá-me o braço.

– Vamos, temos de falar de Judas, agora – diz ele.

Será que se sente aliviado por ver que a rapariga não o poderá nomear como sendo o assassino?

– Está bem, vamos lá conversar – respondo secamente.

Quando vamos a passar a porta, Gemila chama por mim.

– Beri, há outra coisa que vi no meu sonho – diz ela. – Um ser branco com rosto humano. E uma parte de abutre, parece-me. Mas com duas bocas. A de baixo fechada com força e rodeada de sangue. Como o demónio *Maimon*, parece-me. Quando tu estavas a chamar por mim da praia, ele pôs-se a arranhar-te com as garras, a ti e ao teu tio. E outra coisa, Berequias, *Maimon* tinha saído de tua casa, pela porta da loja. Eu não estava no rio. Estava a olhar por cima do nosso muro para a Rua da Sinagoga. A calçada estava coberta de sangue e eu amaldiçoava Deus por deixar tal coisa acontecer!

Capítulo XIV

Detive-me com Frei Carlos à porta da casa da senhora Faiam. Os recentes pecados de Lisboa parecem por agora adormecidos, velados pela graça sombria da sétima noite de Páscoa. Anelante de calor humano, mas sem querer desvendar a minha fragilidade a um homem que terá talvez ajudado a matar meu tio, puxo a campânula de uma das mangas da sua longa capa e digo:

– Fale-me de Judas. Preciso de saber tudo.
– Levaram-no. Um bando de cristãos-velhos. No domingo.
– Há alguma esperança de estar a salvo... de estar vivo?
– Quem me dera que estivesse. Mas... – O frade junta as mãos, no gesto de oração dos cristãos. – Levei-o para São Pedro quando começou a matança. Escondemo-nos ambos em baixo, na cripta. Já lá estiveste. É onde estão as relíquias. Estavam lá muitos cristãos-novos. Mas chegou aquele bando. E começaram a... – Frei Carlos faz um esgar e a voz, que vibra entre nós como uma chama soprada pelo vento, extingue-se num sopro de horror. Pega-me nas mãos, coloca os meus dedos sobre os seus olhos, suspira como se banhasse a alma no odor revigorante do mirto e deixa-as cair de novo. – Enfiei-me com o miúdo pela saída que dá para o adro e encaminhámo-nos para o Tejo – continua ele. – Moisés Jagos e a família juntaram-se a nós. Ele tinha na ideia alugar um barco para atravessar o rio, para o Barreiro. Tirou uns soberanos de ouro de dentro do gorro e um barqueiro aceitou levar-nos. Mas, mal íamos a largar, apareceram mais cristãos-velhos. E... e então levaram Judas e os outros. Ainda tentei opor-me, podes crer em mim. Mas eles atiraram-me ao rio. Nessa altura...

Encolhe-se, põe os braços à volta do corpo como se subitamente se sentisse gelado.

– Diga-me só para onde é que levaram o meu irmão – pergunto-lhe com um abanão. – Para as fogueiras do Rossio?!

– Não sei. Valha-me Deus, não faço ideia. Primeiro foram para

o Palácio da Ribeira. Fui a correr atrás deles. Tinha de recuperar Judas fosse como fosse. Aquele menino... aquele lindo menino. Berequias, o teu lindo irmãozinho... Sabes onde é a taberna dos barqueiros por trás da Igreja da Misericórdia? Encontrei-os lá à porta. Judas viu-me. Sorriu-me e pôs a língua de fora como quando era para receber uma prenda. Não achas isto incrível? Que é que estaria a pensar? Corri para o dominicano que comandava o grupo. Disse-lhe que tinham levado um cristão-velho por engano, e aponte para Judas, e que aquele miúdo estava à minha guarda e que não era judeu. O frade respondeu-me que Deus nunca se engana! Era como Herodes, aquele cristão, revestido daquela espécie de poder dos loucos. Mandou despir Judas. Os homens riam-se mostrando o sinal da circuncisão. Mas Judas não chorava. Parecia o teu tio. Fitava-me para além de um silêncio que dir-se-ia jurado, como para me dizer que tudo estava a correr conforme previsto. Mestre Abraão e Judas... Não compreendo. – Frei Carlos estremece, afasta uma recordação que lhe afoga a respiração.

– Então já sabe do meu tio. Como?!

– Cinfa contou-me, claro. Antes de vir ter contigo à casa da senhora Faiam. Contou-me o que aconteceu a Mestre Abraão e disse-me o que estavas a fazer. – Chega-se a mim e sussurra-me num tom confidencial: – Eles violaram-me, Berequias. Estavam bêbados. Abaixaram-me contra os rochedos à beira-rio enquanto... O riso deles era-me insuportável. Quando consegui aguentar-me em pé, corri para o Rossio. Mas não vi Judas em parte nenhuma.

– Porque não veio logo dizer-nos?

– Estava aterrorizado. Estava magoado. Os ossos doíam-me, e então o cheiro avinhado deles... o fumo. Corri a refugiar-me no mosteiro das carmelitas. Berequias, eu não sou um homem de coragem. Olha-me para este hábito, estes ídolos... – Tira do peito o cruxifixo, puxa-o até rebentar o fecho. – Olha-me para este lenho de traição que me queima por dentro! – As suas mãos contorcidas, enclavinadas, arrancam com um sacão o Nazareno da cruz. Jesus, contorcido e rígido, tomba como um judeu inválido na calçada. Um grunhido animal sobe das entranhas de Frei Carlos e ele lança a cruz desnudada contra as paredes caiadas de minha casa. Mais calmo, ofegante, contempla os telhados e o espelho escuro do rio que se vê ao fundo. – Segunda-feira –

murmura – andei à procura dele. Cheguei até a ir ao covil de leões de São Domingos. Berequias, pela primeira vez em nove anos não sentia medo dos cristãos. Talvez fosse isso que sentia Judas. Mas como é possível? Um miudito não pode sentir coisas dessas. Até pensei que se calhar ele viria simplesmente ter a casa. Que de qualquer modo...

A esperança é estranha; desafia toda a razão. Enquanto Frei Carlos continua a falar, começo a pensar: «Não é, pois, certo que Judas esteja morto. Há de estar escondido aí em qualquer canto.» Perguntei então ao frade:

- Porque havia de acreditar no que me está a contar?
- Que queres dizer com isso? – pergunta ele.
- Como pode provar onde andou todos estes dias?
- Quer dizer que suspeitas de mim?!
- Suspeito de toda a gente até ao regresso do Messias –

respondo.

– Podes perguntar às carmelitas – suspira ele, como quem cede a uma verdade que longamente se recusara a admitir.

Decido pô-lo à prova, lançando a acusação sobre Simão.

– Havia um fio de seda numa unha de meu tio. Seda preta... como a das luvas de Simão.

– Simão? Queres dizer que...?

– Isso mesmo. Porque não havia de ser ele?

– Meu caro Berequias, está-me a parecer que a morte te deixou a ler da esquerda para a direita. Simão estimava muito teu tio. Nunca levantaria uma mão para ele.

– Mas pode ser que tenham tido alguma discussão grave no grupo de iniciados – observo.

– Uma discussão sobre o *Talmud* ou a *Tora* – contrapõe o frade com um gesto de recusa – pode desviar-nos para algumas palavras mais esbraseadas mas nunca para o sangue. Já devias saber isso.

Frei Carlos tinha passado esta pequena prova. Mas, e se ele suspeitasse de que eu sei que o fio de seda foi lá posto, não seria esta mesma a sua reação?

– E contou a minha mãe isto sobre Judas? – pergunto.

– Conteí. Agora está sossegada. Cinfa está com ela. Quando a menina me disse que estavas a lutar com um *ibbur* em casa da senhora Faiam, pensei que podias precisar de ajuda. – O frade inclina a cabeça. – Berequias, sabes quem morreu?

Dá-me uma absurda vontade de rir.

– Frei Carlos, nunca há de deixar de me surpreender. Neste momento era-me mais fácil dizer quem não morreu.

– Dom João de Mascarenhas – diz ele.

– Claro. – Aceno compreensivamente. Dom João dirigia o porto e a casa da fazenda do rei; tinha sido ele o judeu da corte que pagara a ouro para tirar Reza da cadeia do Limoeiro no domingo anterior.

Os cristãos-velhos sempre se sentiram ressentidos com a ideia de um cristão-novo enriquecer com os impostos sobre as suas mercadorias, e de entre todo o nosso povo devia ser ele o mais odiado.

– Como é que se passou? – pergunto.

– Como? Como todos os demais. Apareceu um bando em casa dele. Deitaram abaixo os portões. Ele escapou pelos telhados da Pequena Jerusalém. Imagina, ele a fugir como qualquer judeu. Conseguiu.

– Frei Carlos, custa-me a crer que não perceba! – berro-lhe eu. – Para eles, todos nós temos cornos e caudas. Não há nenhum que escape. Não interessa se adubamos a sopa com folhas de ouro ou só com gema de ovo!

As nossas vozes unem-se numa prece pela alma de Dom João.

– Bem, basta de devoções – digo. – Só umas perguntas... Sabe quem é que ajudava meu tio a levar livros hebraicos para fora de Portugal?

Frei Carlos abana a cabeça.

– Mas não tem nenhuma ideia? – pergunto.

– Nenhuma. A não ser que fosse algum dos iniciados. Mestre Abraão dizia que era melhor que ninguém soubesse. Para o caso de sermos apanhados.

– Isso quer dizer que só resta Diego... Simão e Sansão foram mortos. E meu tio disse...

– Mortos?! – interrompe o frade. – Mas ainda agora disseste que suspeitavas de Simão!

– Não, estão mortos. Era... era só para o pôr à prova.

– Berequias, tenho de saber a verdade. Os meus irmãos da Cabala estão mortos ou vivos? Agora diz-me a verdade!

– O senhorio de Simão disse-me que tinha sido levado pela turba e feito em cinzas. O sogro de Sansão disse-me que o tinha visto preso pela população.

Frei Carlos deixa descair os ombros, esfrega os olhos.

– Meu tio nunca lhe disse nada a propósito de *Aman*? – pergunto. – Nem nunca mencionou nada de estranho sobre Diego?

– Agora também o Diego? – replica ele. – Também achas que ele podia estar envolvido na...

– Meu tio foi morto com um cutelo de *shohet*. Por alguém que sabe onde fica o alçapão e a *geniza*. Só pode ter sido um dos iniciados. Ou algum dos passadores secretos de meu tio, se é que alguma vez lhes confiou também a eles o segredo.

– E a que vem isso de *Aman*? – pergunta o frade.

– A última *Haggada* de meu tio foi roubada. E eu estou convencido de que ele tinha desenhado *Aman* com o rosto do passador que o andava a trair... ou que ele suspeitava de traição.

– Nunca me falou nisso – diz Frei Carlos.

– Alguma vez se queixou de alguém ultimamente?

– Não, de ninguém.

– Diego tinha recebido a iniciação completa no círculo? – pergunto.

– Queres saber se ele conhecia a existência da *geniza*?

– Isso e a passagem secreta da nossa cave para a *micva*.

– Ai, descobriste?! Como? Ou foi alguém que te disse?

– Demorava muito a explicar, Frei Carlos. Foi uma outra morte que me levou lá. Diga-me só se Diego sabia disso – peço.

– Que eu saiba, não – replica.

– E da *geniza*?

– Não. Mestre Abraão deixou bem claro que não devíamos falar-lhe nisso por enquanto.

Isso tornava quase impossível que tivesse sido Diego quem empunhou o cutelo de *shohet*. Portanto, se Frei Carlos dizia a verdade, todos os iniciados estavam inocentes. O assassino só podia ser um ou vários dos passadores secretos.

– Usavam muitas vezes a passagem secreta? – pergunto.

– A bem dizer, nunca – responde o frade.

– Ótimo – comentário.

– Ótimo o quê?

– Isso pode explicar porque é que o assassino ignorava que não cabia lá. A passagem vai-se estreitando. Eu mal pude passar. Uma pessoa mais larga... Por isso ele deve ter recuado à pressa para a cave e, quando me ouviu chamar lá em cima, escondeu-se na *geniza*. Depois, quando fui ao pátio buscar pregos para fechar o

alçapão, subiu as escadas e saiu de casa pela porta de minha mãe. Gemila viu-o na Rua do Templo, amaldiçoou o Senhor e abriu assim o caminho à intrusão de um *ibbur*. O assassino devia ter uma aparência demoníaca, porque ela chamou-o *Maimon Branco de Duas Bocas*. Devia ter um aspeto ligeiro. Talvez estivesse embuçado. Ou talvez se tapasse com um chapéu com uma presilha para o queixo que ela confundiu com outra boca. – Seguro o frade pelos ombros. – Frei Carlos, tenho de ir ler a correspondência de meu tio a ver se ele fala nos passadores. E tenho um desenho que lhe quero mostrar. De um catraio que andou a ver se vendia a *Haggada* roubada. Mas precisamos de mais luz.

Vou a começar a subir a rua em direção à nossa cancela, mas Frei Carlos segura-me pelo braço.

– E a teu ver quem é que teria a coragem de levar livros para fora do país?

– Não sei. Mas provavelmente é alguém nosso conhecido. Pode ser até que eles fingissem detestar-se.

Ao pronunciar estas palavras, ocorre-me um pensamento perverso. Quem é que, à parte El-Rei Dom Manuel e certos padres cristãos, meu tio mais desprezava neste mundo? O querido Rabi Losa! Mas, e se aquela animosidade não passasse de uma máscara? Com os seus negócios florescentes como fornecedor oficial do clero, Losa viajava para onde quisesse e podia muito bem transportar consigo manuscritos hebraicos para lugar seguro.

– Meu tio alguma vez se referiu ao Rabino Losa no círculo de iniciados? – pergunto ao frade.

– Muito raramente. E quase sempre com desagrado.

– Frei Carlos, era capaz de vir comigo à casa do Rabi Losa? As cartas podem esperar, por agora. Por qualquer maldosa razão que ignoro, o rabino sempre gostou de si. E eu preciso muitíssimo de falar com ele.

– Gosta de mim porque me vê tão assustado como ele – observa Frei Carlos. – De vez em quando gostamos de tremer juntos. – E, quando nos dirigimos para a casa do rabino, pergunta numa voz temerosa: – Então sempre me perdoas?

– Perdoo de quê? – pergunto.

– De não ter protegido Judas. Tenho de o saber.

– Claro que perdoo. Você é tanto vítima como... Oiça, Frei Carlos, não estou certo de que ainda seja judeu, mas também não

sou nenhum inquisidor cristão.

– Não és judeu?! Berequias, em alguma coisa tens de acreditar!

– Ai tenho? Acha que tenho?!

– Claro.

Detenho-me. Do fundo das tripas até ao topo do peito aspiro os perfumes noturnos que sobem da cerrada natureza que rodeia esta desgraçada povoação chamada Lisboa.

– Respire esta escuridão, Frei Carlos – digo. – Há qualquer coisa de diferente nela, entre o cheiro a merda e a fumo e a bosque. Está a formar-se uma nova paisagem, uma região secular que nos dará refúgio das costas em chamas da religião. Para já só nos chega uma brisa. Mas está a chegar. E nada que os cristãos-velhos possam fazer há de impedir que aí encontremos refúgio.

Frei Carlos responde num tom oratório, cético:

– Diz-me uma coisa, meu caro Berequias, quais hão de ser os alicerces dessa tal nova paisagem a não ser a religião?

– Não faço a menor ideia, Frei Carlos. Essa nova paisagem ainda não se definiu. Haverá místicos e céticos, disso não tenho dúvidas. Mas nem padres nem frades, nem diáconos nem bispos nem papas hão de lá ter lugar. Se derem um passo para a nossa terra, deitamo-los logo ao chão. Também não haverá rabinos doutorais. No momento em que começarem a estender o rolo dos mandamentos, cortamos-lhes a garganta!

– Devias pedir perdão a Deus pelo que estás a dizer! – repreende-me Frei Carlos.

– Vá pentear macacos! Estou farto de implorar! O meu Deus nada tem que perdoar nem que punir.

– *Ein Sof?* – pergunta o frade, aludindo ao conceito cabalístico de um Deus incognoscível que não possui quaisquer atributos reconhecíveis. E, vendo o meu assentimento, continua: – É pouco o conforto de um Deus que está para além de todas as coisas.

– Ah, conforto... Para isso, meu caro amigo, o que preciso é de uma mulher que se deite à noite comigo e filhos para abraçar, não de um Deus. Pode ficar com o Senhor escrito nas páginas do Velho e do Novo Testamento para si. Eu fico com o que não está escrito.

Frei Carlos abana a cabeça como quem me abandona a um mundo que ele nunca compreenderá. Entretanto chegamos a casa do Rabi Losa. Fico à espera à esquina. O frade bate à porta e pouco depois Ester Maria, a filha moça de Losa, abre as portadas

de cima, afastando o cabelo que lhe cai por cima dos olhos cansados.

– Perdoa ter-te acordado. O teu pai está? – pergunta Frei Carlos.

– Saiu – responde ela.

– Para onde?

– Não sei.

– Podes dizer-lhe que preciso de falar com ele? Estou em casa de Pedro Zarco ou então em São Pedro. Diz-lhe que venha logo que possa. Mesmo que tenha de nos acordar. E diz-lhe que não é para lhe causar trabalhos.

Ela assente com um aceno. O frade e eu encaminhamo-nos para casa e sentamo-nos no pátio. Como uma mórbida melodia, invade-nos o sentimento de culpa por nos terem deixado viver. Penetro no interior para trazer uma candeia de azeite, e desenrolo o desenho do catraio que andou a tentar vender a última *Haggada* de meu tio à senhora Tamara. Lançando um círculo de luz sobre ele, pergunto:

– Conhece-o de algum lado?

– Não – responde Frei Carlos, erguendo o desenho à altura do rosto. Vendo-me recolher o rolo, pergunta numa voz implorante:

– Posso ficar aqui até amanhã? Não consigo estar sozinho.

– Não há por onde escolher. É melhor não aparecer por perto de onde mora ou em São Pedro. Anda por aí um mercenário, um homem loiro dos países do Norte, a mando do assassino para matar Diego. Pode também andar atrás de si.

– De mim?! – O frade estremece e os seus olhos fatigados abrem-se como se tivesse engolido veneno. – Então, talvez isso explique... – Tira da capa um quadrado de pergaminho com umas pontas de fita cosida nos cantos como um *tzitzit*. Assemelha-se a um brinquedo de crianças. – Lê – diz ele, estendendo-mo.

Vejo uma figura tosca de homem contornado por caracteres hebraicos minúsculos, não maiores do que uma formiga. Escritas numa estranha mistura de hebraico e português, leem-se as palavras do Livro de Job: «Ela abandona os seus ovos no chão, deixando que a areia os aqueça. Esquece que um pé os pode esmagar, ou algum animal bravo os espezinhar.»

– Desde quando tem isto? – pergunto.

– Sexta-feira. Tinham-no enfiado por baixo da minha porta. A princípio pensei que fosse de teu tio. Pensei que era para ver se

me assustava para conseguir o livro que queria que eu lhe cedesse. – Frei Carlos sorri e continua: – Depois pensei que fosses tu.

– E agora que o seu espírito assentou depois da sua viagem à toa? – pergunto, com uma expressão de ironia.

– Agora não sei. Mas se alguém matou o teu tio e agora me quer matar a mim... Talvez este talismã seja dele. Talvez o meu livro tenha a ver com a morte de teu tio! Talvez seja mais valioso do que pensávamos.

– Pode mostrar-mo?

– Não. Está no meu quarto. E o homem do Norte... Beri, era a minha última página de judaísmo. Guardei-o porque tinha de ser. O teu tio estava a pedir-me que ficasse sem nada do que eu tinha sido.

– Está bem, Frei Carlos. Mas tem alguma ideia de porque será tão valioso?

– Existem outras cópias – diz ele, abanando a cabeça. – Não é de modo nenhum um exemplar único.

– E está anotado nas margens?

– Não. Se calhar o passador do teu tio tinha pensado simplesmente em ficar com o livro para si próprio e não queria que saísse do país.

– Não me parece provável. Depois de ter passado cento e tal livros preciosos na fronteira, não vejo nenhuma razão para de repente se voltar contra meu tio só por causa do seu manuscrito. E não é só isso; havia vários manuscritos valiosos na *geniza* que o assassino folheou antes de chegar à *Haggada* de meu tio. – Pego no talismã para o observar; reparo que a palavra «areia» está mal escrita. – Isto foi feito à pressa, provavelmente às escondidas – comento. – Por alguém que não possui uma formação completa na *Tora*. E que não tem um verdadeiro treino como escriba. Embora a tinta seja de muito boa qualidade. Um escriba amador que tem acesso ao melhor que há, diria eu. Escreve com a dextra, é evidente, por causa da inclinação das letras. Quanto à fita... – Cheiro-a, rolo-a nos dedos. – Um pouco antiga, diria. Cheira a cedro. Talvez estivesse guardada numa caixa. Para sabermos mais, precisamos da ajuda de Farid. Se calhar até a tinta tem algum cheiro particular. – Olho para Frei Carlos. – Quem fez este talismã queria vê-lo assustado. Mas, se o quisesse matar, não se tinha dado à canseira de lhe mandar um aviso. Posso ficar com

ele?

– Leva-o para longe de mim – exclama, assentindo. Inesperadamente deita a cabeça para trás e boceja. – Às vezes penso que podia dormir durante um século ou dois – diz ele.

– Oiça – digo eu – pode ficar na minha cama. Tire mais um cobertor do baú.

– O pátio serve bem.

– O seu sacrifício não traz ninguém de volta.

– Beri, preciso de ver o céu, as estrelas. Deixa-me ficar aqui sentado. Hei de adormecer quando Deus me der a Sua graça.

Com um encolher de ombros enfasiado, desejo-lhe que durma bem. Quando me dirijo para a cave, avisto minha mãe em pé no quarto, como uma sombra de vigília a Farid. Vou ter com ela, vejo-a apertar contra o peito um talismã em forma de *magreifa*, uma flauta mítica de dez furos. Olhamos um para o outro, transportados para um mundo que está para além das palavras. De comum acordo, desviamos o olhar para Farid. Respira já à vontade, como se reentrasse no nosso mundo. Terá havido uma espécie de troca? Farid por Judas? Será por isso que minha mãe não tira os olhos dele?

– Obrigado por lhe ter dado a sua cama e por olhar por ele – digo-lhe num sussurro.

Toma-me a mão, aperta-a. Está impregnada do odor de meimendo. Na sua voz dolente, diz:

– Se ao menos fosse um dos nossos.

– Isso deixou de ter importância – digo.

– Enganas-te, Berequias. Tem mais importância do que nunca.

Parecemos espécimes de raças diferentes. Beijo-a no pescoço e deslizo para a cave. Mas nas cartas de meu tio pouco há que me dê esperança. Só duas me parecem prometedoras, ambas da mesma pessoa. A primeira está datada do terceiro de *Shevat* deste ano e está escrita em árabe. Meu tio deve tê-la recebido pouco antes da sua morte. Está assinada numa escrita floreada em forma de *menora*. Tanto quanto posso perceber, pois a geração de cabalistas mais velhos gosta de confundir o leitor ocasional, o nome do correspondente é *Tu Bisvat*. É evidente que se trata de um pseudónimo, pois *Tu Bisvat* é o nome de uma festa judaica que os nossos místicos associam à Árvore da Vida e a certas reparações operadas neste mundo e na Esfera Celeste de Deus. Infelizmente, os meus conhecimentos de árabe são tristemente

insuficientes perante o estilo floreado da carta. Mas não há dúvidas de que o autor faz pelo menos uma referência à «safira» que meu tio lhe enviava. A segunda carta data quase exatamente de um ano antes e está também em árabe, mas não consigo decifrar nada que faça sentido. Se me obrigassem a fazer uma tradução, diria que meu tio andava a negociar a compra de «um azulejo para decorar o centro de um pôr do Sol».

Vou precisar da ajuda de Farid para remover o emaranhado de gavinhas da cifra árabe em ambas as cartas.

Antes de fechar a *geniza*, volto a examinar todas as cartas, desta vez para comparar a letra com a do talismã de Frei Carlos. Mas não há nenhuma semelhante.

Em cima, dou com Farid a rressonar. A testa já não queima. Embora me sinta tentado a fazê-lo, decido não o acordar; é o seu primeiro sono a sério nos últimos dias. Vou para a cozinha à espera de que ele se levante, levando as cartas na bolsa. Atiro umas pitadas de canela para o borralho ainda quente. Levanta-se uma chuva de faúlhas rubras cintilantes como estrelas cadentes. Apercebo-me de que estou todo sujo de pó e fuligem, mas sinto algum conforto neste fedor húmido. É como se fosse um cheiro judeu, como se tivesse acedido a morar para sempre na dor, como se a vingança, assim que encontrasse o assassino de meu tio, tornasse mais intenso este odor almiscarado e o fizesse divinal.

Acordo cedo na manhã de sexta-feira, à mesa da cozinha, com o cheiro de água salgada salobra: enormes postas de bacalhau estão de molho num caldeiro de água junto à minha cabeça. Ouvem-se os galos a anunciar a alva. Cinfa e Frei Carlos preparam o chá de lúcia-lima.

Estamos no sétimo dia da Páscoa, e com o chegar da noite acabará o último dia das festas. O medo de se me ir o tempo sem ter apanhado o assassino acaba por me despertar completamente como se me abanassem. Cinfa fixa o meu olhar com uma face prazenteira.

– A mãe diz que se consegue viver como um rei só com bacalhau e ovos – comenta. Os seus olhos implorantes procuram uma confirmação para as suas fantasias de felicidade. Mas eu sinto o peso do sentimento de uma cilada. A casa é uma prisão; Cinfa e Frei Carlos improváveis profetas da sobrevida. Erguendo-me com um pulo, pergunto:

– O Rabi Losa ainda não veio, pois não?

- Ainda não – responde o frade.
- E Farid?
- Ainda ressona.
- Já dormiu que chegue! Vou acordá-lo.

Assim que vou a sair, Cinfa corre para mim e aperta-se carinhosamente contra o meu peito.

– Por favor, não voltes a sair! Uma coisa terrível vai acontecer-te hoje, pressinto-o!

Devia sentir-me comovido, mas a única coisa que quero é afastar de mim a menina. Encaminho-a para junto da lareira.

– Não me vai acontecer nada – murmuro. – Prometo-te que nunca mais hei de deixar que algum cristão me faça mal.

Posso ver na sua expressão vaga que a espessa camada de desconfiança que a protegia da mágoa tinha desaparecido. Seguro-lhe a mão, enquanto conduzo as orações da manhã dela e de Frei Carlos.

– Vou voltar a São Domingos – diz seguidamente o frade – para tirar mais umas inculcas sobre Judas.

– Desista, Frei Carlos – aconselho. – Se estiver vivo, há de voltar. Não lhe vão dizer nada. Para eles não passa de mais um pouco de fumo judeu.

– Não, tenho de ir lá.

– Mas é perigoso. O homem do Norte pode andar à espreita.

– Se me esperar será em casa. Vou sair pela Rua da Sinagoga e descer até ao rio. Não há de ser nada.

Frei Carlos faz-me um aceno como se necessitasse da minha aprovação.

Parece que a coragem visitou finalmente o frade.

– Muito bem – digo com um aceno de assentimento.

Ele inclina-se numa saudação e desaparece. A sós com Cinfa, digo-lhe:

– Deixa-me ficar com o Farid só por um momento, depois volto para junto de ti.

O seu rosto fica corado e intumescido. Fita-me como quem está prestes a rebentar em lágrimas. Estendo as mãos, mas ela afasta-se de mim e sai a correr pela porta da cozinha.

Farid está ainda a dormir, mas as cores voltaram-lhe ao rosto. A pele dos braços e das pernas é suave, tépida. Os talismãs de minha mãe balançam por cima dele como absurdas confirmações da sua saúde. Compreendendo que os anjos recuaram, uma grata

plenitude acode-me aos olhos, impele-me para a janela a oferecer a Deus os meus agradecimentos. *Belo*, de orelhas espetadas, observa a rua por cima do muro da casa da senhora Faiam, com a sua pata dianteira sustentando-o firmemente. «Benditos sejam os homens e as mulheres, as crianças e os cães», penso. «Com tanta beleza no mundo, será que a existência de um Deus pessoal interessa assim tanto? Não poderemos satisfazer-nos com o que temos?» Quando olho para baixo, descubro o Nazareno de Frei Carlos, arrancado da sua cruz, ainda abandonado na calçada. A imagem e eu interrogamo-nos sobre um futuro impenetrável. Farid acorda; bate duas vezes na cama para atrair a minha atenção.

– Ouviste alguma coisa sobre meu pai? – quer saber.

– Nada. Perdoa-me. Só um momento... – Vou buscar as sandálias de Samir ao meu quarto, ajoelho-me junto ao meu amigo e estendo-lhas. – Não me pareceu bem mostrá-las antes, quando ainda estavas tão... O homem da mesquita disse que o teu pai saiu tão à pressa depois dos motins que se esqueceu delas – digo-lhe por gestos.

Quando Farid agarra as sandálias, os seus olhos cerram-se energicamente. Os polegares traçam o contorno das presilhas, enquanto ele cheira o couro. Ao sentir o odor de Samir, a sua face parece abrir-se. Os tendões do pescoço esticam-se como se dirigidos ao julgamento da ira de Deus. Começa a gemer. Enlaço as minhas mãos nas dele e procuro libertá-lo pela força do meu amor. Aos poucos, as vagas de mágoa de Farid vão minguando até a um fluxo silencioso. Quando se ergue apoiado num cotovelo e limpa os olhos ao lençol, limito-me a fazer um gesto para lhe dizer: «Lamento.»

Ele acena com a cabeça e assoa-se à manga da camisa. Sento-me a seu lado.

– Tiveste disenteria. Com tantas coisas à mistura, quase me enganei no diagnóstico. Acho que foi aquele arroz que compraste quando voltámos para Lisboa na segunda-feira.

Passa a mão pelos lábios para me agradecer, depois leva-a ao alto para louvar a generosidade de Alá. Os seus movimentos são seguros, tecidos pela fé recuperada. A inveja pela sua crença num Deus generoso impele-me a levantar-me.

– Que dia é hoje? – pergunta ele.

– Sexta-feira.

– Estamos já perto do *Shabat*. – Abana a cabeça e respira profundamente como se a despertar as energias do seu corpo longamente adormecidas. – Que mais descobriste sobre o assassino de teu tio?

Mostro-lhe o desenho do rapazelho que tentou vender a *Haggada* de meu tio e depois passo-lhe as cartas de *Tu Bisvat*.

– Agora temos qualquer coisa – acena ele, enquanto passa os olhos pela primeira carta e traduz as importantes informações que contém com uma facilidade cantante: – «Esperei para lhe escrever, Mestre Abraão, na esperança de que chegassem mais “safiras”. Mas, como ultimamente não chegou nada, isso tem-me dado que pensar. Será que aconteceu alguma coisa ao nosso Zorobabel? Ou talvez você esteja doente. Por favor, mande-me dizer. Começo a estar preocupado.»

Há um momento em que o mundo em miniatura de um manuscrito se torna real, quando os contornos da mão de um profeta ou o brilho nos olhos de uma heroína voltam a refulgir no interior do eterno presente que é a *Tora*. Um sentimento semelhante de suspensão do tempo apodera-se agora de mim; a minha visão torna-se interior. Perante mim desenrola-se uma vereda. Partindo de Lisboa, através de Espanha e de Itália, conduz ao Oriente. Meu tio caminha ao longo dela, transportando os seus amados manuscritos, sorrindo com a alegria de quem leva presentes. Estas imagens descem sobre mim porque a carta parece revelar que o caminho dos livros escondidos de meu tio leva a Constantinopla. E que o seu cúmplice na capital turca, *Tu Bisvat*, não recebeu as encomendas combinadas e estava com medo de que tivesse acontecido alguma coisa a meu tio. Estas informações devem tê-lo alertado para a possibilidade de andar a ser traído por um ou mais dos seus correios. Provavelmente, meu mestre guardou para si esta informação até poder estar certo da identidade do criminoso. Entretanto, foi ver Dom Miguel Ribeiro para tentar recrutar um novo cúmplice que pudesse levar os manuscritos para fora das fronteiras portuguesas com relativa facilidade. Quando o fidalgo se recusou a colaborar, meu tio escreveu a Sansão Tijolo, que, devido ao seu negócio de vinhos, podia também conseguir autorização para viajar para o estrangeiro.

Quanto a Zorobabel, referia-se, claro, a um dos personagens do «Livro de Esdras», que quando era guarda do rei Dario da Pérsia

convenceu o seu monarca a deixar reconstruir o Templo de Jerusalém, então em ruínas. Conseguiu tal decisão alegando que as mulheres eram mais fortes do que o vinho e os legisladores, e que mais forte do que as mulheres só a própria verdade. Depois da reconstrução do Templo, tornara-se um rico governador de Jerusalém.

Mas quem seria ele neste contexto? Um nome de código do homem que levava escondidos os manuscritos de meu tio para Constantinopla?

Na segunda carta, *Tu Bisvat* faz uma referência ao *zulecha*, azulejo, que anda a comprar para meu tio em Constantinopla.

– Não compreendo – digo a Farid.

– Neste contexto – explicam-me os seus gestos –, penso que é uma referência velada à construção de uma casa. O teu tio pode ter começado a negociar a compra de uma casa no lado europeu do Bósforo, o lado do «pôr do Sol» de Constantinopla.

Capítulo XV

– Com que então meu tio nunca deixou de pensar em se mudar – comento, por sinais, dirigindo-me a Farid. – Estava à espera de que o negócio se concluísse antes de nos falar de Constantinopla. Bizâncio, imagine-se... Uma terra muçulmana. Se ao menos tivesse falado disso comigo. Tenho a certeza de que havíamos de trabalhar todos a sério para conseguir o dinheiro. Mas talvez tivesse medo de ser apanhado e ter de fazer compromissos...

A cascata de gestos de surpresa é interrompida pela voz de tia Ester chamando-me da cozinha.

– Graças a Deus, a alma voltou-lhe ao corpo – murmuro. Farid lê os meus lábios e faz um gesto instantâneo:

– Vai ter com ela! Pode ser que precise de ti para a puxares de volta ao nosso mundo!

Quando me precipito para a cozinha, reparo que minha tia não está só. Segura Cinfa diante dela como um escudo humano. Ao lado, está um homem de idade. É descarnado e alto, muito pálido, de cabelo branco espetado e sobranceiras espessas. Um homem feito de neve, dir-se-ia. Os olhos de tia Ester seguem-me com gravidade.

– Deves estar recordado de Afonso Verdinho – diz ela. – Era do grupo de iniciados do tio.

O «Sinistro», o homem do Lado Esquerdo, como costumávamos chamar-lhe com uma certa afeição ambígua. Havia nisto um duplo sentido, que jogava com uma referência em italiano ao facto de Dom Afonso ser canhoto e com a sua estranheza austera. Meu tio apreciava-o como a uma curiosidade, e costumava dizer que ele lia a *Tora* como se estivesse fixada com cola de peixe, aludindo ao ascetismo inflexível que ele adotara quando andou a estudar com os Sufis na Pérsia. Mas agora onde estava tudo isso? Agora que sabia de quem se tratava, parecia-me ainda mais velho e definhado, como se tivesse vivido encerrado, sem comer e

apertado numa cela sem luz. Veem-se manchas amareladas de suor debaixo dos braços da sua camisa branca amarrotada. Traz no braço uma capa preta rota, forrada a seda azul puída. Quando os nossos olhares se encontram, os lábios contorcem-se-lhe desagradavelmente. Nenhum de nós faz um gesto de saudação.

– Lembras-te dele, não lembras? – sugere tia Ester. – Eras ainda um rapazinho quando...

– Lembro – respondo abruptamente. O pressentimento de uma catástrofe iminente imobiliza-me como se fosse de cristal.

– Berequias, vou ficar com Afonso durante algum tempo – continua ela, falando lentamente e com delicadeza. – Ele veio para cá assim que chegaram a Tomar notícias dos motins. Está alojado na estalagem do senhor Duarte, perto da casa de Reza. Ficamos lá. Por favor, diz isso a tua mãe. Não queria acordá-la. Mas, se precisar de mim, pode vir ter comigo.

– Não percebo – digo.

Minha tia passa as mãos pela fronte, esfregando-a como quem tenta fixar os pensamentos dispersos. Cinfa volta-se para a observar, depois dá um pulo para fora de casa. Tia Ester chama-a em vão. A expressão de Afonso assume um ar de delicada simpatia ao se dirigir em persa, em voz baixa, a minha tia. O seu braço protetor rodeia os ombros dela. Ela abraça-o, chamando-o a si. Falando para mim, diz numa voz seca:

– Tens de dar algum tempo a tua tia. Tenta compreender que a viagem é muito mais complexa do que alguma vez pensaste.

Dom Afonso conduz tia Ester para o pátio e vejo-os desaparecer enlaçados, pelo portão. O ciúme, espesso e quente como pez, jorra-me pelo peito; é cruel a conclusão de que um quase desconhecido pode fazer reviver minha tia quando a mim não me foi possível fazer nada. E que ela fosse capaz de abandonar a família numa altura destas, parecia-me impossível!

Dom Afonso... será que a sua presença muda tudo? Estará envolvido na morte de meu tio, como passador dos livros? Mas ele saiu de Lisboa antes das conversões forçadas, muito antes de meu mestre e de meu pai terem cavado a *geniza*.

Sinto um absurdo desapontamento penetrar-me as entranhas, associado à descoberta de que a vida não é um livro, não tem notas à margem a explicar os acontecimentos mais difíceis. Se assim fosse, Dom Afonso teria ficado em Tomar sentado em frente à lareira. A sua vinda só serve para complicar o que já me escapa.

Ouço meu tio dizer-me: «Caro Berequias, a vida propõe-nos muitas veredas que não levam a lado nenhum, portas que se abrem sobre meros abismos, escadas que sobem até portões fechados a cadeado.» E recordo que ele costumava dizer-me que todas as vidas são uma peregrinação ao *Shabat*. «Mesmo que assim seja», penso, «então, todos nós tomamos as estradas com mais desvios para lá chegar».

Volto para junto de Farid em passadas vagarosas.

– As pessoas são criaturas muito estranhas – comento.

– Porquê? Que aconteceu?

Quando lhe explico, ele pergunta com os seus sinais:

– Não sabes, pois não?

– Não sei o quê? – pergunto.

– Em tempos, foram amantes. Foi meu pai quem mo disse.

– Estás doido! Afonso e...

– Há anos que tinham acabado. Não quer dizer nada.

As suas palavras são demasiado simples para serem entendidas. O chão fica escorregadio; desliza como águas lamacentas. Os gestos de Farid servem-me de âncora num mundo que rodopia. Seria possível que tia Ester pudesse afinal estar envolvida na morte de meu tio? Talvez que inadvertidamente tenha confiado a Dom Afonso a existência da nossa *geniza*. Ele podia ter atuado por iniciativa própria, levado pela sua infatigável paixão por ela.

Farid adivinha os meus pensamentos e comenta:

– Um castelo de cartas numa mesa inclinada no meio de uma tempestade de areia.

– Mas não se ela não soubesse dos planos de Dom Afonso. Talvez ele lhe tenha escondido a sua trama. Mesmo agora, não suspeita de que o homem que a conforta é o assassino do marido!

– Mas nós sabemos pelas cartas de *Tu Bishvat* que muito provavelmente há um dos iniciados implicado nisto. A não ser que aches que Dom Afonso era um deles... que Zorobabel era ele.

Ficamos os dois sentados em silêncio durante algum tempo. Continuo estupefacto com a partida de tia Ester. O meu amigo faz-me sinais de quando em vez, mas não lhe presto atenção até que ele me agarra o braço.

– Entrou alguém em casa com um passo esquisito – adverte. – Sinto as vibrações.

De repente ouço a voz de um homem chamar-me da cozinha. Corro para lá. À porta, avisto o iniciado «morto», o importador de

tecidos Simão Eanes, pesadamente apoiado nas suas muletas, com o xaile de veludo negro atirado sobre os ombros. Vê-se que não se lavou nem fez a barba e apresenta uma grande crosta na testa como um olho ferido. Cinfa está junto dele, abraçando-o como a uma criança abandonada. Enquanto passa a mão enluvada pelos cabelos, faz-me um aceno de simpatia.

– Berequias, contaram-me o que aconteceu a teu tio – diz ele.

Involuntariamente, olho para o seu pé para ver se seria humano.

– Você não morreu! – exclamo.

Abana a cabeça e sorri, um sorriso louco, grande de mais, como se os lábios tivessem sido repuxados por fios invisíveis, manipulados por algum bonecreiro. O poder da experiência comum de termos escapado vivos é algo que nos liga e dou um passo para ele. Mas as luvas! A da mão direita está rasgada nas costas. Será possível que o fio de seda na unha de meu tio seja realmente... Recuo com desconfiança. Ele exhibe no rosto uma nova caricatura de um sorriso.

– Como se sente? – pergunto. – Que aconteceu? O seu senhorio disse que...

– Estou bem – acena ele. – Fui eu que lhe pedi para dizer a quem me procurasse que tinha morrido. Pareceu-me mais seguro naquela ocasião. Depois fugi de Lisboa. Acabei de voltar agora.

«Meu Deus», penso, «será que também Judas voltará dos mortos? Ou será esperar demasiado?».

Simão aceita a *matza* seca que lhe ofereço com uma vénia graciosa.

– Meu tio não é o único membro do grupo que morreu – digo. – Sansão também.

– Já sei. Tinha estado na minha loja. Disse-lhe para ficar, para se esconder comigo. Mas ele queria voltar para junto de Rana e do menino. Foi apanhado a menos de cinquenta passos da porta... não podia escapar com toda aquela população dos cristãos por toda a parte.

O meu corpo parece ausente. Procuo uma maneira de o ludibriar, mas o que me sai da boca é apenas a verdade:

– Diego e Frei Carlos escaparam. E agora Dom Afonso Verdinho voltou para Lisboa.

Simão assente, sorri fugazmente como se não me tivesse ouvido e estivesse apenas a ser cortês. Estamos sentados um em frente ao

outro. Cinfa murmura para si própria qualquer coisa sobre afazeres, para me dar a entender que não tem estado a ouvir a nossa conversa. O meu olhar irritado força-a a escapar-se para o pátio. Na face de Simão desenha-se um sorriso tenso que mais parece obra de um iluminista sem talento.

– O que é que tem tanta graça? – pergunto.

– Nada.

– Está ferido – digo, apontando para a sua testa. – Alguém lhe bateu?

Simão leva a mão à crosta, explica-me que tropeçou numa carreta quando se escondia na loja de um estofador, ri-se mostrando-me mais feridas no joelho. Depois põe-se a contar uma graça estúpida sobre um cão que mijou numa perna falsa que ele experimentou em tempos, ri-se e pisca os olhos; continua a rir-se. Os olhos movem-se nervosamente em torno da cozinha quando o silêncio acaba por se impor às suas palavras.

Na sua mágoa decidira tornar-se o bobo da corte de um Deus tirano.

– Estamos sem vinho – digo-lhe. – Só se quiser aguardente. Temos ali um pouco de incenso de Goa que ainda escapou e que pode...

– Não, não. Estou bem.

Farid entra; aninha-se perto de mim. Responde ao sorriso de Simão com um aceno desconcertado, interrogativo. Não tendo recebido qualquer resposta, meu amigo comenta com os seus gestos:

– É como um jasmim fanado que floresce antes de morrer.

Mais para dissipar o seu falso contentamento do que por qualquer outra razão, conto a Simão o que se passa com minha mãe e com tia Ester e o desaparecimento de Judas e de Samir. Ele abana a cabeça como se tivesse já ouvido as minhas novas. Para experimentar as suas reações, digo-lhe:

– Achei uma conta de rosário perto do corpo de meu tio. Estou convencido de que foi Frei Carlos quem o matou.

– Frei Carlos? Mas que razões poderia ele ter para matar Mestre Abraão? – pergunta ele.

– Tiveram uma discussão sobre um manuscrito que o frade não queria dar a meu tio – replico.

Simão sorri como se condescendesse comigo; passeia os dedos como uma aranha por cima da mesa.

– Então, que é que me diz? – pergunto em tom irritado.

– Que queres que te diga? Acho que é um absurdo. Mas, se é nisso que queres acreditar, quem serei eu para te desfazer a ilusão? Estou cansado de procurar a verdade. As ilusões são maravilhosas. Todos deveríamos ser abençoados com um jardim de ilusões em flor; é muito mais fácil viver desse modo.

Cinfa volta para dentro. Aconchega-se nos braços de Farid.

– Não debes dar-me atenção – diz Simão com um suspiro. – Não passo de um velho louco que já não tem muita coragem. Mas em honra de Mestre Abraão vou tentar encarar a verdade, se quiseres. Diz-me uma coisa, achas que ele foi morto por alguém que o conhecia... por um cristão-novo?

Parece que os seus olhos inquisitivos quase o desejam, como se meu tio pudesse preferir a morte pela mão de um judeu a ser assassinado por um seguidor do Nazareno.

– É muito provável – respondo.

Quando lhe falo no cutelo de *shohet* e no que nos roubaram, Simão morde os lábios. Olha furtivamente para Cinfa até eu perceber a sua intenção. Peço à menina que vá à loja buscar alguns frutos que tenham escapado para o nosso hóspede.

– Já percebi – diz ela agitadamente. – Mas lembra-te de que ele também era meu tio! – Fixa os olhos em mim. – Vou buscar fruta para ajudar o Farid a ficar bom. Mas não é por tu me teres pedido!

Quando estendo as mãos, ela desvia-se e sai a correr.

– Não sei que faça com ela – confesso. – Num instante tem medo de mim; instantes depois já...

– O tempo encarrega-se disso – diz Simão com um sorriso.

– Você já me parece Dom Afonso Verdinho.

– Ah, é verdade, quando é que ele voltou?

– Acabou de chegar – digo eu. – É curioso, não é?

– Que queres dizer? Também achas que ele pode ter sido...

– É possível.

– Conta-me o resto sobre a partida de Mestre Abraão daqui da Esfera Terrena.

Num tom que caminha um passo adiante da emoção, descrevo a Simão como encontrei meu tio e a rapariga, a posição dos corpos, os golpes no pescoço. Como resposta, sorri, mas os lábios tremem-lhe, como se dentro dele se travasse uma batalha pelas suas emoções. Interrompendo-me abruptamente, diz-me num tom

instante:

– E não havia mais nada de invulgar no corpo de teu tio?

O meu coração começa a bater a um ritmo que soletra as palavras «fio de seda», mas limito-me a dizer:

– Como por exemplo...?

– Semente branca – conclui Simão num murmúrio, usando o termo cabalista para sémen, e encolhendo os ombros como que a rejeitar as suas palavras.

– Como é que ele...? – Com um gesto da mão suspende a minha pergunta.

– Em Sevilha, fui denunciado por um membro da comunidade judaica. Nunca vim a saber quem foi. Os inquisidores não dizem isso aos presos, é claro. Eu bem neguei, mas eles meteram-me dentro na mesma. Essas marcas no pescoço de teu tio eram feridas. Já vi o mesmo noutras ocasiões. Quando enforcam ou quando garrotam alguém. – Põe os olhos no chão, o sorriso esvai-se; limpa os olhos à manga da camisa. – O sémen aparece como uma reação do corpo ao aperto da garganta e da traqueia – continua. – Não é em todos os casos. Mas acontece. Tenho cá na ideia que, quando Deus se aproxima para recolher os justos, a felicidade sobe. Há um orgasmo. Talvez o próprio Deus tenha um orgasmo nesse preciso momento. O teu tio devia saber isso. De qualquer modo, a vítima vê-se em face do Criador no momento em que o êxtase aumenta para vencer a dor. Como Mestre dos Nomes de Deus, o teu tio deve ter alcançado sem dúvida um poderoso orgasmo quase de imediato.

– Quer dizer-me que primeiro o enforcaram? Mas não havia nenhuma corda, nem...

– Ou garrotado, ou até estrangulado. Com uma corda ou com as mãos. E...

– Foi com um rosário – interrompo. – Não estava a mentir quando falei na conta do rosário que achei.

– E então o teu *shohet* cortou-lhe a garganta – continua Simão. – Como que por hábito. Ou para ter a certeza. Nunca se pode estar completamente seguro com um cabalista daquela envergadura. Há maneiras de...

– Tinha de ser alguém – dizem os gestos de Farid – que ele deixasse aproximar-se o bastante para o poder atingir. Zorobabel... quem quer que seja, deve ter vindo cá.

Como pretendia manter o segredo sobre a minha descoberta de

que um dos passadores que trabalhavam para meu tio devia estar implicado na morte, refreei o impulso de traduzir para Simão esta última frase. Solta uma gargalhada.

– Um homem como eu, quer dizer o Farid.

A hesitação de gamo que Simão exibira desaparecera completamente para dar lugar a esta sua nova personalidade.

– Isso mesmo – digo. – Como você.

– Berequias, não me vou sequer defender. O teu tio resgatou-me da morte cristã. Mais depressa me mataria a mim do que...

– E no entanto encontrámos uma coisa que talvez lhe pertença – digo.

– O quê?

– Passe-me uma das suas luvas e já lhe digo.

Encolhe os ombros como se acedesse a uma extravagância, saca a luva rasgada e estende-a. Meto a mão na bolsa e retiro o fio de seda. São semelhantes: a mesma seda preta, sem o mínimo matiz de diferença.

– Estava preso numa das unhas de meu tio. É seu.

Depois de examinar o fio, Simão apoia-se na mesa para se levantar, lançando-me um sorriso de simpatia.

– Pode ser que seja o mesmo, não sou um entendido. Mas podia ter sido obtido na minha loja, ou em qualquer uma das muitas lojas da Pequena Jerusalém. Mas tenho a certeza de que te perguntas como é que as minhas luvas se rasgaram. – E, vendo o meu aceno de assentimento, prossegue num tom melancólico: – Quando andamos numa só perna, temos uma certa tendência para cair. Quando caímos na pedra, a seda rasga-se. É um material maravilhoso, este tecido que os bichos fazem, mas quando o tecem para fazer casulos não adivinham a parvoíce dos homens.

Pega nas muletas e enfia as almofadas de couro debaixo dos braços. A vergonha que sinto de assim atormentar um homem estimado de meu tio mistura-se com o perverso desejo de prosseguir o meu assédio até ter arrancado da sua alma a mínima possibilidade de felicidade.

– Simão – digo –, vivemos num tempo de máscaras. E na realidade não sei o que se esconde debaixo da sua. Assim como você não sabe o que a minha esconde. Tanto quanto sei, o homem que você realmente é deve estar agora a dar-se palmadinhas nas costas por me ter enganado.

– A minha velha máscara – diz ele, ajustando as muletas com

um pequeno salto – há muito tempo que ardeu na pira que queimou a minha mulher. A nova... não faço sequer ideia com o que ela se parece. – Põe a luva com um ar resignado. – Talvez tenha tido uma terrível contenda com teu tio numa altura em que ninguém estava a ver. Era isso que um inquisidor haveria de presumir. Mas será que te tornaste isso? Um místico judeu transformado em inquisidor?! – Sobe-lhe das entranhas um riso amargo. – Não serias o primeiro, pois não? Tudo é possível em Portugal e Espanha. Abençoadas terras de milagres!

Será isto a cínica defesa dos cansados da vida ou a impostura de um assassino?

– Sabe quem passava para o estrangeiro os livros de meu tio? – pergunto. E, quando ele abana a cabeça, continuo: – Nem tem nenhuma ideia?

– Nenhuma. Tornei-me muito habilidoso em não pensar certos pensamentos. De facto, não pensar é um talento especial que desenvolvemos em Castela e na Andaluzia. Se lá fores um dia vais ver como isso é apreciado nos bons cidadãos dessas negregadas províncias.

Desenrolo o desenho do miúdo que tentou vender a última *Haggada* de meu tio à senhora Tamara.

– Conhece-o?

– Não que me lembre – replica.

– E *Tu Bisvat*?

– Que é isso?

– Não é «isso». É um homem de Constantinopla que assina com este nome... e que recebia os manuscritos que meu tio fazia passar a fronteira.

– Deve haver uma centena de cabalistas em Constantinopla – diz Simão, abanando a cabeça. – Esse tal *Tu Bisvat* pode ser um deles. Mestre Abraão dizia-nos que era melhor não nos metermos nessas suas atividades. E nós respeitávamos a sua vontade. Tal como tu, meu caro Berequias.

Quando, mais uma vez, exhibe o seu sorriso lastimoso, a vontade de lhe dar uma estalada queima-me o peito.

– E *Aman*? – pergunto asperamente.

– Que é que tem?

– Alguma vez meu tio lhe disse que rosto tinha dado a *Aman* na sua última *Haggada*?

Simão abana a cabeça e caminha apoiado nas muletas em

direção à porta. Volta-se para mim com a mão a proteger-lhe os olhos. O bobo tinha desaparecido; tinha agora o olhar vazio de um homem cujas esperanças se tinham desvanecido. Numa voz veemente, murmurava:

– Berequias, vim cá dizer-te uma coisa. Há um fidalgo espanhol que está alojado no Palácio dos Estaús que anda por aí a procurar livros hebraicos, em especial manuscritos com iluminuras. No *Shabat* antes da morte de teu tio, fui abordado a ver se tinha algum para vender. Não sei onde é que soube o meu nome. Não me quis dizer. Desconfia de todos nós se quiseres. Mas desconfia sobretudo dele. Podes sentir-te tentado a vender alguns dos livros de teu tio para arranjar dinheiro para pagar as peitas para sair de Portugal. Mas não tenho confiança neste homem.

– E o nome dele?

– Intitula-se conde, conde de Almira, mas cá para mim é mentira.

Depois de ter explicado a Simão e a Farid que se tratava nem mais nem menos do que o homem que levou Diego para o hospital quando o apedrejaram, ambos insistiram em me acompanhar para falar com ele. Caminhamos em silêncio, lentamente, de modo a que Simão possa acompanhar o nosso passo com as suas muletas. Tudo o que agora resta dos motins são os olhares astutos dos cristãos; suspeitosos, como quem marca o território, dizem-nos que não somos como eles. Como se não o soubéssemos já. Começam então com os seus murmúrios e desviam os olhos de nós como se fôssemos mortos-vivos. Como se não o soubéssemos já, também.

Ao entrarmos na sombra inclinada da manhã projetada pelas duas torres sineiras da Sé, Farid assinala-me que somos seguidos por um homem.

– Desde que saímos – revelam os seus gestos. – É um homem dos países do Norte. Mas não olhes agora.

Recomeçamos a caminhar, descendo em direção à Igreja da Madalena rumo à Pequena Jerusalém. Aqui, mais do que caminhar, torneamos os bolos secos de excrementos atirados para a rua pelos cristãos. Ao longo da calçada, desenham-se linhas acastanhadas sinuosas e apagadas, rastros sangrentos deixados pelos corpos dos judeus arrastados para as fogueiras. Zumbem moscas à nossa volta, enfiam-se nas nossas narinas, pousam nos

nossos olhos. Porém, os meus pensamentos continuam presos ao homem do Norte que nos segue. É como se uma corda invisível nos ligasse e me puxasse para trás pelos ombros. Ao passar na antiga escola, dou uma olhadela. O nosso perseguidor caminha em passadas largas junto às carretas de peixe seco. É o mesmo gigante loiro que avistei à porta da casa de Diego, estou certo disso.

Será ele o *Maimon Branco de Duas Bocas*, como parece indicar o seu aspeto pálido?

Tomo Simão pelo braço; falo-lhe nessa sombra que nos persegue.

– Deve andar atrás de mim – observo. – Talvez alguma coisa que eu saiba sobre a morte de meu tio... sobre a trama para o matar. É melhor separar-se de mim.

Simão fita-me com um sorriso de aquiescência; deixara de se opor ao destino.

– Não era melhor fazer-lhe frente? – observa Farid. – Somos três contra um.

– Não me parece boa ideia – digo, apontando as muletas de Simão com um aceno. – Sozinho, posso despistá-lo nos becos da Pequena Jerusalém. Ele não é de cá. Nem sabe por onde anda. Vou ter com vocês ao Palácio dos Estaús. Esperem lá por mim.

Fazem um aceno de acordo e continuam em direção ao Rossio. Eu volto-me para o nosso espia para me assegurar de que me vê, depois atalho pelas lojas de passamanaria rumo ao antigo hospital judeu. Com um pulo, escondo-me no limiar da porta da Estalagem dos Dois Irmãos. Daqui posso passar por uma viela das traseiras para a Rua da Ferraria. Enquanto estou assim com as costas pregadas à porta, observo uma revoada de borboletas cor de creme a voltear para poisar nos excrementos recentes de cavalo. O homem do Norte estaca de repente no cruzamento adiante. Tira o chapéu, enquanto me fita. É alto, de maçãs do rosto proeminentes e olhos traiçoeiros. Passa a mão pelas mechas da frente do cabelo oleoso e volta a pôr o chapéu. Mas o seu primeiro movimento é errado; passa por mim e prossegue em direção a Farid e Simão.

Sinto nas entranhas insinuar-se o gelo do meu erro. Deslizo para fora, silencioso como um gato. O perseguidor, no entanto, lança-me um olhar direto por cima do ombro, como se fosse dotado dos poderes de um bruxo. Fita-me com um olhar

determinado e depois desata a correr. Corro atrás dele. Cai-lhe o chapéu. Um lampejo cintilante passa-lhe para o punho cerrado no momento em que retira algo da capa. Farid também pressentiu o perigo. Uns cem passos ao cimo da rua, vejo-o fazer sinais frenéticos a Simão. Arremetem pela Porta Setentrional da Pequena Jerusalém, através da sombra recortada pela cúpula da Igreja de São Nicolau. O andar manquejante de Simão torna-se desajeitado, desesperado.

– Corra, Simão! – grito. Mas é impossível. Volta-se, larga uma das muletas. Vejo-o como que através de um tempo com a textura do mel: o rosto abrindo-se no momento em que o nosso perseguidor se atira a ele; o seu derradeiro apoio escapando-se-lhe, o corpo embatendo numa parede. Farid ajoelha-se junto dele, e o assassino louro escapa-se correndo com a capa drapejando atrás de si.

Capítulo XVI

Simão não consegue falar. Ou talvez já não valha a pena. Repousa nos braços de Farid e despede-se do mundo com os olhos. Uma adaga com um punho de ébano enfiada nas costelas separa-lhe agora o corpo da alma. Por sinais, digo a Farid:

– Mais um que não verá o *Shabat* de hoje à noite.

A mão esquerda de Simão segura o punho da adaga.

– Tira-a! – geme ele. Farid puxa-a para fora. Como vinho que se escapasse de um batoque, o sangue jorra sobre nós. O velho iniciado solta um suspiro de alívio. – Obrigado – murmura. Farid empunha a lâmina enquanto mete o braço por baixo da cabeça de Simão a servir-lhe de almofada.

– Aguçada – dizem os seus sinais. Aceno a confirmar a observação; a lâmina dos *shohet* é tradicionalmente quadrada na ponta, mas esta arma está cuidadosamente afiada.

– Desculpe ter suspeitado de si – murmuro em hebraico para Simão. – Devia ter...

Ele acena, como quem afasta a necessidade de falar em remorsos, e deixa poisar a sua mão delicada no meu braço. Olha para o céu e sussurra orações. Reconheço nomes de Deus, depois os da sua família desaparecida.

– Graça – desenham os seus lábios.

Os dedos de Simão afagam o meu braço como se me consolasse. No instante em que a sua alma parte, ouve-se um gorgolhar no seu peito e um estremecimento percorre-lhe as mãos como um bater de asas. Delicadamente, fecho-lhe as pálpebras.

É seguramente um pecado para um homem como eu ver-se como sendo um profeta, ainda que por um instante. No entanto, aponho os meus lábios em Simão, os meus olhos nos seus olhos, as minhas mãos nas suas mãos. Deixo-me cair sobre ele como Eliseu sobre o filho morto da Sunamita. Depois, inserindo o polegar e o indicador na sua boca, mantenho-a aberta ao meu

sopro. Insuflo-lhe vida com a minha vida por sete vezes. Uma dor no ombro desce por mim em vagas enquanto os meus pulmões se esvaziam para dentro dele. Farid puxa-me para trás. Os seus olhos denotam desagrado, porém, beija-me na testa.

– Basta – dizem os seus gestos.

Quando olho para Simão, perpassa um ligeiro movimento pelos seus cabelos tal a carícia de um anjo.

– Estás a ver?! – digo em voz alta.

– Está morto! – replica Farid com gestos enérgicos. – Nunca mais acordará.

Puxa-me para os seus braços. O bater do seu coração cresce dentro de mim. A tepidez encerra-me na escuridão atrás das minhas pálpebras.

Esperamos juntos. Choro por momentos. Depois a morte de Simão seca nos meus pensamentos, revela-me a realidade de Lisboa. À nossa volta fecha-se um círculo de gente, todo curiosidade e cochichos, pois não há nada que fascine tanto os cristãos como o infortúnio dos judeus. Olho para o fundo da rua, faço sinal a Farid que não demoro. Recupero o chapéu do assassino. Um rapazito sem camisa, com o mesmo olhar inocente de Judas, veio entregar-mo.

Volto para junto de Farid e comunico-lhe:

– Vou ver que caminho ele tomou. Podes fazer frente a estes filisteus sozinho?

Acena que sim. Como se fosse empurrado de algum cimo gelado, saio a correr. À entrada do Largo do Rossio, paro, paralisado pela convulsa confluência de homens e mulheres, carruagens e cavalos. A ridícula vida do largo escondeu-mo. Um velho barbeiro num gibão esfarrapado chama-me numa voz preguiçosa com sotaque algarvio:

– O senhor parece um pouco desmazelado. Não quer fazer a barba e cortar o cabelo? Estas mãos são tão ligeiras que era capaz de roubar a cor a um morcego.

– Não viu um estrangeiro loiro?! – pergunto.

– Talvez a seca acabe com o mês novo – replica. Exibe a alegre indiferença dos surdos, agarra-me a mão e tenta conduzir-me à sua cadeira. Liberto-me dele.

A mulher, a quem uma rapariguita cata as lândeas do cabelo tufado, aponta um dedo recurvo em direção à esquina a norte do largo.

– Foi para ali – indica ela.

Interrogo em vão os lojistas próximos, até que um vendedor ambulante de tapetes aponta, com modos saltitantes e efusivos, para a esquerda da Igreja de São Domingos.

Corro pela rua poeirenta que costumávamos chamar Rua da Bruxa, por lá morar uma velha megera de olhos de gato que a troco de dinheiro reparava a virgindade das mulheres. Um aguadeiro de cabelo ruivo, que se entretém a jogar cartas sozinho, boceja indicando o caminho seguido pelo homem do Norte:

– Por ali! – grita ele, apontando para oriente.

Entro na Mouraria e continuo a corrida até as casas azuis e brancas começarem a dar lugar a barracas de madeira. No ponto em que a rua acaba, deparo com os degraus de granito que conduzem, como uma fita pregueada, à grande cruz de pedra que assinala o limite inferior do Convento da Graça. Duzentos pés acima de uma encosta árida e batida fica a coroa de pedra das torres e muros que constitui o convento propriamente dito. Tinha atingido um impasse.

Vagabundos esfarrapados, de rostos sujos, falsos, mais anões do que crianças, dão pontapés numa pela de couro nas escadas. No topo, na crista da encosta, uma freira minúscula, a mais raquítica de entre todo o lixo religioso da sua espécie, invetiva-os aos guinchos com um sotaque galego:

– Xôô! Fora daqui, bando de ratos! Haveis de arder no Inferno antes de ter tempo de pedir perdão a Deus!

Aparentemente, o desrespeitoso objetivo do jogo dos rapazes é acertar em cheio na sua adorada cruz de pedra.

Ao dar pela minha presença, um rapaz escanzelado de olhos esverdeados grita para ela num tom de desafio:

– Vai-te foder, vaca!

Os rapazelhos riem-se. A freira continua a guinchar:

– Os vossos pecados hão de levar-vos a casar com barregãs do Diabo! E os vossos filhos hão de todos nascer sem olhos e surdos, com cornos e rabo. E haveis de...

Parece ser uma litania que tem de memória, com que responde dia após dia àquela tortura. Talvez seja esse o seu penar. Agarro a bola que me passa perto.

– Eh, atira isso! – gritam os catraios, as faces tumefactas e furiosas.

– Então digam-me se viram um estrangeiro – replico.

– Por aqui não há estrangeiros coisa nenhuma. Atira mas é a merda da bola!

– Um homem de cabelo loiro pelos ombros. De capa com...

– Subiu pela encosta acima como uma aranha – diz um deles, apontando um dedo curto e sujo.

Dou um pontapé na bola visando a cruz. Falha por pouco. Os miúdos festejam, depois correm atrás dela aos gritos, enquanto a bola rola pelo penhasco abaixo.

No topo da colina, ofegante, deparo com os contrafortes do Convento da Graça, como se me visse perante as Portas do Mistério. No lado fronteiro da rua há uma feira. Interrogo os tripeiros e mercadores de peneiras, vendedores de pentes, gaioleiros, e até uma família de corcundas castelhanos que vão em peregrinação a Santiago, mas ninguém o viu. Como último recurso, lá me atrevo a aproximar-me da freira vociferante. Tem um dente acastanhado espetado como uma adaga podre no lábio inferior, pálpebras como ameixas e um nariz cheio de escaras. Faz uma pausa na sua ladainha, suficiente para exclamar num tom de sábio conselho:

– Procura Deus, não estrangeiros. – Quando repito o que o miúdo vadio lhe mandou fazer, desata aos guinchos como um papagaio brasileiro.

De volta à Pequena Jerusalém, discuto com Farid o que havemos de fazer do corpo de Simão. Desgraçadamente, não sabemos ao certo onde fica a casa dele. A partir das suas descrições ocasionais das vistas sobre o Tejo, sempre pensámos que morava nas escarpas encimadas pela Igreja de Santa Catarina fora das portas, a ocidente da cidade. Pedimos pois um carro de mão a uma amiga de minha tia, e começamos a transportar o corpo ao sol da tarde.

As pessoas observam-nos quando passamos? Não sei; um mundo interior de perguntas e remorsos serve-me de refúgio. Farid conduz-nos. Tudo o que sinto é a penosa subida da colina, uma vaga, incómoda sensação de calor e suor, sol e poeira. Desperto apenas para os alvos ângulos estridentes de Lisboa quando se ouve gritar o nome de Simão. Para oriente, a torre sineira de Santa Catarina parece trespassar o céu azul. Uma mulher robusta, de rosto sombrio, com um lenço branco pela cabeça, corre para nós aos berros. Detém-se horrorizada à vista do

sangue nas roupas de Simão. Ajoelha-se aos vômitos. É a irmã mais velha da mulher de Simão, diz-me uma velhota. Aponta para uma casa a cair:

– Moram no segundo andar.

O meu sentimento de desesperança afunda-se e parece fazer-me desaparecer da cena. A mulher que vivia com Simão é magra, de pele escura, e mostra uma elegância natural e precisa quando nos convida a entrar, revelando um perfil inesperadamente decidido em alguém tão jovem. Possui um olhar inteligente; veste uma túnica larga cor-de-rosa pálida. Emana uma dignidade que me faz pensar em Reza. Mas é ainda quase uma rapariga.

– Esta é a Graça, a mulher de Simão – diz-nos a irmã.

Graça corre para a janela para ver Simão quando lhe conto o que lhe aconteceu. As suas mãos agarram-se ao parapeito. Os uivos tornam-se quase animais na sua intensidade, como se estivesse a chamar o seu filhote perdido numa linguagem saída das tripas.

Agarra o ventre, e num momento de desespero profundo compreendo que está grávida. Assim que as primeiras vagas de horror diminuem, digo-lhe:

– Foi o seu o derradeiro nome que os lábios dele desenharam.

Descemos para a rua. As pessoas afastam-se. Graça deixa-se cair de joelhos e afaga o rosto de Simão. Consola-o a falar-lhe de Cristo e da criança por nascer. Compreendo então o que devia ser evidente: era cristã-velha. Com uma energia desesperada, protetora, a irmã de Graça afasta-a, empurrando-a para Farid e para mim.

– Conta-nos todos os pormenores da morte de Simão! – pede ela.

Com uma voz que parece pertencer a outra pessoa, explico o que se passou; Berequias tinha-se escondido no fundo da couraça do meu corpo. Graça é incapaz de falar. A sua boca fica aberta, os olhos revelam um desespero cavo. A irmã pergunta, cerrando os punhos:

– Aonde havemos de ir pedir justiça?

– Quando encontrar aquele estrangeiro – digo, abanando a cabeça –, logo lho direi.

Farid e eu estamos cobertos de sangue. Vizinhos amigáveis ajudam-nos a limparmo-nos, dão-nos camisas lavadas e bolsas, queijo e vinho. Demasiado fracos para recusar, aceitamos as

ofertas. Entorpecidos pela bebida, com o passo balançado, descemos para o centro de Lisboa como quem abandona uma paisagem bíblica.

Depois de termos devolvido o carro de mão, vagueamos como espectros pela Pequena Jerusalém. Em frente da tinturaria onde dantes era o nosso tribunal judaico, comecei a soletrar com os meus passos «Abraão». Depois «Judas». Farid, ao fim de algum tempo, começa a ficar inquieto. Detém-se, volta-se para oriente como um catavento.

– Vamos para casa – acena ele.

Volto-me para oeste para seguir a descida do sol sobre esta cidade maldita. Esta noite, uma semana depois do começo da Páscoa, deveríamos escutar o *Zohar* até à madrugada com as nossas leituras. Mas já não temos nenhuma cópia do texto sagrado. E ainda que tivéssemos...

– Não, para casa não! – grito na minha voz avinhada. Continuo em passadas arrastadas até ficar em cima das manchas do sangue de Simão na calçada da Pequena Jerusalém. – Ainda não há muito, estas crostas castanhas corriam no corpo dele – dizem os meus gestos para Farid. Abana a cabeça, a confirmar o que lhe parece evidente. Mas eu não consigo simplesmente acreditar nisso e recordo o dia de trás para a frente, como quem lê um texto às avessas. A advertência de Simão sobre o conde de Almira soa-me aos ouvidos como se acompanhada pela cadência de pandeiretas mouriscas.

– Voltemos para Alfama – pedem as mãos de Farid. – Temos de arranjar maneira de falar com Diego... avisá-lo de que o homem do Norte o mata de certeza se o conseguir encontrar.

– Não, Diego não vai aparecer perto de casa e nós também não vamos conseguir localizá-lo. Vamos para o Palácio dos Estaus. – Ele abana a cabeça e eu tomo-o pelo braço. – Preciso que venhas comigo. Escusas de protestar.

Quando Farid e eu chegamos ao Rossio, as cinzas e lascas de lenha das fogueiras onde queimaram os judeus rodopiam em torno de nós. A princípio parece ser o único vestígio que resta da montanha dos pecados cristãos e eu penso: «Os nossos mortos moram agora apenas na nossa memória.» Farid, no entanto, repara que não é bem assim.

– Olha! – Aponta com o pé uma fenda entre as pedras. Dentes humanos. Deve haver milhares deles espalhados por todo o largo,

enfiados nas rachas da calçada. Apercebo-me então de que por toda a parte se veem mulheres e crianças ajoelhadas a apanhar estes restos, como se fosse a época das colheitas. Sem dúvida devem querer guardá-los como talismãs contra a peste.

Em frente de nós, na borda a nordeste do largo, um regimento de soldados do rei rodeia a Igreja de São Domingos, formando um semicírculo diante da entrada. Atrás deles, vê-se uma fila de cavaleiros, ao todo talvez uns vinte.

– Deve ter havido um acordo qualquer entre o governador e a hierarquia dos dominicanos para poderem ficar em Lisboa – comenta por gestos Farid.

– Quando a matança acaba, a Coroa manda as tropas – replico.
– É um grande conforto saber que ele nos apoia com tanta coragem, não achas?

Enquanto caminhamos, observamos a atitude respeitosa do povo da cidade, o mesmo povo que um dia ou dois antes era capaz de exigir a cabeça do rei. «Esta passividade está profundamente entranhada nas almas dos cristãos portugueses», penso. «Nunca nenhuma revolta há de aqui ter sucesso.»

Uma velhota de olhar astuto à procura de meter conversa, como é costume das pessoas perante a autoridade real, detém-nos e diz:

– Dois dos frades dominicanos foram presos. Não terrível?

– Que a tua alma amaldiçoada vagueie para sempre pela Esfera Terrena! – entoo eu, passando o dedo médio por cima dela.

E, vendo o desdém que os seus olhos cristãos me manifestam, cuspo-lhe aos pés. Apressamos o passo. Em frente do portão do Palácio dos Estaus, deparamos com dois besteiros corpulentos ladeando um porteiro todo ataviado, com uma pena no gorro. Atrás do gradeado do portão, à sombra de um laranjal, veem-se três coches. Um deles, pintado a dourado, é o veículo do dia em que Diego foi ferido.

– O conde de Almira há de receber-me – digo ao porteiro. – Por favor, informai-o de que Pedro Zarco está aqui.

– Tendes alguma correspondência para o efeito? – pergunta, a face contorcida como se tivesse cheirado alguma coisa podre.

Apercebo-me então de que devemos ter o aspeto de vilãos regressados de um dia de labor nos campos.

– Não tenho cartas, mas ele há de querer ver-me.

Como me olha de alto a baixo, seguro o chapéu cor de ametista

do homem do Norte contra o peito e exibo uma pose de superioridade de um proprietário rural enfadado com a má-criação de um criado. Volto-me para Farid e resmungo qualquer coisa no meu melhor sotaque castelhano sobre um anunciado banquete com um amigo fictício chamado Diaz; os castelhanos irritam, mas impressionam os portugueses, especialmente quando se podem dar ao luxo de ter criados. O meu esforço parece forçado, mas pelo canto do olho apercebo-me de que o porteiro passa o recado a um criado de dentro. Esperamos sob o sol monstruoso de Lisboa, observando os lagartos a deslizar por entre as falhas da calçada. Farid lança um olhar saudosos para oriente sobre os telhados da Mouraria.

– Depois de sairmos daqui, vamos outra vez à oficina do ferreiro perguntar por Samir – digo-lhe por sinais. – Talvez encontremos alguém que saiba alguma coisa.

Um criado só com uma mão dirige-se a mim:

– Venho escotar o senhor Zarco até aos aposentos do senhor conde – diz ele.

– Anda – digo a Farid, e juntos atravessamos o portão.

Dentro do palácio, combinam-se o cheiro de mofo e de âmbar. Atravessamos um átrio pavimentado com mosaicos a imitar um tapete persa. As paredes são caiadas e não damos três passos sem que surja um nicho côncavo. No centro de cada nicho vê-se um pedestal suportando um grande jarro azul enfeitado com rosas vermelhas e brancas.

Por cima das nossas cabeças, os tetos abobadados estão pintados com arabescos dourados e brancos a servir de fundo aos desenhos finamente executados de pegas, poupas, rouxinóis e outros pássaros comuns. Não faço ideia do que pensará o criado dos movimentos floreados das nossas mãos enquanto eu e Farid desfiamos os nomes locais das várias espécies de aves. Os seus olhos denotam apenas um interesse passageiro.

Dentro de uma imensa gaiola de rede ao fundo da entrada vê-se uma árvore contorcida. Quando nos aproximamos apercebemo-nos de que em torno dela voejam, como setas de amarelo, laranja e negro, tentilhões da Índia portuguesa e de África que nela têm ninho. Aponto para o monte de excrementos esbranquiçados com que eles desfeiam a beleza da exposição. Mostrando ter percebido a minha observação e considerando-a um caso perdido, Farid limita-se a replicar com os seus gestos:

- Até um rei pode entender alguma coisa da beleza.
- Se assim fosse, então não os metia em gaiolas – digo.
- Para um rei, liberdade e beleza nunca andam juntas! – responde avisadamente o meu amigo.

Os aposentos do conde ficam no segundo andar. A antecâmara está pavimentada num padrão em xadrez. No centro da sala está uma mesa de mármore cor-de-rosa, rodeada por quatro cadeiras decoradas com as esferas armilares do rei. Somos convidados a sentarmo-nos, mas na parede à direita da entrada avistamos um tríptico perturbante que atrai a nossa atenção. Representa um santo barbudo, prostrado, esmolando numa cidade em ruínas e povoada por padres com cabeça de rato e todo o género de esfinges. Com um sorriso disfarçado, Farid comenta:

– Alguém que conhece bem Lisboa.

De súbito, a porta que dá para os quartos de dentro abre-se.

– Ah, vejo que gostam da minha pinturazita – diz o conde em castelhano. Franze os lábios como quem espera uma resposta interessante. O nariz recurvo e o cabelo negro espesso dão-lhe o perfil astuto, esperto, de um asceta, e também um ar enganadoramente jovem.

– Ainda não sei dizer se me agrada ou não – respondo. – Mas não há dúvida de que o artista tem talento.

– Gosto das pessoas que não se decidem depressa de mais. Correm menos riscos de ser aldrabadas, não é?

– Não estou interessado em regateá-lo – digo.

Ri-se com boa disposição. Não mostra sinais de me ter reconhecido do nosso anterior encontro. Inclina-se para o painel principal do tríptico depois de ter despedido o guarda com um aceno impercetível.

– É terrível o que os santos têm de passar – diz ele. – Não vale a pena, acho eu. É de um flamengo chamado Bosch. El-Rei Dom Manuel recebeu-o de presente, mas, como o detesta, manda-o pendurar aqui quando venho a Lisboa. – Faz estalar os lábios. – Sempre gostámos dos restos do rei.

Faz um gesto a convidar-nos a entrar na sala de estar, como alguém mais velho que convidasse a juventude para a prudência. Os dois anéis de esmeralda que coroam o indicador e o médio da mão direita parecem de súbito mergulhados num halo sagrado.

No interior, a rapariga do coche está em pé junto da janela fechada da parede oposta, com uma mão atrás das costas. Usa

uma gona de seda de cor creme encimada por uma gargantilha de renda e uma gola franzida. Uma crespina violeta repuxa para trás os cabelos formando um cone cingido de filigrana de prata. O seu rosto pálido e suave, curiosamente ameninado, desenha-se em torno de uns olhos inquiridores. Talvez impelida pelo meu olhar de afetuosa simpatia, exhibe o braço escondido. É pequeno, tosco e grosso, apenas lhe chegando à cintura. Um estremecimento dos dedos minúsculos, que agarram as pérolas, revela a sua profunda hesitação; mas, quanto mais longamente a fito, mais se define a sua expressão enternecida. Adivinho que gostaria de passar a ponta dos dedos pelos meus lábios.

– Minha filha Joana – diz o conde.

Com um misto de gratidão e de desejo, penso: «Louvado seja Deus por não ser mulher dele.» Faço uma vénia e declino o meu nome. Estendo o braço para Farid e apresento-o.

– É surdo e não pode falar. Mas pode ler nos nossos lábios. – Farid inclina-se com uma profunda graça islâmica herdada de Samir, que se destina a recordar-nos de que somos representantes de Alá e devemos tratar-nos com a seriedade correspondente às nossas origens.

– É uma grande alegria tê-los aqui – diz o conde. – Pouparam-me uma viagem a essa Alfama pestilenta. Mas vamos instalar-nos convenientemente, está bem?

Segura a filha pelo cotovelo do braço mais comprido e condu-la através da sala como se para uma dança. Farid e eu deixamo-nos afundar numas desconfortáveis cadeiras de brocado dourado e escarlate à volta de uma mesa de mármore com embutidos. Numa bandeja de estanho vê-se um jarro de cerâmica cor-de-rosa e quatro cálices de prata. Joana serve-nos vinho. O conde estudamos com um olhar insistente. Nós os dois parecemos pouco à vontade, hesitantes, como gaivotas em terra. Farid gesticula:

– Quanto mais depressa daqui sairmos, melhor.

– Imagino que quando fazem esses gestos estão a falar um com o outro – observa o conde. Volta o corpo de lado como fazem muitas vezes as pessoas desconfiadas, fitando-me por cima do nariz com um olhar tão curioso como sobranceiro.

– Crescemos juntos e inventámos esta linguagem – explico.

– A linguagem das mãos. E por razões óbvias – diz ele, acenando a cabeça para Joana – as mãos fascinam-me. Diga-me uma coisa, soletram as palavras?

– Algumas. Mas temos um sinal para a maior parte das palavras.

– E, quando as soletram, fazem-no em português ou em hebraico?

Perante o meu silêncio, o conde esboça um sorriso manhoso. O riso de um homem que gosta de se exibir e de perseguir, confundir a sua vítima antes de... Inesperadamente, solta uma gargalhada e bate palmas.

– Vejam – diz ele. Inclina-se para a frente e coloca um objeto invisível sobre a mesa; como quem desfaz um embrulho, puxa para o lado as pontas, tal como se estivesse a descobrir alguma peça de metal precioso. Com uma vénia da cabeça e murmurando algumas palavras, cobre-se até aos ombros com um xaile imaginário. Volta-se para oriente, entoa num murmúrio apagado o início das preces vespertinas judaicas. Assim que as suas palavras se desvanecem, volta-se com uma expressão delicada pedindo paciência. Diz num castelhano sussurrado: – Deste século em diante, a representação será uma boa profissão a estudar pelos judeus. Predigo que seremos os melhores, em todos os países, em todas as línguas, até à vinda do Messias, altura em que nunca mais representaremos papel nenhum. – Sorri com os lábios franzidos e acena como quem aprova a sua própria teoria; endireita-se e atira ao ar o xaile invisível como um mágico. – Por mais lucrativos que sejam tais papéis. Por isso, perdoem esta pequena comédia. Um ator sem audiência não é nada, e eu tenho de aproveitar todas as oportunidades que se me deparam. – Faz-me um aceno, depois a Farid. – Lembro-me muito bem de vocês, de os ter visto na rua. E de seu tio, de abençoada memória, quase a ser apanhado pelos guardas reais com os seus *tefelins* à mostra. – Inclina-se sobre a mesa para me pegar na mão. – De nada serve escondermo-nos quando nos encontramos entre os nossos – observa.

– Então é cristão-novo? – pergunto, esquivando-me ao seu contacto frio e suado.

– É – responde Joana.

– E em parte não – acrescenta o conde com um encolher de ombros de quem se escusa.

Será que a rapariga respondeu por sentir que não confio no pai? Sentindo o meu fraco por ela, Farid adverte:

– Não ponhas a tua confiança em nenhum deles.

Deixo a minha mão no braço de Farid para o tranquilizar e, voltando-me para o conde, digo:

– Terá de ser mais claro ao falar comigo.

– É muito simples – diz o conde. – Somos e não somos cristãos-novos. Temos umas encantadoras cartinhas de perdão de El-Rei Dom Fernando. Louvado seja O que cria uma mancha e a remove. E conferiu-me também, como é evidente, um belo titulozinho. Como é que consegui este delicioso pedaço de poderoso nada? Pelo casamento, meu jovem amigo. Lembre-se disso quando chegar a altura de semear a sua semente. A mãe de Joana, que Deus lá tem, brotou dos ramos da árvore de uma família importantíssima. – Acena em direção à filha e ergue um dedo como quem se propõe dizer alguma verdade. – Importantíssima mas desendinheiradíssima. Foi assim, pelo dinheiro, que me tornei conde. Não me olhem como se fosse coisa de somenos. Não, senhor. De maneira nenhuma! Não sou em nada diferente do próprio rei de Castela. Todos os nobres são falsos. Olhem por baixo das suas finezas e encontram um aldeão invejoso excitado com o ver-se aninhado entre as pernas de alguma criada. E sempre a gastar de mais. Não se esqueçam disso! Eles nunca hão de aprender. É um dos modos de descobrir que não são judeus. Se forem capazes de aprender alguma coisa, então os desmiolados dos nossos frades dominicanos hão de exclamar «Ah! Temos judeu!» e fazem-no em fumo. Por isso façam um montão de dinheiro e comprem o que lhes der na gana, e nunca cuidem de aprender o que quer que seja, e então, também vocês, se poderão tornar condes! – Humedece os lábios com um gole de vinho. – Mas ao fim e ao cabo qual é o vosso negócio?

– Pai... – diz Joana – de certeza que não é necessário.

– Claro que isso é o que tu pensas, minha querida. Para uma jovem como tu, tudo, a não ser o amor, é desnecessário.

– Isso é o que em Castela consideram ter espírito – dizem os sinais de Farid. – Se calhar espera-se de nós um sorriso de admiração.

O conde volta-se para mim com as sobranceiras erguidas interrogativamente:

– Perguntei-lhe a sua profissão, senhor Zarco.

– A minha família possui uma loja de fruta. Mas eu na realidade...

– Por favor! – exclama, com um gesto de protesto. – Não me

venha com a sua família! Os laços de família são a maldição de Portugal e de Espanha. Deve pôr-se a andar... ou antes a correr para longe dela, meu caro!

Olho para Farid a pedir-lhe uma opinião sobre o que devo responder. Ele suspira e comenta:

– Está a tentar confundir-nos por qualquer motivo.

– Tem razão – digo, levantando-me.

– Tem razão o quê? – pergunta o conde, confuso.

– Diga-nos só porque é que queria comprar manuscritos a Simão Eanes – digo eu.

– Mas já lhe disse, meu filho! Maravedis, cruzados, pretos, reis! Diga-me lá se o seu coração não bate um bocadinho mais depressa ao ouvir os gloriosos nomes do dinheiro! São como os nomes de Deus. Só que nada secretos. Louvado seja O que criou o óbvio. – Inclina-se para mim, sussurra: – Talvez não devesse falar nisto, mas... o seu tio sabia-o. Oiça, meu caro, compro cá os manuscritos por uma ninharia. Vocês, pobres desgraçados, estão mortinhos por se verem livres deles. E depois vendo-os por uma fortuna em Alexandria, Salonica, Constantinopla, Veneza. Até o Papa Júlio, louvada seja a pedra da Igreja, está interessado. Não há limites para os ganhos que se podem conseguir. Até sei que tem uns quantos belos poemas escondidos. Porque não os vende? Assim já podia deixar este inferno. Até o podia ajudar. Tenho alguns bons conhecimentos entre os mercadores. Em Faro há um...

Como é que este ratoneiro, este fuinha escorregadio, saberá que meu tio tinha manuscritos hebraicos?

– É mesmo verdade? É tudo por dinheiro? – pergunto, dirigindo-me a Joana.

Ela fixa os olhos em mim com uma expressão grave e acena afirmativamente.

Então este ricaço alvar quer sugerir que meu tio andava a levar para fora de Portugal as obras de Abulafia e de Moisés de Leão apenas pelo ouro? Como se tais obras da Cabala tivessem sequer um preço na Esfera Terrena!

– É tempo de falarmos claramente – digo ao conde, como se ditasse uma ordem. – Mandou matar o meu tio?

Inclina-se para trás, ofendido, mas recupera e faz um gesto de apaziguamento.

– Claro que não. Nunca...

– Mas, se o que diz é verdade, então devia considerá-lo sem dúvida um adversário. Podia ter tentado... – A raiva aumenta à medida que me faltam as palavras.

– Então, não me quer vender nada? – pergunta ele. – Nem sequer uma *Haggada*? Um «Livro de Ester»? Ou até um...

– Pai, por favor – implora Joana.

– Nada! – digo. – E, se descubro que matou o meu tio, juro que lhe hei de cortar a garganta.

– Que emocionante ser ameaçado. Espero que me tenha dado um pouco mais de cor ao rosto.

– Você mete-me nojo – digo.

O meu pescoço queima quando me volto e avanço em direção à porta. Ouço atrás de mim uns passos que correm. A delicada mão de Joana aperta-me o pulso e ouço-a murmurar:

– Tem de encontrar a fidalga a quem meu pai chama rainha Ester! Mas seja prudente com ela!

Capítulo XVII

De perto, o perfume do cabelo de Joana era como um prolongamento invisível dos meus próprios desejos. Ela estreitou a minha mão e depois saiu a correr. De dentro da sala, chegou-me o ruído de uma estalada.

– Isto é uma coisa séria! – rosnou o pai dela. – O que é que lhe disseste?!

Voltei-me para ela, mas os seus olhos flamejaram a advertir-me de que devia partir. Fora dos portões do palácio, respirando à luz dourada do crepúsculo, repito por gestos a Farid as palavras dela. Ele responde:

– Cada nome acrescenta uma página ao nosso livro de mistérios.

– Pois é. E temos de ver a *Haggada* de meu tio para ver que página será. Agora começo a compreender. Zorobabel deve lá estar. E a rainha Ester também. E, quando os encontrarmos, estou convencido de que hão de ter o rosto dos passadores.

– Há uma coisa que tens de saber – dizem os gestos de Farid. – Este conde é o mesmo Isaac que te queria vender um manuscrito hebraico.

– O quê?!

– São uma e a mesma pessoa, Isaac de Ronda e o conde de Almira.

– Porque dizes isso?

– Porque sim. Para já, os olhos. Não os pode mudar. E alguns gestos. Deves ter reparado nas mãos finas de Isaac de Ronda. Ele diz que é um bom ator. Deve ser capaz de mudar a voz, senão tinhas dado por ela. E o disfarce é excelente. Mas não é perfeito. E por baixo de todos os seus cheiros, há um que não desaparece. Essência de cravinho.

– Aquela abençoada dor de dentes! – gesticulo. Quando Farid aquiesce, continuo: – Mas porque haveria ele de querer vender

um manuscrito numa altura e noutra comprar livros de meu tio?

– Não temos ainda versos suficientes para perceber o sistema da rima.

– Farid, vamos... temos de voltar a casa para vermos a velha *Haggada* de meu tio!

– Preciso de ficar – respondem as suas mãos, enquanto ele pede escusa inclinando a cabeça. – Agora que me sinto melhor, queria continuar a procurar meu pai. Vou ter contigo logo que possa.

Os seus dedos acariciam o meu braço com a delicadeza de uma pétala. Recordo-me de como os anjos o tinham vestido de branco e das palavras de meu tio: «Não abandones os vivos pelos mortos.» Mas ainda assim não posso impedir-me de insistir.

– Preciso da tua ajuda. Agora estamos tão perto.

– Beri, por favor, não penses só em ti – gesticula Farid.

– Em mim?! Meu tio está morto! Que queres que eu faça? Que é que todos vocês querem que eu faça?

– Não quero que faças nada, mas deixa-me ir à procura de meu pai! É melhor ires embora!

Os gestos de Farid cortam o ar entre nós. Apesar disso, livre de culpa e de medo, sigo atrás dele até casa dos seus amigos na vizinhança.

– Não demoro nada – diz ele.

Mas os seus esforços para me aplacar apenas servem para derramar ácido sobre a minha fúria.

Começamos a busca com o silêncio cravado entre nós. A única pista para o paradeiro de Samir vem de uma fabricante de anzóis desdentada que vive do lado oposto à antiga mesquita que foi confiscada. Num árabe que amalgama todas as consoantes, diz-nos ter visto Samir a rezar em cima do seu tapete azul na encosta abaixo do castelo. Teria ele parado uns instantes na sua corrida para casa a fim de pedir a Alá que poupasse o filho? A mulher aponta um dedo vermelho das cicatrizes, quase reduzido ao osso, a indicar o caminho seguido por ele. Umhas plantas poeirentas e malmequeres mirrados assinalam o local. Farid pisa-os e olha, além dos telhados da Pequena Jerusalém e do centro de Lisboa, para o Tejo.

– É largo de mais – comentam os seus gestos.

– O quê? – pergunto.

– O rio. Devíamos poder ver o outro lado. Como em Tavira ou Coimbra. Mesmo o Porto. Aqui não há intimidade. Não podemos

abraçar esta cidade. A amplidão do rio faz-nos sentir que apenas estamos de visita. Que somos todos insignificantes. É a maldição da cidade.

– Vamos continuar a busca até encontrarmos mais pistas – digo. As minhas palavras cautelosas escondem a impaciência que me consome as entranhas. «Meu tio está morto e eis que este se põe a arengar sobre abraçar rios», penso.

Os olhos negros de Farid dardejam com um brilho apagado que esconde a sua raiva. Apercebo-me de que ambos voltámos a pôr máscaras. De um para o outro. Pela primeira vez em muitos anos. Mesmo assim, a despeito de toda a desilusão oculta nas minhas faces afogueadas, sinto cair sobre mim a certeza tranquilizante de que a nossa ligação não poderá nunca romper-se. Nesse momento, e durante muitos dias desde então, por várias vezes me acudiu o pensamento de que a minha vida teria sido muito mais simples se eu tivesse sido capaz de achar satisfação física nos seus braços.

Apressamo-nos a caminho de casa, absortos nos nossos pensamentos separados. A possibilidade de o conde de Almira ter estado a fazer de nós bonifrates converte a cidade nos bastidores recortados de um palco cinzento. Seria a voz segredada de Joana, também, apenas parte de uma intriga de bonecreiro?

À entrada da nossa loja, Farid afasta-se em direção à sua casa sem sequer um gesto de despedida. Minha mãe e Cinfa estão a cuidar da fruta nas traseiras da loja. Miraculosamente, as portas que dão para a Rua da Sinagoga estão repostas nos gonzos e foram pintadas de azul-marinho. Vou a perguntar como foi, quando minha mãe diz num tom fatigado:

– Temos estado à tua espera. Estás pronto para dizer as orações?

Tem o cabelo em desalinho, os olhos modorrentos. Deve ser do extrato de meimendro.

– Daqui a um bocado – respondo.

– O *Shabat* já esperou tempo que chegue! – grita ela.

– Eu venho já!

Na cozinha, Aviboa está adormecida em cima de uma almofada. Reza está a cozer bacalhau num caldeirão de cobre.

– Esteve cá a Brites – diz ela em voz baixa. – Dei-lhe o lençol sujo que tinhas escondido no pátio.

– Deus te abençoe – digo, beijando-a no rosto. – Por acaso apareceu por cá o Rabi Losa?

- Não.
- Quem pintou as portas da loja e as pôs no sítio?
- O Bento. Pediu-me para te dizer que era parte do agradecimento por teres expulsado o *ibbur* da Gemila.
- Está bem. Olha, podes ver se acalmas a minha mãe por uns momentos?

Reza faz que sim com a cabeça. Precipitando-me para a cave, tiro a chave da *geniza* da bexiga de enguia e pego na *Haggada* de meu tio. Sento-me com ela no colo, o coração a bater como um tambor, folheio as ilustrações à procura de Zorobabel. A gravura encima a sexta página das iluminuras que prefaciam o texto. Na versão de meu tio, é um jovem de longos cabelos negros e olhos ardentes. Aparece numa atitude de justo orgulho perante o rei Dario, que tem a expressão decidida do Infante Dom Henrique, o *Navegador*. Ambos os personagens surgem diante da torre de pedra da Quinta das Amendoeiras. Zorobabel segura na mão direita o rolo da *Tora*, a essência da verdade.

Na esquerda tem a letra hebraica *Hé*, um símbolo da mulher divina, *Bina*. No indicador e no médio da mão direita brilham dois anéis de esmeralda. As pedras preciosas revelam-me a verdadeira identidade de Zorobabel; o rosto dos homens pode envelhecer, mas não as esmeraldas. Zorobabel não é outro senão o conde de Almira.

– A carruagem do sol está quase a desaparecer no horizonte – grita Reza para baixo. – Estás a fazer esperar a noiva do *Shabat* pelos seus esponsais. E hoje é a última noite da Páscoa. Anda lá!

– Ela que se case sem mim! – grito.

– Não sejas casmurro!

– Reza, tu sabes as orações, não sabes? E também tens boca. Então fá-lo tu!

– Que serpente te terá engolido a razão, Berequias Zarco? Bem sabes que não posso ser eu a conduzir as orações.

– Então diz a minha mãe – digo. – Deixa-me em paz. Por favor!

– Precisamos de um homem, meu estúpido!

É blasfemo, mas grito:

– A noiva do *Shabat* precisa da fala, não de um falo! A Cinfa que conduza, se tu tens medo.

Reza bate com a porta do alçapão. Agora reina a paz. Passo as gravuras da *Haggada* à procura da rainha Ester. O seu rosto real fita-me logo na página seguinte. A sua identidade faz bater o meu

coração apressadamente; Ester, a rainha judia que manteve secreta a sua religião e que mais tarde salvou o seu povo da ira do celerado cortesão *Aman* não é outra senão Dona Meneses! A gravura representa-a levando a *Tora* a Mardoqueu, seu pai adotivo. Sob o braço, parcialmente escondido, vê-se um manuscrito, provavelmente o *Bahir*, o «Livro da Luz», pois meu tio mostra-o com um halo brilhante. A face de Mardoqueu é de alguém que não conheço. Mas usa uma cruz bizantina, um xaile ritual judaico e um albornoz azul debruado com arabescos verdes. Será uma referência a alguém da Igreja Oriental? Um amigo judeu num reino mouro? Um dervixe turco? «Alguém que reconcilia todas as religiões da Terra Santa», ouço meu tio dizer. Para mim próprio murmuro: «Ou um homem que usa as três máscaras.»

«Talvez», penso, «seja *Tu Bisvat*».

Todos estes achados esvaziaram-me de outros pensamentos durante algum tempo. Mas compreendi então que descobertas tão importantes precisavam da confirmação dos olhos de falcão de Farid. Assim que a minha cabeça aparece de fora do alçapão, Reza diz:

– Então, Berequias Zarco, sempre ganhaste juízo?

Passo a correr por ela, desviando o olhar da cerimónia do *Shabat*. Farid está no seu quarto. De joelhos, voltado para Meca, os olhos cerrados, inclina-se para o chão como uma folha de palmeira curvada pela brisa. Os olhos, porém, mantêm-se fechados. Inclina-se de novo. Sinto-me ficar rígido de fúria, vendo como se recusa a reconhecer a minha presença com algum gesto. A palavra «traição» grava-se no meu espírito. Com o calcanhar, bato três vezes no chão, depois uma, depois mais quatro vezes. Ele senta-se. Abre uns olhos passivos. Com um gesto, peço:

– Por favor, preciso da tua visão clara.

Levanta-se, o rosto fechado numa expressão seca de fingido desinteresse. Deslizando como um espectro, segue-me até minha casa. Reza diz numa voz delicada:

– Ficas connosco agora? – Não a olho nem respondo. Enfiamo-nos na cave.

Farid dá uma olhadela a Zorobabel e comenta:

– É o conde de Almira! – Quanto à rainha Ester, não está tão seguro até lhe apontar o colar de esmeraldas e safiras que ela traz sempre ao pescoço. – É ela, é – confirmam os seus gestos.

«Uma alquimia imprevisível para meu tio», penso, «transformou

o amor destes amigos em medo. Depois em ódio e finalmente em morte». E quem poderia ser mais medroso do que os cristãos-novos? E mais odioso do que os nobres portugueses? Quem mais indicado, pois, para trair meu tio senão os nobres antigos judeus que lhe serviam de passadores dos livros hebraicos, Zorobabel e rainha Ester?

Teria alguma coisa corrido mal entre eles recentemente? *Tu Bisvat* escreveu que uma «safira» que meu tio lhe tinha enviado não tinha chegado ao destino. Talvez Dona Meneses tivesse começado a desviar os ganhos, destinados a comprar novos manuscritos. Ou talvez os juízos desassombrados de meu tio tivessem começado a constranger os métodos de negociar de Zorobabel. Teria ele começado a vender os livros noutra parte? O vil *Aman*, então, estaria retratado por meu tio na sua última *Haggada*, a que fora roubada da *geniza*, como um conde de Almira alguns anos mais velho. Era esse o rosto que meu tio procurava, e que tinha finalmente encontrado exatamente antes da ceia de Páscoa.

E, no entanto, se o conde era culpado, se tivesse querido silenciar Simão e os demais iniciados que poderiam conhecer a sua identidade então porque teria aceitado conduzir Diego ao hospital?

– Temos de encontrar a *Haggada* roubada para provarmos que o conde matou ou mandou matar meu tio – comunico por gestos a Farid.

– Como? – pergunta.

– Temos de arranjar um arдил qualquer para apanhar Dona Meneses e o conde. São eles quem a deve ter.

– Berequias! – chama Reza de súbito. – Tens aqui uma visita... Frei Carlos!

Será uma artimanha de minha mãe para me obrigar a subir?

– Diz-lhe que desça! – grito.

– Quem é? – pergunta Farid.

– O frade – respondo.

Enfio a *Haggada* e as cartas no esconderijo, fecho a tampa e meto a chave da *geniza* na bexiga de enguia. Frei Carlos desce as escadas às apalpadelas. Tem a fronte perlada de suor e a respiração é custosa, como se tivesse vindo a correr.

– O Judas? – pergunto.

– Nada. – Aproxima-se de mim, toma-me as mãos. Numa voz

trememente, diz: – Tens de me ajudar!

– É o estrangeiro? Anda atrás de si?!

– Não, não... não é isso. Mas, santo Deus... Estive a falar com os dominicanos... Devem ter invocado algum demónio para me matar. Berequias, cheguei a uma conclusão: o mal é invejoso. O Demónio quer destruir tudo o que há de bom. E a bondade de teu tio tinha tal poder que sarava tanto a Esfera Terrena como a Esfera Celeste. Se o Demónio quisesse... Acho que ele e os dominicanos mandaram outros demónios perseguir-nos. *Maimon Branco*. Gemila viu-o. Ela tinha razão!

Nos seus olhos frenéticos podia ver que a insânia de Lisboa tinha acabado por dominar o frade.

– Frei Carlos, por favor, pare com isso! Não tenho tempo para discursos por metáforas.

– Então olha-me para isto! – grita ele.

Saca de outro talismã. Num quadrado de velino polido, letras hebraicas minúsculas formam dois círculos desenhados toscamente com citações dos «Provérbios». No círculo de fora pode ler-se: «A violência é o alimento e a bebida do traidor»; e no de dentro: «As brasas do ímpio apagar-se-ão.»

– Encontrei-o no forro da capa! – grita Frei Carlos. – Na minha capa! Como explicas uma coisa destas?! Como!?

– Caluda! – digo. Tiro da bolsa o talismã que ele me dera noutro dia. A escrita deste, tal como a do anterior, apresenta a mesma letra, precisa em certos pontos e noutros menos segura, como se executada por alguém enfraquecido pela doença ou por vinho a mais. Quando o passo a Farid, ele cheira-o, lambendo-o depois.

– Parece a tua tinta – dizem os seus gestos.

– A minha tinta?! – Ao dizer isto, a solução desce sobre mim e faz-me subir um ronco das tripas. Andei a evitar a resposta óbvia.

– Frei Carlos, estes rabiscos nada têm a ver com a morte de meu tio – digo. Giro o pergaminho nas mãos, confirmando pela sua textura a identidade do artista. – Venha! – digo ao frade.

Ele e Farid seguem-me para a cozinha. Minha mãe está a dizer as orações numa voz fraca. Detém-se para me fitar com olhos resignados, pesados. Reza preenche o silêncio com o olhar fixo da sua justa desaprovação, uma expressão que Cinfa copia. Precipitamo-nos para o quarto de minha mãe. Do painel secreto por cima do umbral da porta retiro os talismãs que ela anda a

fazer. A escrita minúscula é idêntica.

– Não entendo – diz Frei Carlos.

– Minha mãe deve ter ouvido a sua discussão com meu tio. Pensou que podia ajudar. A razão assombrada pela mágoa e pelos cuidados provoca tais monstros. Este último, deve tê-lo enfiado na sua capa quando ficou cá a dormir a noite passada. Andou a tomar extrato de meimendro, por isso não consegue escrever normalmente, nem pensar com acerto. Perdoe. Tenho a certeza de que não fez por mal. Era só para conseguir o livro de Salomão Ben Gabirol que meu tio tanto queria. No estado em que se encontra, pode até ter imaginado que isso lhe poderia trazer o irmão de volta. Entrelaçaram-se dois mistérios e nós pensámos que eram uma e única coisa.

Se tivesse prestado bem atenção às minhas próprias palavras, talvez não viesse a cometer o erro em que estava prestes a cair.

Farid, Frei Carlos e eu próprio dirigimo-nos à loja onde não podíamos ser ouvidos pela minha família a discutir o que havia a fazer. Depois de ter explicado a Frei Carlos as identidades dadas a Zorobabel e à rainha Ester na *Haggada* de meu tio, Farid diz com gestos decididos:

– Vamos voltar ao Palácio dos Estaus, enfrentar novamente o conde de Almira, e forçá-lo a reconhecer-se culpado.

– E se o conde recusa? – pergunta o frade quando lhe traduzo os gestos.

Farid retira da bolsa a mais terrível adaga da sua coleção, seis polegadas de ferro mortalmente afiado, curvo como uma foice. Roda-a ameaçadoramente debaixo do nariz do frade.

– O conde não vai recusar! – assinala ele. – E sabe porquê? Porque um ator precisa da sua voz. Encosto-lhe a ponta à maçã de Adão e se ele não nos responder a verdade tiro-lhe o caroço com um único golpe.

O frade dobra-se para trás e afasta a mão de Farid.

– Não sei o que é que ele esteve a dizer, mas não gosto disto – diz ele, voltando-se para mim. – Dona Meneses... É mais capaz de nos dizer a verdade.

– Porquê? Por ser mulher? – replico, com sarcasmo. – Se for judia secreta e tiver de esconder a sua identidade, não há de hesitar em mandar os seus homens de armas cortar-nos a cabeça!

– Joana, a filha do conde – diz Farid com os seus gestos. – Ela ajuda-nos.

– Se conseguirmos chegar até ela.

Traduzo a nossa conversa para Frei Carlos, quando se ouve bater à porta de minha mãe que dá para a Rua da Sinagoga. Corremos para abrir e deparamos com um miudito de cara redonda e olhos protuberantes. Tira um bilhete da bolsa e estende-mo.

– Um recado – diz. Mal pego nele, desaparece a correr.

«Berequias», lê-se no recado, «vem ter comigo à Estrada Real que vai para Sintra, mesmo antes de Benfica. Estou à tua espera junto das duas azenhas que ficam por trás das ruínas da igreja visigótica. Vem sozinho. Não fales nisto a ninguém. E vem imediatamente. Descobri uma coisa que tenho de te dizer sobre a morte de Mestre Abraão».

O recado está assinado com a escrita recortada de Diego.

Frei Carlos tira-me o recado das mãos. Depois de o ler, diz-me:

– Não vás, meu filho. É ainda muito perigoso andar sozinho em Lisboa.

O dever de pôr Diego de sobreaviso quanto aos passadores e de o informar das suas identidades pesa-me no peito. E talvez também ele tenha descoberto alguma coisa que me ajude a encurralar Zorobabel e a rainha Ester.

– Não, tenho de ir – digo. – É noite e agora também não há muito que eu possa fazer. – Volto-me para Farid, tomo-o pelo ombro e esboço uma desculpa pelo meu comportamento anterior. E acrescento: – Não me apetece nada ir sozinho, se me concederes a tua companhia...

Farid fecha os olhos e faz-me uma inclinação de anuência.

Sáímos antes de as súplicas da minha família se tornarem choradeiras e maldições, antes de Cinfa me poder fixar completamente no interior do abandono dos seus olhos. Farid passa em casa para enfiar as sandálias do pai.

Esta noite de sexta-feira adensa-se com o áspero vento de leste, da amaldiçoada Espanha. Na estrada de Sintra, passados os arcos descobertos da igreja visigótica, começamos a descer uma vereda de terra batida que vai dar às azenhas abandonadas. As suas formas surgem estranhas e lúgubres ao luar. A seis léguas, a serra de Sintra recorta-se no horizonte como uma nuvem caída a apontar no céu uma resposta fora de alcance. Farid fareja o ar como um coelho, a vigiar as vizinhanças. Um falcão branco voa em círculos por cima de nós, pairando nas correntes de ar; uma

criatura liberta da terra, para além da história.

– A atração pelas aves será porque nos fazem antever a nossa libertação deste mundo? – pergunto por gestos ao meu amigo.

– Talvez porque partilham e ao mesmo tempo escapam à nossa jornada – respondem as suas mãos. Fareja de novo em torno. – Passaram por aqui veados há pouco tempo. – E, com movimentos refletidos, cautos, acrescenta: – E mais alguma coisa. – Dá uns passos, agacha-se, passa os dedos por uma marca que os seus olhos de surdo enxergaram no chão. – Homens – conclui. Aponta para uma marca que os meus olhos não distinguiram. – Um de botas. Corpulento, com passadas pesadas.

– Talvez o Diego – digo.

– E mais dois homens. Um pequeno que coxeia. O outro, hesitante, sempre a voltar-se para olhar em torno.

– Esse é que é o Diego – sorrio eu. – Os outros são provavelmente os seus guardas.

Apressamo-nos. Uma figura em forma de barril, na vereda antes de chegar às azenhas, ganha contornos angulares e move-se repentinamente. A silhueta de um homem caído por terra começa a desenhar-se à luz argêntea do luar. De cabelos compridos e ombros largos, move-se como uma lagarta, com a perna esquerda aparentemente ferida a arrastar-se atrás lastimosamente. A agonia dos seus roncoss corta os sons do vento na noite.

– É o homem do Norte que tirou Simão da sua concha! – diz Farid com gestos agitados.

Vendo-o de perto, as suas feições toscas, duras, não mentem.

– É ele mesmo.

Estacamos junto dele como torres. É enorme, corpulento, como um touro tornado humano. Ergue-se nos joelhos. Recuamos. As nossas adagas assomam aos nossos punhos. Uma mancha de humidade escura ensopa-lhe as coxas.

– Mataste o meu amigo – digo. – Porquê?

Responde numa língua estrangeira que não compreendo.

– Inglês, francês, holandês...? – pergunto.

– *Flamenco* – responde num castelhano estropiado. – De Bruges.

Terá ele aprendido como *shohet* entre os judeus asquenazins do Norte? Aponto para ele e pergunto:

– *Nuevo cristiano*?

– *Viejo* – responde ele, com uma gargalhada curta. Aponta para si próprio e murmura: – *Muy viejo cristiano*.

– Porque mataste Simão? – E, face ao seu encolher de ombros indecifrável, encolho a perna, encostando o pé ao traseiro a imitar um coto. – *Porqué él?*

Solta uma risada que lhe provoca um acesso de tosse. Fecha os olhos e dá um jeito à cabeça a indicar que era inevitável.

– Dona Meneses? – pergunto. – Conhece-la?

Sorri e acena afirmativamente. Quando me volto para perceber os gestos de Farid, o flamengo atira-se a mim. Sou derrubado pelo seu peso taurino. Esbracejo, mas as suas mãos calosas apertam-me a garganta. A minha faca enterra-se a fundo no seu ombro. Grito por Farid. Lutamos. Mas ele é muito forte. O torno das suas garras aperta-se. Arquejo. A tosse retida na garganta explode inundando de lágrimas os meus olhos. E apesar disso consigo ver claramente. Como um escaravelho apanhado no âmbar: olhos salientes, rosto congestionado, a boca contorcida de ódio.

Compreendo que há um momento em que a morte é aceite como inevitável. As minhas mãos abrandam o aperto em torno dos seus pulsos. Não me possui nem a raiva nem o medo. Só a distância. Como se me visse atrás de mim próprio e me voltasse para me ir embora. Como se meu tio me chamasse do outro lado da Rua da Sinagoga: «Berequias, vê se me ouves! Estou aqui à tua espera...»

Uma dor acutilante. Queima-me a garganta uma constrição como a de uma corda. Da boca do flamengo saem esguichos de um líquido salgado. Vejo-me derrubado de costas. Os olhos ardem-me, os meus lábios estão ensopados de sangue. As suas mãos apartam-se como uma cancela que se abrisse. Sinto que retiram aquele peso de cima de mim. A face de Farid aproxima-se. Uma mão segura-me, a outra desenha o meu nome.

Respirando em largos haustos, reparo na adaga de Farid enterrada na nuca do flamengo.

– Estou bem – digo com as mãos.

– Matei-o – dizem os seus gestos. Desta vez não há hesitação nas mãos de Farid: os dedos espetados, um punho cerrado; depois gira as mãos com as palmas para baixo como quem corta um ramo de um tronco de árvore.

Farid retira as nossas armas do corpo do assassino; limpa-as às calças. Suspendemo-nos sem gestos, a não ser os dos meus agradecimentos. Que mais dizer? Caminhamos para as azenhas. Junto à base da mais próxima, na vereda, jaz um homem com a

cara voltada para cima, os olhos de peixe esbugalhados fixando a fatia da Lua no alto do céu. O pescoço está ainda quente da vida eclipsada. Quando me agacho para o ver mais de perto, desenha-se um rosto que reconheço: o do guarda que acompanhou Diego à minha casa. Murmuro uma prece para que Diego não tenha sido igualmente chamado à presença de Deus.

– Ouves alguma coisa? – perguntam os sinais de Farid. – Sinto mexer aqui perto.

– Não.

Subitamente, Diego surge de trás da azenha. Traz uma capa grossa, forrada a pele, que lhe cai até aos tornozelos. Mesmo a esta luz pálida posso ver que o rosto está perlado de suor.

– Estás salvo – digo. – Porque não...

– Berequias, eles... eles andam a matar todos os do grupo de iniciados! – diz numa lamúria. – Todos nós. Não se está seguro em parte nenhuma. Temos... temos de...

– Calma. Matámos o flamengo lá atrás na vereda.

– Isso não basta – diz Diego, agarrando-me pelos ombros. – Já apanharam o teu tio e Sansão e Simão, e agora vieram atrás de mim! Não vês? O grupo de iniciados... Todos nós!

– Não te aflijas – digo, colocando as minhas mãos no seu peito. – Agora sabemos quem eles são. É Dona Meneses. Ela e o conde de Almira estão por trás disto tudo. Devem pensar que os membros do grupo sabem quem eles são e podem acusá-los às autoridades reais.

– Dona Meneses?! É impossível! Ela nunca...

– Era ela quem passava os livros de meu tio lá para fora – digo.

– Mas ela é uma fidalga!

– Ainda melhor para passar livros hebraicos em segurança para fora de Portugal, não achas?

Diego fita a noite ao longe como se a sua resposta pudesse estar algures na escuridão do horizonte. Voltando-se novamente para mim, diz:

– Não sei. Nunca me passou pela cabeça... – Põe os olhos no guarda morto. – Fernando feriu o flamengo na perna, mas aquele sacana loiro tinha jeito para o punhal. Meu Deus! Não posso voltar para Lisboa.

– Então contas ficar aqui o resto da tua vida?

– Não vou deixar-me apanhar! Quando nos deitam em cima daquelas gotas de óleo fervente é como se nos tirassem a pele com

uma lâmina enferrujada. Rezamos para que a nossa vida acabe. Estamos prontos a aceitar tudo. Não posso deixar que isso me volte a acontecer. Nunca! Estás a ouvir? Nunca mais!

Subitamente, recordo a linha espessa da cicatriz que lhe atravessa o peito, que vi quando ele tombou na rua.

– Sofreste a tortura da pinga? – pergunto.

– Em Sevilha – responde ele –, havia um especialista que era capaz de fazer desenhos no nosso corpo com azeite a ferver e cinzas que esfregava nas feridas. Uma vez desenhou gota a gota toda uma cena da Paixão no peito de uma rapariga de dezanove anos que tinha cometido o crime de pôr lençóis lavados à sexta-feira. Mas sem que ela morresse. Os peitos dela tornaram-se as colinas de Jerusalém; o umbigo, o coração de Cristo. Era demasiado para...

– Diego, ouve. Eles também podem muito bem mandar alguém atrás de ti. Aonde quer que vás. Estavas mais seguro na cidade. Com pessoas de confiança.

– Em minha casa não – irrompe ele aterrorizado. O vento despenteia-o e apercebo-me de que deixou de usar turbante. Estamos a perder cada vez mais a aparência de judeus, nestes últimos tempos. – Eles hão de ir lá ver. E, quando perceberem que o assassino que mandaram atrás de mim está morto, hão de mandar outro.

– O que eu queria dizer é que ficas em nossa casa – digo. Observo-o, enquanto ele, de olhos no chão, considera a proposta. Dir-se-ia que a aceita, e por isso pergunto: – Já agora, porque me mandaste chamar para vir aqui?

– Berequias, lembrei-me de uma coisa importante... Aquele Dom Miguel Ribeiro, o fidalgo para quem tua tia Ester copiou o «Livro dos Salmos», teve uma discussão com teu tio há uma semana. – Toma-me pela mão e prossegue num murmúrio: – O teu mestre referiu-se a isso por acaso no nosso grupo. Tirei inculcas e descobri que Dom Miguel está escondido nuns estábulos não muito longe daqui. Nos arredores de Benfica. Pensava mandar o meu guarda contigo. Para o apanhar durante a noite. Mas agora, não sei se... – As palavras desvanecem-se, enquanto ele olha em torno.

– Diego, sei tudo sobre essa discussão. Dom Miguel e o meu tio tiveram uma disputa por ele se recusar a aceitar o seu verdadeiro passado, o seu judaísmo. Soube-o por...

– Não é isso! Foi por causa do livro... o «Livro dos Salmos» que tua tia copiou. Ele não queria pagar o preço combinado. Ao que parece, ameaçava contar às autoridades que os teus tios tinham manuscritos hebraicos escondidos se não lhe dessem o livro. Agora estou a pensar que talvez estivesse ligado a Dona Meneses. Deve haver uma ligação qualquer.

– Não, não. Meu tio mandou-lhe um recado a pedir-lhe que servisse de passador – digo.

No escuro, Farid não consegue ler os lábios. Quando traduzo por gestos as palavras de Diego, ele contrapõe:

– Mas Dom Miguel é rico. Tinha meios para pagar o trabalho de tia Ester. E poupou-te a vida quando foste à procura dele. Podia ter-te matado com toda a impunidade.

– Que está ele a dizer? – pergunta Diego.

– Que isso não faz sentido.

O iniciado solta uma risadinha irónica e toma-me pela mão:

– Achas que há alguma coisa que faça sentido ao longo da semana que passou? Deixa que te diga uma coisa, meu rapaz. A Esfera Terrena não é guiada por lógica nenhuma que tu possas encontrar escrita na Cabala.

Diego passa por cima do corpo do flamengo. Cospe-lhe na cabeça e dá-lhe um pontapé. Depois prossegue, suando como um animal de carga. No seu tom erudito, vai divagando sobre partir para Rodes e Constantinopla num barco que vai sair de Faro daqui a uma semana. Quer deixar Lisboa e começar a jornada para sul amanhã à noite.

– E Constantinopla é uma cidade tão bonita – diz ele. – Nada que se pareça com Lisboa. Até chove. Grandes e belas gotas de chuva. Como pérolas. E boa para os cabalistas, também. É onde a Ásia se encontra com a Europa, onde dois se tornam um, como dizia o teu tio. Lembra-te de quando...

A poeira e a noite e a voz errática de Diego entrelaçam-se como uma corda em torno dos meus pensamentos. Por cima de nós volteiam abutres, que nos seguem até Lisboa. Quando descansamos, passadas as portas da cidade, no Chafariz da Esperança, molho a cara e o cabelo. Cogito qual poderia ser a secreta ligação entre Dom Miguel Ribeiro e os passadores. Fito Diego através da cortina de água que escorre. Penteia a barba recente que já lhe cobre as faces e o queixo.

– A limpeza é uma tarefa sagrada – lembra ele.

Talvez seja. Mas o que define o seu ser interior? Será ele o Judeu Errante em pessoa, um ser aterrorizado, algo menos do que humano, pronto para mais uma migração para mais uma terra hostil? Será nisso que todos nos tornamos, personagens inventados pela mitologia cristã?

Quando chegamos a minha casa, o pequeno Didi Molcho corre ao nosso encontro, da nossa cancela.

– Encontrei-o, Beri! Encontrei-o! – grita.

– Quem?

– O Rabi Losa!

– Onde está ele?! – pergunto.

– Na *micva*. É o casamento de Murça Benjamim.

– O quê... agora? Era para ser amanhã. Já deve passar bastante da meia-noite. E ainda estamos no *Shabat*.

– É para enganar os cristãos – murmura ele. – Mudaram a boda para hoje à noite.

Caminhamos juntos para o pátio. Frei Carlos sai ao nosso encontro. Ele, Didi, Diego, Farid e eu encontramos-nos junto do tronco decepado do nosso limoeiro.

– Tenho de tirar a limpo umas coisas com o Rabi Losa, certificar-me de que não tem nada a ver com isto. Não demoro.

Começam todos a tentar dissuadir-me.

– É perigoso para os judeus estarem juntos em rituais – conclui Diego, falando em nome dos demais. – E se os cristãos te descobrem?!

A minha falta de confiança em Losa é tão grande que não posso resistir ao impulso de o enfrentar.

– Mesmo assim – digo –, tenho de ir. Além disso, não podemos fazer nada quanto à rainha Ester e a Zorobabel durante a noite. Assim que romper a madrugada, começo a tirá-los da toca.

Deixo os meus amigos e dirijo-me à *micva* e à cerimónia do casamento de Murça Benjamim. Sendo uma viúva sem filhos, viu-se obrigada, pela lei do casamento levítico, a casar com o irmão mais velho do defunto marido agora que ele aceitara tomá-la como noiva.

Um homem magríssimo com o rosto escondido num capuz vigia a porta do balneário.

– Posso entrar? – pergunto. – Sou amigo de Murça.

– Mexe-te.

As escadas são alumiadas por tochas nas paredes. Um pequeno

grupo de testemunhas, com capas bruxuleantes de sombras e luz, está reunido no compartimento central, os homens à frente, as mulheres atrás. Mas, à medida que desço, reparo que há qualquer coisa de anormal. O Rabi Losa está sentado no centro de um tribunal de cinco juízes. Estremece como se alguma coisa o queimasse quando me avista. Os seus olhos maldosos revelam um terror gélido. A raiva aperta-me as virilhas, quente e imperiosa.

Mas, afinal, que se passava? Murça está de pé em frente do seu cunhado Efraim. Tem o cabelo apanhado, protegido por um lenço de burel. Mostra um rosto cansado, desanimado, e as mãos tremem-lhe. Entre os dois vê-se um prato de barro preto no chão. A *haliza*! Oh, meu Deus, quando nos alcançará enfim a Tua misericórdia? Depois dos motins contra os judeus, Efraim deve ter renegado o seu acordo de casamento. Vai já longa a cerimónia que o libertará dessa obrigação. Quanto a Murça, também ela se verá libertada. Mas para que futuro? Com um dote reduzido e com metade dos jovens judeus de Lisboa feitos em cinza, são escassas as probabilidades de encontrar a felicidade que merece.

Efraim anuncia numa voz solene a sua recusa em casar com Murça. Com sílabas hesitantes, trementes, Murça replica em hebraico:

– *Me'en yebami lehakim leahiv shem beyisrael lo aba yabmi.* – Seguidamente repete as palavras em português, para que todos possam entender: – O irmão de meu marido recusou-se a firmar um nome em Israel para o seu irmão e não quer tomar-me em casamento segundo o ritual levítico. – Ouve-se um suspiro saído do fundo das entranhas, quando acaba.

– Compreendes o que ela disse? – pergunta o Rabi Losa a Efraim.

– Compreendo.

Os juízes levantam-se. Murça caminha lentamente para Efraim, agacha-se e, com a mão direita, começa a desapertar as presilhas da sandália de couro que dão três voltas à perna dele. A sua respiração arquejante arranha o ar. Quando as correias pendem livres, levanta-lhe o pé e descalça-o. Erguendo-se, inclina-se para trás para ganhar balanço e atira a sandália para o espaço entre Efraim e os juízes. O Rabi Saba dá uma cotovelada a Losa e murmura-lhe qualquer coisa ao ouvido; aquele renegado idiota tinha-se esquecido do seu papel na cerimónia, tal o medo que me tem. Numa voz precipitada, diz a Efraim:

– Repara no cuspo que sai da boca dela até chegar ao chão.

Murça treme, inclina-se para trás com um grande esforço e cospe no prato negro para, simbolicamente, humilhar o cunhado por se recusar a dar-lhe filhos. Com ar desafiador, Efraim recupera a sandália e passa-a ao Rabi Losa como quem estende uma convocação. Todos os cinco juízes entoam em uníssono:

– Que seja vontade de Deus que as filhas de Israel nunca venham a precisar da *haliza* ou do casamento levítico.

Acabada a cerimónia, Murça pende para o chão. Quando as mulheres se precipitam para ela, Losa rompe em direção às escadas. «Todos os rabinos sabem como se mata como um *shohet*», penso. «Era ele quem andava a atemorizar os passadores de meu tio. Foi essa a razão por que Deus me fez assistir a esta cerimónia!»

Empurro os homens da galeria e precipito-me atrás dele. No exterior, avisto-o a arrastar-se para casa. Alcanço-o em poucos instantes. As minhas mãos apertam-se em torno da seda da sua gola. Quando o esfrego contra a parede da casa de Samir, digo:

– Um grande sábio e o rabi dos rabis como você é não deve ter tanta pressa para se ir embora.

– Deixa-me passar, sodomita! – diz ele, procurando empurrar-me.

– Está a confundir-me com Farid, alguém que gosta de homens, mas você não é digno sequer de lhe pronunciar o nome.

– Será que me queres bater aqui mesmo na rua em frente de toda a gente? – Olha em torno para me forçar a reparar no pequeno grupo que se formou em volta de nós.

– Isso mesmo – digo eu. – Não me interessa o que os outros pensam de mim. Mas vou ser justo. Não o mato pelos seus crimes contra o nosso povo, a não ser que chegue à conclusão de que foi você quem matou meu tio.

– Matar o teu tio? Eu?!

– Que tem isso de surpreendente? Você traiu-o! Ousa negá-lo? Pegou no seu cutelo de *shohet* e cortou-lhe a garganta.

– Claro que nego. É certo que não gostávamos um do outro. Mas há todo o mar Vermelho entre detestar e matar. E eu não o atravesssei.

– Onde estava no domingo dos motins? – pergunto.

– Em casa a rezar. Tenho uma filha doente.

– A Deus ou ao Demónio?

- Pudesse um javali selvagem pôr a língua em...
- Bato com a cabeça dele na parede. Guincha e rosna.
- E testemunhas?! – pergunto.
- Ambas as minhas filhas passaram o dia comigo!
- O dia todo?
- Sim.
- Então porque é que os dominicanos o pouparam?
- Porque agora trabalho para a Igreja, estúpido! – grita ele.
- As suas filhas estão em casa?
- Não te atrevas...

Uma semana a dormir pouco e a comer menos começa a cobrar o seu preço sobre a minha razão e comedimento. Puxo o aterrorizado rabino pela Rua de São Pedro abaixo em direção à sua casa. Uma parte recuada de mim apercebe-se de que permiti que o meu desespero levasse a melhor. Estarei com medo de enfrentar a verdade, de ligar todas as pistas entre si até formarem um verso facilmente inteligível? Estão todas cuidadosamente guardadas na minha memória de *Tora*: o *Maimon Branco de Duas Bocas*; o apedrejamento de Diego; o golpe de *shohet* na garganta de meu tio; as cartas de *Tu Bisvat*. Se fossem citações da *Tora* ou da Cabala, poderia tecer com elas um comentário sensato, uma resposta. Estarei apenas com medo de acabar a jornada para a vingança e passar através do último Portão do Vazio para a morte de meu mestre?

Capítulo XVIII

Segundo a Cabala, o mel possui a sexagésima parte da doçura do maná; o sonho, a sexagésima parte do poder da profecia; o *Shabat*, a sexagésima parte da glória do mundo que há de vir.

E o sono da doença, que fração da morte possuirá?

Raquel, a filha mais nova do Rabi Losa, está estendida sob um cobertor de lã, de lado, com as costas da mão curvadas como uma barbatana sobre a fronte, como se procurasse proteger-se de algum ogre. Tem os olhos fechados, mas estremece a todo o momento, parecendo que afasta uma algidez interior. Ester-Maria, a irmã mais velha, está sentada de vela aos pés da cama, com os olhos tristes avermelhados da determinação que esmorece. Passa por entre os dedos um rosário. Saúda-me, como costumam fazer aqueles que estão para além das palavras, com um aceno, que parece de reconhecimento, mas também de distância. Observo a fraqueza do corpo da criança como que réplica da recusa de Murça por Efraim. As promessas rompidas da traição parecem constituir a cola que sela as nossas vidas conjuntamente.

– Há quanto tempo está assim? – pergunto.

– Desde sexta-feira passada – replica Ester-Maria. – Mas a princípio não estava assim tão mal.

– E seu pai esteve com ela todo o dia de domingo?

– Isto é absurdo! – resfolega Losa. – A interrogar a minha própria...

– Esteve – murmura Ester-Maria, erguendo a mão a aquietar seu pai. – Todo o dia e toda a noite.

Levanta-se, comprime os punhos contra alguma parte dorida no fundo das costas.

– Pergunto por causa do que aconteceu a meu tio. Foi...

– Todos ouvimos falar no caso – interrompe ela, com um aceno de compreensão. – Não precisa de dar explicações. Oiça, quando os cristãos-velhos vieram, ficámos escondidos em casa. Meu pai

disse que seríamos poupados, mas quem pode confiar em criminosos? Até... seria terça-feira? Parece que já nem sei bem os dias.

– Então porque não me deixou entrar quando cá vim procurá-lo? – pergunto, voltando-me para o Rabi Losa. – Ou porque não passou em minha casa? E ainda agora na *micva*, quando...

– Estás a delirar?! Estavas aos pontapés à minha porta. Tinha aqui uma criança doente. Toda a gente sabe que queres vingar o teu tio. E agora se tu... Mas espera... – Losa atravessa o quarto, desprega da parede um espelho baço e põe-no à minha frente. – Vê! – pede ele. – Tu também não fugias disto?

Na prata fosca, à luz fraca da candeia, vislumbro uma figura cansada e aviltada, com uma barba de dias a despontar nas faces e os cabelos desgrenhados e sujos.

– Tem razão – reconheço. – Estou um susto. – Tiro da bolsa o desenho do rapazelho que andou a ver se vendia a *Haggada* de meu tio. – Algum de vocês conhece este rapaz?

Ester-Maria inclina-se para a auréola que rodeia a chama da candeia e estuda o desenho.

– Não – diz ela e passa-o ao pai. Ele abana a cabeça.

– Então nunca ajudou o meu tio a passar livros hebraicos para fora de Portugal? – pergunto ao rabino. Quando ele nega, acrescento: – Tem de o jurar sobre a *Tora*.

Ele jura. Ouve-se Raquel ofegar no sono como um fole rasgado.

– Posso tocá-la? – pergunto. Losa acede. O pulso palpita freneticamente. A testa queima, mas curiosamente não transpira. – Que outros sintomas tem ela?

– Não consegue comer – diz Ester-Maria. – E sangra dos intestinos quando vai... – A rapariga inclina-se para mim e os seus olhos expectantes mostram que o meu interesse despertou involuntariamente a sua esperança.

– Ou é disenteria ou febre espanhola – digo. – Transmitida pelo ar viciado e pelo esterco. – Pelas páginas da minha memória de *Tora* perpassam passagens de Avicena: – Chá de buxo e lúcia-lima, mas bastante – recomendo. – Precisa de líquidos para suar os humores. E deem-lhe clisteres de arsénico diluído em sumo de romã e água. Mas com pouco veneno. Umas gotas apenas. – Losa espreita-me por cima do seu nariz achatado de coruja com um olhar capaz de irritar até um profeta. E, no entanto, depois de tudo o que se passou, a sua atitude surpreende-me por me parecer

mais graciosa do que insolente. – Poupe os seus olhares de louco para as cerimónias do *Shabat* – digo-lhe.

– Nunca mais farei essas cerimónias – diz ele tristemente. – Nunca mais.

– Ainda bem – respondo sarcástico.

– Que é que tu podes saber?! – grita ele. – A que renunciaste tu, a não ser ao teu nome judeu?! Eras capaz de fazer a promessa de nunca mais pões pé numa sinagoga se o Senhor salvasse o teu povo? Tiveste de renunciar a tudo o que tinhas de mais querido? Que podes tu saber do sacrifício?! Não passavas de um catraio de onze anos. Sim, ainda me lembro de ti agarrado ao teu pai. E tu lembras-te de mim a correr para a pia do batismo. Alguma vez te interrogaste porquê? Ou o teu tio? Serias capaz de entender que era para evitar que mais tios nossos morressem ou matassem os nossos filhos? Tinha feito um pacto com o Senhor: se Ele salvasse os judeus de Lisboa, eu convertia-me. Seria errado? Quem o poderá dizer? Podes tu? Poderia o teu tio?!

Losa limpa a saliva da boca com a manga, fita-me com anos de raiva a queimarem-lhe as faces. Ester-Maria aproxima-se dele. Afaga-lhe os ombros e murmura:

– Acalme-se, meu pai.

– Meu tio está morto e não lhe poderá responder – replico numa voz calma e seca que esconde a minha fúria. – E se eu fosse um cabalista mais fiel do que o que sou, talvez não o julgasse. Talvez nos tenha renegado por uma lealdade superior. Ou talvez seja isso que tenha dito a si próprio para poder continuar a viver. Seja como for, os seus motivos já não me interessam. São as suas ações, passadas e presentes, que contam. Cheguei à conclusão de que, para pessoas como você e como eu, os nossos atos são mais importantes do que as nossas palavras, do que todos os nossos pactos secretos e orações sussurradas. Com meu tio, era diferente. Os seus cânticos chamavam os anjos ao nosso mundo. Para homens de prodígios como ele... – As minhas palavras apagam-se; o Rabi Losa, a explodir de fúria, tinha dado meia-volta. As palavras de nada serviam. Toco Ester-Maria no ombro para chamar a sua atenção: – Mantenha a Raquel limpa com água de rosas fervida com lúcia-lima e gema de ovo. E, por amor de Deus, mude esses lençóis contaminados. Ou, ainda melhor, queime-os! – Ponho a mão sobre a sua cabeça e abençoo-a.

– A minha irmã vai morrer? – pergunta.

– Só Ele o poderá dizer – entoa o pai dela. O seu olhar piedoso para o Céu dos cristãos tem por fim recordar-me o sacrifício que ele alega ter feito.

– Provavelmente morrerá – respondo num tom endurecido de desafio; nesta altura, afirmações sobre a existência de um Deus morando no cimo das nuvens a vigiar-nos parecem-me cruéis e absurdas. Para Ester-Maria, para mim próprio, acrescento: – Mas, se fizer o que lhe disse, ainda haverá alguma esperança.

A rapariga faz-me um aceno de agradecimento. O Rabi Losa dobra o queixo como sempre faz quando estou presente e suporta com desdém a minha vénia de despedida. Caminho lentamente de volta a casa olhando as constelações dispersas que enfeitam o céu, doravante consciente de que ele e todos os rabinos que a si próprios se consideram justos deixaram de ter poder sobre mim. Para sempre. Isso, também, fora a minha jornada desta Passagem.

Por mais que se pense ter percebido a verdadeira forma de um versículo da *Tora*, há sempre uma maneira de rasgar as roupagens que o revestem e revelar novas camadas interiores. O mesmo se passa com os acontecimentos da vida de todos os dias.

Diego, Frei Carlos e Farid vieram ter comigo à cozinha com uma carta de Salomão Eli, o *mohel* que descobrira o segredo da entrada de nossa casa para os balneários. Num tosco papel de linho mal fabricado, cuja superfície tem impresso um arco, lê-se rabiscado o meu nome: «Berequias Zarco.»

– Chegaram más notícias, enquanto estiveste lá fora – diz Diego. – Salomão, o *mohel*, foi encontrado pendurado pelo seu *tallit* de uma das vigas da casa. Matou-se. Farid, Frei Carlos e eu fomos lá. Deixou um bilhete para ti.

– Mas ele tinha sobrevivido! – grito. As minhas palavras soam vãs entre nós. Afinal, que resistência tem o corpo comparado com a fragilidade de uma alma dolorida? – O bilhete não está selado – observo. – E escreveu o nome que me foi dado, Berequias. Ele nunca me chamou assim. Para ele, fui sempre *Shaalat Chalom*.

– Foi assim que nos foi entregue – diz Frei Carlos, com um encolher de ombros.

– Por quem?

– Pela irmã dele, Lena – responde Diego. – Parece que foi ela quem encontrou o corpo e, quando estava a ver as coisas dele, encontrou o bilhete.

As palavras de Mestre Salomão surgem numa escrita apressada, quase infantil, emolduradas por uma impressão circular gravada no papel:

«Poderá a aprendizagem como *mohel* tornar-nos insensíveis ao sofrimento da carne? Isto prova alguma coisa. O meu corpo é fraco. O Novo Mundo nunca chegará a sentir os meus passos. Demasiadas descobertas neste século. Seria bom que certas coisas permanecessem secretas. Denunciei cristãos-novos. Também denunciei Reza. Mas tinha de o fazer, a sério. A ameaça da pinga é uma sombra ardente, e o corpo é um tremendo cobarde quando revestido de trevas. Uma simples gota de azeite lança-o numa fuga para os gritos, que sobem das tripas como serpentes despeladas e... Mestre Abraão jurou que havia de me conduzir perante um tribunal judaico. Que acharia maneira de me ver punido. Discutimos nesse domingo de manhã. Medo. Deve ter sentido o seu cheiro em mim. Disse-me: “Trazes um cutelo e mesmo assim estás com medo?” E sorriu-me como se me convidasse para sua casa. “O ferro da tua lâmina irá fortalecer-me perante Deus e talvez sirva mesmo um propósito mais elevado, mas esta rapariga não está ainda pronta. Salomão, poupa-a e eu irei para ti como uma noiva.” Mas a rapariga respira o fogo da Inquisição tanto como um homem. Ser como Adão... se ao menos fosse possível. Não queria roubar-lhe a vida. Nem à rapariga, de que ainda não sei o nome. Não posso pedir o teu perdão, nem o perdão de Ester e de Mira, mas, quando eu tiver partido, digam por favor um *kaddish* por mim para que eu possa deixar a Esfera Terrena. Poderá haver paz para um homem como eu? Bênçãos para ti. Salomão.»

– O que é que diz? – pergunta Diego, vendo-me ler.

Os meus lábios estão selados por aquela confissão desordenada e pelas suas falhas. A morte explica o livro que ele me deixou como presente. Mas porquê as inesperadas dúvidas quanto à profissão que ele amava? Porque não havia nenhuma referência a sua mulher? Será que não estava lúcido nos últimos momentos? Será isto, então, um bilhete falso feito por Zorobabel ou pela rainha Ester? Suspeitarão de que caminho já nas suas sombras?

– Há quanto tempo tinha morrido quando a irmã o encontrou? – pergunto por sinais a Farid.

– Ela disse que o encontrou esta manhã. Mas o bilhete, só agora. Não tinha coragem para mexer nas coisas dele antes.

- Que estão para aí os dois a gesticular? – pergunta Frei Carlos.
- E o que é que isso diz, caramba?!

Depois de eu ler em voz alta as palavras de Salomão, Farid toma o bilhete das minhas mãos e cheira-o, lambe-lhe as bordas.

- De muito má qualidade – diz ele.
- Como *mohel*, Salomão era muito hábil com facas – observa o frade.

– Isso pode explicar algumas coisas – acrescenta Diego. – É certo que nunca desconfiámos de que ele trabalhava com Mestre Abraão. Era isso mesmo que ambos pretendiam.

Tem razão. Mas, ainda assim, será possível que Gemila tenha confundido um homem meio calvo, aquela fraca figura de homem escuro, com o *Maimon Branco de Duas Bocas*? E por que razão haveria ele de pagar ao flamengo para matar Simão e Diego?

«Abriste outra porta», ouço meu tio dizer-me. «Agora, Berequias, enche os pulmões com o fôlego da Esfera Terrena e salta através dela antes que tenha tempo de se cerrar de novo.»

Recuperei a carta das mãos de Farid. Os meus passos conduzem-me à cave, onde posso meditar sobre aquilo.

– Sozinho – murmuro, e Farid deixa a minha mão deslizar pela sua.

Em baixo, tiro do armário do material o anel de sinete de topázio de meu tio e enfio-o no indicador direito. Sento-me no tapete de orações por cima da mancha do seu sangue. Depois de abrir as portas do meu espírito com alguns exercícios propiciatórios, transponho as letras escritas na nota de Salomão recorrendo à monotonia do cântico. Assim que as suas palavras se elevam do papel e se torcem no ar como as argolas de um malabar, começam a largar o seu significado como se fosse um peso inútil. Os meus braços e as minhas pernas tornam-se, com a graça, cada vez mais ligeiros.

Imagine-se que olhamos uma placa com caracteres cuneiformes. Quando os nós do espírito se desatam, o hebraico torna-se igualmente estranho. As letras surgem como formas desemparelhadas; música sem melodia; animais a que Adão não deu nome. A solidez do mundo torna-se translúcida e finalmente abre-se.

Através do maior espaço que Deus nos deu, o do vazio para além do pensamento, começaram a chegar-me palavras com a certeza da oração: «Esta deve ser a escrita do assassino de meu

tio; é a confissão dele, não a de Salomão. Deixou-a na casa do *mohel* depois de ele se ter matado. Para que a sua irmã, ou outra pessoa, a encontrasse e ma trouxesse... para me tentar a abandonar a sua pista. Talvez tenha até matado o pobre Salomão para adiantar de algum modo os seus planos!»

Fico sentado sozinho; o esforço de convocar a visão interior foi difícil para o meu corpo enfraquecido. As minhas mãos têm um peso de chumbo. «Descansa até amanhã», penso para comigo. Como resposta, as minhas pálpebras cerram-se. Meu tio fala comigo: «Dorme», diz ele na sua voz plangente, sedutora. «Tens de dormir em silêncio se queres completar a jornada.»

– Não, agora não – respondo em voz alta. Abrindo os olhos, penso: «Tenho de ir ver a casa de Salomão, falar com a irmã dele. Depois voltar ao Palácio dos Estaus. Tenho de tentar falar com Joana, a filha do conde.»

«Sempre desafiador», replica meu tio. Fecho os olhos para ver o seu sorriso. «Tens de ceder caminho ao sonho», prossegue ele. «O deserto de Lisboa passou sob os teus pés. Estás realmente perto. Descansa a tua cabeça no meu regaço. Usa os teus sonhos para fazeres uma pergunta.»

– Não será pecado? – pergunto. – Não devemos interrogar os mortos, diz o profeta.

«Podemos sempre falar com Deus. É no Seu oceano que esta simples gota agora está. Tira do pulso a fita com os nossos nomes escritos a dourado e põe-na em cima dos olhos. Depois dorme.»

Obedeço ao meu mestre. E na verdade um sonho desce sobre mim.

Sinto-me envolvido por uma tepidez próxima de uma saudação de boas-vindas. Meu mestre está em pé diante de mim, enquadrado pelos azulejos da parede da cave, com o xaile ritual deitado sobre a cabeça e os ombros.

– Não acredito que Dom Miguel Ribeiro ou qualquer homem de armas vindo do Norte, pago pelos seus passadores secretos, tenha enfiado um fio de seda na sua unha ou o tenha matado como um *shohet* – digo. – Mas quem mais poderá estar envolvido? Quem é que a rainha Ester enviou para o matar?

– Já sabes quem separou o meu corpo da minha alma – responde ele com um sorriso vivo. – A questão é onde e quando te aperceberás disso.

– Como sempre, tio, quer que eu me esforce para encontrar a

resposta. Pois bem. Onde e quando saberei o nome dele?

Ao mesmo tempo que a asa alva das suas vestes se abre, uma brisa perfumada de mirto sopra sobre nós. O teto adelgaça-se e desvanece-se. As paredes desaparecem. O céu abre-se, tingido de cor-de-rosa e violeta no horizonte a ocidente. Estamos ambos sentados na parte de baixo da torre da Quinta das Amendoeiras.

– Porquê aqui? – pergunto. – Porquê ao pôr do Sol?

Meu tio lança-me um olhar dardejante, a indicar que o devo ouvir atentamente. Ergue a mão em bênção sobre mim e diz:

– O mapa de uma cidade está nos pés de um mendigo cego.

Uma luz dourada brilha através dos postigos na extremidade do lado norte da cave. Estamos na manhã de sábado. O oitavo e último dia da Páscoa. Levanto-me e considero retrospectivamente o meu sonho como quem olha para um hóspede que se despede. Abrindo a *geniza*, procuro em vão uma escrita que se assemelhe à do falso bilhete de Salomão. Seguidamente, só para confirmar o meu raciocínio, folheio a *Haggada* pessoal de meu tio. Salomão, o *mohel*, não recebeu nenhum correspondente bíblico. Ao que tudo indica, não poderia estar envolvido em passar livros juntamente com Zorobabel e a rainha Ester.

Em cima, Reza está a acender a lareira, com Aviboa ao colo, apoiada na sua ilharga. A menina tem um grande malmequer cor de laranja preso no cabelo. Diego e Frei Carlos estão sentados em frente um do outro à mesa da cozinha a bebericar de umas taças de barro água de cevada fumegante. Reza é a primeira a ver-me. O seu olhar trai o seu amuo por eu me ter recusado a conduzir as orações do *Shabat* na noite anterior.

– Vejo que dormiste – diz Frei Carlos. – Ainda bem.

Trocamos bênçãos.

– Onde está Farid? – pergunto.

– Em casa, a fazer as suas orações – responde Diego.

Dirijo-me à porta que dá para o pátio.

– Aonde pensas que vais assim? – pergunta Frei Carlos.

– Vou sair – replico.

– Vais a casa do *mohel* Salomão, não é isso? – pergunta Reza com azedume. Antes de lhe poder dizer o meu verdadeiro destino, acrescenta: – Não podes deixar as coisas como estão? Agora está morto. Já temos a nossa vingança. Temos mas é de arranjar maneira de continuarmos, de cuidar da família que nos resta. Era

isso que o teu mestre haveria de desejar. E acredita no que te digo, Berequias Zarco, há aí todo um barco de coisas para fazeres se quisesses unir-te ao mundo dos vivos!

Reza fita-me como se eu lhe fosse dar a resposta que ela espera.

– O meu destino é diferente do teu – digo. – Se não sigo agora o meu, nunca mais poderei reunir-me a ti mais tarde. – O caminho que ela me apontou serve-me de mentira muito a propósito, por isso acrescento: – Além do mais, vou só lá apresentar condolências. Mesmo um homicida é digno das nossas orações.

Diego levanta-se e diz:

– Parto hoje ao fim da tarde para Faro a apanhar o barco para Constantinopla. Talvez seja melhor fazermos as nossas despedidas.

– Volto já. Agora não tenho tempo para adeuses.

Farid está a rezar no quarto da frente quando entro em sua casa. Quando me avista, levanta-se de um salto como que puxado pelas mãos de Alá.

Capítulo XIX

Quando Farid e eu subimos os caminhos coleantes da encosta salpicada de tufos de vegetação que leva às torres do Convento da Graça e ao sol nascente de Lisboa, a freira anã do dente espetado que vigia o cruzeiro de granito do santuário dá uma volta para nos observar.

O palacete de Dona Meneses está empoleirado no topo da estrada poeirenta que contorna a encosta a norte da colina. Uma fortaleza de pedra adaptada a partir de umas muralhas românicas abandonadas, cuja única fantasia moderna é uma varanda de mármore suportada por quatro contrafortes apoiados no calcário que a encosta em baixo deixa à mostra. Já cá vim duas vezes, para entregar vestidos de seda que ela tinha encomendado a minha mãe. Encaminhamo-nos para a entrada lateral da casa guardada por dois portões protegidos pela sombra de dois enormes cedros marroquinos. Daqui podemos ver o canto da varanda nas traseiras. No extremo oposto vê-se um homem descarnado, com um gorro azul de plumas. Tem na mão um copo de vidro vermelho e conversa tranquilamente com alguém que não consigo ver do sítio onde me encontro. Quando se volta para o seu lado esquerdo para assinalar qualquer coisa ao longe, reconheço-o: o conde de Almira.

Zorobabel e a rainha Ester estão reunidos.

No portão, um guarda loiro com o característico chapéu cor de ametista dos homens de Dona Meneses leva o meu recado para o interior da casa. Quando nos afastamos, Farid comenta por gestos:

– Talvez ela consiga um abatimento por encomendar todos estes monstros flamengos a granel.

Gostaria de me rir, mais que não fosse para confirmar que sou ainda o jovem moço que antes era, mas parece que perdi essa capacidade. Ao passarmos pela freira saturnina que continua de guarda ao convento, o coração parece querer saltar-me do peito.

«Se a minha vida tivesse de acabar aqui», penso, «que sentido poderia ter ela?» Não há tempo para estudar uma réplica. Desatamos a descer a colina num verdadeiro corre-escorrega-corre. O alucinante emaranhado das ruas de Lisboa recebe-nos com indiferença.

De regresso a casa, tiro da *geniza* dois valiosos tratados filosóficos de Abraão Abulafia, *A Vida no Mundo do Futuro* e *O Tesouro do Paraíso Escondido*. Ambos possuem notas à margem escritas pela mão do próprio mestre.

– Que estás a fazer? – pergunta Diego do topo das escadas. Está ao lado de Frei Carlos, contemplando-me com um olhar protetor.

– Agora compreendo o que meu tio quer que eu faça. Se o que Dona Meneses pretende é comprar manuscritos hebraicos, então vou-lhos arranjar. Mas por um preço bastante alto. Quero a última *Haggada* de meu mestre. É a prova de que preciso.

– Mas disseste-nos – observa o frade – que pensavas que tinha sido Salomão o responsável por...

– Que interessa o que eu disse?! – interrompo. – Acredita em tudo aquilo que ouve?!

Ele franze o sobrolho como se tivesse cheirado alguma coisa podre.

– Uma troca? Os livros de Mestre Abraão por uma *Haggada*? – pergunta Diego.

– Isso mesmo.

– Tens a astúcia do teu tio – diz Frei Carlos, no seu tom cansado. – Isso não se discute. Mas talvez sejas um pouco esperto de mais.

– Estás a tentar o Diabo, não sei se sabes – adverte Diego.

– Vocês os dois começam a soar-me muito parecidos – observo. – Acho que o medo faz todos os judeus dizerem as mesmas coisas. E começa a ser fatigante. De qualquer modo, não estou a tentar nada o Diabo. Dona Meneses não passa de uma judia tão assustada como o resto de nós.

– Judia?! – exclama Diego. – Ela não é nada judia!

– É ela que está retratada como sendo a rainha Ester na *Haggada* de meu tio... está representada a trazer a *Tora* a Mardoqueu.

– Isso não prova nada! – zomba ele.

– Para mim prova!

– Mesmo que tenhas razão – diz Diego no tom de alguém mais

velho e conhecedor –, ela não é judia. É cristã-nova. E de dia para dia a diferença entre as duas coisas é maior. – E, vendo o meu gesto de indiferença, prossegue: – Seja como for, as facas não têm religião. E os guardas dela têm algumas bem afiadas. Todos nós pudemos ver isso de perto ainda há pouco.

– E que queres que te diga? Sei isso tudo muito bem.

O frade desce até ao fundo das escadas e aproxima-se de mim. Com olhos suplicantes, diz-me:

– Berequias, agora que perdeste o teu pai e o teu tio...

– É escusado, Frei Carlos! Não preciso da sua proteção.

Ele solta o mesmo suspiro sofrido que tenho ouvido toda a minha vida, querendo significar que para meu mal sou demasiado teimoso. Enfio os manuscritos na caixa de couro que meu tio costumava levar para as suas digressões espirituais na serra de Sintra.

– Então onde a vais encontrar? – pergunta Diego, aproximando-se.

– Na Quinta das Amendoeiras – replico.

– Porquê aí?

– Foi aonde meu tio me mandou que fosse.

Frei Carlos sobressalta-se. Ao passar por ele, agarra-me o braço:

– Mestre Abraão apareceu-te? Aceno que sim e ele pergunta-me num murmúrio: – E falaste com ele?

– Fiz uma pergunta a Deus num sonho e meu tio apareceu-me.

– E... e que te disse ele?

– Que o último portão seria atravessado na Quinta das Amendoeiras.

– Berequias – diz Diego –, se o que dizes está certo, então foram Dona Meneses e o conde de Almira quem mandou matar Mestre Abraão e Simão. Não devias ir. Vou chamar a tua mãe. Vejo que a nós não nos dás ouvidos.

– Não vás! Ela não é para aqui chamada! Simão não estava preparado. Nem, ao que parece, meu tio. Não sabiam até que ponto ela era realmente perigosa. Mas eu sei. – Ele continua a protestar num tom que se torna descomedido. Levanto a mão a pedir silêncio. – Se dizes a minha mãe, ela desata a fazer mais uns quantos desses horríveis talismãs. Deixa-a estar na loja. Vamos despedir-nos agora. Se calhar já estarás longe quando eu voltar.

Abraçamo-nos, mas é impossível às minhas emoções abeirarem-se das suas lágrimas; há em mim uma indiferença endurecida

ligada à ideia de vingança.

– Espero que encontres as tais pérolas de chuva que querias dos céus de Constantinopla – digo, sorrindo o melhor que posso. – E não te esqueças dos tratados que querias da senhora Tamara. Não os consegues arranjar em mais parte nenhuma. Se precisares de dinheiro... – Pego na minha bolsa e estendo-lhe o anel de água marinha da senhora Rosamonte.

– Berequias – diz Diego, pegando no anel –, não sei o que...

– Não digas nada. Espero que tudo te corra bem na Turquia.

– Vou ter saudades das maravilhas de Portugal. E, mais do que tudo, dos judeus de Lisboa. – Abençoa-me colocando a mão sobre mim. – Que tu e a tua família encontrem a paz que tanto merecem.

Quando eu e Farid nos dirigimos para a Quinta das Amendoeiras, a erva cor de âmbar e as árvores em flor de Portugal parecem insinuar uma separação. Estamos, nós, os judeus, a dispersar-nos de novo, e estes tufos de silvas e de alfazema, estas papoilas e estas pegas não ouvirão durante os próximos séculos os seus nomes em hebraico, talvez para nunca mais. Talvez seja até uma boa coisa para elas.

O grande número de campas continua livre de ervas por causa da seca. As tabuletas de madeira rabiscadas em português brotam como mãos estendidas para a vida. Entramos na torre e subimos as escadas em espiral. Damos voltas e mais voltas sempre a subir, até à vigia, agora vazia, se não se contar com o amontoado de excrementos de pássaro. Contemplamos os tapetes de aveia dourada e a terra lavrada separada por fieiras de sobreiros, com os seus nobres troncos contorcidos descascados, deixando à mostra um vermelho vulnerável.

E esperamos.

O pôr do Sol que assinala o fim da Páscoa surge com reflexos das grandes folhas de palmeira cor de topázio que recobrem o paraíso. Momentos depois, tal como pedira no meu recado, o coche de Dona Meneses aproxima-se, detendo-se no extremo da quinta. Sozinha, caminha em direção a nós através do velho pomar de amendoeiras, segurando um guarda-sol escarlate aberto. Não traz, porém, nenhum manuscrito nas mãos. Os gestos de Farid dizem:

– Chegou a altura. – Mete a adaga no cós das calças. Fazendo o

possível por me manter calmo, levanto o pacote com os manuscritos de Abulafia. Descemos da torre, a mão de meu tio a guiar-me num passo mesurado completamente descompassado com a minha respiração nervosa.

Quando chegamos a baixo, Farid e eu estacamos no meio das pedras que aí estão e esperamos a fidalga.

Dona Meneses não nos desilude. Avança confiadamente pela entrada da torre e saúda-me com um aceno rígido, o género de gesto real que usa para mandar seguir os seus cocheiros. O rosto, ainda que não seja desagradável ao olhar, parece demasiado redondo e pequeno, talvez por as suas tranças castanhas estarem rigidamente puxadas para trás e enfiadas num grande cone negro debruado com uma fita amarela. As suas vestes de seda ondulantes, às riscas azul-marinho e verde brilhante, estão tufadas à moda, à frente, para dar a impressão de prenhez. Ao olhá-la, é como se nunca antes a tivesse visto; tenho a impressão de que a aterroriza o avançar da idade. As sobranceiras arqueadas e as longas pestanas estão sublinhadas com um traço espesso, e um pó desagradavelmente rosado apaga a sua pele esverdeada. O franzido dos lábios, de um vermelho-rubi, denota a impaciência que a possui. Subitamente, fecha a sombrinha e acaricia o colar de esmeraldas e safiras com delicada circunspeção. Dardeja um olhar sobre Farid. Voltando-se para mim, assume uma atitude de falsa e instantane simpatia.

– Vim como me pediu – diz ela. – Quer fazer o favor de me explicar o que...

– Não trouxe a *Haggada* de meu tio? – pergunto.

– Mas que brusco! – exclama, como se essa fosse a resposta adequada à minha pergunta.

– Onde está ela? – repito.

– Não sei. – Franze as sobranceiras como se espantada com a minha preocupação. – Mas pode estar certo de que eu não a tenho.

– É impossível – digo.

– Mas verdadeiro – replica. – Diga-me uma coisa, falou em mim a alguém, sobre...

– Não se preocupe. Não vamos enviar espias para a sua porta. Tanto quanto as pessoas sabem, a senhora é uma cristã tão velha como o próprio Grande Inquisidor de Castela.

– Pode dizer-me como é que descobriu? – pergunta. – A sua

mãe, talvez?

– Ela sabe?!

– Ah, então a minha querida Mira respeitou a palavra e não disse nada. – Passa os dedos pelo pescoço com evidente alívio.

– Não, não foi ela que me disse. – Ao mesmo tempo que pronuncio estas palavras, compreendo tudo repentinamente. – O cesto de fruta com que a senhora saía sempre da loja... – digo – os livros estavam escondidos no fundo. Ela sabia tudo.

– Uma vez o *Concílio dos Pássaros* de Attar ficou manchado das uvas. O seu tio ficou furioso. – Dona Meneses exhibe um sorriso falso, ensaiado. Vendo que não correspondo, pergunta-me numa voz arrogante: – Então como é que descobriu quem eu sou?

– A senhora está representada numa iluminura da *Haggada* pessoal de meu tio como sendo a rainha Ester. Não deixava nenhuma dúvida quanto às suas origens religiosas. E, na gravura, não só leva a *Tora* a Mardoqueu, como esconde uma cópia do *Bahir* debaixo do braço.

– Muito esperto – declama ela com uma vénia, palpando o colar. – Os meus parabéns. Mas tenho de concluir que o seu tio arriscou muito na sua obra.

– Foi por isso que o matou?

– Matá-lo?! – sobressalta-se ela – Eu?!

– A sua surpresa é tão falsa como essas contas à volta do pescoço.

– Dá-se o caso de estas joias valerem mais do que as vossas vidas juntas – exclama ela.

– Nos tempos que correm, isso quer dizer que não valem grande coisa, cara senhora.

– Estou a ver que é muito parecido com o seu tio.

– Mas não tão ingénuo – replico. – Eu sei quem a senhora é e o que fez.

– Ai sabe? – Ela sacode a cabeça e sorri, como se divertida com as habilidades de um cãozito. – Então diga lá o que é que pensa que sabe!

– Não lhe digo nada. – Tiro os manuscritos do pacote. – Vim cá para lhes dar em troca da última *Haggada* com iluminuras de meu tio. Bem sei que é a senhora que a tem. E estes livros valem muito mais. Ambos estão anotados pela própria mão de Mestre Abraão Abulafia, que o seu nome seja abençoado.

– Se está tão convencido de ter sido eu a matar o seu tio,

porque não tentou antes tirar-me a vida?

– A sua morte não o trará de volta – digo.

– A razão nada tem a ver com a vingança. A sua hesitação deve querer dizer que não tem a certeza absoluta da minha culpa. – Faz-me um aceno como a procurar o meu assentimento.

– Preciso dessa *Haggada*! – grito. – E não sai daqui enquanto não ma der!

– Porquê aqui? – pergunta ela numa voz calma, ignorando a minha ameaça. – Porquê na Quinta das Amendoeiras?

– Também fazia parte das iluminuras de meu tio, na mesma gravura em que estava Zorobabel. No meu sonho, ele disse-me que haveria de atravessar a última porta deste mistério neste lugar. Agora diga lá onde...

– Ele disse-lhe isso? Mestre Abraão? – Com os dedos acaricia os tendões esticados do pescoço. Está tão nervosa quanto eu próprio.

– Disse. Falei com meu tio – respondo.

– Quando? – pergunta ela, ansiosa.

– Isso pouco lhe interessa. A senhora está aqui apenas para...

– Sabia que foi aqui que selámos juntos o nosso fado? – interrompe ela numa voz que parece vinda das entranhas, do medo. – Há quatro invernos, no décimo terceiro dia de Adar, um dia antes do *Purim*. Preparávamo-nos para comemorar a antiga vitória do povo hebreu sobre o exército sírio que se passou nesse dia. – O seu olhar recolhe-se ao recordar. – O seu tio insistiu para que o encontrasse aqui na Quinta das Amendoeiras para combinarmos a nossa rede de passadores.

– Porquê aqui? – pergunto eu.

– Conhece a história de Aarão Poejo e da...

– Conheço – interrompo.

– E da visão que ele teve...? – pergunta ela.

– Os bárbaros de máscaras de ferro nas bocas que haviam de vir saquear Lisboa.

– Máscaras de ferro para evitar a comunicação – diz ela, como quem sugere uma citação de sabedoria. – Loiros porque são cristãos. Veja se compreende. Você era o escolhido de Mestre Abraão. Imagine-o como escritos.

– Sim. Era a visão de que os cristãos haveriam um dia de nos tirar as nossas palavras, os nossos livros.

– E era aqui, dizia o seu tio, que devíamos planear a queda deles.

A resposta ao enigma que meu tio me propusera antes do seu derradeiro *Shabat* desponta dentro de mim. Tinha-me perguntado: «O que é que vive durante séculos, mas pode morrer antes ainda de ter nascido?» Um livro, compreendo agora; nasce a cada vez que algum de nós o lê. E pode morrer nas fogueiras da Inquisição tanto quanto cada um de nós.

Dona Meneses observa-me por cima do seu nariz.

– Sabe uma coisa?, se não me tivesse pedido para vir ter consigo aqui, podia tê-lo mandado matar também. Mas há qualquer coisa neste sítio...

– Onde está a *Haggada*?! – pergunto com renovada insistência.

– Não a tenho. Berequias, deixe-me...

– Não lhe dei permissão para usar o meu nome verdadeiro! Use o nome cristão!

– Como queira. Pedro, eu trabalhava com o seu tio. Faz já mais de três anos. Diga-me, lembra-se da senhora Belmira? – pergunta ela.

– A judia que mataram à pancada no Chafariz da Madre de Deus meses atrás?

– Essa mesmo. Já imaginou porque é que a mataram?

– Lisboa está cheia de cristãos-velhos capazes de...

– Não! Foi o meu cocheiro. Lembra-se dele? Aquele moreno que trabalhava para mim. Nada destes flamengos que agora tenho.

– Foi o seu cocheiro quem a matou? – pergunto.

– Foi. Tinham-me mandado um recado. Um recado de ameaça. Ou eu entregava os livros que seu tio me ia dando ou o autor da ameaça revelava o meu passado judeu. Uma situação que não me agradava nada. E não só a mim, mas também à minha família. Dizia-me que tinha de pôr um primeiro manuscrito num esconderijo perto do Chafariz da Madre de Deus. Assim fiz. Ou, antes, fê-lo o meu cocheiro. E ficou à espera. Ao cair da noite apareceu uma mulher. A senhora Belmira. O cocheiro apanhou-a, tentou saber a mando de quem andava. Mas ela não falou. Por mais que ele fizesse... Receio que se tenha excedido, levado pela lealdade que me tinha. Era um homem rude. Mandeí-o de volta para a família em Toledo. Os castelhanos são assassinos natos. Nunca os ponha ao seu serviço, a não ser para touradas.

– Disse alguma coisa a meu tio? – pergunto.

– Não disse a ninguém – replica.

– Não tinha confiança nele?

– Na minha posição, não me posso dar ao luxo de confiar. Tanto quanto sei, ele é que me traiu.

– Meu tio nunca traiu ninguém.

– Talvez não. Mas num dilema daqueles... Pedro, confiar é uma coisa que poucos de nós se podem permitir nos nossos dias. Pode ser demasiado... demasiado caro.

Subitamente, a sua face ensombra-se de tristeza ou de remorso. Dá um passo na minha direção, mas eu levanto a mão a detê-la. É como se a sentisse contaminada por uma bondade perigosa.

– Comecei a mandá-lo vigiar, e também a sua família. – As palavras de Dona Meneses apagam-se quando respira fundo. – De qualquer modo, recebi mais um bilhete depois da morte da senhora Belmira. Dessa vez ameaçava que, se tentasse descobrir quem era o autor das mensagens, o meu segredo seria revelado à Igreja e ao próprio rei Dom Manuel. Dizia que tinha provas das minhas origens judias. Por isso comecei a deixar-lhe os manuscritos que seu tio me ia entregando.

– Ainda tem essas mensagens?

– Quer ver se consegue descobrir o autor pela escrita – assente ela com um gesto ladino. – Também pensei nisso. Os bilhetes foram sempre garatujados, como se fossem escritos com a mão esquerda. Ou talvez por uma criança. Mas surgiu-me uma ideia. Tenho um velho amigo de infância, alguém acima de qualquer suspeita, que nos tem ajudado a passar livros pela fronteira de Espanha. Você conhece-o como...

– O conde de Almira – interrompo.

– Ele próprio. Ele veio...

– E Isaac de Ronda – acrescento.

– Ah, então também descobriu isso – diz ela, franzindo os lábios e lançando-me um olhar atónito.

– Foi o Farid – replico.

– Como?

Farid aponta para o nariz e para os olhos.

– Parabéns – diz-lhe ela com uma vénia. – Pensei então em pedir ao conde que viesse a Lisboa oferecer-se para comprar livros num dos disfarces e para os vender noutro. Esperávamos assim, de um modo ou de outro, fazer sair da toca o autor das ameaças. Para tirarmos a coisa a limpo. Eu sabia que o nosso homem tinha tentado vender a *Haggada* de seu tio à senhora Tamara. Um erro da parte dele. Deve ter entrado em pânico logo a seguir aos

motins. Infelizmente, ela assustou o rapaz que levava o recado sem o ter feito falar. Foi então que o autor das ameaças se apercebeu do erro e se tornou mais cuidadoso. Seja como for, sei que se trata de alguém que pertencia, ou tinha pertencido, ao grupo de iniciados de Mestre Abraão. Só eles é que conheciam o segredo do tráfico de livros. Foi ele quem mo disse quando fizemos o nosso acordo. Comecei a trazê-los todos vigiados. O próprio conde se encarregou de seguir um deles, esse velho inadaptado do Diego, quando foi atacado por aqueles rapazolas cristãos na sexta-feira, antes de tudo se ter começado a desfazer em Lisboa. Um dos cocheiros do conde salvou-o. E depois chegou domingo... as fogueiras. Depois disso, com toda a gente a clamar por sangue judeu, já não podia esperar mais. O meu instinto dizia-me que era Simão Eanes, o importador de tecidos. Por isso mandei-o... relaxar.

Fala como se uma ordem para matar lhe ocorresse naturalmente, usando os termos próprios da Inquisição; como os eclesiásticos não podem verter sangue diretamente, os condenados pela Igreja em Espanha eram passados ou «relaxados» às autoridades civis para serem queimados.

– Pensava que os meus problemas tinham acabado, mas recebi mais um bilhete – prossegue ela. Dá outro passo na minha direção, implorando-me com uma expressão doce no olhar que suspenda o meu juízo. – Tinha de deixar mais livros no esconderijo do Chafariz da Madre de Deus precisamente ontem. Mas não o fiz.

– Foi então que chegou a vez de Diego – digo.

– Foi, Deus me perdoe! – As mãos dela enrolam-se num punho. – Que faria você?!

– Eu?! Eu nunca mataria ninguém só por não ter coragem de admitir ser quem sou!

– Muito valoroso. Quando a Inquisição cair sobre Portugal e você sentir as suas garras no pescoço, veremos se ainda terá os mesmos sentimentos.

– Vai tentar de novo apanhar Diego?

– Vou. E Frei Carlos também. Não posso correr riscos... Depressa serão descobertos. E os meus homens têm ordens. Não posso esperar mais. Não tenho por onde escolher.

Farid aponta para o colar e com gestos cortantes de fúria insinua:

– Demasiadas esmeraldas em jogo, sem dúvida!

Quando traduzo esta sua condenação de Farid, ela grita:

– Você não tem coração! – Enrola os dedos no colar e puxa-o. As contas espalham-se pelo chão. – Fique com elas! – diz, oferecendo a Farid e a mim o que resta da fiada de joias. – Isto nada tem a ver com dinheiro. É a minha vida! É a vida de nós todos! – Um esgar de angústia atravessa-lhe o rosto. A pancada que sinto é do colar que me atirou à cara.

Ficamos os três ali espedaçados em silêncio, como prisioneiros que não se atrevem a escapar em palavras para longe da culpa e da vergonha. Fecho os olhos e sigo a minha respiração. Farid pega-me na mão e nomeia um suspeito com os dedos.

– Pois é! – respondo. – Ainda pode ser ele. – Quando me volto, porém, acontece um momento mágico; o anel de pele de um branco marmóreo que sempre estivera escondido pelo colar de Dona Meneses confirma uma outra possibilidade espantosa.

– Só restam duas pessoas que podem ter assassinado meu tio – digo. – Dê-me até amanhã de manhã antes de mandar matar mais alguém.

– É muito tempo!

– Então até à meia-noite. Anda a matar homens inocentes!

Dona Meneses faz um aceno de assentimento; fita-nos por cima do nariz como uma princesa desafiadora a medir os homens que a tivessem violado. Levanta a cauda do vestido, atira-a para trás, dá meia-volta e sai porta fora.

Capítulo XX

Os campos começam a ceder lugar às barracas de madeira e aos montes de lixo dos bairros limítrofes da cidade na retirada apressada com que eu e Farid regressamos a Lisboa.

Na Estalagem do Corpo Santo, dirigimo-nos ao patrão, o senhor Duarte, um homem baixinho com uns tufos de cabelo penteados para diante em franja, que está à mesa a enfiar colheradas de sopa numa boca sem dentes. As queixadas abrem e fecham como um fole apertado. Estacamos junto dele.

– Quando chegou Dom Afonso Verdinho? – pergunto.

Ele fita-me com uns olhinhos piscos, um naco de pão de milho ensoado enfiado na boca.

– Quem pergunta?

– Pedro Zarco. Dom Afonso está cá com a minha tia. Quando é que ele chegou?

– Tenho de ir ver nos livros – diz ele, contorcendo a cara e fechando os olhos a cada colherada, a sopa a pingar-lhe dos lábios gretados. – E, como vossas senhorias podem ver, estou a comer.

Introduzo a mão na bolsa à procura do anel da senhora Rosamonte, mas lembro-me com uma praga que o dera a Diego. Farid apercebe-se, com um sorriso, do meu olhar desesperado, pega numa das esmeraldas de Dona Meneses e dá-a ao homem. Os meus dedos desenham no braço de Farid «Deus te abençoe» e digo ao estalajadeiro:

– Esta joia é sua se me disser quando é que chegou Dom Afonso Verdinho.

A língua agita-se entre os seus lábios como uma cobra. Com um aceno abjeto para mim, raspa a joia na malga de barro. Uma lasca de esmalte salta de uma falha minúscula da esmeralda. Os olhos brilham-lhe.

– É uma maravilha – exclama com um sorriso de avidez.

– Estou a perguntar-lhe quando é que ele chegou.

– Quarta-feira. – Ergue a joia contra a luz da candeia.

– Quarta-feira passada a seguir aos motins ou a da semana anterior?

– A desta semana.

– Tem a certeza absoluta?! – pergunto.

Enfia a conta na dobra interior do lábio inferior como se fosse uma semente de anis.

– Está a ver aqueles homens acolá? – pergunta, apontando para uns mercadores sentados a comer.

– Estou.

– O de barbas negoceia em açúcar, mas cheira que nem couve podre – diz ele, por entre sorvos de sopa. – Chegou ontem, a suar como um padre com cio. Gosta de mulheres de mamas grandes e sem dentes. Aquele bem barbeado é de Évora; veio para comprar coisas de cobre. Chegou hoje. Gosta de carne preta, não sei se me entende. – Dá-me uma piscadela. – Aqui não se passa nada que eu não saiba. O seu homem chegou quarta-feira com um aspeto e um pivete pior do que o do cavalo dele.

– Em que quarto está ele?

– Ao cimo das escadas. – Aponta para uma porta aberta nas traseiras da sala de jantar. – À esquerda. Última porta do lado direito.

Minha tia Ester responde às batidas na porta com um sobressalto.

– Berequias! É o que mais...

Afasto-a para passar. Dom Afonso está sentado na cama por fazer na sua longa camisa de dormir. Tem os pés rugosos e ásperos, como raízes de mandrágora arrancada.

– Alguma vez ouviu falar de Simão, o importador de tecidos? – pergunto.

– Um amigo de seu tio – responde. – Ester escreveu-me a dizer...

– Ah, então ela escrevia-lhe. – Volto-me para minha tia com uma vénia. – Tem usado os seus talentos muito bem, querida tia.

– A tua opinião fica registada – diz ela, com uma expressão dura e fria. – Agora, fora daqui!

– Alguma vez se encontrou com ele? – pergunto a Dom Afonso.

– A que vem tudo isto? – pergunta ele, denotando no rosto choque e surpresa.

– Limite-se a responder à minha pergunta!

– Francamente, não me recordo – responde ele, enquanto minha tia me vai empurrando. – Pode ser que sim.

Inesperadamente, minha tia dá-me uma estalada na cara. Quando lhe agarro o pulso, Dom Afonso dá um salto:

– Deixa-a em paz! – grita ele.

Farid interpõe-se entre mim e tia Ester, afastando a minha mão. Fixa os olhos em mim e com os seus gestos intima:

– Não te atrevas a pôr-lhe as mãos outra vez. – Em seguida, leva-a para a cama. Ela senta-se e esfrega o pulso. Tem os olhos vítreos e as costas dobradas para diante, como se vergada ao peso de algum medalhão que encerrasse a sua mágoa. A minha fúria é tal, porém, que a sua imagem não extingue sequer as cinzas da ardente dedicação que antes sentia por ela.

– Então, não podia saber se ele tinha alguma deficiência – digo, voltando-me para Dom Afonso. – Que usava muletas e luvas de seda preta para...

Farid faz-me sinal a dizer que falo de mais e de repente atira algumas das esmeraldas e safiras de Dona Meneses a Dom Afonso. O velho iniciado estende a mão e apanha uma.

– Que é isto..?! – pergunta ele, mostrando-ma.

Farid agarra-me pelo ombro.

– Não penses mais nele! – diz-me com gestos cortantes. – Para já nem sequer estava na cidade, e depois não sei se reparaste na mão que usou!

– A esquerda! – respondo por sinais.

– E a inclinação do corte no pescoço de teu tio era...

Cada passada da nossa corrida de volta a casa parece fixar no devido sítio os derradeiros versos de um poema perdido há muito tempo. *Maimon Branco de Duas Bocas*! Claro, Gemila tinha razão! Na sua exaltação, quem é que ela havia de ver sob a forma de um assassino embuçado com cicatrizes no rosto e sangue nas mãos? Tudo encaixava: a altura em que meu tio descobrira o modelo para *Aman*; a escolha da senhora Belmira para mensageira do autor das ameaças; e mesmo as próprias palavras do criminoso ao confessar o seu medo de ser novamente torturado. E a data em que ele mandou Dona Meneses entregar-lhe os últimos manuscritos que deviam ser levados de Portugal, também isso apontava apenas para um suspeito. As roupagens do mistério caíam uma a uma até que não restava mais do que uma face

diante de mim.

No pátio, um burro com feridas abertas da sela afasta as moscas com a cauda. Da janela de dentro do meu quarto, vejo que Cinfa, Reza e a minha mãe estão na loja com o meu primo Meir de Távira.

– Beri! – grita ele e corre para mim de braços abertos.

– Agora não! – digo eu, fazendo um gesto com as mãos para o afastar. – Mãe, onde estão o Diego e Frei Carlos?

– Porquê?

– Tens sempre de fazer perguntas! Onde estão eles?!

– O frade voltou para a Igreja de São Domingos. Diego está na cave. Foi para lá rezar as orações da noite. Que é que tu...

– Não – interrompe Cinfa –, o Diego já subiu, enquanto estávamos aqui. Há poucos momentos. A mãe não estava a olhar.

– Vamos! – ordenam os gestos de Farid.

– Espera, acho que sei porque é que ele foi à cave. E o que vamos descobrir talvez nos ajude a atravessar a última porta.

Tiro do prego uma das candeias que estão penduradas na viga mestra por cima da mesa. Depois de afastar o tapete persa, Farid abre o alçapão. Pego no meu punhal e desço. Mas a escuridão apenas revela o vazio. A *geniza* está fechada. «A limpeza é uma tarefa sagrada», penso. Fora o próprio assassino a lembrá-lo. Com a chave que tirou da bexiga de enguia, Farid abre a tampa. Alumio o esconderijo com a candeia. Todos os manuscritos de meu tio desapareceram! Mesmo a nossa bolsa de moedas.

Precipitamo-nos pelas escadas acima, atravessamos o pátio e corremos para a Rua de São Pedro. Os dedos de Farid tateiam a minha espádua.

– Sabes de onde é que ele partia? – perguntam as suas mãos.

Abano a cabeça.

– Mas acho que sei aonde é que ele foi. Não se ia arriscar a sair de Portugal com livros hebraicos. Se fosse apanhado... pinga com ele! Deve ter...

– Berequias!

António Escaravelho, o mendigo cristão-novo, está esparramado no sítio do costume, do outro lado da rua, e chama por mim.

– Viste alguém sair de minha casa, pela cancela do pátio? – grito.

Ele acena que sim e aponta para a rua que desce para a Sé.

– Foi por ali há bocadinho.

– Então aonde é que ele foi? – pergunta Farid, agarrando-me o braço.

– Foi negociá-los. Com o que roubou mais o anel que lhe dei podia ter o que quisesse. Podia até comprar os volumes de Platão que cobiçava.

A luz suave das candeias emoldura as portadas da loja da senhora Tamara.

– Louvado seja Aquele que abre a Porta da Vingança – murmuro, enquanto rodo a maçaneta da porta. Farid chega ofegante. Entramos juntos.

Diego.

A surpresa cruza a sua face apenas por breves instantes. Está em pé junto à escrivaninha ao fundo da loja, cansado; o impenetrável silêncio de um mocho a esconder os seus pensamentos. Os livros roubados da nossa *geniza* estão empilhados junto aos seus pés. A senhora Tamara está sentada numa cadeira, as mãos unidas no regaço. Diz qualquer coisa, mas não consigo ouvi-la. Por trás dela vê-se um escravo africano magríssimo com uma expressão obtusa e as faces chupadas de alguém esfomeado. A confusão e o medo vincam-lhe o cenho suado.

Fixo a cena na minha memória de *Tora*.

Diego e eu continuamos a olhar-nos através de um espaço ritual de calor como que flamejante e de claridade. A senhora Tamara levanta-se. Os seus lábios movem-se. As sombras nas roupagens brancas de Diego tremulam quando ele se endireita. As minhas pernas estão tensas como se me preparasse para voar. O bater do meu coração torna-se mais forte, quase a atingir a graça semelhante à energia da paixão amorosa. Sob a barba, adivinho a cicatriz no seu queixo branco de mármore. Avermelhada, com os sinais dos pontos verticais, uma segunda boca de traição e morte. «*Maimon Branco de Duas Bocas*», murmuro.

Retira da capa um punhal comprido, de ponta quadrada: um cutelo de *shohet*. O escravo saca um punhal fino da sua bolsa. Com a outra mão, empunha um bastão com uma ponta em forma de cabeça de serpente. As palavras da senhora Tamara penetram a minha fúria nervosa pela primeira vez:

– Berequias, que é que se passa? – Avança para mim.

– Saia! – ordeno-lhe, com os meus olhos faiscantes fixos em

Diego.

– Que se passa, meu rapaz? Diz-me! – implora ela a Farid, encostando as mãos desesperadas ao seu peito.

– Ele matou o meu tio – digo.

– Diego?! – Gira num rompante para o fixar. – É verdade?!

Ele abre as mãos com as palmas para cima num gesto de pacificação.

– Claro que não – replica.

Estendo as mãos para a senhora Tamara e empurro-a em direção à porta.

– Saia! – grito.

Ela opõe-se com firmeza. Sempre com os olhos fitos em Diego, abro a porta. Ela resiste à minha pressão, afaga-me o queixo.

– Mas, meu querido, Diego disse-me que lhe deste permissão para negociar os livros... que a tua mãe estava demasiado assustada para ter livros hebraicos em casa.

– Por amor de Deus, saia! – digo.

– Que vais fazer?! – pergunta.

– Fica aqui. – Faço sinal a Farid. Puxo para fora da porta a senhora Tamara, que esbraceja e guincha. Uma vez lá fora, grita-me a exigir uma explicação. Mas um gigante de capa, especado do outro lado rua, escondido na sombra do burel do luar, atrai a minha atenção. Reparo no seu chapéu cor de ametista de aba larga.

– Deus abençoe a rainha Ester – murmuro para os meus botões.

Falo com o homem num tom apressado. Ele aceita a minha proposta; agradece-me num castelhano hesitante.

Volto para a loja; tranco a porta atrás de mim. Diego faz uma vénia e diz:

– Cá estás tu, Berequias! Estava agora mesmo a dizer ao Farid como estava surpreendido e encantado por Dona Meneses vos ter deixado a ambos com vida. Mas nunca tenho a certeza de que ele entende o que lhe estou a dizer.

– Farid entende mais do que tu desde o dia em que nasceu – observo.

– Sempre tão condescendente – diz ele, com um lampejo de humor refletido nos olhos. – Mas, a sério, quem havia de esperar que ela mostrasse piedade nesta altura? Deve ser o seu sangue judeu a vir ao de cima.

– Porque mataste meu tio? – pergunto.

– Porquê? Quer dizer que não adivinhaste isso também? Ao que parece adivinhaste tudo o resto. Muito esperto que tu és, como eu sempre disse. Sevilha... Pensa em Sevilha.

– Sevilha o quê?

A maçaneta agita-se. A senhora Tamara desata a bater à porta e a chamar por mim.

– Aquela não desiste – diz Diego com um sorriso.

– Nenhum de nós desiste – replico.

– Ela deve gostar de ti. Todos nós gostamos. Apesar de ti. Foi por isso que me esforcei tanto para te convencer a abandonar esta busca tão cansativa. – Quando me vê carregar o cenho, diz: – Aonde é que eu ia?... Ah, pois, Sevilha. Foi lá, claro. Um acidente. O teu tio tinha-me visto. Demasiado volátil, ele, toda paixão e energia. Quando se é assim, há acidentes. Ele tinha ido lá para salvar Simão da Inquisição. Em minha casa, afastou os criados e entrou no momento errado, trazendo o resgate de lápis-lazúli. O conselheiro em leis do bispo estava a discutir comigo a minha... a minha paga. Por ter denunciado Simão e todos os demais. Claro que voltei imediatamente as costas a teu tio e saí da sala sem dizer uma palavra. Mas ele tinha uma boa memória de *Tora*. Não tão boa como a tua, mas ainda assim fora do vulgar.

– Nesse tempo não usavas barba – observo.

– Pois não. Também adivinhaste isso, não foi? A barba era para Lisboa. Uma máscara para cada cidade é essencial nos tempos que correm, não achas?

– Então nem sequer és levita?

– Não, isso sou. A mentira não tem assim tantas camadas. Mas tinhas razão. Nem todos usamos barba. Mesmo na ortodoxa Andaluzia. Sim, bem sei que nunca lá estiveste. E, agora, se não tomas cuidado, nem sequer tens a oportunidade de lá ir. E há lá tanto que ver. A Alhambra, a grande mesquita de Córdoba. Há lá joias nas paredes que...

– Tu tratas do escravo e eu encarrego-me de Diego – diz a mão de Farid passando nas minhas costas. – Será um prazer para mim acabar-lhe com a vida.

– Espera – respondo com um gesto. Dirijo-me a Diego para lhe perguntar: – Porque denunciaste Simão e os outros à Inquisição?

– Que ingénuo que tu és! – Range os dentes e cerra os punhos. – Quando a Igreja nos cerca, nos aperta, nós fazemos o que nos mandam. Tudo o que nos mandam! – Sorri. As mãos abrem-se. –

Os judeus portugueses nem sabem a vida de mel e leite que têm tido!

– Mais fumo do que leite e mel nestes últimos tempos.

– Isso não passou de uma fogueirita – observa. – Espera mais uns anos e então é que as coisas se vão acender a sério. E nessa altura fazes o que te mandarem... – Abre o gibão, desaperta a camisa. A linha da cicatriz no peito reflete o brilho da luz da candeia. – Senão tens de o pagar na carne. Já te contei como eles queimam a pele com desenhos. A minha gravura foi só um começo. Estás a ver a linha do horizonte? Se te aproximares, podes ver também as portas de Jerusalém. – Fecha a camisa. – O corpo mortal que temos é fraco. Achamos a dor bastante desagradável.

– Quando te cortaram a barba na semana passada, meu tio reconheceu em ti o denunciante que tinha visto em Sevilha – digo. – Aquela discussão no hospital... os gestos desabridos de meu tio... Por isso é que estavas tão desesperado para não cortar a barba, por isso é que não te agradava a nossa visita.

– Isso foi outro acidente. A vida está cheia deles. Até acabamos por nos habituar. Mas espero que o acaso ainda te incomode. O teu tio também não o entendia. Muitas coisas escapavam-lhe. Não era um homem compassivo. Para se ser compassivo é preciso ser-se como os outros homens, e ele...

– Como te atreves?! – grito.

– Quem perdeu a família pode atrever-se a quase tudo! – responde. – Olha só para ti! Vingança de um cabalista? Que diria o teu tio?

– Diria que há muito que o caroço da tua alma se perdeu; que mandar-te de volta para o Outro Lado é uma *mitzva*. *Metatron* há de registar a tua morte como uma boa ação.

– Convém-te enganares-te a ti próprio – diz ele.

– Os enganos convenientes são a tua especialidade – observo.

– A minha especialidade é a carne e a criação – diz ele, levantando o cutelo e fazendo uma vénia.

– Foste tu que assim quiseste.

– Não tinha por onde escolher – suspira. – A vida empurra-nos. Como uma corrente. Podes lutar contra o oceano, mas só durante algum tempo. Mas és novo de mais para...

– Descobriste a rapariga, Teresa, na cave, quando foste procurar o meu tio, não foi?

– Ele tinha-a arrastado para lá para a salvar. Tinha ido aos balneários. Havia uma fenda aberta na porta secreta que dava para lá e ele ouviu alguém a pedir socorro. Eu tinha vindo à procura dele quando os motins estalaram em Alfama. Andava com uma grande cruz de madeira para me proteger, cheguei até a abençoar uns quantos criminosos durante o caminho. É espantoso o que as pessoas se podem abençoar umas às outras. – Benze-se e rola os olhos. – Como um cristão devoto, esgueirei-me para dentro de tua casa.

– E então mataste-o.

– Mais devagar! Para ti as coisas são demasiado fáceis. A vida não é a *Tora*. Não podes ler os versículos a toda a velocidade e voltar a lê-los se não apreendeste o que querem dizer. Ele não foi cordato. Disse que me havia de levar a julgamento num tribunal judaico por ter denunciado Simão há tantos anos; que havia de arranjar maneira de me castigar. Conhecia o teu tio muito bem. Havia de descobrir uma maneira de me fazer a vida num inferno. Mesmo quando lhe disse que tinha denunciado a Reza e os parentes dela, e que, se ele não desistisse, voltaria a fazê-lo, recusou-se a ouvir-me. Pensei que isso o convenceria. Fui estúpido por pensar que teu tio reagiria como um pai normal. E se ele dissesse a Dona Meneses que era eu quem a andava a ameaçar, que eu sabia que ela era judia, a minha vida passava a valer menos do que um caracol! Só se jurasse em cima da *Tora* que não revelaria o nosso segredo é que lhe poupava a vida. Mas recusou.

– Então foste também tu o responsável pela prisão de Reza.

– Tudo o que a situação exige. Temos de ser flexíveis... mudar o nosso aspeto consoante as circunstâncias. Barba e roupas sumptuosas em Lisboa... Em Constantinopla posso até tornar-me muçulmano: afinal, é o mesmo Deus. Não é verdade, Farid?

As mãos de Farid respondem a Diego com uma obscenidade. Entretanto, penso: «Um correio que não pode reconhecer o seu próprio rosto. Meu tio estava a pensar em Diego, o Judeu Errante, um correio não de livros ou mercadorias, mas da sua própria alma.»

– Portanto – digo –, o que escreveste na confissão falsa de Salomão era verdade... em relação a meu tio.

– Era. Calhou-me mesmo bem que o *mohel* se tivesse dado à morte. Quando mo disseram, fui para lá, paguei a um rapazito

para me ir comprar papel a uma bruxa que o faz de restos de linho, depois deixei o bilhete de modo que a irmã de Salomão o pudesse encontrar. A maior parte das pessoas é fácil de enganar.

– Prometeste a meu tio poupar a rapariga se ele se entregasse?

– Prometi. Ele falava de sacrifício. Era uma coisa muito importante para ele. Acho que desejava morrer. «Por um maior objetivo, bom e elevado», disse ele. Tinha uns raciocínios muito estranhos, não achas? Disse-lhe: «Podia matá-lo sem sequer bater uma pestana!» E respondeu-me: «E eu podia morrer sem bater a outra!» Vê lá bem isto! E imagina, nos tempos que correm, querer reunir um conselho judeu! Ele nunca se apercebeu de que estamos no ano de mil quinhentos e seis da era cristã, não no ano hebraico de cinco mil duzentos e sessenta e seis. E tu, meu caro Berequias, é tempo de te pões em dia antes que seja tarde de mais. Aceita o calendário cristão antes que o teu tempo se esgote.

– Não foste ter com meu tio só para discutir com ele. Deixaste lá aquele fio de seda de Simão. Devias saber já que o ias matar.

– Temos de ter tudo planeado. Não me podes criticar por ser prudente.

– Prudente? Querias até matar-me a mim e a Farid! Foi por isso que mandaste aquele recado para ir ter contigo às azenhas.

– Foi outra boa ideia que Dona Meneses e os seus homens de armas deitaram a perder.

– E roubaste a *Haggada* de meu tio. O nosso lápis-lazúli e as folhas de ouro. Como um reles ladrão!

– Porque não? Sentes-te superior a tais impulsos? Acho que não. E os manuscritos. Pois, foi, afinal, como tudo isto começou. Por isso parece-me...

– Mas como sabias deles? Simão e Frei Carlos disseram-me que ainda não devias saber da existência da *geniza*.

– Mesmo um cabalista comete erros, meu caro. Os nossos amigos estavam simplesmente enganados. O teu tio veio ter comigo em segredo, explicou-me tudo sobre as suas atividades de tráfico de documentos, disse-me que estava para receber alguns manuscritos valiosos e que ia precisar da minha vigilância para se assegurar de que os passadores não o enganavam, especialmente Dona Meneses, de quem começava a duvidar. Pensava que ela andava cada vez mais assustada com os riscos que corria. O teu tio receava uma traição. Comecei a segui-la, a aprender os seus métodos. Descobri tudo sobre Zorobabel, como é que levava os

manuscritos para Cádis, passando a fronteira com eles. Mestre Abraão não queria que ninguém soubesse que me tinha ensinado o segredo da *geniza* e das suas atividades de passador para que eu não atraísse as suspeitas de ninguém.

– Ele tinha confiança em ti – digo.

– Receio que sim. Foi um erro. Nos tempos que correm ninguém merece confiança. Lembra-te disto, mesmo quando não te lembrares de mais nada.

– Devia ter-me pedido a mim. Se ao menos ele tivesse...

– Ainda não percebeste, pois não? – pergunta Diego.

– Perceber o quê, seu bastardo?

– Ele não queria pôr a tua vida em risco. Tu devias ser o seu herdeiro, cumprir os seus planos para sarar a Esfera Terrena e a Esfera Celeste... O maior cabalista que Lisboa jamais vira! Não se pode pôr a vida de um tal homem em risco, envolvendo-o em atividades de passador. Tal como as coisas estão, provavelmente tu serás o último cabalista de Lisboa. – Diego encolhe os ombros, lança-me um sorriso tímido, como quem aceita uma verdade inegável. – Acabaram-se os livros, os cabalistas, os judeus. É pena, mas é assim a vida.

«É engraçado», penso, «este assassino foi capaz de compreender claramente o que para mim estava oculto. Estaria eu com medo das responsabilidades? Ou de ser o último da minha espécie?»

– Porque não levaste todos os livros da *geniza* quando o mataste?

– Estive a ver os manuscritos, a avaliá-los, com todo o vagar. Não estava preocupado, sabia que o motim lavrava lá fora e que, conhecendo o segredo da passagem para os balneários, estava em segurança. Às tantas deparei com a *Haggada* pessoal de Mestre Abraão. Um belo trabalho. Folheei-a e encontrei a minha imagem como *Aman*. Rasguei-a, é claro, e pus o livro na minha bolsa como precaução. Ver assim a minha face nas suas iluminuras foi um choque... De repente senti-me em pânico. Estupidamente, acho eu. Ia já a entrar na passagem secreta quando tu começaste a gritar pela tua família lá em cima. Avancei pelo túnel dentro, mas concluí que com esta medida de cintura não ia conseguir. Voltei para trás, entrei de novo na cave, fechei a porta atrás de mim. Mesmo antes de...

– Porque não te escondeste atrás da porta secreta, na passagem?

– Nunca a tinha usado antes. Tinha medo de que, se fechasse a porta, houvesse algum ferrolho secreto que a trancasse e eu ficasse ali emparedado. Não seria um destino muito brilhante! Por isso, momentos antes de tu desceres, consegui enfiar-me na *geniza* e fechar a tampa. Tenho de dar graças por toda a barulheira que fazias. Quando desceste as escadas, já eu estava em segurança no meu ninho. Só estava com medo de que pudesses ouvir o bater do meu coração, de que tivesse de te matar também a ti. Mas estava perfeitamente confiante de que a princípio te deixarias enganar, de que irias pensar que tinham sido os cristãos. Quando subiste, saí do esconderijo, fechei a tampa e pus a chave novamente na bexiga de enguia. Esgueirei-me pela entrada da tua mãe para a Rua da Sinagoga. Pensava que ninguém me tinha visto. Mas aquela Gemila... Teve sorte em ser uma dessas vacas alucinadas, a ver demónios por todo o lado, senão tinha-a...

– E a senhora Belmira? Porquê ela?

– Miriam? Tinha uma paixão por mim. Não faças essa cara de espanto. Sou um homem bastante donairoso para quem... Lembras-te das horas que passámos juntos a desenhar pássaros? De qualquer modo, era mais seguro assim. Se fosse apanhada, teria preferido morrer a denunciar-me. E foi o que aconteceu. As mulheres são mais fortes do que os homens nessa altura. Aprendi isso nas masmorras de Sevilha. Preferiam que os cristãos lhes derretessem os pés a trocar Moisés nos seus corações.

– O miúdo que mandaste vender a *Haggada* à senhora Tamara, quem era ele?

– Receio bem que esse tenha sido o meu erro. Estava a ficar enervado. Tenho as minhas fraquezas, como já reconheci. Quanto à sua identidade, há coisas que devem continuar a ser mistério, não achas? Chama-se Isaac. É uma bela criança, gentil. É tudo o que te posso dizer.

– Aquela mensagem que caiu do teu turbante? Era realmente sobre o conde de Almira ou este Isaac?

– Outro mistério que não te vou desvendar. Perdoa.

– Então, agora que conseguiste o teu Platão...?

– Vou-me embora esta noite, como disse. De carruagem, para Faro. Podes esquecer-me.

– Não te vou deixar partir – observo.

– Não tens por onde escolher. – Diego bate a ponta do cutelo no ombro do escravo. – O meu novo guarda é magro, mas

desesperado – diz. – Não lhe apetece nada voltar para o seu antigo dono. Punha-lhe um freio na boca. Batia-lhe e forçava-o a relações carnavais estupidamente. Dizem que até sabe fazer feitiços. Um bom cabalista negro, se queres saber. Talvez de uma das nossas tribos perdidas. Será melhor afastares-te para o lado e deixar-nos sair. Ou ainda acabas com a alma separada do corpo como Mestre Abraão.

– E uma cortina de sangue a cobrir-me o pescoço. Nunca me hei de esquecer do que lhe fizeste!

– Que palavras tão poéticas. Tuas ou de Farid?

Diego pega em dois volumes encadernados em carneira de cima da escrivaninha. Manda o escravo seguir diante dele. O africano curva-se, empunha o punhal e o bastão diante do peito, desliza para fora.

– Encarrega-te do escravo, que eu... – propõe Farid, com os dedos nas minhas costas.

– Não. – Atiro ao chão o meu punhal, dou meia-volta e agarro o braço erguido de Farid.

– Mas que é que estás a fazer? – pergunta a sua mão, enquanto me empurra.

– Vai-te! – grito para Diego. – Não o posso segurar por muito tempo!

Passo os braços em torno de Farid, encosto-o a uma pilha de livros. Embora ainda empunhe a adaga, sei que nunca a usaria contra mim. Enquanto ele esbraceja para se libertar, grito de novo:

– Vai-te, demónio, antes que mude de ideias!

Retenho Farid com a terrível força da minha vingança. O escravo e Diego precipitam-se para fora.

– Foi uma decisão ajuizada – sibila o assassino.

Os meus olhos fecham-se com força como para encerrar o pecado e ouve-se o ferrolho da porta a abrir-se. A aragem da noite, cortante e gelada, afaga-nos.

– Voa de volta para o inferno, Diego! – murmuro para mim.

– Berequias! – A voz de Farid soa-me desfigurada, grasnada, mas clara como uma oração. Ao mesmo tempo, o seu punho atinge-me no ombro e abre a antiga ferida. Com uma rasteira, faço-o perder o equilíbrio. A porta fecha-se com estrondo. Ficamos sós. Sinto o peito invadido por uma amarga e tépida sensação de prazer. Farid levanta-se com um salto, olha-me

furioso. Abro as mãos num gesto de paz, seguro-o pelos ombros.

– Falaste! – digo-lhe por gestos, sorrindo. É como um milagre a coroar toda esta horrível desolação, um sinal do Senhor, talvez, a indicar ter sido boa a escolha do fado de Diego.

– Porque ias deixá-lo partir – diz Farid, com gestos descompassados. – Afinal não serviu para nada. Nada. A não ser que possamos...

– Não te aflijas – aceno-lhe. – Diego estava enganado. Há homens em quem se pode ter confiança. Vais ver.

Lá fora a senhora Tamara treme descalça e vestida apenas com a sua camisa de dormir. Enquanto Farid a envolve pelos ombros com os seus braços, avisto Diego a correr pela Rua dos Douradores abaixo, seguindo o escravo em direção à Rua Nova d'El-Rei. O luar ilumina-o como um animal furtivo, uma criatura da noite fugindo aos seus perseguidores. Para mim próprio, murmuro as palavras de Jeremias: «Temos de morar no meio das rochas no deserto árido, numa terra salobra onde nenhum homem pode viver.»

– Mas ele vai fugir! – resmunga a senhora Tamara, dirigindo-me um olhar implorante.

As suas palavras gravam nas minhas entranhas um traço de dúvida ardente. Começo a caminhar, depois a correr como se à procura de meu tio. Subitamente, uma sombra escura cruza o caminho vinda da direita. Durante alguns instantes segue Diego, vê-se o seu perfil, um chapéu na cabeça, aproxima-se mais. Um brilho de metal. Um braço erguido. Ao tombar, Diego confunde-se com a calçada. Um som como o bater à porta da mão enluvada de Simão chega-me aos ouvidos trazido pelo vento seco. Mas incapaz de atingir as portas da minha compaixão.

Farid, que me tinha seguido a correr, estende a mão quando me vê abrandar o passo.

– Quem foi que... – perguntam os seus gestos.

– Um dos homens de armas de Dona Meneses – respondo. – Estava à espera de Diego. Tinha ordens para não atacar antes da meia-noite, como tínhamos pedido. – Tiro da algibeira um punhado de safiras e esmeraldas que me ficaram do colar de Dona Meneses. – Mas consegui mudar o horário.

– Pagaste-lhe para matar Diego?!

– Era o que ele ia fazer, de todos os modos. Mas não me podia arriscar a esperar. Que Deus me perdoe.

– Bastou uma para o convencer a matar Diego agora – digo, mostrando algumas das joias da fidalga. – A vida de um judeu, a vida de um homem, nada vale.

Aproximando-nos de Diego em passos cautelosos, deparamos com ele agarrado aos volumes de Platão. Um fio de sangue corre-lhe do canto da boca para um lagarto pintalgado que dorme numa fenda da calçada. Na bolsa encontramos o pergaminho com a gravura de *Aman*.

Num silêncio de fora do tempo, contemplamos o corpo como se estivéssemos perante a arca vazia da *Tora*, que nunca será preenchida. Quando volto a mim, avanço para o meio da luz de um candelabro colocado a uma janela próxima e observo o desenho de meu tio. Sim, *Aman* é Diego. Não há engano possível. Um calafrio percorre-me a espinha ao pensar que o último ato de criação artística de meu tio fora o de retratar numa iluminura a face do seu próprio assassino.

No desenho, Diego-*Aman* está inclinado para diante numa atitude de abutre com a inconfundível cicatriz no queixo. Está representado a sussurrar ao ouvido do rei Assuero o seu plano de exterminação dos judeus.

Apertados na mão esquerda, como uma garra, brilham uns quantos dos dez mil talentos de prata que prometera pagar ao Tesouro real em troca da aprovação do seu monstruoso plano. Na mão direita, simultaneamente, recebe o sinete real das mãos do rei, um sinal da permissão.

O trato foi feito.

A rainha Ester não figura na gravura. Mas o seu padraсто, Mardoqueu, está lá. Humildemente postado a um canto, cobre-o um saco em sinal de luto, que vestira depois de ter ouvido o decreto da destruição do seu povo. A sua atitude é de orgulho, no entanto, a expressão é maliciosa, quase jocosa. Sem dúvida por segurar junto ao peito o laço com que mais tarde *Aman* será enforcado. Um clarão esmeralda de paixão nos seus olhos convence-me de que Mardoqueu teve como modelo o meu próprio tio.

Farid aperta o meu braço, aponta para o desenho e assinala:

– És tu.

– Onde?

– O homem no canto. Aquele com o laço. Mardoqueu.

O coração bate-me violentamente e desamparado. Não estará

Farid enganado? Não me parece possível que meu tio me tenha representado como salvador dos judeus. E o Mardoqueu da gravura é simplesmente demasiado velho. As minhas mãos apertam o pedaço de pergaminho. As lágrimas assomam-me aos olhos só de imaginar que ele pudesse representar-me como um herói judeu.

Tantas perguntas que poderia ter-lhe feito e que ficarão sem resposta.

O meu olhar é desviado para o céu por uma gaivota que o luar ilumina a atravessar a noite. Sinto os mosquitos a zumbir-me aos ouvidos como se procurassem penetrar nos meus pensamentos. A minha prece hebraica pela paz de Diego, pela paz do mundo, surge debruada com a textura das mãos de meu tio apertando com força a minha nuca, largando-a seguidamente. Os seus movimentos em direção à ausência definitiva são tão imediatos que me sobressalto e olho em redor. Os meus olhos vigiam a rua deserta até se fixarem na húmida luz esmeralda de duas candeias que me espiam da mais alta janela do quarteirão.

LIVRO TERCEIRO

Capítulo XXI

No mundo vazio que resta depois da morte de Diego, dormi uma enfiada de dias. Protegido pelas portas aferrolhadas e as janelas seladas do meu quarto, no meio de uma atmosfera irrespirável a tresandar à minha própria decomposição. Só me ergui novamente da cama perante a visão de Joana, a filha do conde, descendo como um véu de seda sobre o meu rosto. Os olhos brilhavam-lhe com a graça do reflexo das pérolas, e o seu cicio estava para além de todo o entendimento. Como se a noite me apelasse, os meus pés conduziram-me através das vielas sinuosas de Lisboa, até que um destino se tornou óbvio. Deparei comigo aos brados junto da janela do Palácio dos Estaus que esperava que fosse a sua. Um anão com o cabelo eriçado abriu as portadas.

– Se não acabas já com esse cantar de galo, ainda te mando capar! – gritou.

– Procuro Dona Joana, a filha do conde de Almira – expliquei.

– Não é aqui! – resmungou, batendo com as portadas.

Fui seguido durante todo o caminho de regresso pelo fedor pútrido dos montões de lixo. Ansiando pelo vazio do *Ein Sof*, procurei novamente refúgio na cama. Seguiram-se dias de margens oscilantes, de uma sucessão musgosa de luz e trevas, até que a voz de Joana atravessou as paredes como se trazida pelas asas de uma oração. Quando entrou no quarto, estava vestida de negro. Eu jazia sob as cobertas.

– Não posso ficar muito tempo – disse ela. Os olhos estavam vítreos como se as lágrimas devessem brotar a qualquer momento. – Estiveste doente? – perguntou numa voz hesitante.

– Estive – respondi, sentando-me na cama. – Acho que sim. Onde tens estado? Fui procurar-te.

– Aqui em Lisboa, mas não me atrevi a vir antes.

– Nunca desejei uma mulher tanto como agora te quero –

confessei. – É como se só tu me pudesses sarar... ou salvar.

Ela sentou-se na borda da cama e apoiou delicadamente a minúscula mão deformada contra os meus lábios. Ia a implorar-lhe que ficasse comigo para sempre, mas ela abanou a cabeça como se a impedir-me de profanar o silêncio entre nós. Começou a desatar o vestido. Eu estava já nu. Quando se deitou a meu lado e abriu os braços, afundei-me neles. Confinado dentro da sua tepidez, protegido pela suavidade do seu corpo, uma tensão vizinha da de uma corda represa cedeu dentro de mim e vi-me romper num choro vindo de tão fundo que parecia rasgar-se nas minhas partes. Joana sussurrou:

– Não posso ficar. Estou prometida a outro. Não esperes por mim. Parto amanhã de Lisboa. Perdoa-me e esquece-me. – Quando o bálsamo dos seus dedos se retirou do meu rosto, voltou a dizer: – Não esperes por mim. Não negues o teu amor a uma outra...

Na minha mão, deixou o colar de pérolas.

Quando os que amamos partem para sempre, tudo o que nos resta é o brilho dos seus olhos capturado nas suas joias. Para além da memória, é a única recordação que retemos.

Loucura: se não nos engolir inteiros, pode ser que um dia abraque o aperto das suas garras em torno do nosso pescoço. E ainda assim é preciso que alguma coisa, ou alguém, nos ajude a desembaraçarmo-nos delas.

Quando de manhã emergi, vazio de Joana, Farid leu-me nos olhos o que acontecera. Arrastou-me para a Estalagem da Flor da Rapariga. Durante vários meses ali vivi, mergulhado no calor das tentadoras de Lisboa, sem mais esperar, aferrando-me e forçando o meu caminho para as suas vidas, tentando recuperar o meu. Farid ia pagando, embora não saiba dizer onde é que arranjava o dinheiro. Talvez tenha vendido algumas das safiras e esmeraldas de Dona Meneses; restavam apenas três quando finalmente dissemos adeus à Judiaria Pequena.

O milagre, afinal, foi não ter sido atacado por nenhuma das doenças dos bordéis. Talvez seja preciso ter um coração desejoso de sofrer por amor para conhecer tais males. Quando não estava anichado dentro de alguma mulher ou a enfiar na boca o jorro de algum odre de vinho, caminhava. Uma vez até às montanhas de âmbar acima de Mafra. Através de áridas estradas poeirentas, ia parando para recitar em voz alta cada um dos cinco livros da

Tora: o Gênesis diante do templo de Monte Abraão perto de Belas; o Êxodo debaixo da ponte de um pinheiro derrubado depois de Montelavar; o Levítico em cima de um mosaico romano em Odrinhas; os Números enquanto me balançava num ramo de alfarrobeira em frente da igreja visigótica de Igreja Nova; e o Deuteronómio com um favo de mel que me foi oferecido por uma rapariga cristã dentro dos portões de Linhó. O ritmo dos passos é bom para rezar, descobri. Dormir também. As estrelas saudavam-me de noite sem qualquer protesto ou juízo.

Acordava pela manhã com as flechas dos pica-paus tamborilando de árvore para árvore. Durante uma quinzena, senti-me a salvo fora dos confins de Lisboa.

Gradualmente, uma energia semelhante à impetuosa expectativa de um cântico começou a crescer dentro de mim e pareceu-me possível trabalhar na nossa loja durante o dia. Cinfa vigiava-me com uma dedicação feroz. Chegava a deitar-se à noite na minha cama a meu lado, mirando-me com um olhar isento de censura quando eu saía para ir às meninas da estalagem às primeiras horas da madrugada.

Reza e a minha mãe travavam comigo as suas batalhas moralizantes em silêncio, os seus olhares de condenação tão fechados como as grades de uma prisão. Tal como o mundo para além das minhas fronteiras...

Segunda-feira, vinte e sete de abril, entrou no porto de Lisboa uma flotilha de barcos de guerra que impôs o domínio da Coroa sobre a cidade. Nenhuma justiça foi feita, é claro. El-Rei Dom Manuel, o nosso *melekh hasid*, o nosso bom rei, falou da matança como «certas negligências». Mais para desenfado dos burgueses e camponeses do que por qualquer outra razão, o querido falecido Dom Manuel, que o seu nome e a sua sombra sejam para sempre apagados, mandou prender quarenta dos desordeiros cristãos-velhos escolhidos ao acaso pelo seu real juiz, João de Paiva. Perante uma multidão de vários milhares de pessoas dispostas em bancadas em pleno sol do Rossio, os prisioneiros foram garrotados e queimados.

O cheiro da carne queimada dos cristãos-velhos será diferente do da dos judeus? Tenho de reconhecer que não consegui sentir nenhuma diferença. «Ah, mas se tivesses estado no Rossio...», ouvi mais de um cristão-novo dizer-me com um sorriso cáustico no rosto.

Quanto aos eclesiásticos da Igreja de São Domingos e do Convento, El-Rei ordenou que os bons dos frades fossem espalhados pelo reino nos fins de maio. Mas que ninguém tema pelos seus corações desfeitos; pelos fins de outubro já eles estavam de volta para os braços das suas barregãs em Lisboa, graças à intercessão do Papa Júlio II, que o seu nome e a sua sombra sejam igualmente apagados para sempre. Salvo dois deles, devo dizer. Frei João Moucho e Frei Bernaldez, os dois que exortaram a plebe a lançar-se na matança naquela tarde fatídica em frente da Igreja de São Domingos. Presos e levados para Évora, ficaram durante algum tempo por lá a definhar nas masmorras da cidade. Em outubro, quando já poucas pessoas se lembravam do que tinham feito, foram garrotados e feitos em cinza.

A nove de maio, finalmente, a chuva voltou.

Mas de pouco disto me recordo. O primeiro de março de mil quinhentos e sete é a única data que se recorta nitidamente no meu espírito. Tenho de confessar que por algum tempo me habituei a pensar segundo o calendário nazareno. Tomo isso como um sintoma da minha loucura. Possa eu extirpar o cristão de dentro de mim para sempre!

Nessa manhã, o pequeno Didi Molcho puxou-me para fora da loja como se me arrastasse para um tesouro.

– Corre! – gritava ele.

Precipitámo-nos em direção à voz de um pregoeiro nas escadas da Igreja de São Miguel. Estava a ler o pergaminho de um decreto de El-Rei Dom Manuel: «Assim, será permitido aos cristãos-novos deixar o meu reino, e não haverá...»

A esperança de outras paragens orientou a minha cabeça para o Sol. Pela primeira vez depois da morte de Diego respirei a plenos pulmões.

Um barbeiro ocupava-se da minha barba, enquanto a filha me despiolhava. Nas suas mãos delicadas, o pente a esquadrinhar a minha cabeleira, comecei a meditar pela primeira vez em como tinha pago pelo assassinio de Diego. Deveria ter sentido as garras do pecado no meu peito? Não senti. Nem agora sinto. Talvez isso faça de mim um homem privado de uma alma mais elevada. Pouco me interessa. Não olho para os espelhos, e há algo no meu rosto que parece despertar a discrição dos cabalistas que poderiam ser capazes de se aperceber de alguma terrível falha na

minha aura. E no entanto um outro pecado que cometi há muito tempo perturba-me por vezes, chegando mesmo a interferir com as minhas orações. Aquele jovem fidalgo que empurrei do telhado na Mouraria. Será que sobreviveu? Duvido. Por vezes, em sonhos, vejo-o a olhar para cima, para mim, do fundo de um poço pútrido.

Minha mãe e eu entregámos todos os livros de meu tio a Dona Meneses. Como era de esperar, livrou-se da morte de Simão. Não só não estava em posição de lhe poder atirar pedras, como também sabia que quaisquer acusações que fizesse teriam consequências nefastas para mim e para a minha família. Guardada pela sua comitiva de loiros flamengos, continuou a vida encantada de cristã-velha do cimo das suas varandas de mármore na Graça. Pelo que me disseram, morreu há quatro anos, na primavera de mil quinhentos e vinte e seis, de uma infeção causada por um sangrador idiota com dedos inábeis.

Depois de ter visto meu tio num sonho, Frei Carlos pediu a Dona Meneses que levasse para lugar seguro a sua cópia meio árabe, meio hebraica, da *Mekor Haiyim*, a *Fonte da Vida*, de Salomão Ben Gabirol. Tanto quanto sei, está agora em Salonica.

Será que algum dos nossos livros sobreviverá aos séculos, ou terá sido em vão a luta de meu tio?

Com todos os cristãos-novos que deixavam Portugal, as casas só conseguiam atingir uma pequena parte do seu real valor. Em vez de vendermos a nossa por uma ninharia, preferimos oferecê-la a Brites, a nossa lavadeira, que vivia numas barracas fora da Porta de Santa Catarina, em condições inadequadas a uma pessoa da sua elevação espiritual. Quando lho dissemos, bateu o pé e disse:

– Não posso aceitar tal coisa!

– Tem de aceitar – insistiu tia Ester.

– Não!

– Então emprestada – sugeri. – Se Reza um dia quiser voltar, vem cá ter.

As lágrimas corriam-lhe dos olhos. O trato foi selado com abraços. Desde essa altura que ela lá vive.

Semanas depois, pouco antes de partir, ia eu entregar fruta a uma loja no Bairro Alto, avistei o rapaz do meu desenho, o que tinha tentado vender à senhora Tamara a *Haggada* de meu tio. Tinha um rosto naturalmente delicado, cabelo escuro cortado rente.

- Como te chamas? – perguntei.
- Diego – respondeu.
- O meu nome judeu é Berequias Zarco – murmurei. – Gostava de saber como te chamam na língua sagrada.
- Isaac Belmiro Gonçalves – disse ele.
- Foste adotado por um homem chamado Diego Gonçalves, não foste?
- Fui – respondeu, os olhos abertos de surpresa. – Como o sabe?
- Conhecia-o bem.

Numa estalagem próxima, falámos, diante de pão de canela fumegante e vinho diluído em água, do amor que seu pai adotivo alimentara pelos pássaros e pergaminhos antigos. O rapaz vivia com a irmã da senhora Belmira. Era tímido, mas os lábios tremiam-lhe de breve paixão quando falava de combates. Queria ser cruzado. Nunca hei de entender por que razão os jovens estão sempre com tanta pressa de morrer. Antes de nos separarmos, beije-i-o na frente e abençoei-o em silêncio.

Rabi Losa, o convertido convicto e inimigo de meu tio, vive ainda na sua casa perto da Igreja de São Miguel. À custa de vénias e bajulação, insinuou-se no coração do bispo de Lisboa e tornou-se mesmo um dos seus conselheiros em direito canónico. Ambas as filhas estão crescidas e casadas, vivendo juntas em Santarém, ao que me consta.

Frei Carlos decidiu igualmente ficar em Portugal. «Que Deus faça de mim um bom cristão ou um melhor ator», disse-me ele a última vez que o vi, há vinte e três anos. As suas palavras fizeram-me lembrar Zorobabel, Isaac de Ronda, o conde de Almira. Nunca soube nada do seu destino. Talvez que o seu verdadeiro nome seja completamente diferente. Talvez não fosse sequer castelhano ou cristão-novo. Talvez Joana não fosse sequer sua filha.

Como é de adivinhar, nada soube dela. Se bem que, em certas ocasiões, ainda hoje me surpreenda em sonhos. A amargura desapareceu-lhe dos lábios, porém, e eu cessei há muitos anos de me forçar a comparações com a minha mulher. Mesmo uma memória de *Tora* se funde com as lágrimas.

Nunca mais me chegaram tampouco novas de Helena, a rapariga a quem muitos anos antes fora prometido e com quem perdi a virgindade. Será melhor assim.

Em maio de mil quinhentos e sete, quando fazíamos planos para partir, apresentou-se em nossa casa um mercador de vestes

brancas e escarlates, trazendo-nos uma carta do mendigo cristão-novo, António Escaravelho. Logo a seguir aos motins, muito antes de o decreto de El-Rei Dom Manuel permitir a saída de Portugal aos cristãos-novos, conseguiu uma permissão para ir visitar o seu amado Papa Júlio.

– Sabeis dizer-me se ele se sente bem em Roma? – perguntei ao portador da carta.

– Mas qual Roma?! Está em Jerusalém. Já consegui montar uma loja de ourives no velho bairro judeu.

Rompi o selo de cera da carta: «Meu caro Berequias, bem vos dizia, a ti e a Mestre Abraão, que deviam pensar em vir comigo. Este burro velho afinal não era tão louco como isso, não achas? Ao diabo o Papa Júlio! Cuspo na Península Itálica inteira. Que uma praga de serpentes venenosas caia sobre Roma e morda todos os residentes cristãos nos seus gordos cus. Serás sempre bem-vindo a minha casa. Até para o ano em Jerusalém.»

Para o ano não, mas talvez em breve. Afinal, agora estamos mais próximos. E mais novo é que eu não estou a ficar. Se tenho de ir...

Em julho de mil quinhentos e sete, Farid apanhou um barco para Constantinopla, levando a morada de *Tu Bisvat* e todo o dinheiro que pudéramos poupar. Minha mãe, Cinfa, tia Ester, Afonso Verdinho e eu seguimo-lo em agosto, tendo o nosso navio largado de Belém no décimo nono dia de Av. Para surpresa nossa, tínhamos à nossa espera uma periclitante casa de dois andares no pequeno bairro judeu; com a ajuda de *Tu Bisvat*, cujo verdadeiro nome não posso tomar a liberdade de revelar, meu tio tinha conseguido fazer adiantar uma pequena soma para a compra da propriedade.

Roseta foi deixada com Reza; estava à espera do primeiro filho – Reza, não *Roseta*, entenda-se – e mudara-se com o marido e Aviboa para uma quinta perto de Belmonte, nas montanhas do Nordeste de Portugal. Nunca mais os vi, desde que os deixei na doca de Belém. Têm três filhos, Mardoqueu, Judas e Berequias, e uma filha, Mira. Aviboa casou com um cultivador de castanhas e vinho. Vive nas proximidades e tem dois filhos. A unha nunca lhe cresceu e nunca mais teve notícias dos pais.

Rezamos para que o fogo da Inquisição esqueça o vale onde vivem quando alastrar de Castela para Portugal. Temo que não seja agora mais do que uma questão de meses. Tão breve é o

tempo de que dispomos para a paz neste mundo.

Judas. Quando consegui arrancar a minha mãe as calças e as camisas dele, enterrei-as na Quinta das Amendoeiras junto à campa de meu tio. Rezámos um *kaddish* para assegurar que a sua alma se libertaria da Esfera Terrena.

Vinte e quatro anos são passados desde o seu desaparecimento e no entanto não o sinto mais longe do que um sussurro. Há coisa de três anos, pareceu-me reconhecer os seus olhos de pedra lunar num homem envergando os trajos de um mercador português a apanhar sol no jardim por baixo do minarete a sudoeste da mesquita de Hagia Sophia. O meu coração batia como se disparado de um canhão. Sentia-me entontecido. Pensei: «Foi tudo um engano. Ele está vivo, educado por cristãos-velhos. E agora há de explicar por onde andou.» Avancei para ele e disse: «És tu, Judas?» Para seu grande embaraço, tomei-o pelo braço: «Não me reconheces? Sou o Berequias. O teu irmão!»

Deu-me uma palmadinha no ombro, como se eu fosse um velho louco bêbado. «É melhor ires para casa, antes que a tua mulher te venha buscar», aconselhou ele, rindo-se de mim.

É assim que a nova geração trata as nossas mágoas.

De Samir, o pai de Farid, nunca mais se ouviu nada.

Recordo o Rabi Verga dizendo-me na nossa cozinha que devemos lembrar os mortos e como eles perderam a vida. As suas palavras fazem-me sorrir; haverá realmente pessoas capazes de esquecer?

Parece que Sansão Tijolo, que riscara todos os nomes de Deus no seu Velho Testamento, tinha razão quando dizia que os judeus não podiam falar no futuro em Portugal. Tivesse meu tio sobrevivido, poderia ele ter feito alguma coisa quanto a isso? Há certos poderes que os grandes cabalistas possuem e talvez que se ele se concentrasse...

Ou será tudo mentira? Muito da minha fé esvaiu-se-me juntamente com o sangue de meu tio.

Rana, mulher de Sansão e minha antiga vizinha e amiga, vive ainda na sua quinta fora de Lisboa. Miguel, o filho dela, aprendeu o mister de ourives. Pela calada da noite, atrás das portadas fechadas, disseram-me, faz ponteiros para a *Tora* e outros objetos sagrados.

A nossa vizinha, a senhora Faiam, morreu em mil quinhentos e doze. Gemila e a família vivem na sua antiga casa como judeus

secretos. O cão, *Belo*, morreu sem nunca ter achado o osso da perna que perdera, claro. Certos vestígios da vida nunca mais se podem recuperar. Embora isso não nos impeça de prosseguir a busca.

Penso muitas vezes no limoeiro que cresce sobre a mão da senhora Rosamonte. Tão bom se me atirassem um limão!

Terá crescido muito a amendoeira de meu tio? A sua morte cava ainda profundos sulcos dentro de mim pela madrugada, quando o orvalho se deposita na minha fronte e a minha resistência fraqueja. Ultimamente, compreendi que sou como uma árvore cujos ramos principais foram cortados com um cutelo de *shohet*. Lá fui conseguindo, a partir das cicatrizes, ir lançando novos ramos o melhor que pude. Floresci até. Muitas vezes. Mas a árvore não é exatamente a mesma que poderia ter sido. Quão mais apumado não teria crescido se ele...

Quarenta e quatro anos passaram por mim. Sou um homem envelhecido, com filhos. E no entanto quanto não daria eu para ter os olhos de esmeralda de meu tio fixos em mim, para sentir a asa protetora das suas vestes alvas a envolver-me. Beijar os seus lábios. Nunca será possível. Nem que eu entoasse o *Zohar* todas as noites durante um ano inteiro.

Murça Benjamim insistiu depois de lhe ser recusado satisfazer o seu desejo de ver cumprida a obrigação do casamento levítico. Casou com um abastado cristão-novo tanoeiro no Porto – um bom homem, como ela me escreveu – e trabalha como tradutora para os mercadores de São João da Foz.

Manuel Monchique, cuja mulher, Teresa, morreu ao lado de meu tio, emigrou para Amesterdão e é um dos diretores de uma instituição bancária local. Contaram-me que se dedicou às viagens marítimas, tendo viajado mesmo para o Brasil, onde fez magníficos desenhos das borboletas nativas. E deixou-se de andar às voltas com a espada.

Talvez seja possível, assim, encontrar a nossa própria casa noutro país.

Antes de deixarmos Lisboa, minha mãe deu-se ao trabalho de costurar um novo albornoz para Attar, o homem que me emprestou roupas quando tive de fugir através da Mouraria naquele fatal domingo de morte judaica.

Recebeu-me com um abraço. E, antes que deixasse a sua casa, tinha comido um frango inteiro num banho de ameixas e limão.

Demos as mãos para rezarmos em silêncio e seguidamente recitámos juntos suras do Alcorão.

Isaac Ben Farraj, o asceta que salvou da fogueira do Rossio a cabeça do amigo, acabou por ir dar a Valona, onde é um escriba considerado. Encontrei-o uma vez, acidentalmente, em Rodes depois da sua tomada pelos turcos, e parecia que não comia desde que saíra de Lisboa. Com as costelas à mostra. Com uma barba semelhante a um fungo esbranquiçado. Aparentemente tinha aprendido uma coisa ou outra sobre os novos frutos que iam chegando do Novo Mundo, porque não parava de me repetir: «Cuidado com os tomates!»

Dom Miguel Ribeiro, o fidalgo que soubera das suas origens hebraicas pelo meu tio, vive ainda em Lisboa como judeu secreto. Perdeu um olho num desastre de caça pouco depois da nossa partida. Ao que me parece não conseguiu abandonar aquele último vício cristão.

Ah, aconteceu uma coisa curiosa a Didi Molcho. Foi subindo na escala do sistema dos tribunais portugueses até se tornar secretário real. Foi então, como ele conta, que apareceu perante El-Rei Dom João, o sucessor de El-Rei Dom Manuel, um judeuzito escuro com uns olhos faiscantes parecidos com os do meu tio, declarando ser um representante da tribo de Rubem que se perdera nos bravios desertos da Arábia. Dizia chamar-se David Reubini e fora a Portugal na esperança de conseguir tropas para se lançar na reconquista de Jerusalém aos turcos. Embora El-Rei se tenha enfadado com ele, Didi ficou cativado. Voltou a abraçar o judaísmo e circuncidou-se a si próprio. Os seus estudos da Cabala originaram visões que resultaram em profecia.

Usando o seu nome judaico de Salomão, Didi viajou para Itália para pregar, e a precisão das suas predições tornou-o famoso tanto entre cristãos como judeus. Em maio de mil quinhentos e vinte e nove, depois de uma troca de correspondência, recebi-o em minha casa em Constantinopla e, durante os seis meses que se seguiram, ajudei-o a aprender as técnicas de Abulafia para desatar os nós do espírito. O seu livro de sermões, parcialmente baseado nos nossos estudos conjuntos, foi publicado em Salonica nesse mesmo ano. Encontra-se agora de volta a Roma, seguindo as suas visões, e ganhou mesmo os favores do Papa Clemente. Temo, porém, pela sua vida. Os papas invejam os homens de fé genuína com a avidez e a perfídia de um furão. E Didi, que Deus o

abençoe, ficou com a sua visão das coisas terrenas embaçada por horizontes mais elevados.

Farid vive aqui na rua perto de nós. Conseguiu publicar e ver bem recebida a sua poesia aqui em Constantinopla. O seu amigo, de dezassete anos, é um ferreiro chamado Shamsi que toca alaúde e canta com a voz de uma flauta rústica. É um homem notável, bem-humorado, com músculos rijos e pestanas semelhantes a pétalas de rosa negras. Sem ser dotado das dimensões do ferreiro basco, é certo, parece porém trazer Farid satisfeito. Anos atrás, adotaram dois miúdos órfãos, Samir e Rumi, que foram sempre bons, ainda que um pouco rudes, companheiros de brincadeira da minha filha, Zuleikha, e do meu filho, Ari.

Ceamos juntos todas as noites. É uma grande alegria para mim poder conversar com Farid com as mãos. Por vezes, quando as lembranças me assaltam e me falta a vontade de ouvir as minhas palavras...

A última vez que estivemos juntos em Lisboa, perguntei a Farid:

– Estará Deus à nossa espera em Constantinopla, que achas?

Daqui de Lisboa desapareceu sem deixar rasto.

As mãos dele giraram para cima e em círculo, citando meu tio:

– Tens de procurar em ti como quem bate a uma porta. É aí que O encontrarás se ainda existir para ti.

Tenho estado à espera de uma resposta todos estes anos que continuo a bater à porta. Ao que parece, temos de ser como o persistente pica-pau para este Deus duro de ouvido, e a mim falta-me simplesmente o bico.

Por isso talvez tenha chegado àquelas paragens seculares que predissera tantos anos atrás. É para aí que sinto que o mundo se move, sem rabinos nem padres, apenas povoado por místicos e descrentes. Qual destes grupos acabará por conquistar o trono do meu coração, não o poderia dizer.

Minha filha Zuli tem agora dezoito anos e quer ser escriba como tia Ester. Mas eu vejo nela mais de Reza. Naturalmente nobre, com uns olhos apaixonados que dançam quando fala. E, quando se zanga, deixa-me intimidado com o brilho flamejante que costuma ensaiar diante do espelho.

Ari, que tem dezasseis anos, é de complexão forte, tem o cabelo escuro encaracolado de minha mulher, os olhos inteligentes e penetrantes de meu tio. Estudou para desenhar iluminuras e poderia vir um dia a tornar-se um artista refinado.

Mas desde criança que sonha navegar para a aventura do Novo Mundo.

– Um judeu a trabalhar em iluminuras de pergaminho nas selvas do Brasil seria como uma *matza* na lua – costumava dizer-lhe.

Há dias, retorquiu-me com a sua réplica:

– Mas alguns dos índios estão circuncidados. *Tu Bisvat* diz que são judeus.

Soa um pouco como eu quando tinha a idade dele, não é? Ponho-me a adivinhar o que faria dele meu tio. Parece-me que, se realmente quer ir para o Brasil, talvez devesse tornar-se *mohel*.

As perdas de Judas e de meu tio condenaram minha mãe a uma vida nas margens da emoção. Começou a costurar roupas para a aristocracia turca de Constantinopla e ocupou-se sem falhas da loja de fruta que abrimos, mas manteve-se afastada de qualquer gesto de aproximação. Conversar, mesmo com tia Ester, era coisa que fazia com dificuldade. Surpreendi-a muitas vezes, às primeiras horas da manhã, de vigia junto da minha cama com o inumano estoicismo de uma deusa esculpida na proa de um navio. Sempre que eu tinha de viajar para longe de casa, vinha dar-me uma palmadinha na mão, afastando-se em seguida rapidamente, como se fosse já tarde de mais para ter esperança no meu regresso. As orações e os cânticos só contribuíam para a tornar mais ansiosa. O meimendro ajudava por vezes. Morreu durante a Páscoa de mil quinhentos e vinte e dois.

Quanto a minha tia Ester, reconciliámo-nos um com o outro logo após a morte de Diego. Porque haveria de guardar rancor contra ela e Afonso Verdinho? Teria eu o direito de lhe negar o pouco de companhia que o mundo podia ainda oferecer-lhe? Pouco antes de partirmos para Constantinopla, ele precipitou-se para a Pequena Judiaria exibindo um anel de ouro de noivado. Exatamente como um cavaleiro saído de alguma lenda árabe. Casaram-se assim que atingimos a costa turca.

Como a minha própria vida o prova, o amor não está, pois, limitado a um único objeto. E não tenho dúvidas de que minha tia Ester amava meu tio e teria dado a vida por ele. Certa vez, estava ela a banhar-se, abri a tampa do seu medalhão de prata e deparei com alguns dos longos cabelos prateados de meu tio. Roubiei-lhe um desses fios e engoli-o.

Minha tia Ester é hoje uma mulher de avançada idade, perto de

setenta anos. Mas o seu trabalho como escriba em hebraico, árabe, persa, castelhano e português continua a não ter igual. Completámos recentemente, ela e eu, uma cópia do *Concílio dos Pássaros* para o sultão Suleimão, o *Magnífico*, que Deus o abençoe todos os dias da sua vida. Não me ficaram nenhumas notas nem desenhos das minhas antigas expedições de observação de aves nas montanhas fora de Lisboa, mas trago ainda na minha memória de *Tora* o bastante para me inspirar a curva de um bico de grua e os matizes do colo de um mocho. Os pavões que incluí são da lavra de meu tio. Gosto de imaginar que haveria de se orgulhar da nossa obra.

Cinfa. A vida não lhe tem sido leve. Mal acabara de ser abençoada com uma menina a que deu o nome de Mira, há seis anos, ficou viúva. O marido era um médico dos olhos de Alexandria. Um homem delgado e de pele suave, com o olhar doce de quem sempre perdoa. E, porém, não demorou muito para que nos apercebêssemos de que bebia aguardente anisada como um marinheiro grego. E de que não gostava que eu iniciasse a mulher na *Tora* e no *Talmud*. Nada disto era evidente antes de se casarem. A bem dizer, tinha já esquecido o que aprendera sobre máscaras depois de deixar Lisboa.

Quando Cinfa estava grávida de sete meses, bateu-lhe com uma cana na cara.

– A tua irmã corrigiu as minhas orações do *Shabat* – disse-me ele, quando eu observava as pisaduras de um azul e amarelo ténues que lhe intumesciam os olhos e o rosto. O tom da sua voz insinuava que se vira obrigado a fazê-lo.

– E fez ela muito bem, seu truão – repliquei. – O *Shabat* é mais importante do que o teu orgulho mesquinho!

Ele pediu-me desculpa devido à minha reputação espiritual de cabalista excêntrico mas culto na comunidade, mas via-se nos seus olhos desafiadores que não estava nada arrependido. Não sou muito dado a brigas nem dotado para artimanhas, mas, enquanto lhe passava a mão pela cabeça num gesto de bênção, dei-lhe um tal pontapé nas partes que ele ficou a contorcer-se no chão durante um bom bocado de tempo.

– E se voltas a fazer isso... – gritei-lhe.

Quando contei a tia Ester o que tinha feito, ela ironizou:

– E é essa a prática onde a Cabala consegue chegar! Lindo trabalho!

Mas talvez não devesse tê-lo tentado com aquele aviso. O brutamontes repetiu a feia ação no dia a seguir. Farid acompanhou-me então à casa deles. Apontou a adaga ao queixo do médico dos olhos e disse-lhe:

– Voltas a pôr-lhe as mãos com outra intenção que não seja a do amor e arranco-te esses olhos!

Mais tarde, Farid haveria de me dizer:

– Temos de ameaçar as pessoas com alguma coisa de que elas conheçam o valor. – Parecia ser um bom conselho. Mas os brutos não mudam sem a graça de Deus. Durante o seu oitavo mês, Cinfa foi precipitada escadas abaixo pelo médico dos olhos. Partiu a perna direita e o osso do pescoço. A menina nasceu com ela assim estatelada no chão. Os seus gritos alertaram Zuli e a vizinhança. Se não fosse o terem andado depressa, teríamos perdido a pequena Mira.

Acompanhado por Farid, lancei-me à procura daquele médico danado. Não conseguia encontrá-lo em parte nenhuma, até que um mês depois apareceu morto num bordel das imediações. Ao que parece, tinha-se tornado um pouco atrevido com uma apreciada iemenita. Como minha tia Ester observou: «Não há grande risco em espancar uma esposa judia. Mas erga-se a mão contra alguma cara barregã muçulmana e não se vive por muito mais tempo.»

Leci, a minha mulher, foi também dotada da mesma maneira irónica de pensar. Não foi, porém, dessa maneira que as coisas começaram. É filha de um sapateiro que se tornou o nosso primeiro amigo aqui em Constantinopla. Quando a conheci, usava cabelos compridos, negros com fulgores avermelhados de hena, olhos verdes espelhando uma ânsia contida, que pareciam estar permanentemente receosos de fazer alguma pergunta secreta. Os lábios selados pelo silêncio. Talvez tivesse sido a morte da mãe quando ela não passava dos cinco anos. Vivia angustiada quando a conheci, espiritualmente arrepiada. Possuía no entanto a maciez sensual de um gato húmido. Quando caminhava, parecia arrastar com ela o chão e o ar.

Fui ter com ela um dia que o seu pai tinha ido à cidade. Surgiu-me recortada no umbral da porta. Tinha estado a ler. Depois de trocarmos um olhar que denunciava uma secreta aventura, ela depositou o livro sobre o peito e soprou a candeia. Sem uma palavra, despi a camisa e desembaracei-me das calças. Quando os

nossos desejos se ergueram além das explorações das bocas e das mãos, ela deitou-se por cima de mim. Dispondo-se como se estivesse perante um altar, deixou-se deslizar ao longo do meu corpo.

Poderá a perfeita concordância das íntimas partes de um casal tornar-se símbolo do acordo espiritual?

Sentindo-a revolver a sua humidade quente sobre o meu corpo, revia a minha velha amiga Rana Tijolo a amamentar o seu filhinho Miguel. Enfieei a cabeça no mais fundo da tepidez do peito de Leci e pensei: «É esta a mulher a quem me vou entregar.»

E assim foi. Mais do que os meus manuscritos, mais do que os meus estudos da Cabala, considero que a plenitude da minha vida foi o que lhe dei a ela e aos meus filhos. Nem sempre foi bom, nem sequer o bastante, mas ofereci o que tinha sem qualquer máscara.

E chego assim à razão que me levou a retomar a minha pena de junco e a contar-vos esta história.

Como disse no início desta narrativa, recebi ontem por volta do meio-dia uma visita: Lourenço Paiva, o filho da nossa velha lavadeira e amiga, Brites. Antes de morrer, sua mãe pedira-lhe que viesse e me devolvesse a propriedade da nossa velha casa na esquina da Rua de São Pedro com a Rua da Sinagoga, para ver se eu pretendia regressar.

Com as chaves da nossa velha casa a morder-me o interior do punho cerrado, senti-me divagar numa visão de Portugal: sobreiros e papoilas. *Roseta* e o seu colar de cerejas. Mardoqueu e meu pai. As casas brancas e azuis de Lisboa. O Rossio. O espelho do rio por trás da nossa velha sinagoga. O doce aroma dos arbustos de loendro no nosso pátio. Judas e meu tio. As campas na Quinta das Amendoeiras.

E, então, abriu-se dentro de mim uma visão, na qual meu tio me atirava letras portuguesas atadas em cadeia e formando uma frase: «As nossas andorinhas ainda estão nas mãos do faraó.» Quando o meu olhar ia a passar uma segunda vez sobre estas palavras em código novo-cristão, vi-as subir no ar e depois quebrarem-se com um som tilintante.

Quando voltei a mim, o meu peito batia ao ritmo de um versículo que dizia: «É uma oportunidade de voltar para casa.»

E foi então que na minha memória de *Tora* começaram a ligar-se alguns acontecimentos isolados numa leitura do passado que

julgo que meu tio tinha contado que eu fizesse muitos anos antes.

Peguei no jarro de vinho e agarrei na fita de velino que minha tia Ester tinha escrito com o meu nome e o de meu tio, a fita que ele me dera pouco antes de morrer, prometendo vir em minha ajuda quaisquer que fossem as circunstâncias. A sós, no quarto de orações, recordei os terríveis versos do Gênesis sobre o sacrifício de Isaac que meu tio me tinha mandado recitar a Judas naquela Páscoa fatídica... Tinha-nos explicado então que, para atingirmos o mais elevado dos fins, o nosso ser tinha de se extinguir. Queria significar o seu ser.

Antes da sua morte, na cave, meu tio tinha-me questionado sobre a minha disposição de sair de Portugal. Falou-me dos seus temores, que minha mãe e Reza não quisessem nunca partir. Esses receios traíam a sua motivação; estava a querer dizer-me que só a mais terrível das tragédias poderia separar minha mãe e Reza, a sua única filha, de Portugal.

Mesmo as palavras de meu tio que Diego citara na falsa mensagem que escreveu na morte do *mohel* Salomão aludiam a uma oculta razão para a sua morte: «O ferro da tua lâmina irá fortalecer-me perante Deus e talvez sirva mesmo um propósito mais elevado.»

Que propósito mais elevado serviu a sua morte? Em que estaria meu mestre a pensar?

Ao correr das últimas vinte e quatro horas, deixei que as minhas especulações se confundissem com as minhas perguntas até formarem uma rede de nós que se recusa a deixar-me livre. Foi então que retirei da prateleira o tinteiro e comecei a escrever a nossa história para todos vós.

Mesiras nefesh, a vontade de arriscar tudo por um objetivo que sirva para reparar faltas na Esfera Terrena e na Esfera Celeste. Só agora me parece compreender como essa silenciada coragem alumia os olhos de esmeralda de meu tio e movia as suas mãos numa bênção do mundo.

«Prometo proteger-te dos perigos que espreitam ao longo do caminho», jurara ele, tinha eu oito anos. E, na verdade, a sua vida fora o cumprimento da sua palavra. Pois aqui estava eu, a salvo, em Constantinopla!

O que estou a tentar dizer, neste modo hesitante, vacilante, tanto pela energia que me falta como pelo demasiado vinho da Anatólia que bebi, é que meu tio se ofereceu em sacrifício. Em

parte, talvez, para tentar salvar a rapariga, Teresa, que foi assassinada junto a ele. Mas, o que é mais importante, creio que se deixou matar pelas gerações vindouras. Para forçar minha mãe e Reza, a nossa família toda, a sair de Portugal. Para permitir que a árvore da nossa família ganhasse raiz em segurança noutra terra. Uma terra onde pudessem aceitar os judeus sem máscaras.

Não quero com isto dizer que meu tio tenha atraído Diego à cave ou o tenha levado lá através de práticas cabalísticas. Não é isso. Mas talvez meu tio suspeitasse de que ia ter uma visita. De qualquer modo, houve um momento, talvez quando Diego descia as escadas da cave, em que o meu mestre começou a compreender o *verdadeiro* significado dos motins contra nós, em que viu as possibilidades que podiam surgir da sua morte às mãos de um assassino. Para o melhor e para o pior, concluiu que a nossa família, o nosso povo, tinha chegado a um terrível impasse, e que só a sua morte violenta poderia compelir-nos a rompê-lo.

Será esta ideia uma insanidade? Talvez o seja. Talvez só Deus soubesse que meu tio seria sacrificado aquela Páscoa. E ainda assim há mais provas em apoio da minha ideia, um pequeno indício que talvez vos possa convencer de que o que digo é pelo menos possível.

Anos atrás, Farid afirmava que o desenho de Mardoqueu na última *Haggada* de meu tio se inspirara na minha própria face; que eu fora escolhido para representar o salvador dos judeus no «Livro de Ester». Achei que não era possível; o Mardoqueu do desenho era demasiado velho. Pensei também que, mesmo que meu tio tivesse usado o meu rosto como modelo do herói bíblico, era por ter tido uma premonição mística de que eu me haveria de vingar do seu *Aman*-Diego.

Mas ontem, ao examinar a gravura da iluminura, descobri algo de surpreendente. Mardoqueu assemelha-se muitíssimo a mim, tal como sou hoje, vinte e quatro anos depois de meu tio o ter desenhado. O mesmo cabelo cinzento aparado, os mesmos olhos cansados, como sobreviventes que ambos somos, mas também testemunhas de uma tragédia.

Estais a ver? Meu tio tinha um olhar tão perspicaz que era capaz de me pintar com a aparência que eu viria a ter quase um quarto de século mais tarde.

Assim, só agora comecei a aceitar que o meu mestre me destinou um propósito elevado; tinha pressentido que eu, tal

como o antigo herói judeu, haveria um dia de salvar o nosso povo. E estou convicto de que foi essa a razão por que, na visão que ontem tive, meu tio me chamou «Mardoqueu». Não era o nome de meu irmão mais velho, como antes pensara, mas o do salvador bíblico do nosso povo. Mas como poderia salvá-lo, eu, Berequias Zarco, um homem que já nem sequer acredita num Deus pessoal?

A resposta está nas vossas mãos: acho que meu tio pressentiu que só o pesadelo da sua morte me poderia levar a escrever este livro que vós agora ledes. Que só a sua partida violenta da Esfera Terrena poderia mostrar-me que o nosso futuro na Europa estava acabado. Que só a mais terrível das tragédias poderia convencer-me a pedir a todos os judeus, até ao derradeiro de entre nós, cristão-novo ou não, que partissem para onde estivéssemos a salvo da Inquisição ou de quaisquer outros horrores que os reis cristãos pudessem algum dia vir a conceber contra nós. Pois se há alguma coisa que podemos dizer sobre os monarcas europeus é que não lhes hão de faltar os sonhos sobre os judeus. Assombramo-los nas trevas espirituais em que vivem.

Se não admitis que há uma, ainda que reduzida, possibilidade de estas especulações serem uma leitura válida das suas ações, então desejo que passeis bem na vossa solidão; é claro que nunca passou pela vossa vida alguém com a energia espiritual de meu tio, com o seu desinteressado e incondicional amor por vós, capaz de se sacrificar pela vossa sobrevivência.

Ou talvez seja mais apropriado lamentar a minha falta de talento; a minha narrativa não foi suficiente para vos convencer de que Mestre Abraão Zarco era real. Perdoai-me. Mas deixai que vos diga, e reuni a coragem de me crer: existem homens e mulheres com uma tal apaixonada determinação que voluntariamente darão as suas próprias vidas pelas de gerações de filhos que nunca hão de conhecer.

Estava pois enganado quando, tantos anos antes, disse à minha amiga Rana Tijolo que meu tio acreditava que os judeus podiam ainda conjugar o futuro em Portugal. Já então ele sabia que não nos restava senão o tempo passado, na Ibéria e em todas as terras cristãs da Europa. Podereis conceber que foi por mero capricho que ele planeou a nossa mudança para uma terra muçulmana, para a Turquia?

Não há acasos, não há coincidências. Será possível?

Até agora, apenas ousei expor estas ideias a Farid, e a resposta que os seus gestos me deram foi: «Mas não achas que teu tio podia servir melhor o povo judeu vivo do que morto?»

Boa pergunta. Talvez os acontecimentos se tenham precipitado tão rapidamente que o meu mestre deixou de os poder dominar. Mas, ainda que a minha ideia esteja redondamente enganada, continuo a não ter coragem de poisar a minha pena e de rasgar estas páginas. Não posso arriscar a vida dos judeus fiando-me na equidade dos reis da Europa, que já mostraram vezes sem conta que desconhecem o que seja a justiça. Pois, ainda que esteja enganado, ainda que esteja a ler da esquerda para a direita, ainda que meu tio estivesse tão cansado da sua vigília por causa de Reza que nem forças tinha para erguer uma mão contra Diego, poderéis estar certos de que os reis cristãos não virão um dia buscar-vos, e a todos os nossos? E que traidores como Diego não os ajudarão?

E, assim, acabamos por falar também em Diego e no real significado que a sua traição poderá ter. Muitas vezes me interroguei sobre isto, claro. A chave da minha interpretação das suas ações reside na definição cabalística do mal: «O bem que se afastou do seu justo lugar.» Creio que Diego era um homem que poderia ter brilhado entre o seu próprio povo. Ao viver com os cristãos-novos, contudo, ao ter de lutar contra o terror que a Igreja e a Inquisição lhe inspiravam, voltou-se para o mal. E por isso acredito que haverá muitos outros como Diego que conspirarão contra nós a não ser que deixemos a Europa. Isso, também, faz parte do significado da morte de meu tio.

Quanto às minhas hesitações em falar de tudo isto... não é de surpreender que uma parte de mim gostasse de rebater estas palavras como sendo tolices. Pois que, se a minha fé aponta para a verdade, então terei falhado meu tio vergonhosamente. Há vinte e três anos consenti que minha prima Reza ficasse em Portugal. Que meu tio me perdoe. Pois, se ele está certo, se a leitura que faço dos versículos do passado está correta, então a família dela está condenada.

E é por isso que devo pegar nas chaves que este caro Lourenço me deu e reentrar as portas de Portugal. Este manuscrito é a arma que levarei comigo. Possam as suas palavras ligar-se umas às outras e formar o laço capaz de enforcar *Aman*.

Farid diz que me acompanhará, que preciso da sua proteção. Talvez tenha razão. Juntos, iremos buscar Reza e a família e

trazê-los para Constantinopla.

Possam todos os cristãos-novos e judeus acompanhar-nos.

E possam minha mulher e meus filhos compreender as minhas razões para partir.

Os primeiros pálidos alvares da madrugada acabaram de romper através das portadas da janela, e o punho dói-me. É tempo de pela última vez estender o braço para o tinteiro e escrever algumas derradeiras palavras. Que os anjos que se escondem sob as minhas palavras inspirem o entendimento na minha alma e nas vossas.

Como disse logo no início desta narrativa, vós que ledes estas palavras, sejais judeus ou cristãos-novos, sefarditas ou asquenazins, se as fronteiras da Europa ainda vos rodearem, estareis em grande perigo. A Inquisição há de alastrar, e muito em breve o nosso Espelho que Sangra sangrará como nunca antes. Foi essa a razão por que meu tio me apareceu agora. A matança mal começou. Podeis estar certos de que os reis europeus e os seus bispos odiosos nunca deixarão de sonhar com o nosso povo. Nunca permitirão que vós, ou os vossos filhos, possam viver. Nunca! Mais tarde ou mais cedo, este século ou daqui a cinco séculos, hão de vir procurar-vos ou aos vossos descendentes. Não há aldeia, por mais longínqua que seja, que esteja a salvo. Nenhum fidalgo ou exército estrangeiro há de vir para vos socorrer. Este é o significado que atribuo à morte de meu tio. Retirai pois as vossas máscaras. Voltai-vos para Constantinopla e Jerusalém. E começai a caminhar.

Arrancai a Europa cristã do vosso coração e não olheis nunca para trás!

Abençoados sejam os que são um retrato de Deus.

Berequias Zarco – Constantinopla

Sexto dia de Av, 5290

FINIS